Universidade de Lisboa

Descobrir a Europa com a Geografia.
Um desafio à participação ativa dos alunos.

João Manuel de Sousa Varandas

Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo Professor Doutor Sérgio Claudino Loureiro Nunes

2015

DEDICATÓRIA

À minha avó Faustina Sousa e tia Maria Poeiras,

Por todo o sacrifício e esforço que fizeram para me criar e educar desde pequeno, pois tudo aquilo que sou, em parte lhes devo a elas.

À minha namorada Inês Santos,

Agradeço por toda a ajuda que me deu ao longo da Licenciatura e Mestrado, pois ser trabalhador-estudante não é fácil e sem a sua ajuda todo este caminho teria custado muito mais a percorrer.

Ao meu amigo Vítor Caldas,

A pessoa mais humana que conheci até hoje, um grande obrigado por toda a sua compreensão pela minha situação enquanto trabalhador-estudante e por todos os serviços que me facilitou no meu trabalho.

O meu agradecimento a todos os outros familiares e amigos que sempre me apoiaram e incentivaram ao longo de todo o meu percurso.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu percurso académico tive o apoio de várias pessoas que, por um lado, me ajudaram a crescer como pessoa e, por outro, contribuíram de uma forma significativa para a minha formação profissional.

Assim, começo por agradecer ao meu orientador Professor Dr. Sérgio Claudino por todos os bons conselhos que me deu ao longo do mestrado e na realização deste relatório, pois foram de grande utilidade. Quero também destacar na área da Geografia, o contributo da Professora Maria Helena Esteves e Professor Herculano Cachinho, que com os seus ensinamentos e conselhos enriqueceram a formação ministrada. Quanto à área da História torna-se imprescindível realçar o valor da colaboração do professor Dr. Miguel Monteiro e da Professora Ana Leal de Faria, que contribuíram de uma forma muito importante para a nossa formação na área da História.

Mas também porque uma parte da nossa formação ocorreu nas escolas, não seria possível esquecer o contributo dos professores cooperantes de História e Geografia. Assim, agradeço ao professor Eurico Sequeira e à professora Iracema Andrade por toda a sua ajuda, correções e conselhos dados na prática profissional.

Agradeço também a todos os funcionários do Instituto Camões que sempre me apoiaram e incentivaram para a conclusão do curso.

Como não seria possível esquecer, todos os incentivos e apoio prestado ao longo do meu percurso académico pela minha prima Sara Poeiras e tio Joaquim Poeiras, aos quais agradeço.

Por último, o deixo aqui o meu muito obrigado à minha colega e namorada Inês Santos, por todo o apoio, incentivo e bons conselhos que me deu ao longo do meu curso e que sem ela esta jornada teria sido bem mais difícil.

SIGLAS

ABP – Aprendizagem baseada em problemas

AML – Área Metropolitana de Lisboa

AUE – Ato Único Europeu

BIE – Bureau Internacional d' Education

CECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço

CED – Comunidade Europeia de Defesa

CEE – Comunidade Económica Europeia

CEG – Centro de Estudos Geográficos

CPE – Cooperação politica europeia

DGE – Direção-Geral da Educação

EE – Encarregados de Educação

EFTA – Associação Europeia de Comércio Livre

EUA – Estados Unidos da América

EURATOM – Comunidade Europeia da Energia Atómica

GEE – Gabinete de Estratégia e Estudos

GPEARI – Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais

INE – Instituto Nacional de Estatística

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PAC – Política Agrícola Comum

PAPI – Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual

PESC – Politica Externa e de Segurança Comum

PDF – *Portable Document Format*

SIG – Sistemas de Informação Geográfica

SASE – Serviços de Ação Social Escolar

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

TUE – Tratado da União Europeia

TPC – Trabalho prático-de-casa

UE – União Europeia

UEM – União Económica e Monetária

UGI – União Geográfica Internacional

ABREVIATURAS

[…] – corte na citação de texto

a.c. – antes de Cristo

art. – artigo

et al. – e outros(as)

fig. – figura

p. – página

pp. – páginas

s.d. – sem data

vol. – volume

RESUMO

O presente relatório constitui o resultado de uma experiência educativa que teve por base a lecionação das temáticas relativas à Europa e à União Europeia, na disciplina de Geografia, na turma B do 7º ano da Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret, em Loures. Na abordagem do continente europeu, pretendeu-se que os alunos aprendessem a localização dos seus limites naturais, elementos físicos, países, cidades e espaços geográficos europeus. Em relação à União Europeia, mais em concreto, os objetivos foram localizar os países da organização, mencionar os seus principais objetivos, referir os sucessivos alargamentos e discutir a participação individual e comunitária.

Formulámos a seguinte questão: a implementação de uma aprendizagem ativa, com recurso a atividades lúdicas apoiadas nas TIC, contribui para a melhoria do desempenho escolar dos alunos? Tendo em vista uma avaliação mais profunda das aprendizagens dos alunos, acompanharam-se, de forma particular, três alunos com diferentes desempenhos escolares (baixo, médio e elevado). No decurso da nossa investigação optamos pela implementação de diferentes metodologias e estratégias, tendo por preocupação transversal promover, tanto quanto possível, uma participação ativa dos alunos nas suas aprendizagens. Foram desenvolvidas as avaliações diagnóstica, formativa e sumativa. A resposta à questão inicial colocada é "sim": quando os alunos participam ativamente na aprendizagem e em atividades lúdicas, que lhe possibilitam aprender ao mesmo tempo que se divertem, demonstram mais interesse e motivação para as aprendizagens e melhoram o seu desempenho escolar. As TIC possibilitaram a exploração de conteúdos de uma forma mais apelativa e permitiram expor e manobrar uma grande quantidade de conteúdos, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem ativa, Atividades lúdicas, TIC, desempenho escolar, Educação geográfica.

ABSTRACT

This report is the result of an educational experience that was based on the teaching of themes related to Europe and the European Union in geography discipline in the B group of the 7th year of the Escola Básica 2nd, 3rd Cycles João Villaret, in Loures. In the approach of the European continent, it was intended that students learn the location of their natural limits, physical elements, countries, cities and European geographic areas. Regarding the European Union, more specifically, the objectives were to locate the countries of the organization, mention their main objectives, referring successive enlargements and discuss the individual and community participation.

We formulated the question: Did the implementation of active learning, using play activities supported in ICT, contributes to improve the academic performance of students? With a view a deeper evaluation of student learning, we follow, in a special way, three students with different school performances (low, medium and high). In the course of our research we chose the implementation of different methodologies and strategies, with the concern cross promote, as much as possible, the active participation of students in their learning. The diagnostic, formative and summative evaluations were developed. The answer to the initial question is "yes": when students actively participate in learning and recreational activities, which enable them to learn while having fun, they show more interest and motivation for learning and improve academic performance. ICT enabled the more appealing exploration of contents and allowed to expose and maneuver many contents, facilitating the teaching-learning process.

KEYWORDS: Active learning, recreational activities, ICT, school performance, geographic education.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS

ÍNDICE DE QUADROS

ÍNDICE DE ANEXOS

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O presente relatório constitui o culminar de todo um trabalho desenvolvido ao longo de dois anos, no Mestrado em Ensino de História e Geografia, nas unidades curriculares de Iniciação à Prática Professional I, II, III e IV. O nosso caminho percorrido até esta meta final foi difícil, pois sempre tivemos que trabalhar e estudar ao mesmo tempo e muitos sacrifícios foram feitos. Contudo, sempre existiu muita vontade, aplicação e sentimento de vocação para a profissão de docência, que é uma das mais belas e digna profissão que existe neste mundo. No entanto, ao termos chegado até esta etapa final, temos a certeza que tudo valeu a pena e que é por este caminho que queremos continuar a caminhar.

Quanto à estrutura e conteúdo do relatório, este encontra-se dividido em quatro partes. A primeira debruça-se sobre a parte teórica que norteou todo o nosso trabalho da prática docente. Assim, iniciamos o relatório com a questão de partida relativa à componente investigativa, sendo a mesma: A implementação de uma aprendizagem ativa, com recurso a atividades lúdicas apoiadas nas TIC, contribuem para a melhoria do desempenho escolar dos alunos? Colocámos esta questão por vários motivos. Acreditamos que os alunos se sentem mais motivados quando são envolvidos no processo de ensino aprendizagem e se tornam elementos ativos na construção dos seus saberes. Pensamos que a implementação de atividades lúdicas nas aulas facilita o processo de ensino de aprendizagem e motivam os alunos para as experiências educativas, pelo facto de permitirem que os alunos se divirtam enquanto aprendem. Por último, vivemos num mundo onde a tecnologia de informação e comunicação se encontra presente em quase todo o nosso quotidiano e, cada vez mais, continua a evoluir e a expandir-se sob diversas formas.

Além disso, no que diz respeito ao ensino da Geografia, as TIC têm-nos mostrado inúmeras vantagens quanto à sua utilização, tais como: a facilidade e qualidade com que as mesmas disponibilizam vários tipos de informações, quer de territórios próximos ou longínquos; o contributo que a sua adequada utilização pode dar à compreensão de conceitos e fenómenos geográficos; estimula atividades lúdica de identificação e localização de países, rios, entre outros, com recurso a cartografia interativa que ajuda a motivar os alunos (González, 2006:297). Salientamos ainda outras vantagens apontadas

pelos autores Hartwig, Sibylle e Yvonne (2007), como: o fácil acesso a inúmeras fontes de informação disponíveis na internet e úteis aos trabalhos desenvolvidos na educação geográfica; através de software e hardware específico próprio da geografia (Sistemas de Informação geográfica, as simulações de computador, o GPS entre outros…) é possível acrescentam valor à Educação Geográfica; a facilidade em adquirir conhecimento atualizado; a flexibilidade de comparar informações contraditórias e de obter diferentes pontos de vista acerca das coisas; a promoção de habilidades de pensamento superiores como a síntese e a avaliação; o contributo em termos de pesquisa em novas áreas; a possibilidade de pessoas de todo o mundo poderem colaborar on-line «[…] permitindo a cooperação entre escolas ao redor do mundo para apoiar ensino e aprendizagem com meios digitais / cooperação online» (Hartwig, Sibylle & Yvonne, 2007:249).

Contudo, a utilização das TIC tem vantagens, mas levanta problemas do equipamento na escola à necessidade de reformular as práticas de ensino. Assim, segundo Herculano (2004:5), «a formação de professores e o deficiente equipamento da generalidade das salas de aulas são pouco favoráveis ao uso das TIC […]». De acordo com Ponte (2000:66), são «os *softwares* que prometem muito e dão pouco. São as soluções «chave-na-mão» pelas quais se paga uma exorbitância para logo a seguir se perceber que o produto não serve os objetivos pretendidos […]». Contudo, Ponte (2000) refere que é necessário fazer frente aos vários problemas que vão surgindo na área das TIC, devendo-se compreender o seu alcance antropológico e social. Na opinião do autor, as TIC pode ser utilizadas como instrumentos nas escolas, de uma forma livre e criativa pelos professores e alunos em várias atividades. Neste sentido, «las TIC «[…] pueden resultar una amenaza o una oportunidad dependiendo de como se afronten los retos de la Sociedad de la Información […]» (Casado, 2006:333).

A educação deve de acompanhar as transformações que vão ocorrendo no nosso mundo e aproveitar o seu melhor. Assim, neste primeiro ponto realizamos um enquadramento da questão de partida, justificando a sua formulação com base na importância de levar os alunos por uma aprendizagem ativa, de implementar atividades com caracter lúdico apoiadas nas TIC.

No ponto seguinte, procederemos ao enquadramento geográfico da Europa e a União Europeia. A respetiva exploração escolar decorreu, desde logo, da planificação anual no âmbito da disciplina de Geografia, na turma que acompanhei e do proprio calendário de atividades do Mestrado em Ensino. Acreditamos que, nestas como noutras temáticas, se podem implementar atividades de caráter lúdico. A Europa e a União

Europeia foram lecionados ao longo de quatro aulas de 90 minutos e três aulas de 45 minutos, na referida turma do 7ºB. No que respeita à Europa, são abordados alguns dos acontecimentos mais marcantes ocorridos no continente e, depois, exploram-se as problemáticas da definição das fronteiras do continente europeu e da identidade europeia. Quanto à União Europeia, salientam-se grandes acontecimentos que ocorreram na organização desde a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, em 1951, com o Tratado de Paris, até último alargamento da União Europeia, de 2013, com a entrada da Croácia na Comunidade. Seguidamente, problematiza-se a União Europeia enquanto projeto em construção pelos estados membros europeus.

Seguidamente, refletimos sobre a importância de ensinar e aprender Geografia – o seu valor formativo da disciplina e o contributo da educação geográfica para a formação de cidadãos. Neste contexto, abordam-se as principais correntes mundiais no ensino da Geografia, bem como a evolução do ensino da Geografia em Portugal. Ora nestes dois ultimos pontos, pretendemos dar uma visão dos vários acontecimentos da história da Geografia, quer ao nivel europeu, como do seu desenvolvimento em Portugal.

Abordamos, então, as teorias da educação que nortearam a nossa prática letiva. De cada uma destacaremos as principais metodologias por que nos regemos. Depois, refletimos sobre o contributo das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para a educação geográfica. Neste ponto, pretendemos dar a conhecer o contributo das TIC em sala de aula para a aprendizagem dos alunos.. Por último, constituindo este ponto um assunto central na nossa investigação, iremos falar acerca da importância da implementação de atividades com caracter lúdico em sala de aula. Por conseguinte, neste ponto exploraremos das competências pessoais, sociais e académicas que este tipo de atividades possibilitam desenvolver nos alunos, à luz de investigações desenvolvidas por diferentes autores.

A segunda parte do Relatório será dedicada ao contexto escolar. Depois do enquadramento sócio-geográfico do concelho e da freguesia de Loures, procederemos ao enquadramento da Escola Básica 2,3 Ciclos João Villaret na freguesia de Loures, seguindo-se uma caracterização da estrutura física, orgânica e da oferta formativa da escola. No ponto seguinte, abordaremos a comunidade escolar, falando dos estabelecimentos de ensino do agrupamento de Escolas João Villaret e, mais adiante, centrar-nos-emos nas características da turma 7ºB, onde lecionamos as nossa aulas. Assim, faremos esta descrição com base nos dados obtidos a partir das fichas da direção de turma, do ano letivo 2014/2015 e de uma ficha de avaliação diagnostica que aplicamos

antes do início das nossas aulas. Por último, será abordado o estudo de caso, para o qual foram selecionados três alunos da turma 7ºB, com um perfil de desempenho escolar de nível baixo, médio e elevado. Por conseguinte, optamos pela realização do um estudo de caso, de forma a aprofundarmos os resultados da nossa investigação.

A terceira parte é dedicada à apresentação da unidade didática. Começamos por abordar as orientações das Metas Curriculares e as opções pedagógico-didáticas que tomámos, à luz daquelas e das características da turma. Discutiremos, então, a planificação da unidade didáctica, explicando as opções, estratégias e atividades implementadas ao longo da mesma. No ponto seguinte, procederemos à apresentação dos instrumentos e procedimentos selecionados para a avaliação das aprendizagens.. Em seguinda, procederemos à apresentação das reflexões sobre as aulas que lecionamos. Neste ponto, abordaremos o nosso próprio desempenho em sala de aula, as dificuldades que encontrámos, os aspetos que deveremos melhorar na prática docente, o cumprimento da planificação e dos objetivos de aprendizagem. Deruçar-nos-emos, então, sobre o feedback dado pelos alunos do estudo de caso na entrevista que lhes foi realizada acerca do nosso desempenho, nas aulas lecionadas. Por último, procedemos a apresentação e reflexão global sobre os resultados da investigação e, a uma análise e reflexão acerca dos mesmos, integrando necessariamente as caracteristicas da turma, as metodologias e estratégias implementadas e o nosso próprio desempenho em sala de aula, retomando então as perguntas de partida.

Por último, na quarta parte, teceremos as considerações finais acerca da investigação desenvolvida no nosso trabalho, com ênfase na aritculação entre as conceções teóricas que enformaram a nossa pesquisa e os resultados obtidos.

PRIMEIRA PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CURRICULAR

«A verdadeira chave para um ensino eficaz é a capacidade de um professor utilizar um repertório variado de abordagens ao ensino que lhe permita satisfazer objetivos específicos de aprendizagem e as necessidades de alunos específicos»

(Arends, 2008:307)

1. Questão de partida da componente investigativa

De forma a estabelecermos um rumo para o desenvolvimento da nossa investigação, foi formulada a seguinte questão de partida relativa à componente investigativa: **A implementação de uma aprendizagem ativa, com recurso a atividades lúdicas apoiadas nas TIC, contribui para a melhoria do desempenho escolar dos alunos?** A formulação da presente questão prende-se com o facto de acreditarmos que quando é dada uma oportunidade aos alunos para participarem de uma forma ativa no processo de ensino-aprendizagem, os mesmos demonstram mais interesse e motivação para as aprendizagens. Logo, pensamos que os professores não devem de ter receio de compartilharem com os alunos um pouco do seu poder e papel. Por conseguinte, acreditamos que se os professores derem liberdade aos alunos para realizarem certas tarefas (que, habitualmente, no ensino mais tradicional, competiam ao professor), como irem ao quadro escrever definições de conceitos e os sumários das aulas, estarão a motivar e a interessar os alunos para as aprendizagens. Além disso, estarão também a facilitarem o processo de ensino-aprendizagem e a execução do seu trabalho.

Quanto à implementação de atividades lúdicas nas aulas, acreditamos que as mesmas têm a função de motivar, mobilizar e interessar os alunos nas aprendizagens, ao permitirem que os alunos se divirtam ao mesmo tempo que aprendem. Pensamos que as mesmas constituem uma ferramenta de extrema utilidade aos professores e que o seu verdadeiro potencial deve de ser aproveitado e não encarado como "uma mera brincadeira de crianças", onde se perde mais tempo do que aquilo que se aprende.

No que se refere à utilização das TIC em sala de aula, acreditamos que as mesmas possuem um grande potencial e podem constituir uma ferramenta de grande utilidade. Estamos convictos que, através das TIC, seja possível expor conteúdos de uma forma bastante apelativa e trabalhar com facilidade uma grande quantidade de conteúdos. Além disso, as TIC permitem o acesso a uma grande quantidade de informação através da consulta e pesquisa de base de dados e na internet, tornando-se assim uma ferramenta indispensável ao trabalho docente. Contudo, esse verdadeiro potencial só pode ser aproveitado se as TIC forem utilizadas corretamente e, não, encaradas como um substituto do professor ou uma ferramenta que se limita apenas a proporcionar diversão.

Por último, pensamos que se levarmos os alunos por uma aprendizagem ativa, em que ocorra a implementação de atividades lúdicas, apoiadas nas TIC, se torna possível os alunos desenvolverem competências e habilidades pessoais, sociais ou académicas, tais como: a comunicação e a expressão, a socialização, o pensamento lógico, a criatividade, a aquisição de comportamentos, valores e atitudes, aprender a explorar o desconhecido, aprender a colocar em pratica e a testar hipóteses, a compreender, a interpretar, a localizar, a possuir pensamento critico e autonomia, entre muitas outras.

Para respondermos à questão de partida, os alunos serão envolvidos em várias tarefas práticas, como irem ao quadro escrever definições de conceitos, os sumários das aulas, realizarem várias fichas diagnósticas, formativas e uma sumativa e um exercício. Além disso, vão responder a numerosas questões, apresentadas em diapositivos ou colocadas oralmente. Serão desenvolvidas duas atividades lúdicas, um jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa" e trabalhos de grupo sobre a União Europeia os trabalhos são, por definição, atividades lúdicas. Portanto, o nosso objetivo será o de avaliar os alunos ao longo da avaliação diagnóstica, formativa e por último na sumativa. Nesta última avaliação, os alunos vão realizar uma ficha, na qual os resultados da mesma, serão comparados com os resultados dos dois testes realizados no período anterior.

Por último, com base na questão de investigação formulada, definimos quatro grandes objetivos que pretendemos atingir com o desenvolvimento da nossa investigação e que constituem os pilares basilares do nosso trabalho: demonstrar a importância da educação geográfica na compreensão do mundo; problematizar a relevância das atividades de caracter lúdico no ensino da Geografia; problematizar a importância da participação ativa dos alunos na construção do seu conhecimento; discutir a crescente utilização das TIC no ensino da Geografia.

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DOS TEMAS: A EUROPA; A UNIÃO EUROPEIA

2. A Europa - Do Atlântico aos Urais e do Ártico ao Mediterrâneo

2.1. Europa: um continente individualizado

Introdução às origens da Europa. Acontecimentos mais marcantes na história da Europa.

A Europa é um continente que possui uma história muito rica e «ao longo de milhares de anos, a Europa mudou muito. É uma história fascinante!» (União Europeia, 2006:18). Assim, mencionaremos apenas alguns dos mais importantes acontecimentos.

A palavra «Europa» surgiu pela primeira vez na *Teogonia*, de Hesíodo, por volta do ano 900 A.C. e foi «Hipócrates quem a descreverá pela primeira vez numa comparação com a Ásia» (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004:13). Foi na mitologia grega que surgiu o nome de Europa, designação de uma deusa heroína filha de Oceano e de Tétis (Soulier, 1997). Os gregos sentiram necessidade de delimitar e dividir os continentes, como se pode constatar «no mapa de Hecateu de Mileto (500 A. C.), que retoma e aperfeiçoa o mapa de Anaximandro (540 A. C.).» (Claudino, 2015: 22). Assim, foi com base na necessidade que os gregos tinham de cartografarem o mundo, que surgiu uma primeira divisão do mundo (Ostergren & Rice, 2004).

Se foi na Grécia que surgiu o nome do continente europeu, foi no Mediterrâneo que nasceu a ideia de um continente europeu. Mas porque é que o nome de Europa proveio do Mediterrâneo e não de outro lugar qualquer? Existiam duas grandes civilizações, a Grécia e Roma, possuidoras de diversas produções culturais, que contrastavam com o Norte da Europa, que era constituído essencialmente por "bárbaros". De acordo com Soulier, a «Antiguidade é mediterrânea e não europeia.» (Soulier, 1997: 16).

Foi na Idade Média que o espaço da Europa se construiu, no combate contra os povos invasores, tendo o Império Romano desempenhado um importante papel, na delimitação dos contornos dos territórios da Europa (Soulier, 1997). Na realidade, no século III, o império Romano fragmentou-se e ocorreu a sua divisão em Ocidente e Oriente, ao qual se segue um período de invasões de povos bárbaros vindos do Leste (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004). Portanto, foi através de sucessivas incorporações dos territórios do Norte do continente europeu, pelo Império Romano, que a Europa se foi desenhando aos poucos e poucos (Soulier, 1997). Contudo, foram estes povos invasores que provocaram a queda do império Romano de Ocidente e criaram os reinos germânicos

(Pérez-Bustamante & Colsa, 2004). A expansão do cristianismo também desempenhou um importante papel criando, assim, um princípio de unidade poderoso (Soulier, 1997). O cristianismo tornou-se religião oficial do império, no reinado de Teodósio (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004).

Segundo Pérez-Bustamante e Colsa (2004), o que marcou uma tomada de consciência de uma certa identidade europeia foi o choque de duas civilizações, que ocorreu na batallha de Potitiers, onde Carlos Martel enfrentou os Árabes e os venceu. Após a formação dos grandes reinos europeus, sucedeu-se a Época Feudal, com uma grande diversidade de construções politicas. Será neste período que vão ocorrer expedições militares, as cruzadas, que tiveram um papel importante na evolução do mundo europeu, facilitando vários tipos de «trocas comerciais, intelectuais e artísticas entre diferentes tipos de regiões mediterrânicas e do interior da Europa» (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004:16).

A passagem do sistema feudal da sociedade política para os estados modernos ocorreu em três ou quatro séculos. Com o Renascimento, surge a ideia de uma Europa Moderna (Soulier, 1997). Esta Europa tem por base «a emergência da ideia de Estado, o desenvolvimento das literaturas nacionais e a divulgação do livro impresso […] a valorização da individualidade» (Faria, 1992:991), entre outros aspetos. Os homens são vistos como cidadãos europeus pela cultura que possuem (Faria, 1992).

No século XII, surge uma época favorável às artes, à literatura e ao pensamento nos grandes estados europeus. Será neste período que surgirão os grandes projetos de construção internacional da Europa (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004). Também no século XVIII, com o triunfo do racionalismo, «surgem manifestações de interesse pelas raízes clássicas da cultura europeia e a valorização do espírito humanitário e de tolerância, tão importantes na cultura ocidental.» (Faria, 1992:992). Durante este período ocorreram inúmeras revoluções. Contudo, a revolução francesa provocou mudanças incríveis na Europa. (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004). Com o século XIX, surge o princípio das nacionalidades, que se vai afirmando ao longo deste século «para se tornar uma referência importante da política na Europa e triunfar, enquanto princípio, no fim da Primeira Guerra Mundial.» (Soulier, 1997:55). No final de XIX, dominavam os processos coloniais dos países europeus e os nacionalismos chocavam entre si. A disputa entre as grandes potências pelo domínio do mundo colonial ajuda a explicar um dos maiores conflitos (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004).

No início do século XX, surge o pesadelo da primeira Guerra Mundial na Europa.

Com o fim da guerra e das consequências que daí advieram, surge o desenho de um novo mapa político da Europa, discutido na conferência de paz de 1919. Assim, «os conflitos hegemónicos das grandes potências europeias, ao propagarem-se à escala do mundo, conduziram à hegemonia da Europa sobre o mundo, mas a Grande Guerra põe fim a esta hegemonia.» (Soulier, 1997:67). Esta guerra trouxe um sentimento de pessimismo coletivo, que marcou com alguma profundidade as mentalidades europeias (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004). Após a Guerra, os Estados Europeus tentam encontrar vias de unidade. Contudo, apesar dos seus esforços a vários níveis segue-se uma grande crise económica mundial sucedida por crises políticas (Soulier, 1997). Tanto a crise económica de 1929, como «a fragilidade do novo equilíbrio internacional, facilitaram o caminho das alternativas políticas totalitárias e fundamentalmente do nacional-socialismo» (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004:35). Com a política agressiva de Hitler contra a ordem europeia, o mundo não poderia evitar o desfecho da Segunda Guerra Mundial (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004).

Após o fim da II Guerra Mundial, volta-se a desenhar um novo mapa político europeu, com particular destaque para o traçado das fronteiras políticas da Europa Central (Fulbrook, 2009). Apesar de toda esta catástrofe, «Um abismo separa os europeístas do pós-1945 dos seus «precursores». A novidade reside na vontade de restituir a riqueza, o poder, o brilho, a nações que os perderam, reduzindo o valor «nação» e exaltando o valor da união num quadro europeu que lhes parece simultaneamente mais natural — dadas as semelhanças entre as nações — e mais prático — dada a proximidade geográfica.» (Faria, 1992:988).

Contudo, com o final da Segunda Guerra Mundial, surge a guerra fria que divide a Europa e, também, uma grande parte do mundo, em sistemas ideológicos, políticos e económicos opostos. As duas superpotências emergentes da guerra (a União Soviética e os EUA) vão deter uma influência económica, política, social e cultural sobre estados, seja no Leste ou no Ocidente Europeu. (Fulbrook, 2009). Contudo, a criação da CECA, em 1952, foi um sucesso e contribuiu para a expansão do Mercado Comum do carvão e do aço a outros sectores e da economia e também constituiu o ponto de partida para outros projetos de união europeia. (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004).

Com o fim da guerra fria, surgiu uma certa convergência dos antigos sistemas comunistas com os modelos económicos e políticos do Ocidente. Por conseguinte, no final do século XX «o modelo ocidental, democracia liberal e capitalismo de mercado socialmente regulado, tinha-se tornado o modelo de quase toda a Europa, no Leste como

no Ocidente.» (Fulbrook, 2009:20). Assim, a segunda metade do século XX foi um período de convergência em que os EUA e a Europa conseguiram resolver a questão alemã, o que permitiu uma garantia de uma paz duradora para a Europa (Sassoon, 2009).

Em resumo, a construção do espaço europeu é, por um lado, o resultado de inúmeras conquistas e guerras, ocorridas ao logo do tempo entre diferentes povos e, por outro lado, o fruto de uma pluralidade de culturas, multiplicidade de línguas e tradições.

2.2. Europa, um continente com fronteiras polémicas

Tem existido uma grande polémica ao longo dos tempos sobre a delimitação do território do continente europeu, entre os vários especialistas que se debruçam sobre este assunto. Para Soulier (1997), foram os geógrafos flamengos e holandeses dos séculos XVI e XVII que criaram este problema, quando definiram como limites orientais da Europa, o Ural e o Mar Cáspio, incluindo a Rússia no espaço geográfico europeu. Para este autor, o Ural e o Mar Cáspio não constituem uma fronteira política. De acordo com Claudino (2015), Pedro, o Grande (1672-1725) pretendeu "europeizar" a Rússia e afirmá-la como grande potência europeia. É o seu cartógrafo Vassili Tatichtchev (1686-1750) que propõe «a divisão entre a Europa e a Ásia pelos Montes Urais, rio Ural, Mar Cáspio e pela cordilheira do Cáucaso, a sul. Com esta divisão, Moscovo surge como cidade inequivocamente europeia e abandona-se o estereótipo de uma Rússia "asiática".» (Claudino, 2015:25).

Ainda segundo Claudino (2015), há autores escolares do século XIX que sustentam a existência de um continente euro-africano, o que legitimaria a expansão colonial europeia por este continente. Em 1959, quando o General de Gaulle menciona uma "Europa do Atlântico aos Urais" assume a divisão de Tatichtchev (Claudino:2015). Contudo, para Soulier (1997), esta afirmação do General De Gaulle não tinha significado geográfico, mas apenas visava os povos e os estados. Segundo ele, a Europa é vista muitas vezes como uma península do grande continente asiático ou até mesmo como um cabo avançado da Ásia. Assim, «o espaço europeu não está claramente definido.» (Soulier,1997:14) e, ao encontro desta posição, para Claudino (2015) a continuidade territorial entre a Europa e a Ásia, não possibilita que se torne credível uma diferenciação geográfica entre os dois continentes. Além disso, para este autor, outro aspeto que não torna credível a delimitação do território europeu, é a «deslocação para sul da fronteira entre os dois continentes no Cáucaso ou a localização do Chipre na Europa ou das

Canárias em África» (Claudino, 2015: 32) – trazendo, assim, para discussão a localização continental de arquipélagos ligados politicamente à Europa mas mais próximos de outros continentes.

Blij e Muller (2010) defendem que certas caraterísticas da Europa fazem dela um domínio geográfico – tal, como outros onze domínios que eles apresentam. O que fará da Europa um domínio é, acima de tudo, a unidade dos aspetos físicos e humanos que Blij e Muller (2010) apresentam nos seus critérios espaciais, dos domínios geográficos. O primeiro daqueles é o de os domínios constituírem «as maiores unidades em que o mundo habitado pode ser dividido.» (Blij & Muller, 2010:7) e que inclui critérios físicos e humanos (Blij & Muller, 2010). Assim, a Europa é um domínio geográfico, pois fisicamente é um continente e culturalmente é dominado por uma série de aspetos sociais e normas. Em segundo lugar, o autor salienta que os «Domínios Geográficos funcionais são o resultado da interação das sociedades humanas e o meio ambiente […]» (Blij & Muller, 2010:7). Ora, logo na Europa esta interação é bem visível em termos de cidades, vilas, aldeias, quintas, portos de pesca, minas, estradas, etc. Além disso, segundo os autores (2010), a «Europa é dos domínios mais densamente urbanizados e industrializados, a sua aglomeração humana é sustentada por fábricas e escritórios, em vez de pastos e pradarias.» (Blij & Muller, 2010:20). Em terceiro lugar, Blij e Muller (2010) afirmam que «os domínios geográficos devem de representar a mais compreensiva e abrangente definição de os maiores aglomerados populacionais da humanidade nos nossos dias de hoje.» (Blij & Muller, 2010:8). Ora de acordo com os autores (2010), a Europa constitui o terceiro maior aglomerado populacional com cerca de 700 milhões de pessoas, incluindo a Rússia ocidental (Blij & Muller, 2010). Contudo, os autores (2010) chamam a atenção para as "zonas de transição", onde a influência das culturas está presente de ambos os lados das fronteiras e que as citadas fronteiras se encontram em constante mudança, do que é exemplo a Bielorrússia. Estes autores falam-nos acerca de mais um critério espacial para a sua definição dos domínios geográficos. Cada um dos «domínios geográficos podem ser divididos em dois grupos: aqueles que são dominados por uma grande entidade política, em termos de território, população ou ambos […] e o segundo onde existem vários países, mas que nenhum estado é dominante.» (Blij & Muller, 2010:8). Ora, o segundo grupo é o caso da Europa.

Na opinião de Baltazar (2013), a Europa distingue-se pela «afinidade de espaços históricos comuns em que os seus povos se sentem unidos por uma cultura europeia comum, e por espaço físico também comum e diferenciado dos outros continentes.»

(Baltazar, 2013:262). Além disso, para a autora (2013), seja tanto a História, como a Geografia da Europa, demonstram ter uma relação, onde o espaço social se insere no espaço geográfico. Desta relação, surgem os cidadãos europeus, os quais possuem características comuns. Portanto, a autora, tal como Blij e Muller (2010) distinguem a Europa de os outros continentes, não apenas com base em critérios geográficos.

O debate sobre os limites naturais acerca da Europa, não se resume apenas às divergências encontradas por diversos autores, em várias obras. Este debate extrapola e chega mesmo até aos autores de manuais, que continuam a debater o mesmo assunto. A maioria dos manuais escolares de Geografia do 7º ano de escolaridade defende que os limites da Europa estão bem definidos. Este discurso linear, em que se apresentam factos inequívocos, sem discussão, prender-se-á com a própria natureza do discurso escolar da Geografia (Claudino, 2001). Contudo, aquilo que se verifica é que «a localização destes pontos extremos nem sempre é consensual, "principalmente a oriente" (Claudino, 2015:28).

De acordo com Claudino (2015), o verdadeiro foco do debate entre os vários autores centra-se no facto da cordilheira montanhosa dos Urais e o Rio Ural constituírem ou não os limites naturais da Europa. Esta ideia é partilhada por Soulier (1994), que alega que o principal problema na delimitação do território europeu tem a ver com a definição dos limites orientais. Neste seguimento, Claudino (2015) salienta que, por um lado, a cordilheira dos Urais é frequentemente interrompida e que nunca impediu a expansão do estado russo para leste. Por outro, o rio Ural não constitui uma barreira para os países que atravessa. O autor argumenta ainda que o território próximo aos Urais, a oriente e ocidente, possui características semelhantes. (Claudino, 2015).

Na opinião de Cunha (2004) ao prestar atenção apenas às características geológicas ou geomorfológicas, a Europa parece não se identificar com um continente. O autor salienta que o espaço europeu se integra na placa euroasiática, contudo, assemelha-se a um apêndice ou a uma grande península existente na placa ou no continente euro-asiático (como antes já foi referido). Assim, para Faria (1992), o espaço europeu continua por definir a leste.

Ora, como não pode deixar de se tornar evidente, todo este debate em torno deste assunto, deixa em aberto várias questões. Aa opinião de Claudino (2015), a Europa é mais do que uma construção geográfica. Para o autor, a Europa é definida por uma cultura e por valores que foram sendo construídos ao longo do tempo pelas populações. Sendo que

é essa construção, que faz com que os cidadãos do continente europeu se sintam ou não europeus - tornando-se assim a Europa uma construção social e cultural.

2.3. A questão da Identidade Europeia

Segundo Soulier (1997), através da história da Europa, podemos verificar que as civilizações se formaram e desenvolveram a partir de invasões, migrações e mestiçagens contínuas. Por exemplo, no que diz respeito às línguas europeias podem ser reagrupadas em algumas grandes famílias: línguas célticas; línguas itálicas; línguas germânicas; línguas bálticas; línguas eslavas, entre outras. De acordo com Ostergren e Rice (2004), a esmagadora maioria dos europeus fala línguas da família indo-europeia. No que diz respeito à religião, podemos identificar na Europa três grandes grupos religiosos, provenientes da religião cristã: católicos, protestantes e ortodoxos (Ostergren & Rice, 2004).

Segundo Soulier (1997), existe na Europa, uma grande diversidade étnica, linguística, política e cultural. Assim, «a Europa sempre sempre se apresentou como um espaço plural, com presença de diversidade linguística e cultural, diversidade institucional, tradições culturais e politicas» (Matias, 2009:163) e, segundo Faria (1992), a diversidade cultural da Europa torna-se mais evidente na sua diversidade linguística.

Torna-se, pois, pertinente colocar a seguinte questão: será possível a existência ou a construção de uma identidade europeia comum, tendo por base a existência de tanta diversidade? Se sim, como? É a esta questão que pretendemos responder de seguida.

De acordo com Soulier (1997), há uma civilização europeia que transcende toda esta diversidade e, para o autor, é possível identificar alguns traços comuns e de princípios compartilhados que dão "alma" a uma civilização partilhada. Assim, fenómenos culturais como a pintura flamenga, a música italiana ou a Filosofia alemã encantaram toda a Europa e influenciaram todo o continente europeu. Estes fenómenos fazem parte do património cultural europeu e permitem falar de uma cultura europeia.

Para Baltazar (2013), podemos encontrar, no espaço físico da Europa, cidadãos com características comuns, tais como: língua, costumes, usos, poder político e direito. De acordo com a autora, são precisamente estas características específicas e próprias, que formam uma identidade europeia. No entanto, «[…] cada uma das nações que a integra, revela características próprias e que lhe dão uma identidade nacional que se confronta com a pretensa identidade europeia.». (Baltazar, 2013:263). Por conseguinte, a autora

(2013) vê a Europa como um projeto em construção, a ser realizado pelos europeus, onde a educação assume um papel principal na construção da cidadania europeia. Assim, a escola surge como um local onde os cidadãos aprendem a ser europeus. Logo, poderá ser a construção desta cidadania europeia que termine com os conflitos entre a identidade nacional e a desejada identidade europeia.

Na opinião de Gaspar e Haro (2011), para a construção de uma identidade europeia, torna-se imperativo a implementação de medidas institucionais nos estados-membros, tais como fornecer uma educação formal nas escolas, que seja comum a todos os países e que integre nos currículos a história e a cultura da Europa. Também Faria (1992) compartilha a mesma opinião, salientando a necessidade de rentabilizar os recursos que a comunidade coloca ao dispor da educação e da formação. Contudo, a autora, salienta, que é necessário entender a natureza da Europa que se vai formando e consolidando.

Segundo Fulbrook (2009), torna-se possível distinguir várias conceções de identidade europeia no século XX. Para a autora, nalgumas regiões da Europa que possuíam um grande sentimento de identidade local, surgiu um sentimento de identidade europeia, devido a alguma insatisfação para com as instituições do seu estado nacional. Noutras regiões específicas, existem grupos que lutam pela recuperação de raízes culturais, étnicas e religiosas. De facto, «a "identidade europeia" começa a assemelhar-se mais a um pavimento de mosaico, com muitas pedras diferentes inseridas em padrões mais amplos, do que a um tapete tecido com largas manchas de cor.» (Fulbrook, 2009: 28).

Para Kaelble (2009), no fim do século XX, existe no interior da Europa uma grande diversidade de estados. Contudo, não deixam de surgir alguns padrões gerais de convergência, em que se verificam tendências e processos comuns que homogeneízam a Europa, apesar de toda a diversidade e variedade que existe na mesma. Vários fatores, na segunda metade do século XX, contribuíram para uma convergência das sociedades europeias, tais como: «A industrialização e o crescimento do sector dos serviços no conjunto da Europa […] Os crescentes padrões de crescente intervenção do Estado […] A crescente mobilidade internacional […] A convergência das politicas nacionais europeias […] A politica da UE, sobretudo a partir da década de 1980 […] as convulsões de 1989-1991 e o fim da divisão da Europa em Leste e Oeste». (Kaelble, 2009:113-114).

Contudo, ainda segundo o autor, todas estas convergências não eliminaram as particularidades regionais e nacionais da Europa. No entanto, essas singularidades

tornaram-se mais alcançáveis aos cidadãos europeus «mais abertas a um processo de aprendizagem, compreensão e reconhecimento mútuos, constituindo a base para a construção de uma Europa para lá do isolamento nacional e da supremacia militar de um país sobre outros». (Kaelble, 2009:114).

Para Matias (2009), toda a diversidade que existe na Europa enriquece a identidade cultural e é possível ver uma mistura saudável de muitas culturas que promovem a evolução e realizam grandes feitos em conjunto. De acordo com a autora «A questão da cultura europeia não é de afirmar se a Europa é una ou múltipla mas de aprender a vê-la como plural e una ao mesmo tempo, aberta a outras culturas e assumindo variadas formas.» (Matias, 2009:155). Já Gaspar e Haro (2011) consideram que a identidade europeia é na atualidade «um sentimento difuso e abstrato quase exclusivamente vivido como complemento "pacífico" da identidade nacional.» (Gaspar & Haro, 2011:24). Contudo, os autores salientam que hoje em dia existe uma maior consciência europeia do que há duas décadas atrás.

Em resumo, apesar de existir na Europa toda uma diversidade linguística, religiosa, étnica, cultural e de haver conflitos entre a identidade nacional e a identidade europeia em alguns países, também podemos identificar entre os cidadãos europeus o compartilhamento de uma cultura comum. Esta cultura tem por base vários fatores de identidade cultural tais como as artes, musica, costumes, valores, crenças, poder político, entre outros.

Por conseguinte, para que se possam extinguir os confrontos entre a identidade nacional e a desejada identidade europeia, muito há a ser feito e ainda existe um longo caminho a ser percorrido. No entanto, a aposta na educação surge-nos como uma solução, que é apontada por vários autores, para a construção de uma identidade comum europeia. Assim, através da educação torna-se possível consciencializar os cidadãos europeus para a pertença a um espaço maior que o seu país, onde vários aspetos são compartilhados e que sentimento de identidade nacional pode coexistir pacificamente com o sentimento de identidade europeu, sem que a existência de um implique a anulação do outro.

Contudo, apesar do contributo que a educação possa vir a dar, esta apenas servirá de alavanca de arranque para a construção de um projeto em comum, mas não de solução final. Assim, caberá aos vários países encontrar novas soluções que possam vir a reforçar a coexistência dois tipos de identidade. Por último, não podemos esquecer que apesar de mais soluções que possam ser encontradas, caberá a todos os cidadãos europeus

desempenharem o papel que lhe compete na construção deste projeto europeu, pois sem o seu interesse este projeto, provavelmente, não terá sucesso.

3. A União Europeia

3.1. Introdução histórica

Após a Segunda Guerra Mundial, surge o desejo de uma paz duradora por parte daqueles que haviam resistido aos totalitarismos (Fontaine, 2010). Contudo, para a concretização deste desejo era necessário criar uma reaproximação entre a França e a Alemanha. Além disso, pretendia-se também que a Europa se recuperasse rapidamente da Guerra (Larres, 2009).

Na luta pela realização destes objetivos, lançaram-se um conjunto de personalidades, tais como Robert Schuman, Winston Churchill, Konrad Adenauer e Alcide de Gasperi. Assim, em 1950, Robert Shuman retoma uma ideia de Jean Monet e propõe a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, que seria governada por uma alta autoridade, que surge em 1951, com o Tratado de Paris. Com a criação da CECA, surge um mercado comum do carvão e do aço entre os países que a fundaram, nomeadamente: República Federal da Alemanha, Bélgica, França, Luxemburgo, Itália e Países Baixos (Fontaine, 2010). Segundo Larres (2009:253-254), a motivação para a criação da CECA, foi «a expectativa francesa de uma rápida e imensa expansão da produção alemã de carvão e aço, que ameaçaria a recuperação da indústria francesa correspondente. […] mas também para controlar o potencial bélico da Alemanha».

Contudo, este modelo supranacional não durou muito tempo. Assim, em 1953, com a rejeição de duas propostas por parte da França, ocorre o fracasso da criação de uma Comunidade Europeia que abrangesse os domínios da Defesa e Política Externa. Por conseguinte, em 1957 através do Tratado de Roma, surgem duas novas organizações, designadamente a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia da Energia Atómica (EURATOM) (Leite, 2008). Com a criação da CEE, surge um mercado comum mais ampliado e que abarcaria vários serviços e bens (Fontaine, 2010). Segundo Leite (2008:2) estas duas organizações «revelaram um evidente retrocesso na conceção supranacional dos seus fundadores» devido à falta de equilíbrio no que se refere ao processo de decisão.

Portanto, foi com o surgimento destas duas organizações que foram criadas as fundações e o início daquilo que mais tarde se viria a transformar na atual União Europeia, quer através da adesão sucessiva de vários países, da realização de vários tratados, da implementação de políticas comuns, etc.

Após a assinatura do Tratado de Roma, em 1957, a Grã-Bretanha vai propor a criação de uma zona de livre comércio e, também, a remoção de todas as tarifas aplicadas aos produtos industriais. Contudo, as negociações fracassaram entre a Grã-Bretanha e a França, o que originou que Londres contactasse os países nórdicos para a realização de uma união aduaneira. Dessas negociações, surgiu a Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA), em 1960, e da qual faziam parte a Grã-Bretanha, Áustria, Suécia, Noruega, Dinamarca, Suíça e, também, Portugal – ou seja, foram mobilizados países de outras regiões europeias. A Europa Ocidental ficou, assim, dividida economicamente em duas partes, entre estados membros da EFTA e da CEE (Larres, 2009).

Em 1958, em França, subiu ao poder Charles de Gaulle, o que teve consequências no progresso da Comunidade Europeia. de Gaulle rejeitou por duas vezes a adesão da Grã-Bretanha à comunidade, opôs-se ao plano Hallstein de financiamento da PAC e também se opôs à atribuição de maiores poderes supranacionais à CEE. Após a saída de Gaulle do poder, em 1969, ocorre o primeiro alargamento da Comunidade Europeia em 1973, à qual aderiram a Grã-Bretanha, Dinamarca e a Republica da Irlanda (Larres, 2009). Além disso, com este alargamento foram introduzidas novas políticas sociais e ambientais e foi criado o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) em 1975 (Fontaine, 2010).

Oito anos decorridos desde o primeiro alargamento, a Comunidade Europeia aumentou para dez estados membros, com a adesão da Grécia, seguindo-se a adesão de Portugal e Espanha em 1986 (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004). Contudo, «A recessão económica mundial do início da década de 80 trouxe consigo uma onda de «europessimismo». No entanto, a esperança renasceu em 1985 […] a realização do mercado interno europeu até 1 de Janeiro de 1993.» (Fontaine, 2010:12). Este objetivo foi considerado no Ato Único Europeu assinado em Fevereiro de 1986 (Fontaine, 2010). O AUE entrou em vigor em 1987 e veio modificar os tratados fundacionais da Comunidades europeias, designadamente o Tratado de Paris e o Trado de Roma. Neste sentido, foram efetuadas mudanças institucionais, permitiu a existência de um espaço sem fronteiras interiores, através da livre circulação de pessoas, bens e capitais e foram também abordadas áreas como a Política Social e a Cooperação em Política Externa. Por último, o AUE veio preparar uma concretização gradual da União Económica e Monetária e também uma integração ao nível político (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004). Além disso, o AUE veio conceder mais poderes legislativos ao Parlamento Europeu, reforçando assim os poderes supranacionais da CE (Larres, 2009).

Posteriormente, em 1989, ocorre a queda do muro de Berlim na Europa, o que originou a reunificação da Alemanha em 1990. Ora, este evento, teve consequências políticas na Europa, levando assim à democratização dos países da Europa Central e Oriental, os quais deixaram de estar submetidos à União Soviética (Fontaine, 2010). Por conseguinte, todos estes eventos vieram a culminar na realização de um novo tratado, intitulado Tratado da União Europeia (TUE).

Assim, após dois anos da reunificação da Alemanha, em 1992, ocorre a assinatura do Tratado de Maastricht (TUE), no qual foi acrescentado «a cooperação intergovernamental (em áreas como a política externa e a segurança interna) ao sistema da Comunidade existente» (Fontaine, 2010:12). Este tratado veio a constituir um marco histórico na construção da União Europeia. Assim, foram alargados os âmbitos dos objetivos, sendo que o Art. 2.º estabelece os objetivos: «um desenvolvimento harmonioso, equilibrado e sustentável das atividades económicas; um crescimento sustentável e equilibrado; um elevado nível de emprego e de proteção social; o reforço da coesão económica e social; a solidariedade entre os Estados-Membros.» (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004:159-160).

Além disso, este Tratado veio instituir a cidadania europeia, assim «o art. 8º do TUE estipula: 1. A criação da cidadania da União: *«É cidadão da União qualquer pessoa que tenha a nacionalidade de um Estado-membro»*. 2. *«os cidadãos da União gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres previstos no presente Tratado»*.» (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004:159-162). Outro avanço importante da comunidade foi o alargamento do âmbito das políticas comuns, sendo que a mesma passou a dispor de capacidades para realizar a política em dezassete âmbitos e alterou o nome da Comunidade para União Europeia. (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004).

Em 1995, vai ocorrer o quarto alargamento na União Europeia, com a entrada da Áustria, Finlândia e Suécia, sendo que a Comunidade passa a contar com 15 Estados membros (Fontaine, 2010). Após dois anos, em 1997 é aprovado o Tratado de Amesterdão, que aumenta a coesão interna e reforça a posição da União Europeia no mundo. Por conseguinte, este tratado vem abordar quatro questões que ficaram por resolver no Tratado de Maastricht, sendo as mesmas: «a adaptação das Instituições a uma União alargada, a articulação jurídica de um diverso ritmo para os Estados no processo de concluir as distintas fases e formas da União Europeia, a «comunitarização» da Justiça e dos Assuntos Internos enquanto exigências últimas do ideal do espaço comum europeu, e uma verdadeira e eficaz politica externa de segurança e defesa» (Pérez-Bustamante &

Colsa, 2004:201). Após a ratificação do Tratado de Amesterdão, segue-se o Tratado de Nice em 2001, que prepara as instituições para o alargamento que vai ocorrer no ano de 2004. Esta situação ocorreu pelo facto de «o Tratado de Amesterdão não poderia ser o texto originário que sustentar a nova Europa alargada do século XXI» (Pérez-Bustamante & Colsa, 2004:233).

Contudo, antes do alargamento seguinte, «a União Europeia concentrava-se no seu projeto mais espetacular de sempre: a criação de uma moeda única para facilitar a vida das empresas, dos consumidores e dos viajantes.» (Fontaine, 2010:13). Assim, em 2002, foi implementado o euro em 12 países da União, os quais formaram a «área do euro».

Finalmente, chegado o ano de 2004, ocorreu o maior alargamento da história da União Europeia, ou seja a adesão conjunta de 10 países: República Checa, Hungria, Polónia, Eslováquia, Estónia, Letónia, Lituânia, Eslovénia, Chipre e Malta, sendo que «A União congratulou-se com essa oportunidade de ajudar a estabilizar o continente europeu e de alargar os benefícios da integração europeia às jovens democracias.» (Fontaine, 2010:13). Seguindo-se a Bulgária e a Roménia no ano de 2007, o que totalizou 27 Estados membros, que por sua vez passaram a constituir a União Europeia (Fontaine, 2010). Em 2013, ocorreu o último alargamento, com a entrada da Croácia na Comunidade, o que totalizou 28 Estados membros pertencentes à União (União Europeia, 2015).

Ainda no ano de 2007, no sentido de enfrentar a rápida evolução do mundo e os desafios colocados aos Estados Membros da Europa, foi assinado o Tratado de Lisboa. A União Europeia, agora constituída por 27 Estados membros, «necessitava de um método mais simples e eficiente de tomar decisões em conjunto.» (Fontaine, 2010:13). Este tratado vem modificar os tratados existentes, quer o Tratado de Roma, que se passou a chamar "Tratado sobre o funcionamento da UE", quer o Tratado da União Europeia. O primeiro? Tratado veio reformar as instituições da União Europeia, de modo a tornar o seu funcionamento mais democrático e eficiente (Rocha, 2010). Salienta-se ainda, que este tratado «atribui ao Conselho Europeu um presidente permanente e cria o lugar de alto-representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança.» (Fontaine, 2010:13).

3.2. A União Europeia: Um projeto em construção rumo ao sucesso ou uma utopia?

Após a ocorrência de duas grandes guerras mundiais, vários estados da Europa sentiram necessidade de colocar de lado as suas diferenças e de se unirem de forma a evitarem uma terceira grande guerra mundial, colocando um fim definitivo ao tenebroso começo do século XX com Duas destrutivas guerras mundiais. Contudo, desde a criação da CECA, até ao desenvolvimento da atual União Europeia, verificaram-se algumas crises no seio da União, que mais adiante serão abordadas. É assim que se colocam algumas questões: será esta União entre os vários Estados, um projeto em construção a longo prazo, ou um sonho longínquo que nunca se realizará? Se é um projeto viável, será que estamos a ir no rumo certo? Para respondermos a estas duas questões, torna-se importante "deitar um olhar ao passado" e comentar alguns aspetos do caminho até aqui percorrido pela União Europeia. Neste sentido, vamo-nos debruçar sobre aquilo que alguns autores, ao longo do tempo, tem escrito acerca de alguns domínios de intervenção da União Europeia, desde a criação da CECA.

De acordo com Alves (2008) o discurso de Schuman no dia 9 de Maio de 1950, tinha por base a construção de um projeto, em que, primeiramente, se criariam relações de solidariedade entre os Estados, através da via económica e que viessem a permitir uma construção política. Contudo, segundo o autor (2008), na esfera económica os desenvolvimentos foram ocorrendo, embora por vezes com algumas interrupções, mas que permitiram vários avanços, tais como a criação de uma moeda única, a abertura das fronteiras para a livre circulação de pessoas, bens, capitais, etc. e também a implementação de políticas comuns. No entanto, segundo o autor (2008:215), no que diz respeito ao domínio politico, este não acompanhou o progresso económico, «onde a União não conseguiu estabelecer, de facto, uma entidade forte, nem desenvolver ações comuns de impacto semelhante às do foro económico.».

Assim, segundo Teixeira (1998), durante os primeiros anos da Comunidade Europeia, eram praticamente inexistentes na mesma, a diplomacia, as políticas de segurança e defesa, sendo que a sua ação em contexto internacional se limitava apenas à esfera económica. Além disso, na opinião de Alves (2008), no que diz respeito ao foro politico, ocorreram no início situações de insucesso, como a não criação da CED.

Ora, para Teixeira (1998:124), foi «precisamente o fracasso da CED e da comunidade política que lhe estava associada que virá introduzir, em 1954, uma fratura profunda no processo de construção europeia, separando doravante, inexoravelmente,

Europa económica e Europa política». Além disso, de acordo com o autor, o insucesso seguido dos planos Fouchet, nos anos 60 só agravou ainda mais esta situação. Assim, a Europa política só começou a surgir aos poucos e poucos no início dos anos 70. Contudo até à instituição do Acto Único, em 1986 continuava-se a notar a ausência nos assuntos de «high politics». Por conseguinte, com o Ato Único veio a juntar a Europa política e a Europa económica debaixo da mesma tutela institucional.

Contudo, de acordo com Teixeira (1998:126) a «CPE continuou a ter um alcance limitado e uma eficácia reduzida: mantém um carácter, estritamente, intergovernamental e uma natureza, essencialmente, declaratória». Com o Tratado da União Europeia é substituída a Cooperação Politica Europeia pela Política Externa e de Segurança Comum. No entanto, na opinião de Teixeira (1998:128) a PESC «vai mais longe que a CPE, mas, fica aquém da construção comunitária». Em síntese, para Teixeira (1998), até finais do século XX, a União Europeia não tem possuído uma política externa no sentido clássico. Contudo, o autor (1998:134), não se baseando apenas no paradigma clássico, admite um «sim tendencial», em termos de política externa.

Por conseguinte, para Alves (2008:216) existe um défice em peso político, em que se verifica a ausência «de uma verdadeira Política Externa e de Defesa Comum, a reduzida capacidade de intervenção em comum na resolução de problemas internacionais graves e decisivos, e a falta de representação única da UE em diversas instituições internacionais». Assim, para o autor (2008), tudo isto revela uma Europa vista como uma potência económica, mas que não possuí uma alma política, onde se verifica na mesma, divergências entre interesses nacionais.

Contudo, para Xavier (2010), a política externa encontra-se num estado evolucionário. Na opinião de Baltazar (2013:258) «[…] embora, as elites intelectuais desde os pais fundadores da Europa, sempre tenham incluído os europeus na Construção Europeia, as políticas foram em sentido bem diferente, construindo uma Europa a partir de alicerces económicos e fachada jurídica, sendo, agora, difícil inverter a situação […]».

O próximo ponto a abordar, diz respeito à cidadania europeia, instituída pelo Tratado de Maastricht, no qual foi redigido um conjunto de direitos. Assim, no que diz respeito à cidadania europeia, existe na União, uma cidadania nacional, que se confronta com a europeia e o que, por sua vez, não permite que exista uma cidadania europeia ativa (Baltazar, 2013). Há, para a autora (2013), um confronto entre a ideia de estado-nação e nação-Europa. Na opinião de Alves (2008:216) existe um "défice legitimidade democrática e de participação" «ligado à falta de adequado escrutínio da Comissão e do

Conselho, aos ainda relativamente reduzidos poderes do Parlamento Europeu, e à ambiguidade existente na repartição de competências dos Estados-Membros para a UE.» Para Alves (2008), esta situação leva os cidadãos a não conseguirem compreender o funcionamento da União Europeia e, também, as suas próprias responsabilidades de participação na causa europeia.

Por conseguinte, para Baltazar (2013:274) «resta esta esperança de uma Europa feita pelos europeus: estes que ainda estão na escola e podem aprender a ser cidadãos europeus. A escola como alicerce da cidadania europeia aparece como a solução para o futuro da Europa.».

No que respeita aos direitos na União Europeia, estes são encarados pela mesma como universais e invioláveis. Na adesão de novos países à União, discutem-se «direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais. Bem como os direitos das mulheres, crianças, das minorias e dos deslocados» (Souza, 2013:43). Contudo, tal como consta no «relatório Human Rights Watch, infelizmente, os direitos humanos deixaram de ser prioridade e as consequências foram sentidas principalmente em pontos sensíveis, tais como a Política de Asilo e Migração, Discriminação e Intolerância, além de abusos na luta contra o terrorismo.» (Souza, 2013:43).

No que se refere à Segurança Humana, segundo Xavier (2010), a mesma tornou-se um ponto a abordar na agenda das Nações Unidas e na União Europeia. Contudo, o conceito de Segurança Humana «não foi ainda *mainstreamed* e alguns céticos encaram-na como um *wishful thinking*, fadada à filosofia das ideias, mais do que à operacionalização prática.» (Xavier, 2010: 270). Ainda para este autor a (idem:273) a União Europeia como comunidade de segurança, possuí uma cultura própria. Contudo, a cultura estratégica da União Europeia ainda se encontra num estado embrionário. Além disso, possuí «uma versão híbrida e amálgama da "comunidade se segurança" de Deutsch e constituída por múltiplas culturas sub-estratégicas que dificilmente podem suplantar uma possível cultura transnacional dominante» (idem:246). Logo, para a União Europeia agir como um ator estratégico a nível global, ainda tem de percorrer um longo caminho «no sentido de se evitar "dois pesos e duas medidas" e vozes dissidentes que questionam a coesão política da UE, interna e externamente.» (Xavier, 2010:273).

O próximo ponto a abordar, diz respeito à implementação da moeda única no espaço europeu, ou seja o euro. De acordo com GEE|GPEARI (2012) a segunda fase do processo de integração europeia ficou marcada pelo início da construção da União Económica e Monetária (UEM), durante a qual foi implementado a moeda única.

Contudo, não existiu um acompanhamento da UEM no processo de integração monetária, pelo que se verificou «incumprimento das regras de disciplina orçamental, subestimação da importância da estabilidade financeira e da supervisão bancária, e adiamento da prossecução dos objetivos de competitividade e de redução dos desequilíbrios na balança corrente.» (GEE|GPEARI, 2012:35). Neste sentido, durante a implementação da moeda única no espaço comum europeu, não existiu por parte dos países constituintes, uma adequação no que respeita a normas, regras, procedimentos e formas de organização «de modo a adaptar os comportamentos nacionais às exigências decorrentes da sua participação na área do euro.» (idem). No final de 2009, gerou-se uma grave crise global económica, na área do euro, constituindo uma ameaça a todos os países da União Europeia. Contudo, posteriormente foram criados mecanismos e instituídas regras e procedimentos para reforçar o processo de integração europeu, no sentido de reduzir os riscos que possam surgir no que respeita às atividades do domínio económico. (GEE|GPEARI, 2012). Na opinião de Alves (2008:VI) devem ser realizadas alterações no domínio económico. Assim, no que diz respeito a médio e longo prazo «aponta-se para a necessidade de alargamento da dimensão e de alterações no modo de financiamento do orçamento comunitário […]. No curto prazo, aponta-se para a necessidade de alteração ao enquadramento institucional relativo à coordenação das políticas macroeconómicas […].»

Relativamente ao Tratado de Lisboa, de 2007, segundo Leite (2008), este veio retroceder e negar a participação dos cidadãos, centrando-se na validação por via parlamentar. Assim, ao mesmo tempo que a UE é capacitada de personalidade jurídica, «o princípio da subsidiariedade surge como resultado da reflexão interna sobre o futuro da integração europeia» (Leite, 2008:5). Além disso, de acordo com a autora (2008), veio a colocar a hipótese de recuperação de competências nacionais, o que na visão da autora, significa um retrocesso no processo de integração política. Contudo, o Tratado de Lisboa veio também a permitir a atribuição/reforço de novas competências. Outro aspeto a salientar é o fortalecimento do papel dos parlamentos nacionais, através da restituição de poderes aos estados membros, o que, por sua vez, poderá diminuir a possibilidade de iniciativa da Comissão. Assim, tudo isto «afigura-se um novo mecanismo, de carácter nacional, que permite controlar o poder de índole supranacional» (Leite, 2008:6). Ainda para o mesmo autor, as alterações mais significativas ao Tratado de Lisboa centram-se na supressão do termo "constitucional", que deixa de ser utilizado no contexto do Tratado de Lisboa. O mesmo sucede com a referência aos símbolos da União Europeia, que

deixam de constar no novo texto. Por último, não está integrada a Carta dos Direitos Fundamentais no Tratado, que perde, assim, o seu caracter constitucional (Leite, 2008). Leite defende que os Estados membros da União Europeia estimulam o processo de integração europeia, através do Conselho Europeu, mas de acordo com os seus interesses, e que, apesar dos avanços já ocorridos na direção de um modelo mais supranacional, os estados continuam a não abdicar da sua soberania e decidem o futuro da Europa com base nos seus interesses. Além disso, segundo Leite (2008:9), ao comparar o texto decidido para o Tratado Constitucional e o texto resultante do Tratado de Lisboa, verifica «[…] marcas evidentes do recuo do modelo supranacional, construído gradualmente, para um modelo de cariz intergovernamental em que todo o processo volta a depender, essencialmente, da vontade estatal […]».

Na opinião, de Rocha (2010:6), ao aludir ao «Tratado de Lisboa como um dos passos que ilustram a dimensão procedimental do cosmopolitismo europeu, este é depois visto como um dos rasgos mais característicos desse novo ente político, que é a União Europeia.». Este autor salienta, também, a não introdução da *Carta dos Direitos Fundamentais* da *UE* no corpo do Tratado, que é colocada numa Declaração anexa. O autor refere ainda que o Tratado não contribui para uma melhor compreensão da União devido à sua falta de clareza de modo a que os cidadãos o pudessem compreender melhor. Assim, existe falta de transparência de informação perante os cidadãos. Além disso, segundo o autor, o Tratado aumentou a confusão institucional. Neste sentido, para Rocha (2010:16-17), «o Tratado de Lisboa não pode ser visto como a fase final do processo de evolução da *UE*, mas como uma etapa no caminho de uma federação europeia».

Estabelecidos os pressupostos, podemos assim salientar que nem tudo corre bem na União Europeia, tendo-se detetado algumas falhas em vários domínios, tais como na política externa e defesa comum, na construção da cidadania europeia, na defesa dos direitos humanos, na segurança humana, no domínio económico e em aspetos referentes ao Tratado de Lisboa. No entanto, este conjunto de aspetos constituí apenas uma pequena amostra de problemas detetados no que diz respeito às áreas de intervenção da União Europeia, sendo que também se verifica falta de informação mais atual, em relação a certos domínios e, logo, esta pequena amostra não pode representar o funcionamento da União Europeia, na sua plenitude.

Assim, tendo em conta as falhas identificadas, concluímos que a União Europeia não está a ir no rumo certo, em relação a determinados aspetos, o que nos faz voltar a colocar novamente a seguinte questão: será esta união entre os vários Estados, um projeto

em construção a longo prazo, ou um sonho longínquo que nunca se realizará?

Para responder a esta questão, mobilizemos as palavra de Teixeira (1998:134), para quem a União Europeia, possuí uma presença internacional e também um grande poder ao nível económico e político, sendo «hoje um ator internacional incontornável quer para Estados quer para Organizações Internacionais». Além disso, assume hoje novos papéis internacionais, que desempenha sem os instrumentos de uma política externa clássica.» Para Alves (2008:217), os interesses nacionais na União Europeia continuam a possuir um grande peso e, para que ocorra uma alteração significativa, é necessário ocorrer um reequilíbrio «das duas faces do processo de integração, com um claro aprofundamento no domínio político.». Na visão de Baltazar (2013:274) a Europa não possuí um projeto decisivo acerca do seu futuro. Assim, para a autora a Europa será «o que os cidadãos europeus quiserem fazer deste projecto inacabado.».

Portanto, a União Europeia ainda tem um longo caminho por percorrer, no sentido de criar uma verdadeira União entre os vários Estados membros que a compõem. Além disso, para a UE corrigir as falhas que têm assolado a sua construção, desde o seu início, é necessário que os vários estados coloquem de lado os seus interesses nacionais, que pensem na Europa como o futuro do continente europeu e se esforcem em conjunto para ultrapassarem os obstáculos que até ao presente momento tem impedido o seu progresso. Cabe também aos cidadãos da União Europeia contribuir na construção desta Europa que se quer unida. Contudo, convêm que os cidadãos saibam qual o seu papel a desempenhar nessa construção e cabe à UE informar os mesmos dos seus direitos e deveres. Em resumo, o futuro da Europa, sem qualquer dúvida, encontra-se nas mãos dos europeus.

4. Porquê ensinar e aprender Geografia. Do valor formativo da disciplina

A disciplina da geografia desempenha um papel fundamental no que respeita ao estudo e transmissão de saberes sobre o planeta em que vivemos e sociedades em que nos inserimos. Mas a educação geográfica, não se limita apenas a formar os alunos nestes saberes, tem também como finalidade o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e activos no mundo actual e futuro (U.G.I., 1992). A geografia surge assim, como uma disciplina integradora do mundo natural e humano (Silva & Ferreira, 2000).

Além disso, a educação geográfica contribui para uma educação de qualidade, onde os cidadãos aprendem valores e atitudes e o respeito pelos diferentes estilos de vida, de diferentes populações, no respeito pela preservação do ambiente natural, na perspetiva de um futuro sustentável. Tanto os conhecimentos, como as perceções e os valores das pessoas são importantes para a existência de um desenvolvimento sustentável.

A educação geográfica, para além de permitir que os alunos observem e compreendam o mundo a várias escalas, permite também pensar o mundo de uma forma holística. Portanto, estamos a falar de ver o mundo como um todo, um sistema natural e humano, em que a sociedade e o meio natural se encontram em constante interligação. Assim, os alunos de geografia devem perceber que as suas ações enquanto cidadãos do mundo em que vivemos, tem influência em todo o meio ambiente em que estão inseridos. Logo, salienta-se também a importância da introdução de uma componente ecológica na educação geográfica (Haubrich et al., 2007). Além disso, devem ter também noção, de que as ações que os seres humanos praticam num determinado local, podem afetar outros locais longínquos e respetivas populações (Silva & Ferreira, 2000).

Por conseguinte, os estudantes necessitam de adquirir conhecimentos no que respeita ao contexto internacional, de forma a cooperarem na resolução de problemas em vários âmbitos: económicos, políticos, culturais e ambientais (U.G.I., 1992). Ora, é precisamente neste sentido, que a educação geográfica fornece informações sobre o desenvolvimento de diferentes regiões, países e continentes (Pinchemel,1989).

A finalidade da educação geográfica não é a de formar geógrafos, como sublinha Mérenne-Schoumaker, competência do ensino superior mas, sim, a de formar futuros cidadãos bem informados sobre o território que os rodeia e fomentar nos mesmos uma cidadania interventiva, no que concerne aos problemas que possam surgir no seu território - quando falamos em geografia, também estamos a falar sobre aquilo que tem de ser feito

em relação aos problemas que surgem nas sociedades e respetivos territórios em que as mesmas se integram.

Neste sentido, cidadania é construída através da intervenção no território, pois a educação geográfica tem a ver com atitudes e com intervencionismo. A geografia surge, assim, como uma disciplina que contribuí para a construção de uma cidadania interventiva. No seguimento deste pensamento, para Cachinho (2000) "o saber pensar o espaço" é imprescindível à educação geográfica, para que qualquer cidadão possa saber agir de uma forma consciente no meio em que vive. Mas a educação geográfica, não se fica por aqui e vai muito para além disso. Assim, ocorrem por vezes problemas em determinados locais no nosso mundo e cabe à geografia explicar aos jovens ao longo da sua educação geográfica, as causas que estão na base dos mesmos, tendo por base problemáticas reais. Resta, ainda, dizer que para se criar cidadãos responsáveis e geograficamente competentes, existe a necessidade de os professores envolverem os alunos em reflexões sobre problemas que afectam a vida das sociedades humanas, de modo a desenvolver o seu raciocínio geográfico (Cachinho, 2000).

Por conseguinte, existe «a necessidade de entender a aprendizagem como um processo de descoberta pelo aluno de soluções para os problemas sociais e ambientais abordados na aula, pois esta é a única via natural dos professores motivarem os alunos para aprender, destes se envolverem e sentirem como seus os problemas que lhe são apresentados e tomarem consciência de quanto limitadas são as ideias que dispõem para explicar o mundo que os rodeia antes de levarem a cabo as suas pesquisas» (idem:80).

Para além disso, se todo o processo da educação é composto pelo desenvolvimento do conhecimento, da compreensão, de capacidades, de atitudes e de valores, logo os alunos ao estudarem geografia, são estimulados a adquirir todas essas características (U.G.I., 1992).

Contudo, quer a organização do espaço geográfico, quer as paisagens inerentes ao mesmo, são em grande parte o resultado de fatores de natureza social, tal como diz Cachinho (2000). Ora, é precisamente nessa ótica que a educação geográfica vem a fornecer explicações aos estudantes sobre as causas dessa organização, resultado das ações das sociedades.

Por conseguinte, uma das competências que a geografia fornece aos seus alunos, é a possibilidade de os mesmos poderem analisar os fenómenos a várias escalas. Alguns dos problemas que ocorrem em determinados locais nas sociedades humanas, são a consequência das ações de outras sociedades humanas, que vivem noutros lugares, do

nosso planeta. Assim, verifica-se a necessidade de os alunos possuírem a competência geográfica de compreender o mundo a várias escalas, de forma que, ao observarem o espaço, o saibam compreender e possam agir de uma forma consciente. Nesta perspetiva, compete à geografia tornar os alunos conscientes sobre a complexidade que existe, na busca de uma explicação para determinados fenómenos, sendo que as causas poderão ser o resultado da interação de vários fatores (Pinchemel,1989).

Outra das finalidades da geografia é ajudar os alunos a compreender a imensa quantidade de informação que lhe chega do exterior, sob a forma de várias fontes. Neste sentido, é essencial ensinar os jovens a analisar a informação através de perspetiva crítica, para que estes consigam distinguir nela factos concretos e apenas meras opiniões (Pinchemel,1989). Por conseguinte, a geografia ajuda os alunos a construírem uma explicação científica, para a ocorrência de certos fenómenos, quer através de trabalhos racionais ou científicos. Assim, a educação geográfica, fornece nas suas aprendizagens aos estudantes, uma prática investigativa (Cachinho, 2000). Para além disso, a geografia fornece aos jovens vários conhecimentos que lhe vão ser extremamente úteis no seu dia-a-dia, tal como aprender a traçar um itinerário, usar um atlas, a ter um espírito critico sobre certos documentos que lhe chegam do exterior da escola, aprenderem a saber interpretar mapas, relacionar os mesmos tirando conclusões, identificar determinados padrões e os fatores explicativos de certas distribuições que ocorrem no espaço, identificar problemas no seu quotidiano e encontrar soluções para os mesmos, saberem fazer uma descrição correta sobre certos lugares, entre muitas outras coisas (Cachinho, 2000). Enfim, a lista poderia continuar, mas o que importa dizer é que tudo isto lhes vai ser extremamente útil, como futuros cidadãos.

O mundo atual encontra-se numa constante mudança, de conhecimentos, tecnologias, modos de vida, interesses individuais e coletivos, entre outros aspetos. Assim, a escola tem procurado acompanhar estas mudanças e preparar os jovens no sentido de uma cidadania interventiva (Silva & Ferreira, 2000). Com o desenvolvimento das sociedades em distintas áreas, destacando-se a dos conhecimentos tecnológicos, verifica-se que as pessoas se encontram em maior contacto, quer por telefones, faxes, internet, etc… Além disso, a informação chega-lhe muito mais depressa a partir de outras partes do mundo, essencialmente através dos meios de comunicação social. Além disso, também a área dos transportes sofreu um desenvolvimento, podendo as pessoas viajarem de um ponto do nosso planeta, para outro lugar, em muito pouco tempo, comparado com algumas décadas atrás. Logo, com esta crescente globalização, parece que o mundo ficou

mais pequeno, criando a ilusão de que os lugares se encontram mais próximos uns dos outros. Contudo, quanto mais se reduzem as distâncias entre os lugares e as sociedades que os habitam, mais complexo se parece tornar este mundo, tendo em conta todas as suas especificidades. Logo, vai ser no entendimento e explicação de toda esta complexidade, que o conhecimento geográfico vai ter um papel relevante, para dar a compreender o que nele ocorre (Cachinho, 2000). Ora, vai ser precisamente nesta perspetiva, que a geografia desempenha um papel essencial, no que respeita a dar a oportunidade aos estudantes para estudarem todas estas mudanças e conferir-lhe uma formação para interagirem conscientemente com as mesmas.

Em resumo, pode-se dizer, que podemos encontrar a geografia em todo o lado (Cachinho, 2000), quer seja quando saímos à rua e olhamos para o meio ambiente e vimos, árvores, estradas, pontes, rios, prédios, montanhas, florestas, etc. seja na roupa que trazemos vestida, que poderá ter sido produzida na China, India, Brasil, etc. quer seja na comida que comemos, que também poderá ter vindo de qualquer parte do mundo. Nesta perspetiva, os estudantes vivem num espaço que se encontra em contacto permanente com muitos outros espaços, onde se verifica uma interação continua entre os mesmos. Por conseguinte, tudo isto faz com que os jovens tomem consciência do mesmo, através de uma multiplicidade de contextos. (Silva & Ferreira, 2000). Portanto, para que os jovens possam viver neste mundo, de uma forma responsável e consciente, é necessário que consigam compreender o mundo que habitam.

Em resumo, cabe à geografia a missão de proporcionar aos jovens uma formação, que para além de lhe proporcionar conhecimentos sobre o mundo, os ajude a integrar no mesmo e lhes proporcione competências e ferramentas, de forma a tornarem-se cidadãos conscientes e interventivos, no que respeita aos problemas que ocorrem neste mundo.

5. Principais Correntes mundiais no ensino da Geografia

Para falarmos sobre a evolução histórica das correntes do ensino da geografia, a nível mundial, temos de começar por nos referir, em primeiro lugar, à Grécia antiga, onde surgiram os primeiros «fundamentos históricos da ciência geográfica […] tida como a primeira cultura conhecida a explorar ativamente a geografia como ciência e filosofia.» (Cavalcanti & Viadana, 2010:11). Vai ser aí que se vão desenvolver conhecimentos de astronomia e cartografia, que constituem as bases da ciência cartográfica, tendo sido produzidos vários documentos cartográficos na época (Cavalcanti & Viadana, 2010).

Na opinião de Costa e Rocha (2010:27) «a contribuição dos gregos, na antiguidade clássica, é considerada a mais relevante e significativa. Os principais destaques foram: a medição do espaço e a discussão da forma da Terra, o estudo da física da superfície terrestre e a descrição dos aspectos físico-espaciais». Além disso, foi a partir da necessidade de os gregos cartografarem o mundo, que delimitaram e dividiram os continentes, como se pode constatar «no mapa de Hecateu de Mileto (500 A. C.), que retoma e aperfeiçoa o mapa de Anaximandro (540 A. C.).» (Claudino, 2015: 22). Contudo, a maior parte dos estudos geográficos elaborados pelos gregos, limitavam-se a ser descritivos e informativos (Costa e Rocha, 2010).

Durante «a Idade Média, foram aprofundados e mantiveram-se os antigos conhecimentos gregos, e no período da Renascença e ao longo dos séculos XVI e XVII, as viagens de exploração reavivaram o desejo de bases teóricas mais sólidas e de informações mais detalhadas.» (Cavalcanti & Viadana, 2010:12). Salienta-se, ainda, a contribuição, durante a Idade Média, dos povos árabes que tentaram alcançar uma melhor compreensão do espaço, estudando os conhecimentos que lhe foram transmitidos pelos gregos e também pela tentativa de inovação no campo dos conhecimentos geográficos (Costa e Rocha, 2010).

Vai ser nos séculos XV e XVI, período conhecido pelos descobrimentos portugueses e espanhóis, que vai ocorrer uma evolução da Geografia, ligada à Matemática, pela necessidade que existia em explorar mundo. Neste período, a Geografia ganha uma grande importância devido às exigências que eram requeridas para a navegação, tais como os instrumentos (bússolas, mapas, etc…), questões de orientação (astronomia/orientação pelas estrelas/divisão do globo) e também pela necessidade que existia em se cartografar os territórios desconhecidos. «As viagens dos exploradores

espalharam pela Europa o interesse pela geografia, e a cartografia elaborada, à medida que se descobriam novas terras, incluía técnicas inovadoras.» (Cavalcanti & Viadana, 2010:12). Neste sentido, a Geografia vai evoluir estreitamente associada à Matemática e chega até nós através dos manuais do século XIX. Neste período, os missionários, enviados pela Igreja, procuravam difundir a fé cristã e conhecerem a cultura dos outros povos (Costa & Rocha, 2010). Portanto, estamos a falar da chamada "Geografia Missionária". No século XVIII, a Geografia enquanto conhecimento do mundo é assumida pelos racionalistas. De acordo com González e Claudino (2004:1), esta Geografia iluminista define-se pela sua modernidade, e curiosidade pelo nosso planeta que cativa os homens letrados. Logo, este fascínio à escala global pode ser encontrado na obra científica de Diderot e de D'Alembert, em França, uma enciclopédia surgida no final século XVIII (1756). Nesta obra surge uma leitura de um mundo estar interligado.

Entre os séculos XVIII-XIX (1859), surgem dois grandes geógrafos, Alexandre Humbolt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), que também compartilham um enorme fascínio pelo mundo. Estes dois geógrafos, não revelam muito interesse pela geografia nacionalista mas, sim, um grande fascínio pelo mundo e ao mesmo tempo vão descobrindo que as explicações da Bíblia, não são verdadeiras. Além disso, possuem na sua matriz ideológica, uma perspetiva igualitária e defendem o combate à desigualdade.

Humbolt viajou pelo mundo, pelas Américas e assumiu-se como um naturalista, «abarcando os campos da zoologia, química, astronomia, sociologia, física, geologia e botânica, mas foi à geografia que o prussiano dedicou especial atenção e é considerado, até mesmo, um dos fundadores do ramo da geografia física» (Neto & Alves, 2010:38). Humbolt, lançou ainda várias bases no campo da geografia física, climatologia, orografia, oceanografia e ainda elaborou uma grande obra intitulada o "Cosmos", que fala sobre Geografia geral e sobretudo, Geografia física. Neste sentido, Humbolt destacou-se na geografia, pelos seus vários trabalhos e inúmeras descobertas, que contribuíram decisivamente para a construção inicial do saber geográfico (Neto & Alves, 2010). Nas viagens que Humbolt realizou, utilizou o método comparativo para compreender as diferenças e semelhanças das paisagens da superfície terrestre, sendo na opinião de Costa e Rocha (2010) a principal contribuição de Humbolt. Além disso, destacou-se por ter sido «o primeiro a unir, através de linhas, os pontos que possuíam a mesma temperatura média anual (isotermas). Foi o primeiro a fazer referência às paisagens naturais com relação a áreas de características homogêneas» (Costa e Rocha, 2010:30).

Quanto a Ritter, escrevia sobre aquilo que Humbolt recolhia e explora mais as relações de causalidade entre os grupos humanos e a natureza. Dedicou-se também à Geografia Regional, defendendo que os fenômenos eram determinados pelo espaço (Tanaka, 2010). Neste sentido, no trabalho que Rittter realizou, o estudo das relações entre fatores físicos e humanos ocupava um lugar principal, sendo a superfície terrestre o local onde ocorriam ações do homem (Costa & Rocha, 2010). Contudo, Surge Immanuel Kant, que foi o primeiro professor universitário de Geografia Física (1724-1804), que vai contrapor esta perspetiva de Ritter, defendendo «a ideia de que o espaço é condição para um dado fenômeno» (Tanaka, 2010:61).

Kant deu a sua contribuição para a definição do conceito de região e classificou as ciências em quatro grandes grupos: as Ciências substantivas; as Ciências sistemáticas; as Ciências cronológicas e as Ciências corológicas. Estas últimas, são aquelas que não tem um objeto próprio e estudam tudo, sendo o caso da Geografia. Ora, foi a partir deste princípio corológico de agrupamento de determinadas coisas e vários acontecimentos", que Kant concedeu à geografia uma nova metodologia, designado por espaço regional, «procurando esse método manter certa unidade à ciência geográfica, dando-lhe um método próprio e divergente do pensamento positivista.» (Tanaka, 2010:63).

Neste seguimento, ao entrarmos no séc. XIX, continua a perdurar «a Geografia iluminista, de continentes, países e produções […] A persistência da matriz iluminista pode-se verificar sobretudo nos manuais escolares, ao nível da representação dos continentes e do global. Portanto, há uma abordagem por continentes, a chamada geografia geral (González & Claudino, 2004). Assim, existe uma leitura igualitária de todos os continentes e países, sendo que esta matriz generalista que vem do século XVIII prolonga-se até aos nossos dias – é uma matriz ideologista.

Por conseguinte, no séc. XIX vai ocorrer uma institucionalização da geografia marcada pelo aparecimento das sociedades de Geografia, tendo a primeira aparecido em Paris, em 1825. Além disso, vai também surgir durante este século, a disciplina da Geografia no ensino primário e secundário, ao invés de nas universidades. De maneira, que este século, foi o século da instrução, marcado pelas revoluções liberais e também pelas reformas, «que criam o ensino secundário público […] a Geografia é também consagrada na instrução primária, onde interessa, sobretudo, aos poucos que pretendem prosseguir estudos.» (González & Claudino, 2004:1).

Além disso, ocorre na segunda metade do século XIX, uma renovação da produção geográfica escolar, devido ao crescimento do sistema público de ensino

primário e à consolidação do estado-nação burguês. Assim, «na instrução secundária […] subsiste a Geografia generalista. Já na instrução primária, desenvolve-se uma *Corografia* de identificação nacionalista, em que se percorre o país através das redes hidrográficas e de caminhos-de-ferro, das principais localidades e produções.» (González & Claudino, 2004:1)

Contudo, as revoluções liberais nacionalistas, bem como os interesses coloniais, vão contribuir para o desenvolvimento para o desenvolvimento de uma Geografia particularmente atenta à escala nacional.

Já me 1871, quando ocorre a derrota da França, na guerra Franco-Prussiana, esta vai ser atribuída à Geografia, porque os alemães sabiam ler mapas e percebiam de cartografia. Por conseguinte, os franceses criam uma cátedra de Geografia Humana, perto da Alemanha, no sentido de tentarem adquirir conhecimentos geográficos, para que o ocorrido não se voltasse a repetir, reforçando a aposta no ensino da Geografia.[1]

A geografia regional francesa desenvolve-se em ambiente de fervor nacionalista e é esta geografia que se difunde internacionalmente, como em Portugal, Espanha, etc…

O séc. XIX é marcado pela afirmação colonial europeia. Por conseguinte, a geografia geral praticada neste século, vai ser colocada ao serviço da expansão colonial, quer no ensino Básico como Secundário, sendo que esta geografia vai no encontro da geografia colonial (González & Claudino, 2004). Salienta-se ainda, que durante este período, as Sociedades de Geografia são decisivas para a causa colonial, como ocorre com a Sociedade de Geografia de Lisboa.

Na sequência do já se referiu, a Geografia nacionalista sobrepõe-se, em grande medida, à Geografia iluminista, generalista

No final do século XIX, em países como Espanha, a Geografia valoriza o saber kantiano, que pretende conhecer as particularidades de cada território, o que «vai ao encontro da emergente Escola Nova, onde emergem teorias defensoras de que a criança deve descobrir o essencial, o que caracteriza cada lugar; o saber é empírico, intuitivo e construído a partir do trabalho indutivo.» (González & Claudino, 2004:2).

Ora também no final do século XIX, como foi claro em Portugal, emerge a escola ecológica, que estuda a relação entre o homem e o meio. O determinismo defende que a natureza determina a ação humana. Mas a corrente dominante é o possibilismo geográfico, protagonizado por Vidal de la Blanche. A escola possibilista (de

[1] Apontamentos de metodologia do Ensino de Geografia, sessão de 19 de dezembro de 2014.

“possibilidade”) diz que o homem e o meio, se influenciam reciprocamente, não existindo nenhuma determinação. Segundo esta corrente, “a natureza põe e o homem dispõe”, sendo o homem que transforma o meio. É a contingência da atividade humana (Capel, 1981). A escola possibilista é uma escola regional, que defende que através das regiões contrastadas e da sua diversidade é que se constrói a identidade nacional.

Em resumo, o possibilismo e o determinismo são duas abordagens “ecológicas” da geografia. Neste sentido, «podemos classificar o determinismo ambiental, o possibilismo e o método regional como os três principais paradigmas da geografia tradicional. Estes dominaram a produção geográfica e o debate durante o final do século XIX, até meados da década de 1950» (Costa & Rocha, 2010:34). Já nos anos 70, Jorge Gaspar, que em Portugal protagoniza a “Nova Geografia” (desenvolvida no Reino Unido) e mobilizadora de métodos quantitativos, a geografia é, essencialmente, corológica, dos lugares.

Se no ensino de Geografia, a escola francófona privilegia uma abordagem nacionalista, sem esquecer aquela generalista, com matriz nos iluministas, na escola anglo-saxónica, surgida na transição do século XIX para XX, quando a Inglaterra era a capital de um vasto império, predomina a escala mundial, em simultâneo com a atenção à escala local. É nesta escola geográfica que, como sucede em 1930, é defendido pela escola britânica o papel da geografia, no que respeita ao desenvolvimento da compreensão internacional (Claudino, 2001). Além disso, «no período pós Segunda Guerra Mundial se iniciou o movimento de renovação […] As modificações vivenciadas a partir do início da segunda metade do século XX, principalmente as inerentes as novas tecnologias desenvolvidas, levaram inúmeros pesquisadores a refletir e buscar novas possibilidades teóricas e metodológicas.» (Costa & Rocha, 2010:34-35). Mais tarde, afirma-se a Nova Geografia, a que já nos referimos, que se manifesta através da quantificação e abordagem sistémica (Costa & Rocha, 2010).

Contudo, esta Nova Geografia foi alvo de críticas devido ao uso e abuso das técnicas de quantificação, devido a se preocuparem, «mais com os modelos matemáticos e com a estatística do que em compreender as relações sociais e espaciais presentes no espaço.» (Costa & Rocha, 2010:36). Além disso, de acordo com González e Claudino, (2004) a Geografia continuava presa a uma escola regional focada na distinção de espaços limitados e na tentativa de explicar a construção do território com base nas relações entre a natureza e o homem.

Nos anos 90, a União Europeia sente-se superada pelo crescimento económico

americano. As preocupações da U.E. centram-se na economia, desvalorizando-se as preocupações sociais no discurso educativo. Nesta perspetiva, segundo González e Claudino (2004:8) «os apelos lançados a partir das Nações Unidas não parecem ter o eco desejado, dentro e fora dos sistemas de ensino. […] A Geografia escolar procura a renovação em processos técnicos […] mas não se faz perguntas, nem se formula hipóteses sobre os grandes dilemas da humanidade […]».

Em 2000, no XXIX Congresso de Geografia, a Comissão de Educação Geográfica da UGI produz uma nova Declaração intitulado *a Educação geográfica para a diversidade cultural*. Contudo, este novo documento, representa um retrocesso nas preocupações sociais da Carta Internacional. Assim, «alude-se ao cumprimento dos direitos humanos, mas tal surge como uma questão secundária. Defende-se que a *educação geográfica promove uma cultura amigável com o meio ambiente* […] num discurso que continua a desvalorizar os conflitos de interesses associados à defesa do ambiente […]» (González & Claudino, 2004:8).

Por último, González e Claudino (2004), defendem que a educação geográfica, para além de se preocupar com compreensão das sociedades e seus problemas, deve também centrar as suas preocupações nos direitos sociais da humanidade.

Em resumo, as bases dos conhecimentos geográficos foram desenvolvidas inicialmente a partir das necessidades que os seres humanos tinham de definirem orientações, cartografarem territórios e elaborarem mapas, de navegarem, explorarem e de conquistarem novos territórios. Posteriormente com a construção dos estados-nações a geografia foi colocada ao serviço dos interesses políticos e económicos dos vários países. A partir da década de 1970, com o movimento de geografia crítica, passou a existir uma maior preocupação com os aspetos sociais (Costa & Rocha, 2010).

6. A evolução do ensino da Geografia em Portugal - das competências gerais e específicas da Geografia às Metas Curriculares

No Portugal de setecentos, autores como Luís Verney, Inácio Monteiro e de Ribeiro Sanche propõem ao Marques de Pombal o ensino da Geografia, sendo que o privilegiam como auxiliar de História (Claudino, 2000).

Contudo, o Marquês de Pombal, que impulsiona o ensino público após a expulsão da Companhia de Jesus (1759), determina um ensino das primeiras letras que esquece os conhecimentos geográficos e históricos. Ao contrário, no Colégio dos Nobres, a Geografia é consagrada, porque ciência relevante para as elites (Claudino, 2000).

Já no século XIX, com a vitória dos liberais no começo dos anos 30, em 1836 Passos Manuel promove a reforma da instrução primária e secundária. A Geografia vai surgir no ensino primário e secundário em 1835/36. Assim, "Passos Manuel determina a leccionação de *Breves Noções de História, Geografia e Constituição* – pretende-se imprimir claras preocupações cívicas ao ensino de Geografia. No recém-criado ensino liceal e na continuidade da matriz iluminista, surge a disciplina de *Geografia, Cronologia e História*.» (Claudino, 2000:184).

Em 1850, João Pereira redige o *Compêndio de Corografia Portuguesa*; claramente, cessa o ciclo de *iluminismo tardio*, começando um novo, de positivismo corográfico (Claudino, 2000), que vai durar até à reforma curricular de 1894/95, designação inspirada na grande quantidade de informações sobre Portugal apresentadas nos manuais de Corografia. João Félix Pereira defende que «A Geografia da nossa pátria é a que mais nos interessa» (Claudino, 2000:186). Ora, é a partir deste discurso nacionalista, que «surgem novos conceitos sobre o território português, entretanto esquecidos ou tão pertinentes […] – como é o caso de *Portugal Continental* […] *Portugal Peninsular*. Contudo, subsiste a tradição da Geografia Geral nos manuais para a instrução secundária.» (Claudino, 2000:186).

Em 1860, ocorre uma reforma curricular, que determina o estudo de Portugal e das suas colónias. Além disso, «em Portugal, em 1876, a recém criada Sociedade de Geografia de Lisboa emite o seu primeiro parecer, precisamente sobre o ensino de Geografia, que pretende autónomo do de História – o que se concretizaria doze anos depois.» (González & Claudino, 2004:2). Portanto, neste seguimento, desde a elaboração do primeiro programa liceal de Geografia de 1872, ocorreram inúmeras alterações nos programas posteriores, em 1880 e1886.

A Geografia torna-se independente da História em 1888. Neste período, «a Geografia assume-se como disciplina de cidadania, que explica o funcionamento do regime político, dos sistemas judicial, militar, religioso ou escolar. Contudo, privilegia a dimensão nacional […]» (Claudino, 2000:187). No séc. XIX, a Geografia geral herdada do Iluminismo subiste nos manuais escolares, sobretudo do ensino secundário.

No séc. XIX, para a institucionalização da geografia é marcante o aparecimento das sociedades de Geografia. Horácio Capel, refere que estiveram dois fatores na base da institucionalização da geografia, sendo um deles o colonialismo, podendo-se dar como exemplo, a promoção do *Mapa Cor-de-Rosa do Império*, pela Sociedade de Geografia de Lisboa (Dores, 2014). Além disso, também se pode salientar os «bons serviços de propaganda" da Sociedade de Geografia de Lisboa» contribuindo para a ideia de utilidade e necessidade das missões católicas (Dores, 2014:116).

Ora durante este período, a geografia missionária portuguesa é impulsionada, sendo que «em meados de 1889, Dias Ferreira escrevia ao núncio Vincenzo Vannutelli sobre os constantes pedidos remetidos ao Ministério da Marinha para enviar mais missionários […] detentores "de conhecimentos de astronomia, geografia, cartografia e línguas […]» (Dores, 2014:102). Além disso, um dos exemplos significativos que representam a questão missionária é o caso da Sociedade de Geografia de Lisboa, onde ocorriam discussões acerca de assuntos ultramarinos (Dores, 2014). Assim, «o desenvolvimento das missões era para a Sociedade de Geografia essencial na obra colonial portuguesa.» (Dores, 2014:236).

Contudo, com a reforma de 1894, a disciplina da Geografia perde valor «ideológica e curricularmente e, no ensino secundário, direciona-se para o estudo das relações de causalidade estabelecidas entre o homem e os restantes seres vivos, na progressiva subalternização das dimensões política e social.» (Claudino, 2000:187). A Geografia volta de novo a ser associada à História, traduzindo a sua desvalorização curricular, que se acentua na 1ª República. Entretanto, durante este período começam a surgir os nacionalismos. A palavra nação representa uma ideia complexa, mas há três aspetos, anunciados por Alexandre Herculano, pelos quais comumente se aprecia a unidade ou identidade nacional de diversas gerações sucessivas. De acordo com Alexandre Herculano, a nação constrói-se sobre três pilares: a raça, a língua e o território. Assim, podemo-nos questionar, qual era a referência ideológica que dava unidade ao nosso país e aos portugueses? A resposta é, era o Rei. Este, o era por graça divina e ele era a figura unificadora dos súbditos. Assim, no final do séc. XIX surge uma geografia

nacionalista que vai dizer bem da nação e do território. Um dos símbolos mais básicos da Geografia visível nas escolas era o mapa.

A geografia aparece na Universidade portuguesa no começo do séc. XX. Este aparecimento está relacionado com a necessidade de se formar professores de geografia, devido à necessidade da construção nacional (Estado-nação). Neste seguimento, nos finais do séc. XIX e início do séc. XX, surge a escola ecológica, que se subdivide nos deterministas e, sobretudo, nos possibilistas – de que Orlando Ribeiro constitui o grande expoente português.

No séc. XX, com a instauração da primeira república, a disciplina da Geografia perde importância, para as disciplinas de História e Português. Já em 1929, como Governo da Ditadura, valoriza-se a Geografia como auxiliar da História (Claudino, 2000) eno ano seguinte «os seus conteúdos chegam a ser lecionados na disciplina de Ciências Naturais e na de Ciências Geográfico-Naturais» (Claudino, 2015:5).

Em 1947, o Estatuto Liceal começa um novo período no ensino de Geografia, que dura até à reforma curricular de 1989 (Claudino, 2000). Assim, «a reforma de 1947 revaloriza o ensino de Geografia pelo seu papel na defesa de um império ameaçado pelas ideologias e movimentos anti-colonialistas, particularmente fortalecidos no final da 2ª Grande Guerra» (Claudino, 2000:195).

A eclosão da guerra colonial nos anos 60 veio realçar, ainda mais, o contributo da Geografia para o reconhecimento do império. Salientando-se, que os principais autores escolares do Estado Novo são, em grande parte, professores metodólogos de Geografia e antigos alunos de Amorim Girão (primeiro doutorado em Geografia, na Universidade de Coimbra) ou de Silva Teles (primeiro professor universitário de Geografia, em Lisboa). Contudo, entram em contacto com Orlando Ribeiro e a sua obra (Claudino, 2000).

Com a Revolução de 25 de Abril, ocorre uma mudança no discurso escolar, pois a geografia é colocada em causa, devido pela sua participação na causa colonial, passando a se privilegiar outras disciplinas das Ciências Sociais (Claudino, 2009). Em 1978/79 é realizada uma reforma apressada onde «*p*erdura o discurso possibilista e ruralista. Enuncia-se o objectivo de *Justificar as vantagens da entrada de Portugal na CEE* – a disciplina de Geografia continua a transportar o discurso político dominante.» (Claudino, 2000:200). No entanto, no 12º ano, recentemente instituído, sente-se a influência da Nova Geografia, que gera algumas reações negativas por parte dos docentes (Claudino, 2000).

Com a entrada de Portugal em 1986 na Comunidade Europeia, na reforma de 1989 passa-se a valorizar o estudo do continente europeu, em detrimento do país – o que pode anunciar um ciclo "europeu". (Claudino, 2015). Na década de 90, surge na União Europeia a acusação de um ensino demasiado teórico, que não prepara corretamente os cidadãos para a entrada do mercado de trabalho (CLAUDINO, 2001). Por conseguinte, no discurso educativo passa-se a valorizar a aquisição de determinadas competências pelos alunos, que lhe permitam uma melhor integração no mercado de trabalho e, assim, estimular a economia.

É assim que, em 2001, através da reorganização curricular do ensino básico, é implementado um ensino com vista ao desenvolvimento de competências, compreendido como o saber em ação (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001), que oposição à memorização de conteúdos. Segundo Claudino (2015:12) «há um claro esforço de desvalorização dos conteúdos e de flexibilização dos mesmos, em favor das competências, saberes práticos. Os tempos disciplinares são alargados de 50 minutos para 90 minutos: não se pretende uma aula expositiva, sim que os alunos trabalhem na pesquisa e tratamento de informação».

Além disso, segundo Claudino (2009), as intenções relativas ao desenvolvimento de competências nos alunos não foram concretizadas, pois as atividades dominantes dos manuais escolares centravam-se na memorização, exploração de documentos e respetiva produção, repetindo-se esta situação no 7º e 10º ano.

Perante este fracasso, o governo decide elaborar e implementar Metas de Aprendizagem, de forma a ajudar os docentes a atingir os objetivos estabelecidos, sobre o desenvolvimento de competências nos alunos. No entanto, mais uma vez as intenções se ficaram pelo caminho, pois «os manuais escolares continuavam a ser produzidos de acordo com as Orientações Curriculares de 2001, […] Foi ainda elaborado um Projeto de Metas de Aprendizagem de Geografia para o Ensino Secundário. Contudo, estas últimas não chegaram a ser, sequer, divulgadas pelo Ministério da Educação.» (Claudino, 2015:14).

Na realidade, em 2011, aconteceu uma mudança de governo e mais uma alteração curricular, que levou à aprovação das Metas Curriculares, que privilegiam a aquisição de conteúdos em detrimento das competências. Por conseguinte, toda esta situação gerou contestações por parte dos docentes (Claudino, 2015:14).

Por último, teceremos algumas considerações sobre a evolução das políticas educativas relativas à formação de professores de História e Geografia. Assim, antes da

implementação do processo de Bolonha em 2007, os professores de História e Geografia eram formados em cursos autónomos. Contudo, após a implementação do processo de Bolonha em 2007, os professores de História e Geografia passaram a ser formados numa formação única, através do Mestrado em Ensino da História e Geografia (Claudino, 2015).

Posteriormente, em 2011, foi lançada uma petição Pública Nacional visando anular a formação conjunta dos professores de História e Geografia. Neste seguimento, em 2014 foi aprovada a formação de professores em cursos autónomos, que entram em funcionamento em 2015/16 (Claudino, 2015).

Assim, há uma mudança nas finalidades do ensino da Geografia, a nível dos conteúdos e perspetiva ideológica, em grande medida relacionadas com as várias mudanças de governo e diferentes visões dos governantes, quanto ao serviço que o ensino da geografia deve prestar. Por último, tal como noutras disciplinas, nem sempre aquilo que é decidido a nível central, a nível da educação geográfica, é executado pelas escolas. Esta situação ocorre por vários motivos, salientando-se os seguintes exemplos: incongruências entre aquilo que é definido nos objetivos de aprendizagem e as atividades dominantes dos manuais escolares; desvalorização de experiencias educativas de caracter prático, pelo facto de as mesmas não serem valorizadas nos exames nacionais; dificuldades na lecionação de conteúdos e realização de um maior número de atividades práticas, face ao encurtamento dos tempos letivos de aulas, entre outros aspetos.

7. Teorias de Aprendizagem em sala de aula. O foco no ensino

7.1. Contextualização da escolha das teorias educativas que compreendem os modelos pedagógico-didáticos implementados

Antes de procedermos à abordagem das teorias educativas, que constituem os alicerces dos vários modelos pedagógicos implementados, parece-nos pertinente justificar qual o motivo da abordagem de várias teorias e não apenas de uma ou duas teorias.

Ao entramos numa sala de aula, deparamo-nos com uma grande diversidade de alunos, que possuem características muito diferentes uns dos outros e, em alguns casos, verifica-se também um elevado nível de multiculturalidade. A diversidade de contextos socioeconómicos traduz-se, também, em diferenças entre os mesmos, ao nível de conhecimentos, necessidades, capacidades que possuem. Além disso, os alunos são agrupados por níveis etários e, não, consoante as suas distintas características cognitivas e psicomotoras, como acontece em alguns países (Arends, 2008).

Acresce a tudo isto que as turmas aumentaram quanto ao número de alunos, e o tempo de aulas foi frequentemente reduzido e transformado em blocos de 90 e 45 minutos. As aulas de 90 minutos foram criadas para tentar colmatar o problema da falta de tempo para a realização de atividades práticas e a diversificação de tarefas. Ao comentar a reforma educativa de 2001, Alegria (2002: 96-97) também alerta para estas dificuldades e acrescenta ainda que a «persistência de conteúdos disciplinares extensos», dificulta ainda mais a tarefa do professor em gerir o currículo.

Além disso, os professores estão sujeitos à pressão de terem que conseguir cumprir os programas que as autoridades educativas lhes exigem. A par de todos estes problemas ainda se colocam outros, como a indisciplina em sala de aula, o aumento das horas de trabalho do professor e, por conseguinte, o seu desgaste físico e psicológico, as pressões exercidas pelas escolas sobre os professores, para a obtenção de bons resultados, que permitam às escolas subirem nos rankings, etc. (C.N.E., 2012).

Perante esta realidade educativa, é necessário que os professores realizem escolhas esclarecidas em termos de modelos pedagógicos, assentes em determinadas teorias educativas, desenvolvendo distintas metodologias e estratégias. Estas escolhas, naturalmente, têm de ter em atenção as características de cada turma.

Por conseguinte, na nossa opinião, não existe um modelo pedagógico perfeito,

como se tratasse de uma fórmula mágica, que possa ser aplicado a qualquer turma, com distintas características e que possa obter sempre bons resultados. Portanto, tal como Arends (2008), defendemos a utilização de modelos múltiplos, que mais adiante será discutido, de forma a conseguir ajudar todos os alunos a obterem bons resultados de desempenho. Ora, foi neste sentido, que optamos por várias teorias educativas ou invés de uma e que constituem os vários modelos pedagógicos e respetivas metodologias em que nos baseamos, salientando-se o *Behaviorismo*, o *Sociocognitivismo*, o *Construtivismo*.

7.2. O Behaviorismo e sua teoria comportamental na educação

O Behaviorismo é uma teoria da aprendizagem, que foi desenvolvida a partir dos contributos de vários comportamentalistas, tais como Ivan Pavlov, John Watson, Edward Thorndike e Burrhus Skinner. Para o desenvolvimento desta teoria, os comportamentalistas decidiram não prestar atenção ao que se passa no interior dos organismos, tal como o pensamento e a cognição mas, sim, focarem-se no estudo naquilo que pode ser observado, nomeadamente o comportamento (Arends, 2008).

No âmbito da educação, segundo os princípios desta teoria, o professor e aluno têm papeis bem definidos. De acordo com Arends (2008), os professores que seguem os princípios comportamentais começam as suas aulas determinando os objetivos que pretendem que os alunos alcancem, que se traduzem nos comportamentos a aprenderem pelos alunos. Os objetivos vão permitir aos professores medirem os resultados da aprendizagem de uma forma objetiva e precisa. Além disso, segundo os comportamentalistas, a estipulação dos objetivos, no início das aulas, permite ao professor «a clarificação das expectativas acerca do que se pretende com determinado processo educativo, qual o resultado esperado e quais os critérios de sucesso definidos. Daqui resultam vantagens claras para o educador, que vê definida a direção da situação de aprendizagem, e para o aluno, que compreende qual a mudança comportamental desejada.» (Bergano, 2002: 72-73).

O professor avalia o aluno «segundo critérios baseados nos objetivos alcançados. Por outro lado, o aluno escuta o professor, repete as informações transmitidas, tantas vezes quanto forem necessárias, para aprender o conteúdo transmitido.» (Araújo 2010:107). A aprendizagem do aluno pode ser observada através da manifestação de comportamentos observáveis e é adquirida através de uma «forma mecânica e automática

através de estímulos e respostas […]» (Araújo, 2010:106). Contudo, para que a aprendizagem ocorra, é necessário verificar uma alteração no comportamento do aluno, constituindo essa alteração de comportamento, uma resposta do aluno às condições do ambiente à sua volta (Bergano, 2002).

Segundo Arends (2008), tem especial importância para os professores o trabalho desenvolvido por Skinner acerca do condicionamento operante, em que tanto a aprendizagem como a ação do homem são o resultado de estímulos aplicados ao comportamento. Neste sentido, Skinner atribuí uma enorme importância aos estímulos provenientes do meio, que se associam e que afetam o organismo originando assim um repertório de respostas. (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

Por conseguinte, através do condicionamento operante, pode ser modelada uma resposta no organismo. Para que isto aconteça, o organismo deve emitir uma resposta, seguindo-se um estímulo reforçador (positivo ou negativo) que estimule o comportamento, ou uma punição que vise diminuir a probabilidade de ocorrência do comportamento em situações semelhantes posteriores (Arends, 2008). Ora, segundo estas premissas, o comportamento que é positivamente reforçado vai ocorrer novamente e só serão reforçadas as respostas desejáveis, até se chegar ao comportamento desejável. De facto, segundo Arends (2008), os educadores têm adotado esta teoria ao longo do tempo, continuando ainda hoje a verificar-se a aplicação de alguns dos seus métodos nas salas de aula.

Nesta perspetiva comportamentalista, o ensino é um arranjo de possibilidades sob as quais os alunos aprendem. Logo, cabe aos professores arranjar «[…] possibilidades especiais e que aceleram a aprendizagem, facilitando o aparecimento do comportamento […]» (Skinner, 1972:62). Neste sentido, torna-se muito importante verificar quais as condições presentes num determinado ambiente e que possam afetar os alunos pois, dependendo das condições que estão presentes no momento, o professor poderá ter possibilidade de alterá-las (Nogueira, 2013).

Contudo, segundo Nogueira (2013) a perspetiva comportamental e a análise experimental do comportamento tem vindo a perder seguidores desde 1960, que foi quando ocorreu a revolução cognitivista. Além disso, a teoria comportamentalista tem sido alvo de várias críticas ao longo do tempo, por não ter em consideração o que se passa no interior do organismo, tal como o pensamento e a cognição. Neste sentido, de acordo com Sprinthall e Sprinthall (1993:237), «já não podemos avançar à força com leis universais da aprendizagem associativa; temos, em vez disso, tentar identificar a

importância adaptativa de formas particulares de aprendizagem em estádios particulares do desenvolvimento. O organismo humano é, afinal, tanto biológico como psicológico». Além disso, muitos dos resultados dos trabalhos mais recentes sobre o condicionamento (Sligman; Keller; Marian Breland; o casal Breland), encontraram várias anomalias no paradigma comportamentalista, opondo-se assim à visão tradicional do mesmo (Sprinthall & Sprinthall, 1993). Também a teoria de Skinner sobre a aprendizagem da linguagem através do condicionamento operante não ficou sem ser contestada por vários especialistas, salientando-se o exemplo de Noam Chomsky, que atribui relevo aos fatores biológicos que tem influência no desenvolvimento da linguagem (Sprinthall & Sprinthall, 1993). Salienta-se, ainda, que a «mera transmissão de conhecimentos […] vem sendo progressivamente posta em causa, abrindo espaço à construção de conhecimentos, tanto nos modelos educativos como nos de formação (Leitão, 2009: 21).

Estabelecidos os pressupostos, é chegado o momento de nos interrogarmos acerca da viabilidade desta teoria na educação, tendo em conta as inúmeras críticas que a mesma tem sofrido ao longo do tempo. Assim, segundo Araújo (2010), o professor resume-se a um transmissor de informação que, através de estímulos e reforços, gera ou modifica comportamentos no aluno, que levarão este a adquirir o conhecimento, de forma mecânica, automática e passiva. Além disso, de acordo com a autora, o aluno apenas se limita a repetir as informações transmitidas até aprender o conteúdo transmitido, não sendo estimulado no mesmo o pensamento crítico e a criatividade. Contudo, para Nogueira (2013:208), a perspetiva comportamentalista e da aprendizagem social fornece ferramentas aos professores, que devem ser aproveitadas por estes. Para este autor, não é o controlo que deve ser debatido, mas sim «o que ou quem controla é que realmente interessa. […] Se alguém acaba por controlar, então que sejam os pais ou os professores.». Neste sentido, para Nogueira (2013), os professores podem através das ferramentas que lhe são facultadas compreenderem os comportamentos dos alunos e modifica-los de acordo com os pré-requisitos em falta, assumindo assim o controlo das situações.

Outra crítica realizada, segundo Mascarua, é a de que (1985:3) «Si establecemos objetivos conductuales con todas sus limitaciones como las únicas experiencias educativas que hay que proporcionar a los estudiantes, estaremos promoviendo hábitos de aprendizaje perniciosos. Estaremos destruyendo todas las otras posibilidades en la vida, no favoreceremos pensamentos críticos y autónomos.». No entanto, para Arends (2008) seja qual for o modelo de instrução usado, «os bons professores começam a suas aulas explicando os seus objetivos, criando um ambiente de aprendizagem e captando a

atenção dos seus alunos. […] uma versão abreviada dos objetivos ser escrita no quadro ou distribuída aos alunos uma folha. Isto proporciona aos alunos pistas acerca do que se irá passar. Além do mais, deve ser comunicado aos alunos o modo como os objetivos do dia se articulam com objetivos anteriores e, na maior parte das vezes, com os objetivos ou temas a longo prazo.». Também Taveira (2013) deixa, como sugestão, que o objetivo da aula seja claro para os alunos e que deva ser explicado. Ora, para Mérenne-Shoumaker (1999:16-17) «[…], qualquer que seja a classificação fixada, os objetivos distinguem-se sempre das finalidades do sistema educativo, fins fixados para os responsáveis da educação, e mesmo intenções do professor em que é preciso distinguir entre o que ele quereria fazer, o que pensa fazer e o que realmente faz […] De facto, um objetivo é um comportamento que se deseja ver manifestar-se em cada aluno após a aprendizagem. Também para Nogueira (2013) os professores devem definir objetivos para modificação de comportamentos não desejados e supervisionar todo o processo.

Por último, quanto à teoria do reforço, para Pereira (2013:452) a «Motivação extrínseca implica fazer alguma coisa com o objetivo de obter algo no final. A motivação extrínseca é influenciada pelos factores externos tais como prémios e punições.». Ainda para a autora (2013), apesar da perspetiva behaviorista não atribuir tanta importância á motivação intrínseca, as recompensas externas não devem de ser desprezadas, pois quer a motivação interior, como exterior devem de ser estimuladas.

Em resumo, apesar de algumas críticas incontornáveis a esta teoria, tais como a mesma não ter em conta os aspetos cognitivos, de o professor se resumir a um mero transmissor de informação, de o aluno adotar uma posição passiva em sala de aula, vários teóricos ainda veem vantagens na utilização de alguns dos métodos comportamentais. Assim, destacam-se a avaliação por objetivos alcançados, a aplicação da teoria do reforço e a observação e modificação de comportamentos não desejados. Parece-nos que o behaviorismo não desapareceu totalmente e que alguns dos seus métodos continuam a ser usados diariamente nas salas de aula e que são de grande utilidade para os professores.

7.3. O cognitivismo na educação

Para o desenvolvimento da teoria cognitivista contribuíram grandes teóricos, como Ausubel, Bruner, Piaget entre outros. Ao contrário do Behaviorismo, a teoria cognitiva descreve-se por «encarar as pessoas e os seus comportamentos como fontes de planos, intenções, objetivos, memórias e emoções, que são usados ativamente para prestar atenção, selecionar e construir significados sobre os estímulos e conhecimento derivados da experiência.» (Taveira, 2013:219). Assim, esta conceção não vê as pessoas como seres isolados dos estímulos ambientais e considera no processo da aprendizagem tanto aspetos cognitivos como o meio ambiente. Por conseguinte, nesta perspetiva «a aprendizagem envolve pensar, gerar e testar hipóteses, mentalmente, a partir das suas implicações, e depende mais das estratégias adotadas pelo sujeito do que estímulos ambientais» (Taveira, 2013:221).

Além disso, segundo Araújo (2010) a teoria cognitivista atribui relevância à compreensão e processamento da informação, mas também à forma como se entra em contacto com a mesma e ao significado que lhe é atribuído. Nesta perspetiva, a autora (2010), salienta que a aprendizagem é um processo onde existe um relacionamento entre a aquisição das novas informações com aquelas que já existem e que ocorre um armazenamento de informação, para utilizações posteriores. Quanto ao papel do professor, segundo Araújo (2010:108) o mesmo «deve assumir o papel de mediador, investigador, pesquisador, orientador e coordenador, propondo problemas que despertem os alunos para a construção do conhecimento.». No que respeita ao aluno, este «deve ser activo e observador, deve experimentar, comparar, relacionar, analisar, justapor, encaixar, levantar hipóteses, argumentar, etc. Cabe ao aluno encontrar a solução para os problemas que lhe são apresentados.» (Araújo, 2010:108).

Ora dentro da abordagem cognitivista, destacamos duas teorias de acordo com os modelos pedagógicos por nós optados: a teoria da aprendizagem verbal significativa, de David Ausubel, e a teoria da aprendizagem pela descoberta, de Jerome Bruner. Contudo, esta última teoria também pode ser enquadrada dentro das perspetivas socioconstrutivistas. No entanto, optamos por enquadrar a mesma no cognitivismo, por a mesma se referir à forma como se conhece a informação (pela descoberta) e também porque se refere à construção, compreensão e processamento da informação.

David Ausubel defendeu que todos alunos possuem uma determinada estrutura cognitiva já formada relativamente a respetiva área temática. Na opinião do autor, esta estrutura determina «a capacidade dos alunos para lidar com novas ideias e relações. O significado de novas matérias só pode emergir se estiverem ligadas a estruturas cognitivas já existentes, provenientes de aprendizagens anteriores.» (Arends, 2008:259). Segundo esta teoria, para que a aprendizagem ocorra, o professor deve criar duas condições. A primeira, é a de que o docente exponha os conteúdos de uma forma significativa, de forma a que os alunos consigam compreender as ideias principais como um todo coeso. A segunda, é a de que o professor relacione as novas informações com, com aquelas que eles já possuem e "prepare" as mentes dos alunos para a aquisição de novas matérias (Arends, 2008). Portanto, estamos aqui a falar acerca da utilização de organizadores prévios, constituindo esta uma grande estratégia pedagógica desenvolvida por Ausubel.

No que respeita à teoria da aprendizagem pela descoberta de Jerome Bruner, a mesma enfatiza a construção da aprendizagem através da descoberta do conhecimento pelos alunos, resultante do seu envolvimento em determinadas atividades, experiências e resolução de problemas. Assim, cabe aos professores ajudarem os alunos na construção do seu próprio conhecimento. Neste sentido, a aprendizagem pela descoberta enfatiza «a importância de ajudar os alunos a compreender a estrutura ou as ideias-chave de uma disciplina, a necessidade de um envolvimento activo dos alunos no processo de aprendizagem e a crença de que a verdadeira aprendizagem provém da descoberta pessoal.» (Arends, 2008:386).

7.4. Perspetivas construtivistas e socioconstrutivistas na educação

Nas várias vertentes do construtivismo, destacam-se nomes como Piaget, Dewey, Vygotsky, Bruner e Bandura, que muito contribuíram para o seu desenvolvimento. Independentemente das várias vertentes, atribui-se especial importância à construção do conhecimento pelo aluno, estando assim o processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno. Neste sentido, a aprendizagem em geografia deve ser «um processo de descoberta pelo aluno de soluções para os problemas sociais e ambientais abordados na aula» (Cachinho, 2000: 75). Esta abordagem, defendida na linha das teorias construtivistas, estimula o aluno a utilizar a prática investigativa para a resolução de problemas. Os conteúdos devem ser apresentados aos alunos como questões e, não, como certezas, para que eles possam problematizar as situações (Gozález, 1998). No entanto, para que o aluno

adquira essa autonomia considera-se necessário que o mesmo passe por um processo de aprendizagem adequado às suas capacidades.

Além disso, é dada liberdade ao aluno para ele aprender e cabe ao professor estimular a aprendizagem do aluno (Aráujo, 2010). Assim, «o professor deve ser um guia capaz de ajudar o aluno a entender um determinado assunto […] através do diálogo, oportunidade, cooperação, união e organização, até alcançar a solução dos problemas. O aluno deve participar no processo de aprendizagem juntamente com o professor e interagir com outros alunos, construir a sua própria compreensão dos assuntos, trazendo as suas experiências para serem discutidas em sala de aula. Deverá reelaborar os significados que lhe são transmitidos pelo grupo cultural e criar algo de novo a partir da observação efectuada nos outros.» (Aráujo, 2010:109).

Dentro das várias perspetivas socioconstrutivistas, destacamos algumas: a teoria da aprendizagem social cognitiva de Albert Bandura; a teoria de zona proximal de desenvolvimento de Lev Vygotsky; a perspectiva geral sobre a aprendizagem baseada em problemas e perspetiva geral sobre a aprendizagem cooperativa.

A teoria da aprendizagem social cognitiva, de Albert Bandura, tem em consideração tanto aspetos cognitivos como comportamentais no processo de aprendizagem dos alunos. Esta teoria vê os alunos como construtores do seu conhecimento e atores do seu desenvolvimento e atribuí relevo ao que os sujeitos fazem para definirem o percurso do seu próprio desenvolvimento.

Esta teoria continua a reter alguns dos aspetos principais das teorias clássicas da aprendizagem, tais como: «a ideia de que os comportamentos são aprendidos e não tanto desenvolvidos espontaneamente; a ideia que o comportamento é adquirido, mantido e modificado por mecanismos básicos de aprendizagem, como o reforço positivo ou negativo; a decomposição dos comportamentos complexos em unidades de análise mais simples […]» (Taveira, 2013:225).

Um aspeto relevante defendido nesta teoria é a importância atribuída à observação daquilo que os outros fazem, pois segundo a mesma, essa observação vai contribuir para o processo de aprendizagem (Arends, 2008). Por último, salienta-se ainda, que «o foco social da sua teoria reconhece as origens sociais de muitos pensamentos e acções humanas e o foco cognitivo reconhece os contributos casuais dos processos cognitivos da motivação humana para o afeto e a ação.» (Taveira, 2013:225).

No conceito de zona proximal de desenvolvimento de Lev Vygotsky, podemos identificar dois níveis de desenvolvimento que as pessoas possuem, o nível de

desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. Nesta perspetiva, o nível de desenvolvimento real diz respeito aos conhecimentos e capacidades que um individuo já possui e que lhe permitem resolver, por exemplo, um dado problema ou das aprendizagens que ele consiga realizar sozinho. Por oposição, a zona de desenvolvimento potencial refere-se ao nível que um individuo pode alcançar com a ajuda de um professor ou de alguém que já se encontre no nível seguinte. Neste sentido, o construtivismo social atribui importância à construção da aprendizagem em contextos sociais e à coconstrução do conhecimento (Melo & Veiga, 2013).

Acerca da perspetiva geral baseada em problemas, de acordo com Arends (2008:380), o papel dos professor é o de «apresentar problemas, fazer perguntas e facilitar a investigação e o diálogo. Mais importante ainda, o professor proporciona o suporte – uma estrutura de apoio – que promove a pesquisa e o crescimento intelectual.». Neste tipo de aprendizagem, o docente deve proporcionar na sala de aula um ambiente que permita a ocorrência de interações entre os alunos, de forma a ocorrer diálogo entre os mesmos para trocarem ideias. Além disso, a apresentação de problemas deve de ser baseada em problemas de situações reais que, por sua vez, estimulem a investigação e pesquisa dos alunos. Este tipo de aprendizagem, segundo Arends (2008:381), permite que através da colaboração entre os alunos a ABP promova «a pesquisa partilhada e o diálogo e o desenvolvimento do pensamento e de competências sociais». Por último, segundo o autor (2008), um professor pode optar por definir apenas um ou dois objetivos em cada aula de ABP, ou invés de optar por tentar alcançar todos os objetivos. Por exemplo, em vez de um professor pedir aos alunos para eles simularem papéis de adultos ou que procurem soluções para um dado problema, o professor pode pedir aos alunos para realizarem uma pesquisa na internet sobre um dado tema, para desenvolverem a competência de pesquisa.

Por último, vamos abordar a aprendizagem cooperativa. Ora, esta é uma aprendizagem em que os alunos trabalham em grupo, numa condição de interdependência para conseguirem obterem uma recompensa que irão partilhar, se forem bem sucedidos como grupo. Este tipo de aprendizagem fomenta competências como a cooperação e a colaboração de alunos que possuem diferentes experiências e condições e que, ao trabalharem por uma mesmo objetivo/recompensa, se aprendem a valorizar reciprocamente (Arends, 2008).

Além disso, na aprendizagem cooperativa «as equipas são constituídas por alunos com um rendimento elevado, médio e fraco» (Arends, 2008:345). Neste sentido, «os bons alunos orientam os maus alunos dando assim uma atenção especial aos pares com quem

partilham os interesses e a linguagem dos jovens» (Arends, 2008:345). Por outro lado, quando se trabalha em grupo e se expressam diferentes pontos de vista, se contrastam ideias e se elaboram em conjunto soluções ou alternativas, então «criam-se situações enriquecedoras para avançar e aprender. Os resultados do grupo costumam ser muito melhores do que se obteria individualmente» (Quinquer, 2004:7). Neste sentido, o trabalho em grupo torna-se muito estimulante para os alunos, pelo facto de a aprendizagem cooperativa ser «uma metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si, e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objeto» (Lopes & Silva, 2009:4). Neste sentido, segundo Vygotsky, a interação social com outros alunos estimula a construção de novas ideias e contribui para o desenvolvimento intelectual dos mesmos (Arends, 2008).

Estabelecidos os pressupostos e como foi salientado mais acima, defendemos a utilização de modelos múltiplos pelo motivo de «a verdadeira chave para um ensino eficaz é a capacidade de um professor utilizar um repertório variado de abordagens ao ensino que lhe permita satisfazer objetivos específicos de aprendizagem e as necessidades de alunos específicos» (Arends, 2008:307). Ora, isto só o é possível recorrendo à utilização de modelos múltiplos. Portanto, só assim será possível conseguir ajudar e levar a atingir o sucesso uma diversidade tão grande de alunos com características tão diferentes, que habitualmente existem numa sala de aula. Neste sentido, de acordo com Arends (2008:447) «a utilização de modelos múltiplos significa que os professores recorrem ao seu repertório de ensino e selecionam diferentes abordagens consoante os objetivos de aprendizagem. Isso significa também que são capazes de relacionar e de utilizar diferentes modelos em conjunto no decurso de uma única aula ou unidade de trabalho».

Assim, tendo em conta o que foi salientado anteriormente, deve-se optar pelo melhor conjunto de metodologias e estratégias, de diferentes modelos pedagógicos, que realmente respondam às características dos alunos de cada turma, de forma a satisfazer as diferentes necessidades dos mesmos. Logo, neste sentido, um professor que queira ser eficaz e que pretenda ajudar todos os alunos a alcançar o sucesso, não se deve de apoiar nas estratégias ou metodologia de apenas um único modelo pedagógico. Ao faze-lo tornar-se-ia redutor e ofereceria pouca capacidade de resposta a uma grande diversidade de alunos, que habitualmente costumam existir nas salas de aula.

7.5. Mapa concetual das opções pedagógico-didáticas tomadas à luz do programa da disciplina de docência e das características da turma

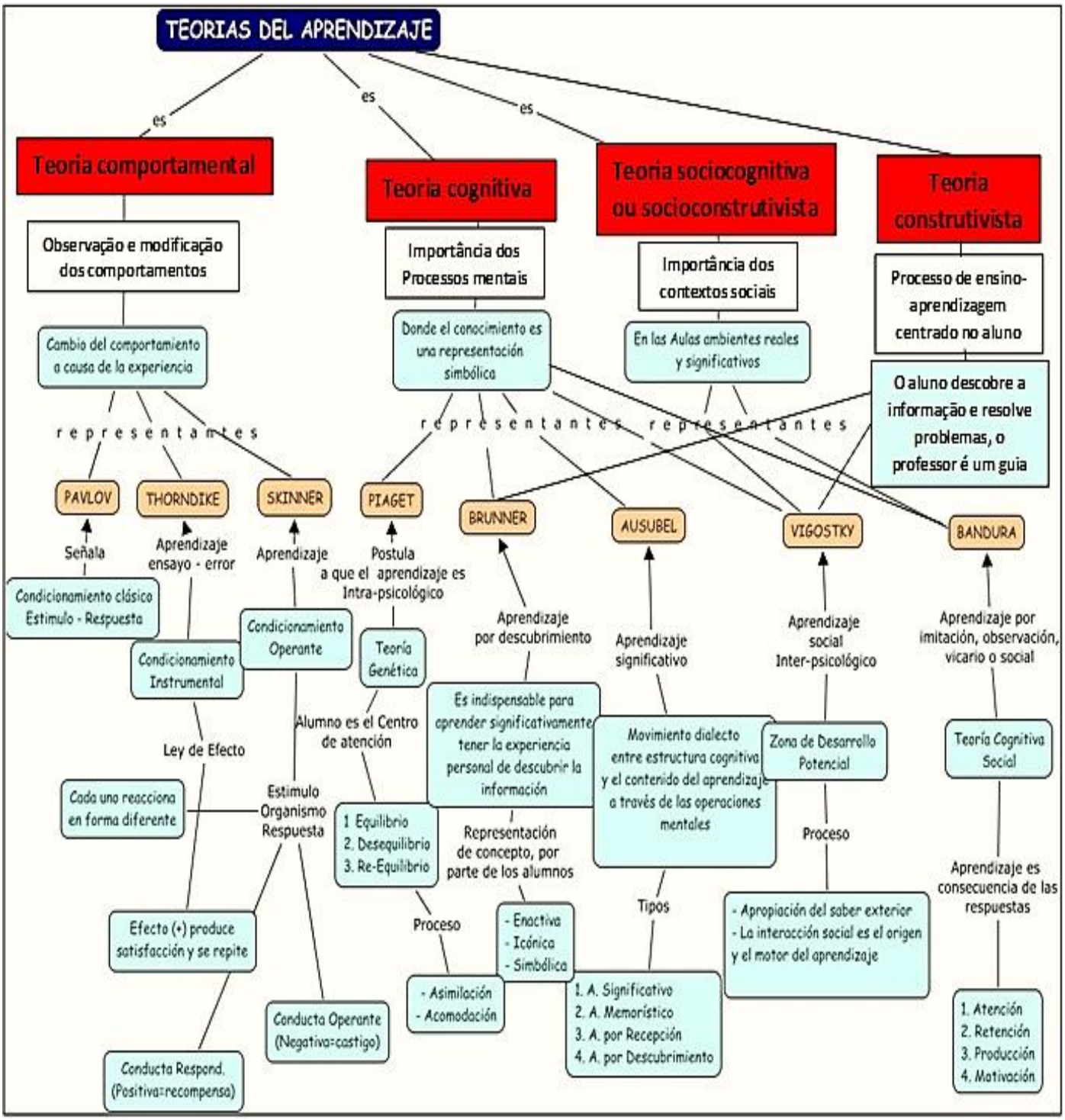


Figura 1 – Mapa conceptual das Teorias de Aprendizagem (adaptado pelo mestrando)

Fonte:

http://cmapspublic3.ihmc.us/rid=1190993559140_1528028994_2691/TEORIAS%20DEL%20APRENDIZAJE.cmap?rid=1190993559140_1528028994_2691&partName=htmljpeg

8. As T.I.C na educação geográfica

Com a expansão do processo de globalização e os avanços tecnológicos recentes, as sociedades têm passado por constantes transformações que se têm refletido na área da educação. Assim, as Tecnologias da Informação e Comunicação influenciam a área da educação através das suas redes globais, onde se verifica um acesso, partilha e interação de um volume de informação extraordinário (Dambros & Cassol, 2011). Além disso, com o desenvolvimento da internet, dos computadores e o acesso a diversas fontes de informações, «criam-se novos cenários para o papel que a escola deve desempenhar relativamente à promoção de situações educativas facilitadoras da realização de aprendizagens significativas» (Ucha & Zêzere, 2006:259), tendo em conta que estas alterações atravessam o exercício da prática pedagógica e influenciam o processo de ensino-aprendizagem. (Dambros & Cassol, 2011).

Por conseguinte, o progresso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), veio alterar os papéis dos atores educativos, influenciando os acontecimentos que decorrem nas salas de aulas resultantes do processo de ensino-aprendizagem (Pocinho & Gaspar, 2012). As escolas e os professores devem acompanhar estas mudanças, adequando os seus papéis às experiências de aprendizagem proporcionadas aos alunos e procurando implementar estratégias «para responder aos novos desafios tecnológicos e ao modo como a escola deve utilizar a tecnologia no desenvolvimento e reforço da qualidade das aprendizagens a realizar pelos alunos» (Ucha & Zêzere, 2006:258).

Neste contexto, ocorre necessariamente uma conjugação entre a educação e as TIC, que «permitem a articulação de conhecimentos tecnológicos e geográficos de forma lúdica e interativa, buscando dar significados aos conteúdos trabalhados». (Dambros & Cassol, 2011:1). Assim, as TIC, ao serem incorporadas na área da educação, transformam-se numa ferramenta muito útil, que permite envolver os alunos nas aprendizagens, captando a sua atenção e o seu interesse na área da Geografia (González, 2006), que é aquela que aqui nos importa.

Além disso, no que diz respeito ao ensino da Geografia, as TIC constituem uma ferramenta muito importante, no que se refere à facilidade e à qualidade com que as mesmas disponibilizam vários tipos de informações, quer de territórios próximos ou longínquos (González, 2006).

Por conseguinte, esta mudança de paradigma, veio suscitar várias questões, sendo as mesmas: Qual o papel da escola?; Qual o papel dos professores?; Qual o papel dos

alunos? (Pocinho & Gaspar, 2012).

No que se refere à escola, a mesma deve de proporcionar a todos os cidadãos o direito à educação, prestando um serviço, em que as diferenças entre crianças e jovens sejam respeitadas e cabe aos professores serem criativos e inovadores no desempenho do seu papel (Ucha & Zêzere, 2006). Contudo, «a escola não pode ficar alheia à influência e à necessidade de inserção de TICs na prática pedagógica, devendo assim (re)pensar em novas formas de ensino e aprendizagem que contemplem o atual estágio de desenvolvimento tecnológico» (Dambros & Cassol, 2011:6). Neste sentido, com o acesso a computadores, à internet e a diversas fontes de informação, surgem novos panoramas em que a escola deve de intervir de modo a proporcionar aos alunos aprendizagens que sejam verdadeiramente significativas (Ucha & Zêzere, 2006).

No entanto, para que as aprendizagens realizadas nas escolas sejam verdadeiramente significativas, o aluno deve reconhecer a importância daquilo que estuda. Neste sentido, devem ser valorizados conteúdos que abranjam determinados aspetos do seu quotidiano. Além disso, o aluno vai aprender com mais facilidade, se os conteúdos lhe forem próximos e se abarcarem determinados aspetos económicos e sociais da sociedade, em que o aluno se encontra inserido (Dambros & Cassol, 2011:5). Contudo, na visão de Ponte (2000:89), «o problema é levar a escola a contribuir para uma nova forma de humanidade, onde a tecnologia está fortemente presente e faz parte do quotidiano, sem que isso signifique submissão à tecnologia». Na visão do mesmo autor (Ponte, 2000:89), as TIC podem contribuir significativamente para uma mudança, no que respeita ao papel da escola e da sociedade e «a escola pode passar a ser um lugar da exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e debate».

Quanto ao papel do professor, o mesmo deverá incentivar os alunos a interagirem, a debaterem ideias, a realizarem pesquisas e a colaborarem uns com os outros. Deverá, ainda, propor trabalhos, acompanhando os mesmos, em que os alunos possam desempenhar vários papéis (Pocinho & Gaspar, 2012:145). Além disso, o professor deve também ajudar o aluno na pesquisa de informações, pois «para localizar información, hay que saber con claridad lo que se busca, determinar el tema, las palabras clave, los límites geográficos, el idioma,... y acotar la información solicitada» (Casado, 2006:331). Salienta-se, ainda, que deverá também se manter atualizado no domínio das TIC, fomentar valores e conhecimentos específicos, orientar e modelar determinadas atitudes, despertar a atenção do aluno para aquilo que o rodeia, de forma a preparar o aluno para situações futuras (Pocinho & Gaspar, 2012).

Neste sentido, para que os professores possam aplicar técnicas do campo das TIC adequadamente em sala de aula, os mesmos devem de possuir formação própria nas mesmas, pois só assim se podem atingir os objetivos estabelecidos em Geografia (González, 2006). Além disso, deve-se incentivar os professores a realizarem formações na área das TIC e a produzirem materiais, bem como outros recursos (González, 2006). Salienta-se, ainda, que o professor deve ter capacidade de selecionar e implementar aquilo que lhe pareça mais adequando, bem como capacidade de instruir-se autonomamente ou com a ajuda de outros professores (Ponte, 2000). Logo, «tal como o aluno, o professor acaba por ter de estar sempre a aprender. Desse modo, aproxima-se dos seus alunos» (Ponte, 2000:76).

Além disso, e ainda de acordo com Ponte (2000), o professor deve de conhecer muito bem o trabalho realizado pelos seus alunos de forma a poder-lhe esclarecer dúvidas, tendo o professor por vezes que realizar pesquisas. Deste modo, tanto professor, como o aluno serão envolvidos num processo conjunto de construção do conhecimento. No entanto, o professor não só se envolverá na aprendizagem com o aluno, mas também «com os colegas e com outras pessoas da sociedade em geral, deixando de ser aquele que apenas ensina, para passar a ser, sobretudo, aquele que (co)aprende e promove a aprendizagem» (Ponte, 2000:89).

Por último, o professor deverá ensinar o aluno a pesquisar, procurar e a gerir a informação, entre as várias fontes de informação que estão à sua disposição. Logo, neste processo de ensino aprendizagem o diálogo constitui uma estratégia fundamental. Assim, salienta-se que as TIC constituem uma ferramenta complementar para o exercício da prática pedagógica do professor, em que lhe são atribuídas determinadas funções importantes e não colocam em causa o papel desempenhado pelo professor (Pocinho & Gaspar, 2012).

No que respeita ao aluno, o papel deste também se altera, pois o seu desempenho na troca de informações é de grande pertinência. Logo, deverá manter-se atualizado acerca das mudanças sociais e terá um papel mais ativo no processo de ensino-aprendizagem, sendo o mesmo envolvido no processo de construção do seu conhecimento, através de várias estratégias, como por exemplo, a aprendizagem pela descoberta, pesquisa, simulações etc… (Pocinho & Gaspar, 2012).

No que respeita ao ensino da geografia, as vantagens obtidas pela implementação e utilização das TIC em sala de aula, são inúmeras, salientando-se os seguintes exemplos, em termos de auxílio na compreensão de conceitos e fenómenos geográficos: «explicar

el factor climático de la influencia marítima/continentalidad empleando una imagen de satélite con las temperaturas de los océanos, el movimiento de los centros de acción con una secuencia de imágenes del Meteosat, los procesos de sedimentación con una ortofoto del delta del Nilo, comentar los efectos de la deforestación de la Selva Amazónica casi en tiempo real, manejar como usuario los recursos de un SIG como es el SigPAC, observar el plano de una ciudad, etc. […] Otros recursos didácticos permiten fijar conocimientos de localización de países, ríos, etc. con cartografía interactiva que motiva a los alunos […]» (González, 2006:297). Além disso, as explicações do professor, ao serem acompanhadas por determinados recursos didático-tecnológicos (imagens, símbolos, etc…) vão permitir aos alunos uma melhor compreensão das ideias e conteúdos transmitidos (Ricarte & Carvalho, 2011).

Também a Declaração de Lucerne sobre a Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável, da Comissão de Educação Geográfica da União Geográfica Internacional, nos fala sobre a importância da TIC. Assim, para se conseguir alcançar o desenvolvimento sustentável é necessário que os cidadãos ajam de uma forma responsável e democrática. Logo, esta habilidade só poderá ser alcançada «através do acesso a informação atualizada e através da aprendizagem realizada ao longo da vida» (Hartwig, Sibylle & Yvonne, 2007:248). Por conseguinte, destacamos aqui o contributo que as TIC podem proporcionar às aprendizagens a serem realizadas para alcançar os objetivos geográficos definidos.

Assim, salienta-se que as TIC facilitam o processo de ensino-aprendizagem, pelo facto de interessarem e motivarem os jovens no trabalho através da suas ferramentas. Neste sentido, as TIC constituem um ótimo meio para se alcançar uma aprendizagem significativa. No que concerne às TIC, salienta-se o fácil acesso a inúmeras fontes de informação disponíveis na internet e úteis aos trabalhos desenvolvidos na educação geográfica (Hartwig, Sibylle & Yvonne, 2007). Além disso, através de software e hardware específico próprio da geografia (Sistemas de Informação geográfica, as simulações de computador, o GPS entre outros…) é possível acrescentam valor à Educação Geográfica «[…] providenciando fácil acesso a informações, a métodos novos e inovadores de ensinar e aprender com informações baseadas na web, e melhorar a comunicação e a cooperação […] Os benefícios da utilização das TIC contribuem para os fins e objectivos da Educação Geográfica e para o desenvolvimento sustentável em um sentido que as TIC ajudam: Adquirir conhecimento atualizado facilmente; A comparar informações contraditórias; A olhar as coisas de diferentes multi-perspetivas e pontos de

vista; Obter conhecimento direto sobre as atitudes e perspetivas das pessoas que estão pessoalmente afetados por questões de sustentabilidade (ou seja, os impactos dos desastres naturais, poluição ambiental, crises econômicas); Analisar o mundo e suas representações mentais; Para entender melhor as conceitualizações e atitudes sobre questões de sustentabilidade de pessoas de diferentes culturas; Para visualizar as questões ambientais-multidimensionais relacionadas com desenvolvimento sustentável; Promover habilidades de pensamento superiores, como síntese e avaliação; Para desenvolver a compreensão, habilidades, atitudes e valores necessários para um comportamento sustentável» (Hartwig, Sibylle & Yvonne, 2007:248 – 249).

Neste sentido, destaca-se o importante papel que as TIC vão desempenhar no futuro no ensino e na aprendizagem. Para além do que já foi salientado, as TIC também irão prestar um grande contributo em termos de pesquisa em novas áreas, promovendo assim um melhor entendimento de como ensinar e aprender em Geografia e ajudar a alcançar todos os grandes objetivos geográficos presentes na Declaração de Lucerne (Hartwig, Sibylle & Yvonne, 2007.

Por último, salienta-se ainda que as TIC proporcionam «a possibilidade de colaboração on-line permitindo reuniões virtuais entre pessoas de todo o mundo acrescentando um valor adicional aos meios digitais especialmente no contexto da aprendizagem intercultural e a aprendizagem global. […] Permitindo a cooperação entre escolas ao redor do mundo para apoiar ensino e aprendizagem com meios digitais / cooperação online» (Hartwig, Sibylle & Yvonne, 2007:249). Por conseguinte, na opinião de Schee (2014:9), o intercâmbio de informações geográficas entre pessoas de diferentes países «pode ajudar a discutir o conhecimento e as habilidades que são básicas no ensino de geografia». Além disso, Schee (2014) salienta ainda que para ocorrer mais desenvolvimento na área da pesquisa em educação geográfica é através da organização de grupos internacionais.

Por último, na opinião de Schee (2014:9), as tecnologias desenvolvidas na área da Geografia permitem «criar excelentes ligações ao mundo do trabalho e, mais especificamente, às oportunidades de empregabilidade», assegurando assim um crescimento sustentável.

Salienta-se, ainda, que existem várias fontes de informação e ferramentas ao dispor dos professores e alunos na internet como, por exemplo, o portal da Geografia Online, que disponibiliza artigos educacionais, tais como outros materiais didáticos e informações. Outro exemplo é o programa Skype, em que alunos e professores se podem

comunicar através de chamadas telefônicas e de videoconferência, sendo este programa gratuito. Também no Youtube, Google Vídeo, os alunos podem assistir vídeos gratuitamente e criar vídeos sobre várias temáticas da Geografia como, por exemplo, «vídeos que tratem dos aspectos sociais do seu bairro, das características das atividades econômicas da sua cidade, dos momentos políticos do seu município, de uma feira de ciências realizada em sua escola, etc.» (Ricarte & Carvalho, 2011:271). Neste sentido, os alunos tornam-se exploradores do espaço em que vivem, alcançando, assim, uma perceção de uma realidade bem diferente, que não poderia ser proporcionada pela sala de aula. Por conseguinte, os alunos tornam-se «cidadãos críticos e ativos em termos de ideias e ações viáveis que contribuam para a perceção dos problemas de sua comunidade, gerando soluções criativas para a melhoria do ambiente em que vive» (Ricarte & Carvalho, 2011:271).

Convém ainda lembrar que a utilização das TIC em sala de aula não deve servir apenas para facilitar a comunicação do professor para com os alunos, mas deve constituir «um meio de modernização, reforma e intercâmbio de experiências» (Pocinho & Gaspar, 2012:148). Além disso, a sua utilização pode contribuir para um maior envolvimento dos alunos, na construção das suas aprendizagens, fomentando assim um maior interesse e gosto pelas mesmas (Pocinho & Gaspar, 2012).

Contudo, apesar dos benefícios resultantes da implementação das TIC em sala de aula, aquilo que se verifica é que existe falta de desenvolvimento metodológico na área das TIC nas escolas, de forma a facilitar a sua implementação e utilização por parte dos professores e alunos (Dambros & Cassol, 2011). Segundo Herculano (2004:5), «a formação de professores e o deficiente equipamento da generalidade das salas de aulas são pouco favoráveis ao uso das TIC, como os SIG, a Internet, … susceptíveis de tornar a aprendizagem da geografia mais estimulante e, sobretudo, aproximá-la mais das reais necessidades dos alunos, tanto no presente como na sua vida futura». Na opinião de Clemente (2006), apesar de existir cada vez mais professores a utilizar as TIC, ainda existem muitos docentes que se recusam a utilizar as mesmas.

Neste sentido, confirmar-se por um lado «a necessidade de promover nas escolas uma prática pedagógica de Geografia mediada por TICs, na qual os sujeitos da educação apropriam-se de recursos tecnológicos para colocá-los a serviço da formação de um aluno/cidadão consciente, crítico e autônomo» (Dambros & Cassol, 2011:2). Além disso, cabe às instituições proporcionar os meios necessários aos professores, que lhe permitam implementar novas estratégias no processo de ensino-aprendizagem, clarificando qual o

papel das TIC no mesmo (Clemente, 2006).

No entanto, de acordo com Ponte (2000:66), o emprego das TIC também suscitam alguns problemas, como, por exemplo, «os *softwares* que prometem muito e dão pouco. São as soluções «chave-na-mão» pelas quais se paga uma exorbitância para logo a seguir se perceber que o produto não serve os objetivos pretendidos. São as expectativas e os mitos que se criam e que não têm qualquer hipótese de sustentação. São, também, as dependências e as estratégias de facilidade que põem em causa valores fundamentais […]». Contudo, Ponte (2000) refere que é necessário fazer frente aos vários problemas que vão surgindo na área das TIC, devendo-se compreender o seu alcance antropológico e social. Na opinião do autor, as TIC pode ser utilizadas como instrumentos nas escolas, de uma forma livre e criativa pelos professores e alunos em várias atividades. Além disso, segundo Ponte (2000:75), as TIC podem contribuir de uma forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem, pelas possibilidades «de criação de espaços de interacção e comunicação, pelas possibilidades alternativas que fornecem de expressão criativa, de realização de projectos e de reflexão crítica».

Por último, na visão de Ponte (2000), para que as TIC consigam ter sucesso na área da educação, é necessário solucionar um paradoxo. Assim, por um lado, as TIC devem de ser integradas nas escolas sem receios, criando as escolas possibilidades para a sua inserção e aplicação formativa. Por outro lado, as TIC deve de ser enquadradas nos currículos dos alunos, com o objetivo de ocorrerem aprendizagens significativas, em que os alunos reconheçam a sua importância e utilidade. Neste sentido, «las TIC «[…] pueden resultar una amenaza o una oportunidad dependiendo de como se afronten los retos de la Sociedad de la Información […] los alumnos […] deberán desenvolverse […] la formación continua y la adquisición de habilidades de comunicación interactiva, les aportaran ventajas competitivas» (Casado, 2006:333).

Em resumo, a integração das TIC no currículo dos alunos, desde que seja bem planeada, ocorrendo aprendizagens significativas, proporcionam vários benefícios ao processo de ensino-aprendizagem, seja tanto para alunos como para professores. Por um lado, a utilização das TIC em sala de aula, criam condições aos professores, para que ensinem de uma forma mais criativa, ao utilizarem as TIC de forma a criarem várias estratégias que tornem mais significativas as experiências educativas. Além disso, as TIC permitem estimular a motivação dos alunos, ao serem envolvidos na construção do conhecimento, durante as aprendizagens realizadas. Por outro lado, os alunos, adquirem determinadas competências no seu currículo, como o aprender a utilizar determinados

programas, a aceder a inúmeras fontes de informação, a tratar vários tipos de dados, etc… Tudo isto, será valorizado no seu currículo, quer a nível académico, como a nível profissional, tendo em conta a sociedade atual do conhecimento em que vivemos.

Salienta-se ainda que as TIC permitem a colaboração online de pessoas de diferentes lugares do mundo, proporcionando o intercâmbio de informações que ajudem a desenvolver o conhecimento e habilidades geográficas. Para além disso, também a pesquisa em educação geográfica pode ser estimulada através da organização de grupos internacionais. Não esquecendo, que as TIC proporcionam aos jovens oportunidades de emprego através das tecnologias que são desenvolvidas na área da Geografia, permitindo assim a ocorrência de um crescimento económico sustentável.

No entanto, verifica-se a necessidade de formar professores com competências e saberes, que lhes permitam implementar e utilizar corretamente as TIC em sala de aula. Por conseguinte, tanto universidades, como escolas devem se empenhar em formar professores com competências na área das TIC. Além disso, as escolas devem de dispor de equipamentos, salas e condições apropriadas que permitam a sua aplicação, promovendo ao mesmo tempo o seu uso.

Contudo, a aplicação das TIC em sala de aula deve de ser muito bem pensada, para que as mesmas possam trazer benefícios ao processo de ensino-aprendizagem e não desvantagens. Neste sentido, tanto as escolas como os professores devem de pensar acerca das finalidades da sua integração no currículo dos alunos e da sua utilização em sala de aula. Assim, aquilo que se pretende é que exista uma correta aplicação racional das mesmas e que as aprendizagens resultantes permitam uma valorização do aluno e da sua integração na sociedade.

9. Atividades com caracter lúdico e sua importância em sala de aula

Antes de falarmos sobre a importância das atividades lúdicas em sala de aula, torna-se imperativo clarificar o significado da palavra lúdico, com origem no Latim *Ludus*. A palavra lúdico significa jogo, divertimento, brincadeira, distração, entre outros significados, sendo que as atividades lúdicas sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade (Roloff, 2010; Cintra, Proença & Jesuino, 2010; Maurício, 2009; Modesto & Rubio, 2014; Santana, Cruz & Santos, 2014). Neste sentido, a atividade lúdica caracteriza-se por ser uma atividade que proporciona prazer e divertimento durante a sua realização, ao contrário por exemplo, do trabalho que é uma atividade considerada como uma obrigação e que o interesse só se mantem, enquanto existir uma recompensa. Além disso, a atividade lúdica caracteriza-se essencialmente por possuir uma motivação de origem intrínseca, ao contrário do trabalho que se caracteriza por ser uma atividade motivação extrínseca (Gaite, 1996). Salienta-se ainda que as atividades lúdicas são imprescindíveis à saúde física, intelectual e emocional (Maurício, 2009) e ao desenvolvimento moral e social das crianças (Leite & Rodrigues, 2001). Contudo, durante muito tempo as atividades lúdicas foram vistas apenas como uma forma de as pessoas ocuparem o seu tempo, praticando atividades do seu interesse, que proporcionam divertimento. No entanto, essa perspetiva alterou-se a partir de autores como Vygotsky (Modesto & Rubio (2014:13). Assim, as mesmas demonstraram possuir uma grande importância e eficácia em aprendizagens realizadas em instituições escolares, tendo-se difundido essencialmente com o movimento da Escola Nova e respetivos métodos ativos. Por conseguinte, passou-se a acreditar «que brincando e jogando, o educando direciona seus esquemas mentais para a realidade que o cerca, aprendendo-a e assimilando-a mais fortemente» (Freitas & Salvi, 2007:4).

Por conseguinte, reconhecida a grande importância das atividades lúdicas, as mesmas tornaram-se essenciais em sala de aula, considerando-se que «o lúdico pode trazer à aula um momento de felicidade […] acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam, de forma mais significativa» (Roloff, 2010:2). Além disso, vários autores (Roloff, 2010; Cintra et al, 2010; Lima, 2008; Maurício, 2009; Modesto & Rubio, 2014), identificaram o desenvolvimento de determinadas competências, pessoais, sociais ou académicas na realização de atividades lúdicas, como por exemplo a comunicação e a expressão, a socialização, o pensamento, melhoramento da conduta e auto-estima, a criatividade, a

aquisição de comportamentos, valores e atitudes, aprender a explorar o desconhecido, apreender a fazer, a colocar em prática hipóteses, aprender com os seus erros e a aceitar os seus fracassos, entre outras competências. Salienta-se ainda, que este tipo de atividades permite também desenvolver nos alunos «atenção e percepção; capacidade de reflexão […] e outras habilidades importantes para o desenvolvimento da pessoa humana» (Santana et al., 2014:3). Ora, o desenvolvimento de todas estas competências através das atividades lúdicas, possibilitam a preparação de cidadãos capazes de «[…] enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor» (Maurício, 2009:1).

Ora, neste sentido pensamos que o professor de Geografia deve aproveitar as vantagens proporcionadas pela realização de atividades lúdicas. Sendo que «através de ellos podrá introducir estímulos positivos en la classe y despertar el interés de los alunos por aquellos temas que necessariamente han de abordar a lo largo del curso y, de manera especial, a la hora de trabajar aquellos contenidos que les resultan áridos o especialmente difíciles de assimilar» (Gaite, 1996:81). Neste sentido, a introdução de atividades lúdicas nas aulas contribuí significativamente para a construção de conhecimentos pelos alunos, através de processos de socialização e cooperação (Roloff, 2010; Leite & Rodrigues, 2001), proporcionando ainda prazer e divertimento aos alunos no decurso das aprendizagens (Santana et al., 2014).

Para além disso, no ensino da Geografia, o professor poderá através de atividades lúdicas oferecer mecanismos que permitam aos alunos compreender o espaço, constituindo este um dos principais objetivos do estudo da Geografia. Neste sentido, as atividades lúdicas constituem uma vantagem para uma melhor leitura espacial e compreensão do mundo (Santana et al., 2014). As atividades lúdicas são também empregues em atividades que tenham como objetivo abordar conteúdos como: «posições geográficas; noções preliminares de distância, tamanho e lateridade, noções prévias para o trabalho com escalas» (Santana et al., 2014:5).

Outro objetivo pretendido com a realização deste tipo de atividades será o de os alunos demonstrarem os conhecimentos que possuem acerca do seu quotidiano (Souza & Yokoo, 2013), de forma a que o professor promova o encontro com o conhecimento científico (Santana et al., 2014), através da realização de diferentes tipos de jogos, como por exemplo: mercados, geopolíticos ou bingo geográfico (Santana et al., 2014; Freitas & Salvi, 2007). Por conseguinte, tudo aquilo que seja de interesse e «que ocorre nos diferentes espaços seja nos bairros, cidades ou países do mundo, podem acarretar na criação de jogos estratégicos, sejam eles de mercados ou geopolíticos» (Freitas & Salvi,

2007:10).

Por conseguinte, cabe aos professores de Geografia criarem uma aproximação entre os conhecimentos do quotidiano que os alunos levam para as aulas e o conhecimento geográfico científico, podendo isto ser realizado através da exploração de materiais didáticos em atividades lúdicas (Santana et al., 2014:5).

Além disso, os professores de Geografia podem encontrar na realização de atividades lúdicas em sala de aula, uma ferramenta muito útil para combater o insucesso e abandono escolar, através da realização de atividades que captem os interesses e motivem os alunos. Neste sentido, destaca-se a elevada importância que este tipo de atividades possui, sendo consideradas «como um mecanismo de grande relevância para um maior envolvimento com a disciplina de Geografia, ajudando, desse modo, à construção dos conceitos geográficos que se fazem importantes e necessários para a formação de cidadãos críticos e conscientes frente à realidade» (Santana et al., 2014:9).

Por conseguinte, com base nas investigações realizadas sobre este tipo de ensino, existem cada vez mais professores convictos de só se poderem alcançar aprendizagens significativas e desenvolver ao máximo as potencialidades dos alunos, através da realização de experiências educativas, que vaiam de encontro aos interesses e motivações dos alunos (Gaite, 1996). Além disso, estas experiências educativas tornam-se importantíssimas no papel desempenhado pelos alunos, ao permitirem que os alunos se tornem sujeitos ativos nas aprendizagens e construtores dos seus próprios conhecimentos (Gaite, 1996; Modesto & Rubio, 2014). Neste sentido, as atividades lúdicas fazem parte das estratégias e metodologias das pedagogias ativas, por as mesmas serem consideradas uma «fonte simultânea de prazer/aprendizagem/desenvolvimento» (Leite & Rodrigues, 2001:30). As aprendizagens realizadas ocorrem com mais motivação, emoção e facilidade, sendo que os alunos divertem-se ao aprender, sem deixarem de aprender permitindo processos de socialização e cooperação entre os alunos (Modesto & Rubio, 2014; Santana et al, 2014; Leite & Rodrigues, 2001). Salienta-se ainda, que este tipo de atividades fortalecem a relação pedagógica entre aluno e professor (Modesto & Rubio, 2014).

Outro aspeto importante a salientar, é que «el geografo, al no poder reproduzir en el laboratório los hechos y fenómenos que estuda, los reproduce recurriendo a la simulación y al juego. Esto le permite abordar com sencillez ciertos temas de carácter complejo, ya que a través de este recurso puede abstraer lo essencial de cada situacion […]» (Gaite, 1996:84). Neste sentido, segundo Gaite (1996), a realização de jogos e

simulações em sala de aula são uma mais-valia para as aulas de Geografia, ao permitirem "a reprodução" de fenómenos do passado e do presente.

No que respeita aos jogos, de acordo com alguns autores (Gaite, 1996; Leite & Rodrigues, 2001**)**, os mesmos desempenham um papel essencial no desenvolvimento de capacidades e habilidades das crianças, quer na sua infância ou adolescência, divertindo e interessando as crianças e jovens, ao longo do seu crescimento. Além disso, contribuem significativamente para a formação da sua personalidade adulta e processo de amadurecimento. Na opinião de Modesto e Rubio (2014:6), o jogo facilita a captação da atenção dos alunos, estimula o respeito e a confiança e aproxima os alunos uns dos outros. Na visão de Maurício (2009:1) é «através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona ideias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, o que é mais importante, vai se socializando». Também do ponto de vista de Souza e Yokoo (2013), o uso de jogos em sala de aula facilita a compreensão de conceitos geográficos. Contudo, segundo Souza e Yokoo (2013:5) «no ensino de Geografia as atividades lúdicas devem tratar de questões e fatores das mais diversas áreas como distribuição geográfica, mapas, localização territorial, ou seja […] acontecimentos políticos que exerçam influencia sobre a população de um modo geral. O ambiente a ser recriado pelos jogos deve entrar em contato com determinado tipo de acontecimento ou processo, e as possíveis evoluções que a sociedade passou, fazendo com que o aluno possa acompanhar essas transformações». Além disso, o professor deve de conhecer vários tipos de jogos e saber bem qual o seu funcionamento, de forma a controlar o jogo e «propor e adequar as situações lúdicas ao estágio de desenvolvimento proximal no qual a criança se encontra, atendendo aos seus motivos e necessidades» (Lima, 2008:144).

Neste sentido, as atividades lúdicas, tornam-se instrumentos de aprendizagem que facilitam a aquisição de conhecimentos, tornando-se numa «estratégia insubstituível para ser usada como estímulo na construção do conhecimento humano e na progressão das diferentes habilidades operatórias, além disso, é uma importante ferramenta de progresso pessoal e de alcance de objetivos institucionais» (Freitas & Salvi, 2007:4).

Contudo, de acordo com alguns autores (Leite e Rodrigues, 2001; Breda & Picanço, 2013), é preciso ensinar as crianças a aprenderem a jogar e a cooperar umas com as outras onde ocorram aprendizagens positivas e se evite situações de competição negativas em, que as atividades tenham como resultado meras atividades recreativas. Assim, «competição durante o jogo precisa ser sadia e natural, em que o aluno não busque

tão somente superar seus desafios, mas agregar conhecimentos a fim de obter o desenvolvimento das competências e habilidades da Geografia como a correlação e análise/localização» (Breda & Picanço, 2013:6).

No entanto, Leite e Rodrigues (2001:34) não defendem a exclusão de toda a competição (mesmo se isso pudesse ser possível). Os autores (2001) defendem «que existem jogos em que a competição está presente, permitindo canalizar algumas tensões e agressividades, sem que isso signifique tornar o acto de jogar numa situação de fracasso e de angústia individual ou colectiva. Claro que tudo isto depende do sentido que se dá ao jogo – se o objetivo é apenas ganhar, contra tudo e contra todos, ou apenas jogar pelo prazer que isso representa, sabendo que é necessário obedecer a algumas regras. Nesta dimensão, o professor/educador tem um papel primordial de intervenção face a situações de rejeição e exclusão e de relações de poder, ou seja, tem um papel regulador de possíveis efeitos perversos da competição». Além disso, segundo ainda estes autores, as situações de competição, durante o processo de aprendizagem, podem estimular a solidariedade e a auto-estima entre os alunos, desde que as experiências educativas sejam bem planeadas e executadas. Assim, «os participantes criam para si um mundo diferente do mundo habitual e estabelecem certos limites de tempo e espaço, que devem ser respeitados» (Lima, 2008:144). As atividades lúdicas estão mais presentes na escola anglo-saxónica de Geografia, tendo os jogos emergido nos anos 60/70 muito associados à Nova Geografia (Claudino, 2001). Recorde-se, a publicação, em 1969, por Rex Walford, de "Games in Geography", livro que constitui um marco na educação geográfica – muito embora o objetivo fosse não só promove ro caráter lúdico na aprendizagem da Geografia, como exercitar a tomada de decisões sobre o território, em jogos de simulação.

No que respeita aos jogos de simulações geográficos, começaremos por definir o seu próprio conceito. Assim, «en Geografía se considera como juegos de este tipo aquellos que *reproducen de forma simplificada un sistema, modelo o processo – real o realizable – en el que los participantes han de tomar una serie de decisiones con el fin de dar solución a determinados problemas que se les plantea.* Por tanto, se caracterizan porque simulan situaciones propiás de la vida real en las que las decisiones de los participantes, su ingenio y sus estratégias condicionan el desenvolvimento de los acontecimentos y el resultado final de las situaciones creadas. En ellos los protagonistas son sempre las personas y un entorno condicionante (físico, tecnológico, cultural, politico, etc.), que puede estar referido al momento presente o a diversos momentos del passado o del futuro» (Gaite, 1996:83). Ora, ainda de acordo com Gaite (1996), os jogos

de simulação oferecem várias vantagens, tais como: motivam os alunos; contribuem para o desenvolvimento de aprendizagens significativas, duradoras, ativas e por descoberta; facilitam a compreensão de determinados conceitos complexos; desenvolvem o pensamento lógico no sentido de tomar decisões; permitem que os estudantes consigam ter uma visão holística dos conteúdos estudados de um determinado tema; possibilitam que cada aluno aprenda ao seu próprio ritmo, de acordo com as suas capacidades; estimulam a relação pedagógica entre professor-aluno; contribuem para os processos de socialização e cooperação e promovem uma formação completa dos alunos. No entanto, «os jogos e as atividades que tem por objetivo a interação do aluno precisam ir além do processo de avaliação, devendo ser utilizados como objetos indispensáveis para o desenvolvimento intelectual do mesmo» (Souza & Yokoo, 2013:1).

Outra atividade lúdica a empregar no ensino da geografia, poderá ser a música, pois «existem inúmeras letras que contêm alguns conceitos abordados pela Geografia, ao tempo em que ilustram o cotidiano da vida dos alunos» (Santana et al, 2014:6). Também o quebra-cabeças poderá constituir outra atividade interessante para ser empregue nas aulas de Geografia, sendo que este pode ser utilizado consoante os conteúdos a abordar (Souza & Yokoo, 2013; Santana et al, 2014). Por último, salienta-se ainda outros jogos geográficos como o dominó, jogo de tabuleiro e jogo da memória, que também podem ser utilizados no ensino da Geografia (Breda & Picanço, 2013). Por conseguinte, os professores que não acreditam neste tipo de atividades ao invés de facilitarem o exercício da sua tarefa, não aproveitam as suas vantagens (Roloff, 2010).

Neste sentido, os docentes que ainda resistem à implementação deste tipo de atividades ou que desconhecem as suas vantagens, necessitam de entender que as atividades lúdicas facilitam o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, «ao aplicarem o recurso lúdico em sala de aula, os professores tornam-se «o mediador e exercendo papel fundamental, ativo e dinâmico no processo, levando os alunos a agirem, pensarem, sentirem, também de modo ativo e dinâmico, estimulando alcançar sua autonomia» (Modesto & Rubio, 2014:13). Além disso, pretende-se também estimular nos alunos o seu raciocínio, desenvolver a sua intelectualidade, tornar os mesmos mais responsáveis, motivados e críticos (Souza & Yokoo, 2013)

Por último, algumas experiências educativas realizadas sobre este tipo de atividades confirmam o desenvolvimento dos alunos a vários níveis, tais como cognitivo, emocional e social (Freitas & Salvi, 2007; Souza & Yokoo, 2013; Breda & Picanço, 2013; Santana et al., 2014). Assim, reconhece-se o valor das atividades lúdicas no processo de

ensino-aprendizagem em Geografia, em que as mesmas podem «contribuir para um ensino-aprendizagem descontraído e espontâneo quanto às Noções cartográficas que devem ser desenvolvidas na criança para que esta consiga localizar-se, orientar-se e representar o espaço, seja ele real ou representativo» (Breda & Picanço, 2013:17).

Assim, podemos concluir que as atividades lúdicas facilitam, dinamizam, inovam e contribuem para o desenvolvimento e melhoramento do processo de ensino-aprendizagem ao permitirem motivar os alunos para atividades, que canalizam a sua atenção e interesse, desde que bem preparadas e executadas. Logo, os alunos têm a possibilidade de aprender de uma forma divertida e descontraída, seja individualmente ou em grupo. As mesmas atividades lúdicas permitem a aquisição de vários tipos de competências pessoais, sociais ou académicas. Assim, «pesquisar, testar, buscar diferenciadas propostas pedagógicas não é só necessário, é urgente» (Freitas & Salvi, 2007:21).

Por último, «considera-se que os jogos são excelentes ferramentas de motivação para a aprendizagem de Geografia contribuindo para a capacidade de tomar decisões, facilitando visualizar um conjunto de fatos e eventos geográficos, além do espírito de grupo e de capacidade criativa e crítica» (Souza e Yokoo, 2013:5). Torna-se, por isso, imperativo reconhecer por parte das instituições formadoras de professores, escolas e docentes, as vantagens que a implementação de atividades lúdicas em sala de aula pode oferecer ao ensino da Geografia, sendo também importante incentivar à utilização das mesmas.

SEGUNDA PARTE – CONTEXTO ESCOLAR

1. Loures, um concelho suburbano da Área Metropolitana de Lisboa

O concelho de Loures localiza-se na Área Metropolitana de Lisboa e na margem direita do rio Tejo, compreendendo 10 freguesias e duas cidades, Loures e Sacavém. Com uma área de 168 Km^2 e uma população perto de 200 000 habitantes, pode-se observar territórios claramente urbanos e outros de caraterísticas mais rurais, do que resulta uma grande diversidade de paisagens[2].

O concelho de Loures possui um grande património diversificado. Nas atividades económicas, reconhece-se a atividade agrícola, de são exemplo a produção vitivinícola de Bucelas, bem como o facto de aí se localizar o Mercado Abastecedor da Região de Lisboa; a indústria de conteúdos audiovisuais; mas, naturalmente, a maioria da sua população trabalha nos serviços, frequentemente em Lisboa, como é típico dos municípios suburbanos da Área Metropolitana Norte.

Loures possui modernas infraestruturas públicas, equipamentos coletivos de lazer e boas acessibilidades viárias. Contudo, encontra-se no único eixo suburbano de Lisboa que não possui transporte ferroviário, o que penaliza fortemente a sua população.

Também como município suburbano, com habitação mais barata, acolhe pessoas de várias nacionalidades, religiões e etnias, originando assim a existência de uma determinada multiculturalidade no concelho. Prova disso, foi o facto de a população de nacionalidade estrangeira em Loures ter quase duplicado entre 2001 (2,90%) e 2011 (4,52%).

Na freguesia de Loures (fig. nº 2), onde se encontra a sede de município, há um grande desenvolvimento de atividades comerciais e de serviços em várias áreas, como seria expectável.

A freguesia possui também vários equipamentos de utilização coletiva, como, por exemplo, o Parque da Cidade, as Piscinas Municipais, o Museu Municipal, a Biblioteca José Saramago, entre outros que acrescentam valor à cidade.

Concluindo, o concelho de Loures apresenta-nos na sua constituição, um mosaico de contrastes e diversidade. Como já foi referido, observa-se no mesmo (fig. nº1) distintas paisagens, rurais e urbanas.

[2] Câmara Municipal de Loures, acedido em 22 de Agosto de 2015 em http://www.cm-loures.pt

Figura nº2 – Vista aérea do concelho de Loures. Fonte: https://www.flickr.com/photos/vitor107/2829960937

Na freguesia de Loures (fig. nº 3), a população residente aumentou na última década, tendo passado de quase 24 500 habitantes, em 2001, para perto de 27 500 habitantes em 2011. Por sua vez, também a população residente do concelho de Loures aumentou, passando de 199 059 habitantes em 2001, para aproximadamente 205 000 habitantes em 2011[3], o que significa um maior dinamismo demográfico na freguesia. No concelho, em 2011, o grupo etário dos 15 aos 64 anos possuía 18 729 habitantes e a população ativa atingia os 14 348 habitantes, mas com as dificuldades económicas que o país atravessou entre 2001 e 2011 a taxa de desemprego quase triplicou, aumentando de 4,9% em 2001, para 10,16% em 2011[4].

No que respeita à taxa de abandono escolar, esta também aumentou ligeiramente,

[3] Câmara Municipal de Loures, acedido em 22 de Agosto de 2015 em http://www.cm-loures.pt/media/provisorio/pdf/censos2011.pdf
[4] Instituto Nacional de Estatística, acedido em 22 de Agosto de 2015 em http://www.ine.pt

passando em 2001 de 1,77% para 1,92%, em 2011. Por sua vez, a taxa de analfabetismo diminuiu entre 2001 (5,78%) e 2011 (3,39%)[5].

Concelho de Loures

Figura nº3 – **CML**, *Mapa do Concelho de Loures*, adaptado por **João Varandas**, Universidade de Lisboa/Instituto de Educação, 2015. Fonte: Departamento de Planeamento e Gestão e Urbanística da Câmara Municipal de Loures

[5] Instituto Nacional de Estatística, acedido em 22 de Agosto de 2015 em http://www.ine.pt

2. Caracterização da Escola Básica 2,3 João Villaret

2.1. Breve História da Escola

Figura nº4 – EB 2,3 João Villaret. Fonte: http://www.jf-loures.pt/escolas.html

Figura nº5 – EB 2,3 João Villaret. Fonte: http://sa-machado.com/site/empreitada.php?idempreitada=

A escola João Villaret, sede de agrupamento, passou por grandes transformações desde que entrou em funcionamento em 1982. No seu começo, a escola recebia apenas alunos excedentes de Loures e Odivelas e funcionava em pavilhões pré-fabricados, possuindo poucos equipamentos e material didático. Com o passar do tempo, o número de alunos foi aumentando e a escola foi sofrendo várias obras de manutenção e conservação de forma a adaptar-se às mudanças. Em 2004, mudou para as atuais instalações definitivas, na Quinta do Infantado, na periferia da cidade, o que constituiu um marco importante. Possui, hoje em dia, um grande conjunto de estruturas modernas, tal como se pode observar na figura nº4 e nº5[6].

[6] Agrupamento de Escolas de João Villaret, acedido em 22 de Agosto de 2015 em https://sites.google.com/site/aejoaovillaret/o-agrupamento/caracterizacao

2.2. Localização da escola

Figura nº6 – Localização da Escola Básica 2,3 João Villaret em Loures, assinalada com um circulo vermelho. Fonte: https://www.google.com/earth/

2.3. Caracterização da estrutura física da escola e dos equipamentos

A escola possui um espaço exterior com portaria e 3 pavilhões com salas de aula. Os serviços em funcionamento são Biblioteca/Centro de Recursos; Buffet; Papelaria; Refeitório; Reprografia e Secretaria; Ação Social Escolar e serviços de Educação Especial[7].

2.4. O Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Os departamentos curriculares da escola são: o Departamento de Línguas; o Departamento de Matemática e Ciências Experimentais; o Departamento de Expressões e por fim, aquele que mais diretamente nos diz respeito, o Departamento de Ciências Sociais e Humanas. Este compreende o Grupo 200, correspondente às disciplinas de Português e História e Geografia de Portugal; o Grupo 290, de Educação Moral e Religiosa Católica; o Grupo 400 que abarca a disciplina de História e o Grupo 420, de Geografia.

[7] Agrupamento de Escolas de João Villaret, acedido em 22 de Agosto de 2015 em https://sites.google.com/site/aejoaovillaret/escolas/escola-basica-23-joao-villaret

2.5. – 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico

No que se refere à oferta formativa da Escola Básica João Villaret, a escola possui os seguintes níveis-de-ensino: Ensino básico – 3º ciclo, Ensino básico – 2º ciclo. Além disso, foi também diversificada a oferta educativa, introduzindo-se currículos de transição para a vida ativa, semelhantes aos da vertente profissionalizante. O objetivo desta introdução é o de combater o abandono escolar, motivando os alunos[8].

Os alunos com necessidades educativas especiais têm apoio individualizado ou indireto de uma equipa de ensino especial. São integrados em turmas como os outros discentes, mas têm assistência particular com técnicos especializados, fora do horário da turma.

No que diz respeito, ao número de turmas por ano de escolaridade existente no ano letivo de 2014/2015, contaram-se as seguintes: nove turmas de quinto ano; seis turmas de sexto ano; quatro turmas de sétimo ano; cinco turma de oitavo ano; cinco turmas de nono ano e uma turma com Projeto de Currículo Alternativo (direcionado para alunos com insucesso escolar). É uma escola de "gente miúda"[9].

Para combater e prevenir a indisciplina foram envolvidos os alunos, pais, professores e funcionários, através de várias medidas educativas. Nestas, salientam-se os projetos "Guardiões" e "Equipa de Intervenção Pedagógica". Além destes dois projetos, a escola conta com os seguintes, assumindo a informação do site da Escola: Centenário do Nascimento de João Villaret; Ciência na Escola; Concurso de Postais - Comemorações dos 40 Anos do 25 de Abril; Concurso Mesas de Natal; Desporto Escolar; Dia da Internet Mais Segura e Postais de Natal - 7º Ano[10]. De qualquer das formas, não há projetos que mobilizem, de forma mais sistemática, os alunos.

[8] Agrupamento de Escolas de João Villaret, acedido em 22 de Agosto de 2015 em https://sites.google.com/site/aejoaovillaret/escolas/escola-basica-23-joao-villaret
[9] Informações facultadas pela professora cooperante.
[10] Agrupamento de Escolas de João Villaret, acedido em 22 de Agosto de 2015 em https://sites.google.com/site/aejoaovillaret/escolas/escola-basica-23-joao-villaret

3. A comunidade escolar

O Agrupamento de Escolas João Villaret é constituído pelos estabelecimentos de ensino localizados no concelho de Loures, freguesias de Loures, Frielas, Santo Antão do Tojal e São Julião do Tojal, em número de oito Jardins de Infância, oito escolas do 1º ciclo e uma escola do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, sede de Agrupamento[11].

A turma em que trabalhei no âmbito de Iniciação à Prática Profissional foi o 7ºB. Os dados da caraterização da turma foram obtidos a partir das fichas da direção de turma, do ano letivo 2014/2015. Assim, a turma é constituída por 25 alunos, entre os quais, dois alunos de nacionalidade estrangeira (uma aluna romena e uma aluna brasileira) e dois alunos de nacionalidade desconhecida. A escolha desta turma deveu-se à necessidade de encontrar um horário compatível, com o meu horário das aulas, na faculdade.

Os dados que passo a apresentar em seguida, tiveram um papel relevante para a elaboração do conjunto de atividades necessárias às planificações das aulas e para o tipo de postura assumida nas mesmas, lecionadas na disciplina de Geografia. A turma é considerada de nível "médio alto". Nesta turma, não existem alunos com N.E.E. e apenas um dos alunos é repetente. Além disso, segundo a professora cooperante, a maioria dos alunos apresentam facilidades nas aprendizagens.

No que se refere à composição da turma, 32% dos estudantes é do sexo masculino e os outros 68% dos estudantes é do sexo feminino. A média de idades dos alunos é de 13 anos.

[11] Informações obtidas no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas João Villaret 2014/2017.

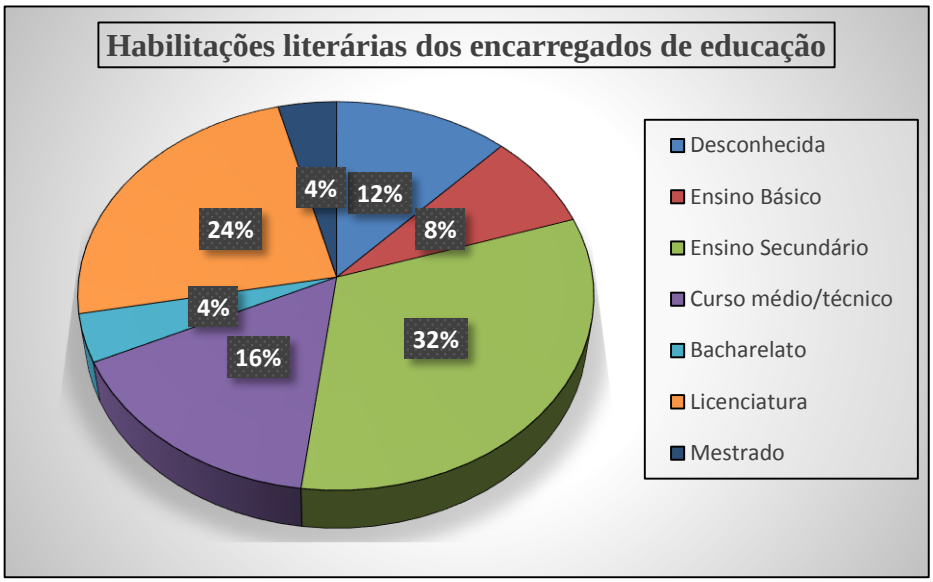


Figura nº7 - Habilitações literárias dos encarregados de educação

No que se refere às habilitações literárias dos encarregados de educação (fig. 1), verifica-se que existe o mesmo número de E.E. com o ensino secundário (32%) e habilitações literárias superiores (32%). Quatro encarregados de educação possuem cursos de nível Médio/Técnico. Dois encarregados de educação (8%) possuem habilitações literárias, abaixo do ensino secundário, sendo desconhecida as habilitações literárias de três E. E. (12%) – Ora, tudo isto sugere que muitos dos E. E. poderão apoiar os seus filhos nas atividades escolares.

Recorde-se que, segundo Bourdieu cada indivíduo possui uma determinada bagagem cultural que é herdada socialmente. «Essa bagagem inclui […] o capital econômico, tomado em termos dos bens e serviços a que ele dá acesso, o capital social, definido como o conjunto de relacionamentos sociais influentes mantidos pela família, além do capital cultural institucionalizado, formado basicamente por títulos escolares. A bagagem transmitida pela família inclui […] sobretudo, o capital cultural […] dessa forma de capital merecem destaque a chamada "cultura geral"» (Nogueira & Nogueira, 2002:21). Ora, segundo Bourdieu «o capital cultural constitui […] o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar» (Nogueira & Nogueira, 2002:21). Em resumo, e ao encontro de Bourdieu, os alunos que são beneficiados economicamente e principalmente a nível cultural, pelos seus familiares ou parentes próximos, possuem mais capacidade de assimilar a cultura escolar e, por conseguinte, de alcançarem o sucesso escolar. No entanto, os alunos que possuem pouca

bagagem cultural têm mais dificuldade em obter êxito na escola. Ora, como metade dos E. E. dos alunos da turma do 7º B possuem habilitações literárias elevadas e a outra parte possui habilitações de nível médio, podem assim, segundo Bourdieu, contribuir para o reforço da bagagem cultural deste jovens alunos, promovendo o seu sucesso escolar.

Contudo, no que respeita à situação profissional dos encarregados de educação, seis dos encarregados de educação, encontram-se em situação de desemprego – sendo desconhecida a situação profissional de cinco E.E. Além disso, quatro famílias são monoparentais.

Quanto aos alunos que beneficiam de SASE, são cinco no total, sendo que quatro alunos encontram-se no escalão A e um dos alunos no escalão B. Assim, a maioria dos alunos, mas não todos, possui alguma estabilidade de condições socioeconómicas.

Ainda de acordo com as fichas dos alunos, 92% dos alunos referem que os seus encarregados de educação se interessam pela sua vida escolar; no entanto, 40% dos encarregados de educação não prestam apoio na realização dos Trabalhos de Casa. Logo, é de supor que vários encarregados de educação vão à escola, falem com os seus educandos sobre o que acontece na escola, vejam com frequência os cadernos, etc.

Além dos dados apresentados atrás, foi aplicada aos alunos, pelo formando, uma ficha de diagnóstico[12], antes de começarmos a lecionar as nossas aulas. Alguns dos dados que passamos a apresentar tiveram a finalidade de explorar as ideias prévias dos alunos, quanto aos novos conteúdos que iriam ser lecionados.

Apenas três dos vinte e quatro alunos não gostam da disciplina de Geografia – o que é positivo. Contudo, 32% dos alunos revelam dificuldade em identificar corretamente os pontos cardeais, sendo que alguns alunos trocam, na rosa-dos-ventos, o Oeste pelo Este. Portanto, ainda não tinham uma perfeita noção destes pontos cardeais.

Por outro lado, 64% dos alunos tinham dificuldades em indicar os nomes dos mares que banham o continente europeu e 72 % dos alunos revelam dificuldades em mencionar e localizar países e suas respetivas capitais, em diferentes continentes.

Por último, interrogado sobre "O que é que gostas mais de fazer em Geografia?", recolheram-se as respostas abaixo.

[12] Vide ficha de diagnóstico no anexo nº6, pág. nº226

Quadro nº 1 - Distribuição das notas por situações de aprendizagem.

O que é que gostas mais de fazer em Geografia?
Assitir power points
Estudar o Mundo
Estudar as cordenadas Geográficas
Saber mais sobre o planeta terra
Descobrir as maravilhas que existem em Portugal
Aprender várias coisas sobre o património europeu
Explorar o globo terrestre
Estudar as paisagens
Estudar Portugal e os seus distritos
Trabalhar mapas e ver globos
Fazer trabalhos de grupo
Aprender coisas novas sobre a terra
Assistir power points
Não sei
Explorar o planeta e as tradições de cada país
Fazer trabalhos e aprender sobre Portugal
Estudar mapas
Colar imagens no caderno para facilitar o estudo
A coordenada
Fazer mapas e esquemas
Gosto de escrever e localizar mapas
Estudar as paisagens
Gosto de ver as imagens de lugares que não conhecia
Não sei
Assistir Power Points

A maior parte dos alunos deram respostas relacionadas com a exploração conhecimento do mundo, seguindo-se as relacionadas com o conhecer Portugal e observar e trabalhar em mapas. Além disso, apenas um aluno mencionou a realização de trabalhos de grupo.

Estas respostas constituem, por certo, um reflexo do tipo de atividades educativas realizadas em sala de aula. Será de supor que não praticaram determinadas atividades lúdicas como jogos, simulações geográficas e visitas de estudo. Estas atividades proporcionam prazer e divertimento durante a sua realização e caracterizam-se, essencialmente, por estimular a motivação dos alunos (Gaite, 1996), ao passo que também contribuem para o desenvolvimento de determinadas competências, pessoais,

sociais ou académicas (Roloff, 2010; Cintra et al, 2010; Lima, 2008; Maurício, 2009; Modesto & Rubio, 2014).

4. Estudo de caso: Os três alunos selecionados

De forma a obter um melhor apuramento dos resultados do trabalho realizado na lecionação de aulas em Geografia, foram selecionados três alunos com três perfis distintos referentes ao seu desempenho escolar. A seleção dos alunos foi realizada com base nos conselhos da professora cooperante, que os conhecia melhor. Para a participação dos alunos nesta experiência educativa, foi enviado um pedido de autorização aos seus encarregados de educação, que foi assinado pelos mesmos.[13]

Um dos alunos corresponde a um perfil de baixo desempenho escolar (Maria), outro a um perfil de nível médio (Miguel) e outro a um perfil de nível elevado (João). A aluna com baixo desempenho escolar reprovou no 3º ano e no 6º ano teve um plano de acompanhamento e de recuperação. O aluno com perfil de baixo desempenho escolar (Maria), vive apenas com a mãe, possuindo esta o 12º ano como habilitações literárias e está empregada. O aluno com perfil de médio desempenho escolar (Miguel), reprovou no 7º ano de escolaridade e vive com os pais, possuindo o seu encarregado de educação o 3º Ciclo do ensino básico e está empregado. Por último, o aluno com perfil de elevado desempenho escolar (João), vive com os pais, o seu encarregado de educação possui o 12º ano e está empregado.

Esta pequena amostra de alunos foi sujeita a uma avaliação específica referente ao seu desempenho escolar durante o período de lecionação de aulas. Os três alunos realizaram uma ficha de avaliação formativa no dia 15 de Dezembro de 2014, no espaço da Biblioteca da escola, que abarcou todos os conteúdos lecionados até ao momento da realização da ficha, implementada a meio das aulas que me propus lecionar. Julgamos ter sido de grande relevância termos implementado a ficha a meio das aulas, pois permitiu-nos realizar um ponto de situação referente ao desempenho dos três alunos.

Para além dessa ficha de avaliação formativa, os alunos também realizaram no final das nossas aulas uma ficha de avaliação sumativa. Por conseguinte, procedemos a uma comparação dos resultados obtidos nas duas fichas, que mais adiante serão apresentados e comentados.

[13] Ver documentos de autorização dos três alunos do estudo de caso, no anexo nº 17, pág. 306.

TERCEIRA PARTE – UNIDADE DIDÁCTICA

1. Apresentação da Unidade Didática

Nas Metas Curriculares, a presente Unidade Didática enquadra-se no **Domínio** *A Localização dos diferentes elementos da superfície terrestre*, que comporta os **Subdominio**s *4. Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes e 5. Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia*.

Assim, a Unidade Didática compreende a abordagem da Europa e da União Europeia. Quanto ao tema da Europa, este fala-nos acerca dos elementos do Mapa Físico da Europa e da sua respetiva localização no continente, podendo estes serem observados em mapas físicos da Europa mostrados aos alunos. Os alunos devem de conseguir alcançar os seguintes objetivos de aprendizagem: «1. Identificar os limites do continente europeu; 2. Localizar países e cidades no continente europeu; 3. Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios da Europa; 4. Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural, económico (…).» (Nunes, Almeida & Nolasco, 2013/14:5).

Este tema também nos fala acerca dos grandes Espaços geográficos europeus (Europa do Sul; Europa do Norte; Europa Central; Europa Ocidental e Europa Oriental ou de Leste), tendo os alunos que conseguirem localizar países e cidades dos diferentes espaços geográficos europeus. Para além de os alunos poderem observar mapas com os espaços geográficos europeus, é também dado a conhecer a localização de algumas cidades e monumentos europeus e mostradas imagens referentes aos mesmos.

No que respeita à União Europeia, aborda-se a História da União Europeia, dos países que a integram, os seus objetivos e da cidadania europeia. Além disso, também são mencionadas as cidades dos tratados da União Europeia, bem como a finalidade de cada tratado. Os alunos devem de ser capazes de conseguir alcançar os seguintes objetivos de aprendizagem: «1. Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia; 2. Mencionar os principais objetivos da União Europeia; 3. Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia; 4. Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.» (Nunes, Almeida & Nolasco, 2013/14:5).

2. Orientações do Programa

Quanto às orientações do programa do 3.º Ciclo do Ensino Básico, que aqui valorizamos - muito embora já tenham sido substituídas pelas Metas Curriculares -, em termos de experiências educativas destacamos abaixo aquelas que dizem respeito à Europa e à União Europeia. Assim, os alunos devem de conseguir:

- «**Observar** fotografias, esboços, desenhos ou outras imagens, para **identificar** os elementos naturais e humanos das paisagens representadas;
- **Completar** mapas de Portugal, da Península Ibérica, da Europa e do Mundo, para **localizar** os principais mares, penínsulas, montanhas, planaltos, planícies e rios;
- **Completar** mapas de Portugal, da Península Ibérica, da Europa e do Mundo, para **localizar**: principais cidades portuguesas, as capitais da UE e de outros países e países da UE e outros países;
- **Comparar** os mapas mentais construídos, **para refletir sobre a interpretação** que cada um tem relativamente ao lugar onde vive, a Portugal, á Europa e ao Mundo;
- **Desenhar** um esboço do percurso a utilizar para chegar a casa ou à escola a partir de lugares/locais específicos da comunidade;
- **Planear** uma viagem utilizando mapas de estradas e **identificando** pontos de interesse no itinerário definido» (Ana Câmara et al., 2001:16).

Assim, ao analisarmos as orientações do programa, podemos concluir que a maioria delas visa desenvolver nos alunos competências de observação, identificação e de localização. Ora, segundo Claudino (s.d.:113) «mal vai o ensino de Geografia quando os alunos não são estimulados a tomar decisões de localização, do que o mapa constitui um suporte fundamental». Contudo, ao analisarmos os verbos destas orientações, podemos constatar que os mesmos, segundo a Taxonomia de Bloom (Ferraz & Bellhot, 2010) são dirigidos ao nível do conhecimento. No entanto, nível taxonómico do conhecimento (aquisição de conhecimentos) é o mais baixo nível dos resultados de aprendizagem no domínio cognitivo, «é um relembrar do material previamente aprendido (…) tudo o que se exige é trazer ao espírito a informação apropriada» (Proença, 1992:113).

Ora, esta situação causou-nos algumas dificuldades, no sentido de conseguirmos

contornar uma situação, em que os alunos apenas se limitassem a uma mera memorização de conteúdos. Por conseguinte, implementamos várias estratégias, que mais adiante serão salientadas, no sentido de dotarmos os alunos com outros tipos de competências, que não fossem dirigidas apenas à memorização de conhecimentos.No entanto, nas orientações do programa podemos também encontrar, mas pouco, alguns verbos como desenhar e planear, sendo estes enquadrados na Taxonomia de Bloom (Ferraz & Bellhot, 2010) no nível taxonómico da aplicação, que é «uma situação nova que requer uma transferência de conhecimentos, um reconhecimento, por parte do aluno, de que também ali se aplica o que aprendeu.» (Ribeiro, 1991: 49).

3. Opções Pedagógico-Didáticas à luz do programa da disciplina de docência e das características da turma

Assim, sobre as aulas lecionadas, optamos por diversas metodologias e estratégias provenientes de diferentes modelos pedagógicos, que integram diversas teorias da educação, ao encontro do que referimos anteriormente. Os modelos pedagógicos em que nos baseámos, tiveram por base, tal como já foi salientado na primeira parte do relatório, as teorias do *Behaviorismo*, do *Cognitivismo* e do *Sociocognitivismo.*

Tendo em atenção os objetivos gerais e os descritores das Metas Curriculares do 3.º Ciclo do Ensino Básico[14] (DGE, 2013/14), bem como as experiências educativas das Orientações Curriculares do Ensino Básico - 3.º Ciclo[15] (DGE, 2001) e as características da turma, foram tomadas determinadas Opções Pedagógico-Didáticas. No entanto, antes de avançarmos para as opções tomadas, vamo-nos debruçar sobre os objetivos das metas curriculares, experiências educativas do programa e ainda sobre as características da turma.

As Metas Curriculares do 3.º Ciclo do Ensino Básico apresentam, em grande parte, um conjunto de objetivos tanto gerais como específicos, que nos direcionam para uma mera aquisição de conhecimentos, através da memorização - basta lermos aquilo que é pedido em termos de objetivos específicos e gerais nos descritores das Metas. Assim, é pedido aos alunos que consigam identificar os limites dos continentes, que para além de localizar, saibam identificar países, cidades, rios e formas de relevo no continente europeu. Além disso, os alunos têm que conseguir mencionar os principais objetivos e sucessivos alargamentos da União Europeia.

As Orientações Curriculares do 3.º Ciclo do Ensino Básico, de 2001, apostam em experiências educativas como «Completar mapas de Portugal, da Península Ibérica, da Europa e do Mundo, para localizar os principais mares, penínsulas, montanhas, planaltos, planícies e rios. Completar mapas de Portugal, da Península Ibérica, da Europa e do Mundo, para localizar: - principais cidades portuguesas, as capitais da UE e de outros países; - países da UE e outros países.» (Ana Câmara et al., 2001:16). Ora, de facto, isto torna-se de veres redutor em termos de experiências educativas.

[14] Documento das Metas Curriculares do 3.º Ciclo do Ensino Básico (7.º, 8.º e 9.º anos) Geografia.
[15] Documento das Orientações Curriculares do 3ºCiclo de Geografia.

Sentimos alguma dificuldade dificuldades em implementar experiências educativas que não se limitassem a uma mera memorização de conteúdos. Como decorre do que antes se referiu, a turma é considerada de nível médio- alto; a maioria dos alunos possuía facilidades nas aprendizagens, segundo a professora cooperante; não há nenhum aluno com necessidades educativas especiais; só existia um aluno repetente; apenas cinco encarregados de educação (20%), possuíam habilitações literárias abaixo do ensino secundário.

Tendo em atenção o que é pedido nas Metas e devido às características da turma, que se pauta por ser uma turma de nível médio alto, que possui um bom desempenho escolar, implementamos várias estratégias com duas finalidades: Por um lado, evitar que as aprendizagens se limitassem apenas a uma mera aquisição de conhecimentos através da memorização; por outro lado, tornar os alunos elementos ativos na construção das suas próprias aprendizagens e fornecer um vasto leque de competências, tais como: localização (saber localizar distintos elementos no mapa físico e político da Europa); autonomia; saber colaborar e cooperar nos trabalhos em grupo; competências de pesquisa na internet, em livros, etc…; relacionamento interpessoal; integração em equipa; comunicação verbal; capacidade de liderança, entre outras competências. Além disso, tentamos também promover a aquisição de valores tais como o respeito, disciplina, cooperação, educação etc...

Estabelecidos os pressupostos, passámos então às estratégias implementadas nas aulas. Assim, decidimos apresentar aos alunos, no início das aulas, **os objetivos de aprendizagem** a serem alcançados, de modo a que estes servissem de fio condutor das aulas. Além disso, avaliamos os alunos em função do cumprimento dos objetivos estipulados, tendo em conta para isso a **manifestação dos seus comportamentos visíveis**. Adotámos a **teoria do reforço de Skinner** (positivo, negativo) nas nossas aulas.

Assim, tivemos em atenção nas aulas os comportamentos dos alunos e por conseguinte, dependendo dos comportamentos dos mesmos, aplicamos vários tipos de reforços. Portanto, esta metodologia baseia-se na teoria do comportamentalismo, enquadrada no Modelo Pedagógico do Behaviorismo.

No que respeita às metodologias, inspiradas em modelos pedagógicos cognitivos, salienta-se a **aprendizagem pela descoberta de Jerome Bruner**, que também possui uma vertente socioconstrutiva. Assim, decidimos não dar as respostas às questões ou aos problemas colocados aos alunos, mas sim deixá-los descobrir as respostas por si mesmos.

Além disso, ao envolver os alunos ativamente no processo de construção do conhecimento, eram eles que iam descobrindo o conhecimento e construindo as suas próprias aprendizagens. Ora, ao longo desse processo de construção das aprendizagens, os alunos tinham que relacionar as novas informações, com aquelas que eles já possuíam para a aquisição dos conhecimentos - organizadores prévios, ao encontro de Ausubel.

Tentámos envolver os alunos ativamente na construção das suas aprendizagens, com a colaboração dos seus colegas, com base na experiência que possuíam, proveniente das suas origens sociais **(teoria da aprendizagem social cognitiva de Albert Bandura).** Também aqui se atribuiu relevo à teoria do reforço. Este envolvimento ativo dos alunos nas aprendizagens pode-se verificar quando pedimos aos alunos para irem ao quadro escreverem várias definições de conceitos, em que o objetivo é o aluno relacionar os novos conhecimentos com conhecimentos anteriores e construír novos significados. Além disso, também pedimos aos alunos para escreverem os sumários das aulas, ou realizarem pesquisas na internet e fazerem apresentações dos resultados.

Outra estratégia implementada, foi levar os alunos a colaborarem e cooperarem em vários grupos, quer na realização do jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", quer no trabalho de grupo sobre a União Europeia, para atingirem objetivos de aprendizagem. Portanto, estamo-nos a referir à realização de trabalho cooperativo **(aprendizagem cooperativa)**, dentro e fora da sala de aula. Além disso, através da implementação de atividades de caracter lúdico nas aulas, nomeadamente o jogo didático intitulado "À descoberta da Europa", estimulamos a construção do conhecimento social entre os alunos e por sua vez o desenvolvimento intelectual dos mesmos. Neste sentido, vários alunos de diferentes níveis de aprendizagem, puderam trabalhar uns com outros, o que permitiu a vários alunos alcançar o nível de desenvolvimento potencial **(conceito de zona proximal de desenvolvimento de Lev Vygotsky)**, com a ajuda com a ajuda dos seus colegas.

Por último, seguindo a **perspetiva geral da aprendizagem baseada em problemas**, distribui vários temas sobre a União Europeia e pedi aos alunos para eles realizarem uma pesquisa sobre os mesmos na internet, de forma a responderem a várias questões. Portanto, fiz isto para estimular a competência de pesquisa. Ora, estas metodologias seguem as linhas dos Modelos Pedagógicos construtivistas e socioconstrutivistas.

Em resumo, todas as opções pedagógico-didáticas tomadas, tiveram como finalidade envolver os alunos ativamente na construção das suas aprendizagens e conseguir ajudar todos os alunos a desenvolverem capacidades e adquirirem competências, que lhe permitissem desenvolver os seus níveis de desempenho.

4. A Planificação na Unidade Didática

No que respeita à planificação, foram planificadas 4 aulas de 90 minutos e 3 aulas de 45minutos, sobre a Europa e a União Europeia, dirigidas ao público escolar do 7º ano (turma 7ºB). Além disso, também foi elaborada uma planificação de médio prazo sobre as aulas planificadas[16]. Salientamos ainda, que das 7 aulas que lecionamos, 6 aulas foram observadas e descritas pela nossa colega Inês Santos, sendo as mesmas apresentadas em anexo neste relatório [17].

No estudo da Europa estão compreendidos os conteúdos sobre as especificidades físicas e políticas e, em relação à União Europeia, aborda-se a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia. Propomo-nos, agora, a explicar quais os métodos e estratégias que utilizamos ao longo das 7 aulas que planificamos para conseguirmos atingir os objetivos de aprendizagem. Salientamos ainda, que a escolha dos conteúdos para as planificações e à adequação dos mesmos à turma do 7ºB, teve por base as Metas Curriculares, o manual escolar dos alunos, as aprendizagens anteriormente realizadas pela turma do 7ºB e as características da própria turma.

No início de cada aula, indicámos aos alunos os objetivos de aprendizagem a alcançar. Valorizámos as ideias prévias dos alunos sobre os novos conteúdos e conceitos a aprender, de forma a criarmos uma ponte entre os conhecimentos que eles já possuem e aqueles novos, ao encontro de Ausubel. Tal é muito importante, pois "para compreender e dar sentido aos novos conteúdos, é necessário dispor de certos pré-requisitos de aprendizagem" (Quinquer, 2004:3).

Por outro lado, tentámos envolver os alunos na construção das suas próprias aprendizagens. Nas aulas, pedimos aos alunos para irem ao quadro escreverem as definições dos conceitos e o sumário da aula, com a colaboração dos outros alunos da turma e através de diálogo orientado entre professor-alunos.

Planeámos em todas as aulas levar os alunos por um caminho de descoberta dos conteúdos e das respostas às questões colocadas e, o professor é quem os "guiou" na descoberta dos conhecimentos. Com esta estratégia pretendemos estimular o sentido de raciocínio dos alunos, questionando primeiro e ensinando depois, ao invés, de ensinarmos primeiro e questionarmos depois para ver se nos fizemos compreender. Logo, quando os

[16] Ver planificação a médio prazo no anexo nº3, pág. 194.
[17] Ver descrição das aulas lecionadas em Geografia no anexo nº4, pág. 202.

alunos não conseguissem encontrar as respostas, planeamos dar-lhe dicas, ou apresentar-lhe opções e esperar que eles escolhessem entre as mesmas, com base na sua intuição. Neste sentido «a aprendizagem pela descoberta enfatiza experiencias de aprendizagem activas e centradas no aluno, através das quais estes descobrem as suas próprias ideias e constroem os seus próprios significados.» (Arends, 2008:386). Além disso a aprendizagem em geografia deve ser «um processo de descoberta pelo aluno de soluções para os problemas sociais e ambientais abordados na aula» (Cachinho, 2000: 75). Logo, esta abordagem é defendida na linha das teorias construtivistas, nas quais o aluno deve ser estimulado a utilizar a prática investigativa para a resolução de problemas. De maneira que, ao longo das aulas que planificamos, os conteúdos são apresentados aos alunos como questões e não como certezas, para que eles possam problematizar as situações (Souto González, 1998). No entanto, para que o aluno adquira essa autonomia considera-se necessário que o mesmo passe por um processo de aprendizagem adequado às suas capacidades. Assim, na elaboração das planificações, por um lado, tivemos em conta as aprendizagens que os alunos realizaram anteriormente. Por outro lado, tivemos em conta informações fornecidas pela professora cooperante acerca das dificuldades que os alunos possuíam.

Se o fato de levarmos os alunos à descoberta da informação constitui uma forma de motivar os mesmos para as aprendizagens, tal leva a que estes fiquem frequentemente, mais agitados, o que requer "mais pulso" por parte do professor, para controlar os alunos.

Portanto, é com base nesta orientação metodológica de aprendizagem ativa planeada em todas as aulas, e do envolvimento dos alunos nas aprendizagens (o aluno como um elemento ativo) e de trabalho em grupo e de valorização do conhecimento que cada aluno detém que o conhecimento vai sendo construído e "brota", como se de uma fonte se tratasse e assim é adquirido por todos os alunos. Logo, podemos assim falar num saber em ação, resultante da construção individual (por cada aluno) e coletivo (pela turma).

Esta perspetiva metodológica permite que os alunos desenvolvam a escrita (ao escreverem no quadro), a oralidade (ao ter que responder às questões que lhe vão sendo colocadas) e que o seu sentido lógico seja estimulado (ao terem que desenvolver o seu raciocínio para responderem às questões colocadas). Desenvolvem ainda competências pessoais, sociais e académicas.

Apostámos ainda no trabalho de grupo fora das aulas. Neste sentido, os alunos realizam um projeto de turma sobre a União Europeia, onde foi atribuído um tema sobre

a União Europeia, a cada grupo (sendo a constituição dos grupos já formada a quando da realização do jogo didático). Para a realização dos trabalhos é entregue a cada grupo um guião[18] (foram entregues aos grupos 6 diferentes guiões onde ficam clarificadas as instruções para a realização dos trabalhos, os materiais necessários à realização do trabalho, os elementos de avaliação dos trabalhos e informações específicas sobre a aula seguinte). No que se refere aos temas dos guiões, os mesmos são os seguintes: A União Europeia; Alargamentos na União Europeia; O Euro: Países aderentes e não aderentes; Portugal na UE; Símbolos da UE; A cidadania na União Europeia. O objetivo final desta atividade é a construção de um dossiê[19] da União Europeia em tamanho de cartolina com várias cores.[20] Salientamos ainda, que no final da atividade planeamos tirar fotos aos trabalhos elaborados[21].

Portanto**,** para a realização dos trabalhos, os grupos devem de consultar o site do Portal Oficial da União Europeia, o site da Comissão Europeia e o manual escolar. Explorámos o *site* do Portal Oficial da União Europeia e o site da Comissão Europeia, de forma a conhecermos toda a informação que os alunos poderiam encontrar e para qual informação, os devíamos direcionar.

Com este trabalho pretendemos, por um lado, que os alunos explorem diversas fontes de informação e trabalhem autonomamente. Através da pesquisa, "o aluno analisa, pensa, organiza-se, procura informação (…) toma decisões. O aluno converte-se no centro da atividade e o professor ajuda e facilita o processo" (Quinquer, 2004:5).

Por outro lado, pretendemos que os alunos compartilhem com os seus colegas de grupo os resultados das pesquisas que realizaram e, por sua vez, que trabalhem em grupo. Assim, pretendemos levar os alunos a interagirem uns com os outros. De fato, esta estratégia torna-se muito importante, pois "facilita a construção do conhecimento social" (Quinquer, 2004:2). Quando se trabalha em grupo e se expressam diferentes pontos de vista, se contrastam ideias e se elaboram em conjunto soluções ou alternativas, então "criam-se situações enriquecedoras para avançar e aprender.

Os resultados do grupo costumam ser muito melhores do que se obteria individualmente." (Quinquer, 2004:7). Neste sentido, o trabalho em grupo torna-se muito estimulante para os alunos, pelo facto de a aprendizagem cooperativa ser «uma

[18] Ver guiões dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia, no anexo nº12, pág. 270.
[19] Ver capa do dossiê dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia, no anexo nº 14, pág. 297.
[20] Ver trabalhos de grupo acerca da União Europeia, no anexo nº13, pág. 283.
[21] Ver fotos do dossiê dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia, no anexo nº15, pág. 299.

metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, actuando como parceiros entre si, e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objeto» (Lopes & Silva, 2009:4). Tanto os trabalhos de grupo[22], como as apresentações dos trabalhos de grupo serão dois elementos a ter em conta na avaliação final dos alunos[23].

Planeámos utilizar vários tipos de recursos educativos intercalados. Assim, pretendemos projetar em todas as aulas, vários slides de ficheiros power point[24] que contém vários mapas, imagens e tabelas. Logo, as aulas em que mobilizam diapositivos têm como finalidade levar os alunos à descoberta das respostas. Os alunos irão realizar várias fichas de atividades diagnósticas e formativas individuais. Com as fichas diagnósticas pretendemos explorar as ideias prévias dos alunos no que respeita aos conhecimentos que estes já possuem acerca de aprendizagens anteriormente realizadas. Com as fichas formativas, pretendemos por um lado realizar uma avaliação acerca das aprendizagens realizadas nas aulas. O manual foi um elemento considerado ao longo de todas as aulas que planificamos[25] e que foi planeado a realização de vários T.P.C.(S) pelos alunos, que contam para a avaliação formativa[26].

Outro recurso educativo que planeamos utilizar nas aulas nº4,5 e 6 e que consideramos ser também uma estratégia central no desenvolvimento de todo o nosso trabalho, foi um jogo didático, intitulado "À Descoberta da Europa"[27]. Este jogo, aborda todos os conteúdos lecionados anteriormente, até ao momento da implementação do jogo. Logo, se pudermos colocar um rótulo nesta estratégia, ela foi a "estratégia principal do meu trabalho". De facto, com este jogo, pretendemos levar os alunos a aprenderem conteúdos escolares, ao mesmo tempo que se divertem, sem deixarem de aprender. Logo é possível ensinar Geografia de uma forma divertida, sem que as aulas se tornem aborrecidas e pouco motivantes para os alunos. Além disso, a realização desta atividade, irá incidir na avaliação final dos alunos.[28]

O jogo tem como objetivo a consolidação dos saberes abordados nas aulas anteriores e na presente aula em que é implementado. Na 1ª e 2ª aula lecionadas, foi

---

[22] Ver grelha de avaliação dos trabalhos de grupo apresentados na aula nº 9, no anexo nº20, pág. 319.
[23] Ver grelha de observação das apresentações dos trabalhos de grupo da aula nº9, no anexo nº19, pág. 316.
[24] Ver slides das aulas no anexo nº5, pág. 214.
[25] Ver páginas mobilizadas do manual escolar de apoio, no anexo nº27, pág. 353.
[26] Ver grelha de registo dos T.P.C.(S)., no anexo nº23, pág. 328.
[27] Ver jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", no anexo nº10, pág. 252.
[28] Ver grelha de observação do jogo intitulado "À descoberta da Europa" das aulas nº 4, 5 e 6 no anexo nº22, pág. 325.

entregue aos alunos um documento com imagens de monumentos[29] para os mesmos se prepararem para a realização do jogo. Salientamos ainda, que no decorrer do jogo, os alunos vão realizar uma ficha formativa de atividades individual, para registo da informação.

No que respeita ao desenvolvimento da atividade: 1- O professor forma 6 grupos de trabalho com escolha de porta-voz; 2 - O professor regista no quadro uma grelha para cada grupo, para assinar as respostas corretas. 3 - Cada quadricula da grelha corresponde a um ponto, sendo vencedor o grupo que tiver maior pontuação. 4 - No final da realização do jogo o professor informa os alunos que no espaço da biblioteca, fica disponível em cd, o jogo realizado[30].

No final do jogo didático, serão entregues certificados[31] aos alunos, consoante as pontuações que os grupos obtiverem no jogo. Os certificados tiveram como finalidade, constituir um reforço positivo para os alunos, mas também motivar os mesmos para as aprendizagens. Por último, salientamos que foram tiradas algumas fotos à atividade, na aula observada pelo professor Dr.º Sérgio Claudino, que podem ser visualizadas nos documentos em anexo[32].

No que respeita à colocação de questões aos alunos, optámos por colocar questões à turma no início das aulas, para mobilizar a totalidade dos alunos e para não intimidar os alunos no começo das aulas. Assim pretendemos criar um ambiente mais confortável e uma maior dinâmica de grupo. Logo, planeamos para o início das aulas, colocarmos perguntas mais fáceis, para dar possibilidade a todos os alunos de responderem às perguntas e lentamente vamos aumentando o grau de dificuldade das questões colocadas. No que concerne às perguntas individuais, pretendemos colocar as mesmas com três objetivos. O primeiro é saber se os alunos estão a compreender aquilo que lhe transmitimos. O segundo será para mobilizar alunos menos participativos e por último, o terceiro é o de mobilizar alguns alunos mais distraídos.

Além de tudo aquilo que já foi salientado, os objetivos das aulas planificadas são o de fornecer aos jovens vários conhecimentos, que lhe possam ser úteis no seu dia-a-dia, como por exemplo traçar um percurso por um país, usar um atlas, terem conhecimento dos seus direitos enquanto cidadãos europeus, etc… Neste sentido, a educação geográfica

---

[29] Ver documento com imagens de monumentos entregue aos alunos na 1ª e 2ª Aulas, no anexo nº7, pág. 245.
[30] Ver capa do Jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", no anexo nº8, pág. 248.
[31] Ver certificado do Jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", no anexo nº9, pág. 250.
[32] Ver fotos da realização do jogo intitulado "À Descoberta da Europa", no anexo nº11, pág. 266.

é indispensável para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e ativos no mundo atual e no futuro (CEG, 1992). A Geografia surge assim, «como uma disciplina integradora do mundo natural e humano desempenhando um papel fundamental no conhecimento e na compreensão do sociedade e do planeta em que vivemos e na construção de uma cidadania interventiva.» (Silva & Ferreira, 2002). Se os jovens são bombardeados com uma grande quantidade de informação, é importante ensinar os jovens a examinar criticamente esta informação e a distinguir nela os feitos das opiniões (Pinchemel,1989). Neste sentido, as aulas que planificamos têm como finalidade a preparação dos jovens para uma cidadania livre, interventiva e plena.

Por último, convém lembrar que a planificação permite que o professor mobilize " (…) um conjunto de conhecimentos, experiências e procedimentos (…) que justificam e apoiam as decisões." (Leite,2010:7). Contrariamente ao que se pensa, devemos encarar a planificação como um processo aberto e não fechado, de «sentido único». «(…) planear é também correr riscos, ousar experimentar, delinear cenários de intervenção» (Leite, 2010: 8).

Contudo, quando planificamos, devemos ter consciência que é difícil cumprir a planificação com rigor. Assim, nesta perspetiva passa-se pela fase de instrução de "antes do ensino" como designa Arends (2008). Mesmo que, tentando fazer a descrição pormenorizada da aula e, preparando os materiais para avaliar o aluno, só a testagem do plano, permitirá perceber se existe uma total viabilidade para a sua aplicação. A planificação constitui um instrumento, mas não uma certeza concreta daquilo que vai ocorrer. Porém, uma certeza fica, «o sucesso das aulas depende sobretudo daquilo que se faz antes de elas acontecerem, ou seja, da planificação havida» (Veiga et al., 2013: 548).

5. Apresentação dos instrumentos e procedimentos selecionados para a avaliação das aprendizagens

Antes de procedermos à apresentação dos instrumentos e procedimentos, salientamos que atribuímos uma enorme importância à forma como se procede à avaliação das aprendizagens dos alunos. Na nossa opinião, um bom professor, revela-se nas estratégias que implementa em sala de aula e pela forma como avalia os seus alunos.

Os alunos foram objeto da avaliação diagnóstica, formativa e sumativa, para o que foram construídos instrumentos para cada tido de avaliação.

Na **avaliação diagnóstica**, foi implementada uma ficha diagnóstica antes do começo das nossas aulas, no dia 17-11-2014, para recolher informações sobre os interesses dos alunos acerca da disciplina de Geografia e sobre conhecimentos que os mesmos possuíam acerca de conteúdos a serem lecionados (*Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes*)[33].

A ficha diagnóstica seguinte foi implementada no início das aulas nº1 e 2 (01-12-2014). Esta ficha teve a finalidade de recolher informações sobre os conhecimentos que os alunos possuíam sobre os elementos do mapa físico do continente europeu; a elaboração da ficha foi seguida de correção oral orientada entre professor alunos.

No que respeita a **avaliação formativa**, na aula nº3 (05-12-2014) foram implementadas em sala de aula e enviadas para conclusão como trabalho de casa, duas fichas formativas sobre microestados[34], países e capitais da Europa[35]. Além disso, também foi enviado para casa um documento com vários monumentos europeus, para os alunos se preparem para a realização de um jogo didático, a decorrer na aula seguinte intitulado *À Descoberta da Europa*.

Nas aulas nº4 (12 – 12 – 2014), nº5 e nº6 (05 – 01 – 2015), os alunos realizaram o jogo didático, intitulado "À Descoberta da Europa", que teve como objetivo a consolidação das aprendizagens realizadas nas aulas anteriores e na própria aula. Assim, no decorrer do jogo os alunos realizaram uma ficha formativa de atividades individual, para registo da informação. No que respeita ao desenvolvimento da atividade: 1 - O professor forma 6 grupos de trabalho com escolha de porta-voz; 2 - O professor regista no quadro uma grelha para cada grupo, para assinar as respostas corretas; 3 - Cada

[33] Ver ficha diagnóstica no anexo nº6, pág. 226.
[34] Ver ficha dos microestados europeus no anexo nº6, pág. 226.
[35] Ver ficha dos países e capitais da Europa no anexo nº6, pág. 226.

quadrícula da grelha corresponde a um ponto, sendo vencedor o grupo que tiver maior pontuação; 4 - No final da realização do jogo o professor informa os alunos que no espaço da biblioteca, fica disponível em cd, o jogo realizado pode e deve ser consultado pelos alunos na realização do T. P. C[36].

Figura nº7 – Foto do jogo didático Intitulado À Descoberta da Europa.

Figura nº8 – Foto do jogo didático Intitulado À Descoberta da Europa.

Figura nº9 – Foto do jogo didático Intitulado À Descoberta da Europa.

Figura nº10 – Foto do jogo didático Intitulado À Descoberta da Europa.

[36] Ver jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa* no anexo nº10, pág. 252.

Para avaliarmos o desempenho dos alunos no decorrer do jogo didático *À descoberta da Europa*, elaborámos uma grelha de observação do jogo[37], onde foram contemplados vários parâmetros do domínio cognitivo, atitudes e valores.

Na aula nº4, foi enviada, como trabalho de casa, uma ficha formativa para realizar durante as férias do Natal, que abarcou todos os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e na presente aula (elementos do mapa físico da Europa e capitais, países e espaços geográficos europeus), tendo está ficha o objetivo de consolidar as aprendizagens realizadas[38].

A última ficha formativa foi realizada nas aulas nº 7 e 8 (12 – 01 – 2015), sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e direitos dos cidadãos europeus[39], seguida de correção oral orientada entre professor-alunos. Por último, os alunos realizaram o exercício nº 1 e 2 da atividade nº7, da pág. 15, do "Bloco do Geógrafo"[40] sobre a União Europeia, através de exploração oral orientada, uma vez mais, pelo professor e com recurso à exploração de 1 slide projetado em simultâneo: "Estados-membros da União Europeia**"**.

Nas aulas nº 7 e 8, procedemos à entrega de seis guiões de trabalho de grupo sobre a União Europeia, sendo que cada guião correspondia a uma temática distinta acerca da União Europeia: Guião nº1 – A União Europeia; Guião nº2 – Alargamentos da União Europeia; Guião nº3 - O Euro Países aderentes e não aderentes; Guião nº4 – Símbolos da União Europeia; Guião nº5 – Portugal na União Europeia; Guião nº 6 – A cidadania na União Europeia[41].

Assim, no que concerne ao desenvolvimento da atividade, procedeu-se da seguinte forma:

1. O professor, com recurso à projeção de um diapositivo, informa os alunos que vão realizar um projeto de turma sobre a União Europeia, sendo um tema atribuído a cada grupo (os grupos já formada estão formados aquando da realização do jogo didático). O Objetivo final desta atividade é a construção de um livro da União Europeia em tamanho de cartolina com várias cores;

[37] Ver grelha de observação do jogo intitulado *À descoberta da Europa* no anexo nº22, pág. 325.
[38] Ver ficha formativa para realização nas férias do Natal no anexo nº6, pág. 226.
[39] Ver ficha formativa sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e direitos dos cidadãos europeus no anexo nº6, pág. 226.
[40] Livro de apoio ao manual escolar.
[41] Ver guiões de trabalho de grupo sobre a União Europeia no anexo nº12, pág. 270.

2. Para a realização do trabalho, os grupos devem consultar o *site* do Portal Oficial da União Europeia, o site da Comissão Europeia e o manual escolar;
3. Nos seis guiões dos grupos entregues (um a cada grupo) são clarificadas as instruções para a realização dos trabalhos, os materiais necessários à realização do trabalho, os elementos de avaliação dos trabalhos e informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015;
4. O professor informa que o prazo de entrega do trabalho é na aula de dia 16 de Janeiro (45 minutos), onde o porta-voz de cada grupo vai proceder à apresentação dos trabalhos, contando com o tempo limite de 6 minutos para cada grupo; 6 – O professor informa que o prazo de entrega do trabalho é na aula de dia 16 de Janeiro (45 minutos), onde o porta-voz de cada grupo vai proceder à apresentação dos trabalhos, contando com o tempo limite de 6 minutos para cada grupo.

Na aula nº9 (16 – 01 – 2015), foram apresentados os trabalhos de grupo acerca da União Europeia[42].

Figura nº11 – Foto da capa do dossier dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia.

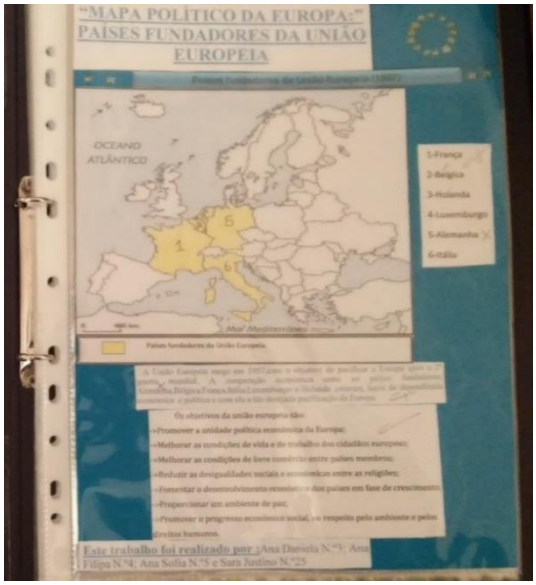


Figura nº12 – Foto do dossier com os trabalhos de grupo acerca da União Europeia

[42] Ver trabalhos de grupo apresentados acerca da União Europeia no anexo nº13, pág. 283.

Assim, procedemos à elaboração de uma grelha específica para observação das apresentações dos trabalhos de grupo[43], onde foram contemplados vários parâmetros do domínio cognitivo, atitudes e valores. Além desta grelha, elaboramos também uma outra para a avaliação dos trabalhos de grupo[44], onde foram avaliados parâmetros relativos à expressão escrita e atitudes e valores. Por último, todos os trabalhos de grupo acerca da União Europeia foram guardados num dossier que elaborámos e que entregamos posteriormente à Biblioteca da escola.

Quanto à **avaliação sumativa**, os alunos realizaram uma ficha de avaliação sumativa[45] nas últimas duas aulas lecionadas, as aulas nº 10 e 11 (26 – 01 – 2015). Esta ficha abrangeu os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e teve por referência o programa de Geografia em vigor para o 3ºciclo da escolaridade obrigatória e foi ao encontro das diferentes planificações (anual, médio prazo, curto prazo). Elaborámos uma matriz de objetivos/conteúdos[46] e uma matriz de correção para a ficha de avaliação sumativa[47]. Convém ainda lembrar que, nestas duas últimas aulas, forma entregues aos alunos certificados de participação no jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa*, correspondendo os mesmos às pontuações e classificações obtidas[48].

Elaborámos uma grelha de registo de observação de cada aula lecionada. Estas grelhas incidiam na observação da participação/cumprimento de tarefas propostas em sala de aula e no registo das respetivas informações recolhidas em cada grelha, consoante as experiências de aprendizagem planificadas e os parâmetros pretendidos a serem avaliados[49].

Os alunos foram avaliados na realização de vários trabalhos práticos de casa[50]. Elaborámos, também, uma grelha de registo dos trabalhos práticos de casa, de forma a realizarmos um balanço total, acerca de todos os trabalhos realizados pelos alunos.

Foram construídos ficheiros power point para cada aula lecionada, contendo os mesmos inúmeros slides que abordam os conteúdos lecionados.[51] Por último, para a

[43] Ver grelha de observação das apresentações dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia no anexo nº9, pág. 316.
[44] Ver grelha de avaliação dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia no anexo nº20, pág. 319.
[45] Ver ficha de avaliação sumativa no anexo nº16, pág. 301.
[46] Ver matriz de objetivos/conteúdos da Ficha de avaliação sumativa no anexo nº25, pág. 338.
[47] Ver matriz de correção da ficha de avaliação sumativa no anexo nº24, pág. 331
[48] Ver certificados de participação no jogo didático intitulado À Descoberta da Europa no anexo nº9, pág. 250.
[49] Ver grelhas de registo de observação das aulas, no anexo nº26, pág. 340.
[50] Ver grelha de registo dos T.P.C.(S), no anexo nº23, pág. 328.
[51] Ver slides das aulas no anexo nº5, pág. 214.

realização do estudo de caso na turma, foram elaborados três documentos de autorização[52] para os alunos poderem participar no nosso estudo. Foi ainda realizado um guião de entrevista[53], executado no final de todas as aulas lecionadas.

[52] Ver documentos de autorização dos três alunos no anexo nº17, pág. 306.
[53] Ver guião de entrevista realizado aos três alunos do estudo de caso, no anexo nº18, pág. 309.

6. Reflexão sobre as aulas lecionadas

6.1. – 1ª e 2ª Aulas lecionadas em Geografia

As aulas nº 1 e 2 decorreram no dia 1 de Dezembro de 2014, entre as 10:15h e as 11:45h, na sala B 1. 15, com a turma do 7º B. O sumário da aula foi: "Exploração do mapa físico da Europa. Conceito de limite natural, península, cordilheira montanhosa. Informações gerais sobre a Europa". A sua elaboração contou com a colaboração dos alunos, mas só foi realizado no final da aula, servindo como revisão dos conteúdos.

A nossa colega Inês Santos foi observar a nossa aula e dirigimo-nos para a sala de aula um pouco mais cedo para proceder à preparação dos materiais necessários à realização da aula. No entanto, surgiram alguns problemas com os materiais, o que fez atrasar um pouco a mesma. Assim, concluímos que devemos chegar mais cedo à escola de forma a ter tempo de requisitar e testar os materiais que iremos utilizar na aula.

No início da aula, falámos sobre o nosso percurso académico, profissional e de alguns hobbies por forma a estimular a relação interpessoal entre professor-alunos, mobilizando igualmente os alunos para as aprendizagens. Pensamos que isto ajudou "a quebrar o gelo" inicial que costuma existir quando professor e alunos ainda não se conhecem.

Em seguida, pedimos aos alunos para eles escreverem os seus nomes numa folha e colocarem a mesma em cima da mesa, de forma a memorizarmos melhor os seus nomes. Depois, falámos sobre as regras a serem seguidas em sala de aula, de forma a que os alunos soubessem aquilo era esperado deles em termos de comportamentos e também para manter a boa ordem, disciplina e um bom ambiente nas aulas.

Imediatamente a seguir, mencionámos os objetivos da aula, para que os alunos soubessem aquilo que pretendíamos deles em termos de aprendizagens. Depois, dissemos aos alunos que iriamos explorar os elementos do mapa físico da Europa mas, antes, começámos por explorar alguns conceitos, como limite natural, península e cordilheira montanhosa, de forma a explorar as ideias prévias dos alunos e promover a articulação das mesmas com os nosso conteúdos para criarmos uma ponte entre os conhecimentos que eles já possuíam e os novos conteúdos a aprender.

No que respeita aos comportamentos dos alunos, tendo em conta a sua faixa etária e apesar de uma ou outra chamada de atenção que fomos fazendo ao longo da aula, podemos dizer que, no geral, os alunos portaram-se bem, tendo sido bastante

participativos ao longo da aula – o que se prenderá com termos conseguido levar os alunos à descoberta das respostas dos conteúdos lecionados. Contudo, verificámos que para a implementação desta estratégia é necessário manter um maior controlo sobre a turma, precisamente pela grande participação dos alunos Os alunos mais participativos nesta aula foram: Rui,Carlos; Miguel; Ana; Manuel e Raquel.

Pensamos que a exploração de imagens, em diapositivos, correu bem. Elaborámos dois mapas físicos da Europa que foram apresentados em diapositivos distintos e que nos permitiram levar os alunos à descoberta das respostas e a alcançar os objetivos da aula. No que respeita aos mesmos diapositivos, supomos que foram bem compreendidos pelos alunos, tendo em conta as suas características cognitivas e aprendizagens realizadas em outros anos escolares. Contudo, no primeiro, quando projetámos os nomes dos elementos do mapa físico, estes não estavam bem visíveis para os alunos e, de forma a ultrapassarmos esta dificuldade, escrevemos os nomes dos elementos no quadro e ficou o problema resolvido.

Os alunos sentiram-se "perdidos" na aula enquanto os levávamos à descoberta das respostas dos conteúdos lecionados. Por exemplo, no início da aula, distribuímos uma ficha de atividades, que continha 28 elementos numerados do mapa físico da Europa e os alunos tinham que descobrir os nomes destes elementos, sem ajuda do manual ou de qualquer tipo de ajuda. Muitos alunos sentiram-se alarmados por não saberem os nomes de alguns elementos do mapa físico da Europa. Depois, quando fizemos a correção em grupo, todos os alunos contribuíram com o conhecimento que possuíam e esta situação tornou-se bastante interessante, pois quase todos os alunos participaram na correção da ficha e conseguimos completar todos os nomes dos elementos do mapa físico da Europa. Portanto, o grupo de turma trabalhou em conjunto.

No que diz respeito à colocação de questões, seja individuais ou à turma, pensamos que conseguimos fazer uma boa gestão das mesmas. Começámos por colocar questões à turma para mobilizar a totalidade dos alunos e também para não os intimidar no começo da aula. Assim pretendemos criar um ambiente mais reconfortável, incentivando a uma maior dinâmica de grupo. Além disso, escolhemos sempre alunos de diferentes quadrantes geográficos da sala de aula. No que respeita à colocação de questões individuais, tentamos mobilizar os alunos que não estavam a participar na correção da ficha, bem como aqueles que estavam a participar muito pouco. De cada vez que um aluno respondia corretamente, nós dávamos-lhe sempre um reforço positivo, como por exemplo "respondeste corretamente à questão, muito bem".

Por último, não nos foi possível concretizar toda a planificação, devido ao atraso inicial na preparação dos materiais, mas também porque nos apercebemos que a metodologia de levar os alunos à descoberta das respostas, consumiu mais tempo do que aquele que tínhamos previsto.

Em suma, apesar de alguns aspetos terem corrido menos bem, pensamos que aula no geral correu bem, pela preparação prévia e algo criativa. Teremos conseguido levar os alunos por uma aprendizagem pela descoberta, motivando-os para as aprendizagens, com um pertinente sequência de questões, esclarecendo os alunos nas dúvidas que estes nos levantaram. Conseguimos fazer uma boa gestão dos comportamentos, pois apesar de alguns alunos terem falado algumas vezes na aula sem autorização, não existiu nenhuma falta de respeito para comigo ou entre os mesmos.

6.2. – 3ª Aula lecionada de Geografia

A terceira aula lecionada em Geografia, decorreu no dia 5 de Dezembro de 2014, entre as 12:40h e as 13:25h, na sala B 1. 16 à turma do 7º B. O sumário da aula foi: "Revisão da aula anterior: questões sobre os limites naturais da Europa. Exploração de mapa político da Europa. Países, cidades capitais e microestados. Conceito de país, cidade capital e microestado".

Tal como na outra aula, a nossa colega Inês Santos foi observar e descrever a aula. Após requisitarmos os materiais, dirigimo-nos à sala de aula, onde os alunos já se encontravam a ter uma aula de Inglês e prepararmos os materiais para a aula. Em seguida, começamos por fazer a chamada dos alunos e registamos no livro de turma os alunos que estavam a faltar. Depois pedimos aos alunos para abrirem a lição nº 27.

Foi realizada a revisão da aula anterior e falámos da importância de eles conseguirem localizar os principais limites naturais do continente europeu, de forma a consolidar as aprendizagens da aula anterior. Foi pedido a três alunos para irem ao quadro escreverem as definições dos conceitos de país, cidade capital e microestado, com a colaboração dos outros alunos e através de diálogo orientado entre professor-alunos. Portanto, existiu uma participação ativa dos alunos na construção do seu saber, sendo o professor quem os "guia" na descoberta das mesmas.

Foi dada continuidade à estratégia central da aula anterior, ou seja, a de levar os alunos à construção das aprendizagens a partir das respostas às questões colocadas. Ao invés de ensinarmos primeiro e questionar depois para ver se nos fizemos compreender.

Distribuímos duas fichas aos alunos sobre países e suas respetivas cidades capitais e microestados. O objetivo das mesmas era o de que os alunos identificassem países e as suas cidades capitais e microestados no mapa político da Europa, para depois escreverem os seus nomes em colunas próprias das fichas. Portanto, depois de os alunos terem elaborado uma parte inicial da ficha e, por uma questão de tempo, questionámos os mesmos sobre aquilo que eles tinham respondido na ficha.

Como na primeira aula, quando projetámos um slide com os nomes dos elementos do mapa físico da Europa, estes não se conseguiam ler bem, como se referiu, nesta aula, no slide que elaborámos para a revisão da aula, já procedemos a essa correção e os nomes dos elementos foram visualizados sem dificuldade.

Os alunos portaram-se bem, em geral, à exceção de um aluno que no final da aula se portou mal e, por conseguinte, mandámo-lo fazer o relatório da aula como castigo. Os alunos continuaram a ser bastante participativos no geral, o que se deverá ao acolhimento da estratégia adotada. Os alunos mais participativos foram: Sónia, Joaquim, Carlos; Miguel; Ana; Manuel, Diana.

Colocámos tanto questões à turma, como individuais – através destas últimas, em especial, tentámos mobilizar todos os alunos, designadamente os menos participativos.

Tanto na última aula como nesta, pedimos a um aluno para ir escrever o sumário ao quadro com a ajuda dos seus colegas, no final da aula. Pensamos que esta participação ativa dos alunos na construção do sumário da aula foi uma experiência de aprendizagem enriquecedora para a aula. O sumário da aula ajuda os alunos terem uma visão clara das aprendizagens realizadas ao longo da aula e se este estiver construído de uma forma organizada vai ajudá-los a organizar as aprendizagens.

Apesar de termos conseguido cumprir toda a planificação, no final da aula quando distribuímos três documentos aos alunos, podíamos ter sido mais claros com os mesmos sobre aquilo que pretendíamos que eles fizessem.

Em suma, pensamos que aula correu bem, em geral. A aula estaria preparada com alguma criativa e teremos conseguido levar os alunos a terem uma participação ativa na construção do seu saber através das respostas às questões colocadas. Por último, fizemos uma boa gestão em termos de comportamentos e da colocação de questões à turma e individuais.

6.3. – 4ª Aula lecionada de Geografia

A 4ª aula lecionada em Geografia, decorreu no dia 12 de Dezembro de 2014, entre as 12:40h e as 13:25h, na sala B 1. 16 à turma do 7º B. O sumário da aula foi: Revisão da aula anterior: Países, capitais e microestados da Europa. Espaços geográficos da Europa e respetivo conceito. Ficha diagnóstica sobre todos os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e na presente aula. Jogo didático intitulado "À descoberta da Europa". Marcação de T. P. C.

Como de costume, a nossa colega Inês Santos foi observar a aula.

Pedimos à aluna Carla para ir ao quadro escrever a definição do conceito de espaço geográfico, com a ajuda dos seus colegas e a nossa própria. Pedimos também aos seus colegas para escreverem a definição do conceito, nos seus cadernos.

Passou-se, então, à realização do jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa". Assim, começamos por explicar os procedimentos do jogo e, depois, pedimos ao aluno Pedro e à aluna Anaísa para ajudarem a distribuir as fichas do jogo e, também, as fichas do T.P.C. para os alunos realizarem nas férias do Natal. Enquanto os alunos distribuíram as fichas, nós formamos seis grupos de alunos, para a realização do jogo – como forma de ganharmos mais alguns minutos de aula. Entregámos aos alunos uma ficha para as férias do Natal, que abarcava todos os conteúdos lecionados até esta aula.

No jogo, como tivemos que lecionar os conteúdos dos espaços geográficos antes da sua realização, ficámos com pouco tempo para a execução do mesmo, pois tivemos que formar grupos e organizar a sala consoante os grupos formados. Tivemos ainda que escolher um porta-voz por grupo e desenhar no quadro as quadrículas do jogo, correspondentes a cada grupo. De fato, quando terminamos de fazer tudo isto e nos preparamos para iniciar o jogo com os alunos, apenas pudemos dispor entre 7 e 5 minutos para a sua execução.

Assim, a nosso ver, pensamos que esta atividade não devia ter sido realizada nesta aula, por ter pouco tempo de aula (45 minutos). No que respeita ao pouco de tempo, em que o jogo foi executado, referimos que os alunos se encontravam muito motivados em participar no mesmo. Cada vez que era colocada uma questão a cada grupo, os alunos encontravam-se bastante empolgados em responderem às questões e até se levantavam das cadeiras para dar a resposta – o que interpretámos como um sinal do seu envolvimento.

6.4. – 5ª e 6ª Aulas lecionadas em Geografia

A 5ª e 6ª aulas lecionadas em Geografia, decorreram no dia 05 de Janeiro de 2015, entre as 10:15h e as 11:45h, na sala B 1. 15 à turma do 7º B. O sumário da aula foi: Entrega do trabalho de casa realizado. Continuação da realização do jogo didático: "À descoberta da Europa".

A aula foi observada pelo professor Dr.º Sérgio Claudino, contudo a nossa colega Inês Santos não pôde estar presente para fazer o registo de observação que habitualmente mobilizamos neste relatório. Planeámos para esta aula dar continuidade ao jogo didático, intitulado "À Descoberta da Europa". Logo que deu o toque de entrada, já tínhamos os materiais preparados para dar continuação ao jogo didático e também tínhamos organizado as mesas da sala de aula para receber os alunos consoante os seus respetivos grupos de participação no jogo.

Antes de darmos continuação ao jogo, recordámos aos alunos que se iniciava um novo período letivo (2º Período), deixando os votos de um bom ano de 2015 e da indispensabilidade de ser dada continuidade ao trabalho iniciado na aula anterior.

Quando procedemos à recolha do trabalho de casa marcado na aula anterior, ficamos bastante surpresos com a quantidade de alunos que entregaram os trabalhos, pois como os alunos tinham estado de férias esperamos receber menos trabalhos – o que vai ao encontro da caraterização sociocultural antes efetuada, em que vários alunos provêm de famílias com algum capital educativo.

Fizemos a revisão das regras do jogo didático e, também, da pontuação conseguida por cada grupo participativo, pois já haviam passado três semanas desde a realização do jogo.

Durante a realização do jogo, os alunos estavam constantemente a falar e nós sempre a mandá-los calar. Por conseguinte, como os alunos estavam muito desassossegados, a sua inquietação perturbou a realização do jogo.

Apesar de os alunos terem feito algum barulho e desse ruído ter perturbado a atividade, o jogo não deixou, na nossa opinião, de ser um sucesso. Notava-se que os alunos se encontravam motivados em participar no jogo. A realização do jogo deixou bem claro que é possível os alunos aprenderem conteúdos escolares, de uma forma divertida, ao encontro das palavras de Mª de Jesus Gaite (2006).

Próximo do final do jogo e da aula, nós procedemos à contagem da pontuação que cada grupo tinha conseguido alcançar. Dois grupos empataram, sendo eles os grupos nº 6

e nº3. Neste sentido, procedemos ao desempate dos dois grupos e para um dos grupos ganhar, um grupo tinha que dar uma resposta correta enquanto o outro grupo tinha que dar uma resposta errada. Contudo, aquilo que inicialmente se esperava que terminasse de uma forma rápida, não ocorreu. Os dois alunos porta-vozes dos dois grupos, juntamente com os seus colegas de grupo, debateram-se pela vitória no jogo, de uma forma verdadeiramente espantosa. Assim, responderam a inúmeras questões e algumas delas de elevado grau de dificuldade. Até ao momento da vitória de um dos dois grupos estavam quase todos os alunos de pé e bastante empolgados a torcerem pelos seus colegas e cada vez que um dos grupos acertava uma resposta, os alunos aplaudiam com muito entusiasmo os seus colegas. De facto, foi um momento de grande

Pensamos que o jogo didático estava muito interessante, pois abarcava todos os conteúdos lecionados de três aulas, nomeadamente os elementos do mapa Físico da Europa, todos os países e respetivas capitais da Europa e ainda os espaços geográficos e alguns monumentos da Europa. Contudo, achamos que podem ser realizadas algumas melhorias no jogo, tal como quando é colocada uma questão aos alunos, poderiam ser projetadas algumas imagens relacionadas com a questão colocada e o professor poderia falar por breves minutos acerca do tema que a questão aborda, entre outros aspetos.

6.5. – 7ª e 8ª Aulas lecionadas em Geografia

A 7ª e 8ª aulas lecionadas em Geografia, decorreram no dia 12 de Janeiro de 2015, entre as 10:15h e as 11:45h, na sala B 1. 15 à turma do 7º B. O sumário da aula foi: A União Europeia: conceito; objetivos; alargamento; estados membros. Marcação de Trabalho de grupo.

No início da aula procedemos à entrega de T.P.C.(S) corrigidos, que os alunos tinham realizado noutras aulas. Depois de termos entregado os T.P.C. (S), demos um feedback aos alunos sobre as suas maiores dificuldades e erros encontrados.

Ao pedirmos ao aluno Rui para ir ao quadro escrever a definição do conceito de União Europeia, tentou-se dar continuidade ao envolvimento dos alunos na construção das suas aprendizagens.

Na construção dos diapositivos, tentou-se que estes ficassem mais interessantes e ricos em termos de informações, através da cor e da introdução de várias imagens nos mesmos. Os guiões de trabalho de grupo sobre a União Europeia procuraram promover o trabalho autónomo.

Outro recurso educativo, que também entregamos nesta aula aos alunos, foram seis guiões de trabalho de grupo sobre a União Europeia, levando os alunos a realizar trabalho de pesquisa, cartografar vários mapas e tomar consciência dos seus direitos como cidadãos da União Europeia. Por último, pensamos que procedemos bem na explicação que demos aos alunos, acerca dos procedimentos para a realização dos trabalhos de grupo.

No final da aula, outro recurso educativo que entregámos aos alunos foi uma ficha que abordava conteúdos sobre a União Europeia. Foi elaborada no sentido de levarmos os alunos à descoberta da informação, motivando assim os alunos para as aprendizagens. Contudo, por falta de tempo, quando entregámos a ficha, também entregámos os guiões dos trabalhos de grupo sobre a União Europeia, o que originou uma sobreposição de entrega de documentos.

Por outro lado, por falta de tempo, não demos tempo suficiente (passe a repetição) aos alunos para realizarem a ficha individual de atividades. Por conseguinte, a resolução da ficha, ocorreu em conjunto, entre professor-alunos, através de diálogo orientado, com recurso à exploração de 7 slides.

Portanto, ao realizarmos um balanço geral sobre esta aula, podemos dizer que existiu uma evolução na construção dos recursos educativos, pois os mesmos encontravam-se mais atrativos. Os trabalhos de grupo sobre a União Europeia, também estariam interessantes e sentimo-nos gratificados pelo esforço na sua construção.

Os alunos, através do trabalho de turma, conseguiram definir corretamente o conceito de União de União Europeia. Depois, no exercício que realizaram do Bloco do geógrafo, sobre os Estados-membros da União Europeia, conseguiram identificar com facilidade quais eram os Estados-membros da União Europeia e identificar quais os objetivos da União Europeia. Responderam corretamente a todas as questões, da ficha formativa individual, sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e direitos dos cidadãos europeus – mas – como se referiu, esta foi realizada de forma mais apressada.

Por último, aquilo que foi menos positivo, foi o barulho que os alunos fizeram durante quase toda a aula, apesar de os mandarmos calar constantemente. Logo, isto levou-nos a pensar em adotar uma postura mais rígida para com os alunos na aula seguinte.

6.6. - 9ª Aula lecionada de Geografia

A 9ª aula lecionada em Geografia decorreu no dia 16 de Janeiro de 2015, entre as 12:40h e as 13:25h, na sala B 1. 16 à turma do 7º B. O sumário da aula foi: "Orientações de estudo/ revisões. Apresentação de trabalhos de grupo sobre a União Europeia. Entrega de certificados de participação no jogo didático: " *À descoberta da Europa*".

Como de costume, nós e a nossa colega Inês Santos nos dirigimos mais cedo para a sala de aula, para prepararmos os materiais para a aula. Os alunos iriam proceder às apresentações dos trabalhos de grupo sobre a União Europeia, mas como iam realizar uma ficha de avaliação sumativa na aula seguinte, decidimos dar-lhe indicações para a ficha de avaliação sumativa.

No entanto, ao fazermos uma breve revisão sobre os conteúdos anteriormente lecionados, notamos que alguns alunos possuíam algumas dúvidas e decidimos esclarecer as mesmas. Por conseguinte, em virtude desta situação atrasamo-nos no cumprimento da planificação em alguns minutos de aula, que tínhamos reservado para a realização das apresentações dos trabalhos de grupo sobre a União Europeia. Assim, pensámos em continuar com a planificação que tínhamos definido inicialmente e se algum grupo não conseguisse apresentar os seus trabalhos nesta aula, iria apresentar na aula seguinte. De fato, pensamos que procedemos bem em esclarecer as dúvidas aos alunos, pois não podíamos deixar que os alunos fossem com dúvidas para a ficha de avaliação sumativa. Além disso, pensamos que um professor que apenas pensa em cumprir a planificação independente das consequências, não é um bom professor.

Após termos esclarecido as dúvidas aos alunos seguiram-se as apresentações dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia. Quanto às apresentações, as mesmas correram todas bem, exceto a apresentação do último grupo, que foi realizada com um pouco mais de barulho por parte dos alunos, pelo motivo que deu o toque de saída, quando o grupo ainda estava apresentar. Contudo, nós acalmamos os alunos e esta última apresentação foi concluída.

Durante as apresentações dos trabalhos de grupo, fomos classificando os trabalhos numa grelha própria de observação que elaborámos. No que diz respeito à qualidade dos trabalhos apresentados, salientamos que a maior parte dos grupos atingiu os objetivos definidos em cada trabalho. Além disso, os alunos elaboraram trabalhos

muito interessantes, com cartolinas de várias cores e mapas muito bem cartografados. Os trabalhos realizados foram um pequeno sucesso.

Contudo, ao nos termos atrasado no cumprimento da planificação no início da aula, ficámos sem tempo para proceder à entrega dos certificados do jogo didático, intitulado "À Descoberta da Europa". Por conseguinte, decidimos entregar os mesmos na aula seguinte.

Outro aspeto a salientar, é que nesta aula, assumimos uma postura mais rígida para com os alunos. Já era tempo de terminar com o barulho que os alunos faziam em todas as aulas e que perturbava naturalmente o desenvolvimento das mesmas. Pusemo-nos "mais sérios" e, na realidade, os alunos não perturbaram mais a aula com barulho.

Ao realizarmos um balanço geral acerca desta aula, pensamos que a mesma correu bem, pois tirámos várias dúvidas aos alunos, sobre os conteúdos que iam sair na ficha de avaliação sumativa. As apresentações correram todas bem, à exceção da última, que foi um pouco prejudicada com o barulho que os alunos fizeram devido a ter dado o toque de saída. Além disso, pensamos que fizemos uma boa gestão, dos comportamentos dos alunos e que os objetivos definidos para a aula foram também alcançados.

6.7. - 10ª e 11ª Aulas lecionadas em Geografia

A 10ª e 11ª aulas lecionadas em Geografia, decorreram no dia 26 de Janeiro de 2015, entre as 10:15h e as 11:45h, na sala B 1. 15 à turma do 7º B. O sumário da aula foi: "Revisão de conteúdos lecionados. Entrega de certificados de participação no jogo didático: " À descoberta da Europa". Realização da ficha de avaliação sumativa".

No início da aula procedemos à entrega dos certificados aos alunos do jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa". Os alunos ficaram bastante animados com os certificados. Assim, pensamos que são estas pequenas coisas que nos marcam enquanto ser humanos. Dizemos isto, porque nós também recebemos um certificado quando frequentávamos o 7º ano pela participação em umas jornadas de reflexão sobre o racismo e xenofobismo e ainda hoje o conservamos.

Neste sentido, os certificados não constituem uma forma de fomentar uma competição desmedida entre os alunos, no sentido de "vamos lá ver quem é que fica em

primeiro lugar" mas, sim, uma forma de motivar os alunos para as aprendizagens. Além disso, constituem também uma forma de dar um reforço positivo aos alunos.

Assim, depois de termos entregado os certificados aos alunos, procedemos à revisão de conteúdos para realização da ficha de avaliação sumativa através de diálogo orientado entre professor-alunos e com recurso à projeção de trinta e um diapositivos que continham pequenos exercícios de pergunta-resposta rápida. Nos diapositivos introduzimos várias imagens que surgiam quando apareciam as respostas às questões que colocávamos. Além disso, os slides também estavam mais apelativos em termos de cores. Portanto, existiu uma evolução na construção dos materiais.

Contudo, não nos foi possível projetar todos os slides por falta de tempo, mas projetámos praticamente todos. Quanto à revisão, os alunos responderam acertadamente à maior parte das questões que lhes colocávamos. Logo, os alunos deram-nos a entender que se tinham preparado bem para a realização da ficha sumativa.

Quanto aos comportamentos dos alunos, pensamos que conseguimos fazer uma boa gestão dos mesmos. Contudo, tivemos que continuar a manter a mesma postura rígida, que adotamos na aula anterior.

Por último, quando entregamos as fichas de avaliação aos alunos, explicámos-lhe as regras estabelecidas pela escola para a realização da ficha de avaliação sumativa e também as questões da ficha de avaliação, muito resumidamente. Logo, pensamos que isso foi muito importante, para que os alunos durante a realização da ficha, não estivessem constantemente a interromper aula, com várias dúvidas, perturbando assim a concentração de vários alunos.

7. Estudo de caso: A entrevista aos três alunos

Os três alunos selecionados com distintos perfis de desempenho escolar (baixo, médio e elevado) foram sujeitos à realização de uma entrevista[54], que ocorreu no final de todas as aulas que lecionamos. A entrevista visou a obtenção de informação sobre aquilo que os alunos acharam acerca das aulas que lecionamos. Assim, os alunos com perfil de nível baixo (Maria) e elevado (João) classificaram as nossas aulas como sendo muito boas. O aluno com perfil de nível médio (Miguel) classificou as aulas como sendo boas.

Abaixo apresentamos algumas respostas dadas pelos alunos a algumas questões feitas na entrevista. Assim, as mesmas referem-se aquilo que os alunos mais gostaram de fazer em todas as aulas; menos gostaram de fazer em todas as aulas e qual a aula que os alunos mais gostaram.

- **Pergunta:** O que é que gostaste mais de fazer ao longo de todas as aulas?

  Resposta: Maria - Gostei de fazer as fichas, porque prefiro fazer fichas.
  Resposta: João - Descobrir coisas novas; aprender de uma forma diferente que a professora ensinava. Para ter mais formas de estudar.
  Resposta: Miguel - Ter jogado o jogo "À Descoberta da Europa".

- **Pergunta:** O que é que menos gostaste nas aulas que lecionamos?

  Resposta: Maria - Muitas pessoas estavam sempre a fazer barulho e estavam sempre perturbar, porque o setor não era da escola.
  Resposta: João - Não desgostei de nada.
  Resposta: Miguel - A parte de dizer os objetivos da aula no início das aulas.

- **Pergunta:** Das aulas lecionadas, diz qual foi a aula que mais gostaste e porquê?

  Resposta: Maria - Gostei da aula do jogo. É uma forma diferente de aprender e é divertido.
  Resposta: João - Foi a aula do jogo, porque nos podíamos sentir mais à vontade e porque podíamos jogar e ao mesmo tempo aprender.
  Resposta: Miguel - A aula do jogo, porque foi diferente. É uma coisa que não costumávamos fazer nas aulas.

[54] Ver guiões das entrevistas com as respostas, realizadas aos três alunos do estudo de caso, no anexo nº18, pág. 309.

Note-se a crítica ao barulho por parte da aluna com pior sucesso, o que constitui um alerta, e ao enunciar dos objetivos, por parte do alunos médio – possivelmente, tal acaba por ser pouco significativo para alguns alunos. De todas as aulas por nós lecionadas, a que mais se destacou foi aquela em que foi implementado o jogo *À Descoberta da Europa*. Portanto, este tipo de atividade lúdica foi mencionada pelos alunos como um forma diferente e divertida de aprender, na qual os alunos se divertiam ao mesmo tempo enquanto aprendiam.

Também o envolvimento ativo dos alunos nas aprendizagens foi mencionado como satisfatório. Neste sentido, os alunos gostaram de fazer parte na construção das suas próprias aprendizagens. Quanto aos conteúdos que sentiram maior dificuldade foram mencionados os temas dos países e capitais da Europa e da União Europeia. Logo, as respostas não foram todas consensuais, revelando que as dificuldades refentes aos temas lecionados variam de aluno para aluno. Referimos ainda que dois dos três alunos mencionaram que gostaram da realização do trabalho de grupo acerca da União Europeia, permitindo este trabalho socialização entre os alunos e trabalho cooperativo. Contudo, um dos alunos pertencia a um grupo que não entregou o trabalho e logo a sua resposta foi inconclusiva.

Além disso, os alunos também referiram que gostaram dos diapositivos. Tentámos tornar os mesmos mais apelativos para os alunos e pensamos que a estratégia funcionou. Por último, os três alunos acham que atingiram satisfatoriamente os objetivos de aprendizagem estipulados no início de cada aula. Como é natural, não nos é possível saber se atingiram ou não os objetivos de aprendizagem estipulados no início de cada aula - para se saber isso, seria necessário efetuar no final de cada aula uma ficha e questões orais. Contudo, a partir das suas respostas, ficamos com uma noção de que provavelmente tenham compreendido uma parte dos conteúdos.

8. Análise e reflexão dos resultados apresentados

8.1. Apresentação e comentário dos resultados da ficha de avaliação sumativa realizada pela turma do 7ºB:

Os resultados da ficha de avaliação sumativa[55] foram satisfatórios. Apenas um aluno tirou negativa na ficha, num total de 25 alunos. Em segundo lugar, mais de metade dos alunos da turma (quinze alunos) tiraram notas com classificações de Bom e Muito Bom. E em terceiro lugar, dezassete alunos (68%), em vinte cinco, conseguiram subir as suas classificações, comparando com as obtidas nos dois testes anteriores, realizados durante o primeiro período. Em quarto lugar, lecionámos os conteúdos da União Europeia em três aulas, que foi tempo insuficiente para as respetivas aprendizagens ocorrerem com sucesso e, ao termos conseguido obter estes resultados, podemos dizer que os mesmos foram satisfatórios.

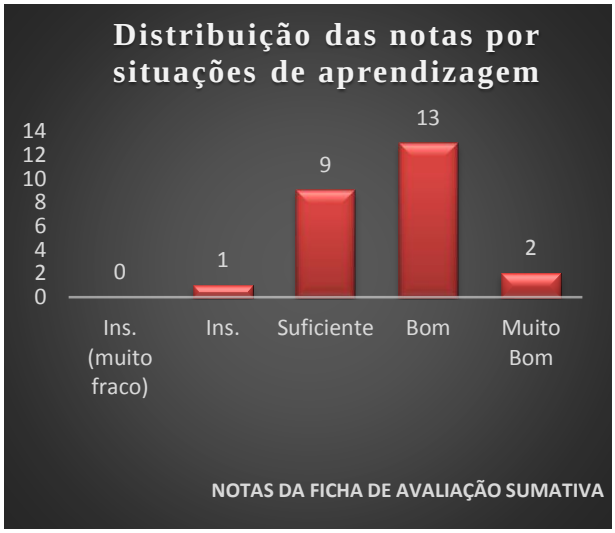


Figura nº 13 - Distribuição das notas por situações de aprendizagem.

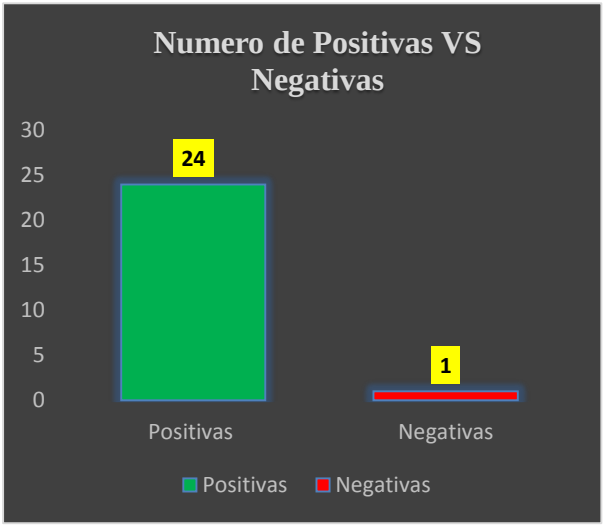


Figura nº 14 – Número de Positivas VS Negativas.

[55] Vide resultados das Fichas de Avaliação Sumativa na pág. 141.

Figura nº 15 - Distribuição das notas por situações de aprendizagem.

Os resultados obtidos na ficha de avaliação sumativa vêm refletir os dados que já foram apresentados anteriormente na caracterização da turma, bem como alguns dos aspetos que foram identificados nas aulas observadas. Assim, esta turma possui vários alunos com bom desempenho escolar. Além disso, segundo a professora cooperante, como se referiu, esta turma pode ser considerada de nível medio-alto, pois há apenas um aluno repetente na turma e quase 50% dos encarregados de educação possuem habilitações literárias acima do 12º ano e 32% dos mesmos possuem o 12º ano.

Note-se que as questões nº 6 e 8 da ficha sumativa possuíam algumas deficiências na sua construção e podem ter influenciado positivamente os resultados que os alunos obtiveram na mesma. Assim, na questão nº6 pedia-se aos alunos para ligarem frases entre duas tabelas designadas por A e B, de forma a completarem frases. Contudo, o início das frases da Tabela B dava a entender qual a frase a ligar na tabela A. Por sua vez, a questão nº 8 é uma questão que apela à opinião do aluno, pelo que qualquer resposta pode ser considerada correta.

Ainda no que se refere aos resultados da ficha, salientamos mais alguns aspetos, assim: o género feminino tirou melhores notas que o sexo masculino, mas existe uma grande desproporção entre os dois sexos (8 rapazes para 17 raparigas); as notas com classificação de muito bom só se verificaram nos alunos que têm encarregados de

educação com habilitações literárias superiores existindo, assim, uma relação entre as habilitações dos pais e o desempenho dos alunos; dos 12 alunos que mencionaram que não eram ajudados na realização dos trabalhos de casa pelos seus encarregados de educação, 4 alunos tiraram notas baixas (3 suficientes e 1 insuficiente); os Porta-vozes escolhidos para o jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", foram os alunos que maioritariamente tiraram as melhores notas na ficha de avaliação sumativa (como já se esperava), pois numa turma os alunos costumam escolher para seus representantes os alunos que mais se destacam na turma; dos cinco alunos que tem SASE, três alunos tiraram a nota de suficiente, existindo assim relação entre o seu desempenho escolar e possivelmente carência económica; três alunos, de quatro alunos que não fizeram nenhum trabalho prático de casa, marcado em sala de aula, tiraram a nota de suficiente na ficha sumativa, existindo assim uma relação entre a sua falta de entrega dos trabalhos e os resultados obtidos na ficha; os alunos que foram referenciados como bons alunos no 6º ano (8) a todas as disciplinas e na reunião de avaliação, tiraram todos boas notas na ficha sumativa à exceção de dois alunos; quanto aos alunos que têm o plano do PAPI (4), dois deles tiraram nota de bom e os outros dois tiraram nota de suficiente (portanto, nenhum destes alunos teve negativa na ficha de avaliação sumativa).

8.2. Apresentação e comentário aos resultados da avaliação dos três alunos do estudo de caso:

No que respeita à avaliação dos três alunos do estudo de caso, mesma incidiu na realização de uma ficha formativa (a meio das aulas lecionadas, abordando todos os conteúdos lecionados até aquele momento) e uma ficha sumativa (realizada no final das aulas). Quanto aos resultados da ficha de avaliação formativa, os mesmos revelaram que o aluno que obteve melhores resultados na ficha formativa foi o aluno com desempenho escolar de nível médio, seguindo-se o aluno com o perfil de nível elevado e por último a aluna com o perfil de nível baixo.

Contudo, no que se refere aos resultados da ficha de avaliação sumativa, implementada no final das nossas aulas, quem conseguiu tirar melhores resultados foi o aluno com o perfil de nível elevado, seguindo-se a aluna com o perfil de nível baixo e, por último, o aluno com perfil de nível médio.

Assim, concluímos que o aluno com desempenho escolar de nível elevado, quando realizou a ficha formativa, provavelmente ainda não tinha estudado e nas aulas não deve ter estado com atenção. Logo, o mesmo obteve maus resultados na ficha formativa. Por

conseguinte, o aluno de nível médio obteve melhores resultados do que os outros dois alunos.

Quando ocorreu a realização da ficha sumativa, o aluno com desempenho escolar de nível elevado, conseguiu obter melhores resultados (ver resultados no gráfico da figura nº17) do que os outros dois alunos. Logo, pensamos que o mesmo se preparou devidamente e atempadamente para a realização da ficha sumativa, recuperando assim o estudo em atraso. Salientamos, que o motivo para a recuperação do estudo por parte do aluno com desempenho escolar de nível elevado, se deva ao facto de o mesmo atribuir uma maior importância à ficha de avaliação sumativa.

Quanto ao aluno com desempenho escolar de nível médio, este tirou pior resultado na ficha de avaliação sumativa, do que a aluna de nível baixo, pelo motivo de não ter respondido à última questão da ficha que valia 20%. Logo, ficou em desvantagem na classificação perante os outros dois alunos.

Assim, concluímos que o aluno com desempenho escolar de nível elevado continuou a manter o seu nível de desempenho escolar comparado com os outros dois alunos. Contudo, conseguiu subir a sua nota na ficha de avaliação sumativa em comparação com a nota do último teste realizado durante o primeiro período.

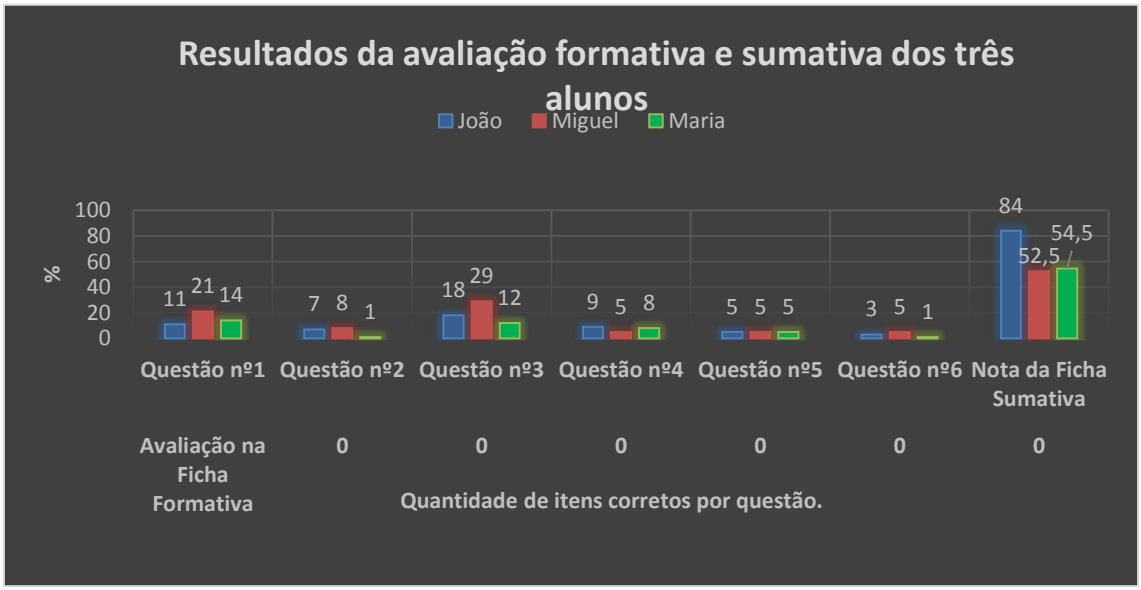


Figura nº16 - Distribuição das notas por situações de aprendizagem.

Quadro nº2 – Evolução da aprendizagem nas avaliações diagnóstica, formativa e sumativa.				
Aulas:	**Objetivos de aprendizagem:**	**Competências/habilidades a desenvolver:**	**Tipos de avaliação implementados Diagnóstica/Formativa e facilidades/dificuldades de aprendizagem detetadas:**	**Medidas Implementadas:**
Aula nº1 e nº2 Duração: 90 min Data: 01 – 12 – 2014	1. Identificar os limites naturais do continente europeu. 2. Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios. 3. Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico. 4. Localizar países e cidades.	- Localizar elementos do mapa físico da Europa; - Compreender conceitos geográficos; - A utilização correta de vocabulário geográfico; - A relativização da importância do lugar onde vive em relação à Europa; - A comunicação e a expressão; - A compreensão; - Autonomia; - O pensamento lógico; - Aprender a explorar o desconhecido; - Aquisição de comportamentos, valores e atitudes.	- Foi implementada uma ficha de avaliação diagnóstica, onde os alunos revelaram dificuldades em localizar os elementos do mapa físico da Europa e os seus limites naturais. - Os alunos revelaram facilidade na compreensão dos conceitos geográficos e na utilização do vocabulário geográfico.	- No início da aula seguinte, será realizada uma revisão com o objetivo de consolidar os conhecimentos dos alunos.
Aula nº2 Duração: 45 min Data: 05 – 12 – 2014	1.Localizar países e cidades. 2. Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico.	- Localizar países, cidades e microestados da Europa; - Compreender conceitos geográficos; - A utilização correta de vocabulário geográfico; - A relativização da importância do lugar onde vive em relação à Europa; - A comunicação e a expressão; - A compreensão; - Autonomia; - O pensamento lógico; - Aprender a explorar o desconhecido; - Aquisição de comportamentos, valores e atitudes.	- Com a revisão da aula anterior, os alunos já revelaram facilidade de em localizar os elementos do mapa físico da Europa e os seus limites naturais. - Os alunos revelaram facilidade na compreensão dos conceitos geográficos e na utilização do vocabulário geográfico. - Foram implementadas duas fichas de avaliação diagnóstica, onde os alunos revelaram dificuldades em localizar países, cidades e microestados da Europa.	- Marcação nesta aula de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos. Os alunos devem completar a ficha entregue em aula sobre os países e capitais da Europa, com recurso à pág. 61 do manual escolar. - Na aula seguinte os alunos vão participar num jogo didático intitulado á Descoberta da Europa, que aborda todos os conteúdos lecionados até à aula seguinte. - Na próxima aula será marcada uma ficha de avaliação formativa que abarcará todos os conteúdos lecionados até á aula seguinte. Os alunos devem de fazer esta ficha nas férias do Natal
	1.Identificar os diferentes espaços	- Localizar países, cidades, microestados e espaços geográficos da Europa;	- Com a revisão da aula anterior, os alunos já revelaram facilidade de em	

Aula nº4 Duração: 45 min Data: 12 – 12 – 2014	geográficos europeus. 2.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos. 3. Localizar países e cidades da Europa. 4.Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico.	- Compreender conceitos geográficos; - A utilização correta de vocabulário geográfico; - A relativização da importância do lugar onde vive em relação à Europa; - A comunicação e a expressão; - A compreensão; - Autonomia; - O pensamento lógico; - Aprender a explorar o desconhecido; - Aquisição de comportamentos, valores e atitudes. - Socialização - Capacidade de liderança - Aprender a trabalhar cooperativamente	localizar países, cidades e microestados da Europa; - Os alunos revelaram facilidade na compreensão dos conceitos geográficos e na utilização do vocabulário geográfico. - Os alunos revelaram facilidade na localização dos diferentes espaços geográficos europeus. - Foi implementada uma ficha de avaliação formativa, no decurso do jogo didático intitulado à *Descoberta da Europa*, onde os alunos revelaram facilidade na localização dos elementos do mapa físico da Europa. - Não foi possível concluir o jogo didático intitulado à *Descoberta da Europa*.	- Continuação na aula seguinte do jogo didático intitulado à *Descoberta da Europa* devido a falta de tempo para realizar o mesmo na presente aula.
Aula nº5 e nº6 Duração: 90 min Data: 05 – 01 – 2015	1. Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 2. Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos. 3. Localizar países e cidades da Europa. 4. Mencionar informações relevantes de âmbito cultural.	- Localizar países, cidades, microestados e espaços geográficos da Europa; - Compreender conceitos geográficos; - A utilização correta de vocabulário geográfico; - A relativização da importância do lugar onde vive em relação à Europa; - A comunicação e a expressão; - A compreensão; - Autonomia; - O pensamento lógico; - Aprender a explorar o desconhecido; - Aquisição de comportamentos, valores e atitudes. - Socialização - Capacidade de liderança - Aprender a trabalhar cooperativamente	- Foi dada continuação à realização da ficha de avaliação formativa implementada na aula anterior. Assim, no decurso do jogo didático intitulado à *Descoberta da Europa*, os alunos revelaram facilidade na localização dos limites naturais, países, capitais, microestados e espaços geográficos da Europa.	Não foram aplicadas quaisquer medidas de recuperação nesta aula.
	1.Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia.	- Localizar países da União Europeia; - Compreender conceitos geográficos; - A utilização correta de vocabulário geográfico;	- Os alunos realizaram o exercício nº 1 e 2 da atividade nº7, da pág. 15, do Bloco do geógrafo sobre a União Europeia, tendo revelado facilidade na identificação	- Para consolidação das aprendizagens acerca da União Europeia e para o desenvolvimento de determinadas competências (pesquisa, trabalhar

Aula nº7 e nº8 Duração: 90 min Data: 12 – 01 – 2015	2.Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 3.Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 4.Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.	- A relativização da importância do lugar onde vive em relação à Europa; - A comunicação e a expressão; - A compreensão; - Autonomia; - O pensamento lógico; - Aprender a explorar o desconhecido; - Aquisição de comportamentos, valores e atitudes. - Socialização - Socialização - Capacidade de liderança - Aprender a trabalhar cooperativamente - Desenvolvimento do pensamento crítico - Pesquisa - Criatividade	dos países que são "Estados-membros da União Europeia. - Os alunos completaram uma ficha diagnóstica individual sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e direitos dos cidadãos europeus, tendo revelado facilidade na identificação dos aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e direitos dos cidadãos europeus.	cooperativamente, socialização, entre outras) foi marcado um trabalho para casa, para os alunos: Os alunos vão realizar um trabalho em grupo, sobre um tema da União Europeia, selecionado pelo professor. Para a realização dos trabalhos, o docente entrega a cada grupo, um guião de trabalho.
Aula nº9 Duração: 45 min Data: 16 – 01 – 2015	1.Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia. 2.Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 3.Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 4.Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.	- Compreender conceitos geográficos; - A utilização correta de vocabulário geográfico; - A comunicação e a expressão; - A compreensão; - Autonomia; - O pensamento lógico; - Aquisição de comportamentos, valores e atitudes. - Socialização - Capacidade de liderança - Aprender a trabalhar cooperativamente	- Os alunos procederam à apresentação dos trabalhos em grupo sobre a União Europeia, tendo revelado facilidade de comunicação e expressão durante a apresentação. Além disso, demonstraram também pesquisa e criatividade nos trabalhos que entregaram.	Não foram aplicadas quaisquer medidas de recuperação nesta aula.
Aula nº10 e nº11 Duração: 90 min Data: 26 – 01 – 2015	1.Identificar os limites naturais do continente europeu. 2.Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios. 3.Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 4. Localizar países e cidades da Europa.	- Compreender conceitos geográficos; - A utilização correta de vocabulário geográfico; - A comunicação e a expressão; - A compreensão; - O pensamento lógico; - Aquisição de comportamentos, valores e atitudes.	- Os alunos realizaram a ficha de avaliação sumativa, tendo sido detetadas dificuldades na questão nº 1.2 relativa à identificação dos limites naturais das regiões do continente europeu e na questão nº 3 em assinalarem no mapa da Europa os espaços geográficos da Europa.	A professora cooperante após ter entregado as fichas de avaliação sumativa aos alunos, procedeu a uma explicação sobre as questões onde os alunos erraram mais.

	5.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos europeus. 6.Localizar os países da União Europeia. 7.Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 8.Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 9.Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.			

Quadro nº3 – Dados recolhidos sobre a turma do 7ºB – Resultados da avaliação sumativa

Nº:	Idade	Sexo	Habilitações Literárias dos E.E.	SASE	Ajuda dos E.E. na realização dos TPCS	Nº Total de TPCS Realizados (Total: 3 Fichas)	Porta-Vozes de Grupo no Jogo didático	Testes do 1º período		Ficha Sumativa – 2º período	
								T1 (%)	T2 (%)	F. (%)	Designação
1	13	F	Desconhecida	-	Desconhecido	3	-	56	39	77	B
2	11	F	Secundário	-	Ajuda	1	-	58	51	85	B
3	14	F	Desconhecida	A	Desconhecido	1	-	70	72	78	B
4	12	F	Curso médio/técnico	-	Não ajuda	2	Porta-Voz	62	75	79	B
5	11	F	Secundário	-	Ajuda	3	-	54	52	80	B
6	12	F	Secundário	A	Ajuda	2	-	44	45	61	S
7	12	F	Secundário	A	Ajuda	0	-	55	39	64	S
8	13	F	Secundário	-	Ajuda	2	-	57	30	55	S
9	12	M	Mestrado	-	Ajuda	2	-	66	69	83	B
10	12	M	Licenciatura	-	Não ajuda	1	-	67	80	86	B
11	11	M	Secundário	-	Ajuda	3	-	45	68	65	S
12	11	M	Secundário	-	Ajuda	2	Porta-Voz	63	72	84	B
13	12	M	Curso médio/técnico	-	Não ajuda	2	-	55	40	39	Ins.
16	12	F	Licenciatura	-	Ajuda	3	-	58	84	63	S
17	11	F	Licenciatura	-	Ajuda	0	Porta-Voz	62	69	83	B
18	11	F	Ensino Básico	B	Não ajuda	2	-	52	38	81	B
19	11	F	Licenciatura	-	Ajuda	3	Porta-Voz	49	78	91	MB
20	12	F	Curso médio/técnico	-	Ajuda	2	-	52	54	85	B
21	12	M	Bacharelato	-	Não ajuda	3	Porta-Voz	49	46	91	MB
22	13	M	Ensino Básico	-	Não ajuda	0	Porta-Voz	57	68	53	S
23	12	F	Secundário	-	Não ajuda	3	-	64	92	88	B
24	11	F	Curso médio/técnico	-	Ajuda	1	-	60	42	52	S
25	12	F	Licenciatura	-	Não ajuda	3	-	63	65	85	B
26	13	F	Desconhecida	A	Não ajuda	3	-	53	35	62	S
27	12	M	Licenciatura	-	Não ajuda	0	-	69	85	61	S

Legenda do quadro nº1

Alunos que subiram as notas na ficha de avaliação Sumativa	Alunos que baixaram as notas na ficha de avaliação Sumativa	Alunos do estudo de caso	Alunos com P.A.P.I.[56]

[56] Plano de apoio pedagógico individual.

Quadro nº4 - Apresentação dos resultados da investigação		
Nas nossas aulas lecionadas, os alunos foram envolvidos numa **aprendizagem ativa**, onde foram implementadas **atividades de caracter lúdico**.	68% dos alunos subiram as suas notas na ficha de avaliação sumativa, comparando com os resultados dos dois testes realizados no 1º período.	**Existe relação** entre a implementação de aprendizagens ativas e atividades lúdicas com o desempenho escolar dos alunos
Quase 50% dos encarregados de educação possuem **habilitações literárias** acima do 12º ano e 32% dos E. E. possuí o 12º ano.	Mais de 50% dos seus educandos obtiveram bom desempenho escolar nos resultados obtidos na ficha de avaliação sumativa.	**Existe relação** entre as habilitações dos E. E. e o desempenho escolar dos educandos.
Dois alunos tiraram notas com a **classificação de muito bom** na ficha de avaliação sumativa.	As notas com classificação de muito bom, só se verificaram nos alunos que possuem E. E. com habilitações literárias superiores	**Existe relação** entre as habilitações dos E. E. e as classificações mais elevadas obtidas na ficha de avaliação sumativa.
12 alunos mencionaram que não eram ajudados na realização dos **trabalhos práticos de casa** pelos seus E. E..	Desses 12 alunos, 4 alunos tiraram notas baixas na ficha de avaliação sumativa (3 suficientes e 1 insuficiente).	**Inconclusivo**
O **sexo** feminino tirou melhores notas na ficha de avaliação sumativa que o sexo masculino.	Contudo, existe uma grande desproporção entre os dois sexos (8 rapazes para 17 raparigas)	**Inconclusivo**
Cinco alunos da turma têm direito a **SASE**.	Desses cinco alunos com SASE, três alunos tiraram a classificação de suficiente, na ficha de Avaliação sumativa	**Existe relação** entre os alunos que têm SASE e o desempenho escolar dos mesmos.
Quatro alunos da turma não fizeram nenhuns dos **trabalhos práticos de casa** marcados em sala de aula.	Desses quatro alunos, três alunos tiraram a nota de suficiente na ficha sumativa.	**Existe relação** entre a falta de entrega dos trabalhos e os resultados obtidos na ficha de avaliação sumativa.
8 alunos foram referenciados na reunião de avaliação como **bons alunos no 6º ano** a todas as disciplinas	6 dos 8 alunos referenciados tiraram boas notas na ficha sumativa.	**Existe relação** entre o desempenho escolar dos alunos no ano anterior e o seu desempenho neste ano.
Quatro alunos têm o plano de apoio escolar, designado por **P.A.P.I.**	Destes quatro alunos, todos tiraram positiva na ficha de avaliação sumativa. Contudo, apenas dois subiram as suas notas.	**Inconclusivo**
Foram escolhidos 6 **porta-vozes para o jogo didático** intitulado "À Descoberta da Europa".	Dos 6 alunos escolhidos para porta-vozes no jogo didático, cinco deles tiraram boas notas na ficha de avaliação sumativa.	**Existe relação** entre a seleção dos alunos para porta-vozes e o desempenho escolar dos mesmos
Foram lecionadas **11 aulas**	Das 11 aulas lecionadas, a aula que os alunos do estudo de caso mais gostaram, foi a aula do jogo didático (*À Descoberta da Europa*)	**Existe relação** entre a aula que os alunos mais gostaram e a implementação da atividade lúdica do jogo didático.

No decorrer das aulas os alunos foram **envolvidos na construção dos seus saberes**.	O envolvimento ativo dos alunos nas aprendizagens foi mencionado como satisfatório pelos três alunos do estudo de caso.	**Existe relação** entre o envolvimento dos alunos nas aprendizagens e a satisfação pelo seu envolvimento, apontado nas respostas fornecidas nas entrevistas.
No decorrer das aulas, foram **lecionados os temas da Europa e da União Europeia**.	As dificuldades apontadas nos temas pelos alunos do estudo de caso não foram consensuais.	Assim, **não existe relação** entre as dificuldades apontadas pelos alunos e os temas lecionados.
Foi realizado um **trabalho de grupo acerca da União Europeia.**	Dois alunos do estudo de caso mencionaram que gostaram da realização do trabalho de grupo. Contudo, um dos alunos pertencia a um grupo que não entregou o trabalho.	**Existe relação** entre a atividade implementada e gosto pela realização da atividade apontado por dois alunos do estudo de caso.
Foram elaborados para todas as aulas **ficheiros power point.**	Dois alunos do estudo de caso mencionaram que os slides estavam explícitos.	**Existe relação** entre a clareza da informação apresentada nas aulas nos slides e a opinião dos alunos, quanto à mesma.
Nas aulas lecionadas foi implementado o **jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa.***	De todas as aulas lecionadas, a aula em que os alunos estiveram mais motivados, facto apontado pela professora cooperante, foi a aula do jogo didático.	**Existe relação** entre a implementação da atividade do jogo e a aula em que os alunos estiveram mais motivados.

8.3. Balanço geral das aulas lecionadas e dos resultados da investigação:

Antes de passarmos diretamente ao balanço geral sobre as aulas lecionadas, deixamos aqui um comentário quanto aquilo que entendemos por ser um bom professor. Ele é mais do que ser apenas um mero transmissor de informação, é mais do que seguir apenas o programa à risca em sala de aula, é mais do que sentir vocação para a profissão de docência, é mais do que saber comunicar ou falar bem em sala de aula, é mais do que um meio para ganhar a vida, é mais do que dizer «eu sou professor».

Assim, «ser professor não é apenas transmitir um saber disciplinar mas ainda ser capaz de formar os outros neste saber» (Mérene-Schoumaker, 1999:15). Além disso, «ensinar é primeiro e antes de tudo comunicar com os outros, entrar em relação com os outros, ser capaz de criar as condições favoráveis para que os aprendam. O êxito de um professor não assenta, pois, unicamente nas suas capacidades didáticas, nem unicamente nas suas competências científicas, mas, ainda, na sua capacidade de comunicar com os outros, de desenvolver uma relação de qualidade com os alunos. Ensina-se o que se sabe com aquilo que se é!» (Mérene-Schoumaker, 1999:238). Além disso, «a verdadeira chave para um ensino eficaz é a capacidade de um professor utilizar um repertório variado de abordagens ao ensino que lhe permita satisfazer objetivos específicos de aprendizagem e as necessidades de alunos específicos» (Arends, 2008:307). Por último, tomamos a liberdade de acrescentar, que ser professor é também nos colocarmos no lugar do outro e tentarmos compreende-lo.

Por conseguinte, nas aulas que lecionamos, decidimos optar pela implementação de uma aprendizagem ativa, na qual os alunos fossem envolvidos na construção dos seus saberes e não se limitassem apenas a serem meros recetores de informação e adotar uma postura passiva em sala de aula. Além disso e essencialmente, planeamos experiências educativas que permitissem aos alunos aprenderem ao mesmo tempo que se divertiam, sendo que para essa finalidade implementamos atividades de caracter lúdico (nosso principal foco no desenvolvimento desta investigação). Portanto, este foi o caminho que escolhemos para levar os alunos a atingir os objetivos de aprendizagem.

Sobre **as aulas lecionadas**, pensamos que conseguimos atingir os nossos objetivos, que eram: envolver os alunos na construção dos seus saberes; levar os alunos por uma aprendizagem pela descoberta; implementar atividades de caracter lúdico (nossa estratégia central) que motivassem os alunos para as aprendizagens e que lhe permitissem se divertir ao mesmo tempo que aprendiam; levarmos os alunos a ter sucesso nas

experiências educativas realizadas. Portanto, parece-nos que tudo isso foi conseguido e salientamos que a implementação do jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa*, tal como o trabalho realizado acerca da União Europeia foram um sucesso comprovado. Além disso, ao longo das aulas que lecionamos foi ocorrendo uma evolução positiva quanto à construção dos recursos educativos e o nosso desempenho em sala de aula foi também melhorando aos poucos e poucos. Salientamos ainda, que a implementação do jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa*, utilizando as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), permitiu maximizar o potencial desta atividade lúdica, tornando assim mais interessante as aulas em que o jogo foi implementado, ao mesmo tempo que também mobilizava e motivava os alunos para as aprendizagens.

Contudo, **nem tudo correu bem nas aulas lecionadas** e existem alguns aspetos a serem apontados e melhorados em futura prática docente. Assim, no que respeita à gestão de comportamentos, pensamos que evoluímos muito ao longo das aulas, pois no início das mesmas os alunos faziam muito barulho e com o passar das aulas este foi diminuindo. No entanto, no final das aulas, ainda continuava a existir algum barulho. Assim, pensamos que, numa futura prática docente, devemos encontrar estratégias que nos permitam progredir neste aspeto. Além disso, pensamos que nas aulas lecionadas podíamos ter relacionado mais os conteúdos teóricos com acontecimentos que ocorrem na realidade, facilitando assim as aprendizagens dos alunos, ao lhe falar acerca de exemplos que ocorrem vida real e que lhe são próximos. Quanto aos recursos educativos, salientamos que poderíamos ter utilizado textos e vídeos nas aulas, constituindo estes recursos educativos muito ricos em informações.

Além disso, mencionamos ainda que lecionamos os conteúdos da União Europeia em pouco tempo e que também existiu pouco tempo para a realização dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia. No entanto, a professora cooperante não se podia atrasar mais no programa e nós compreendemos a situação. Outro aspeto a mencionar são algumas melhorias que podem ser feitas no jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa*, tal como quando é colocada uma questão aos alunos, poderiam ser projetadas algumas imagens relacionadas com a questão colocada e o professor poderia falar por breves minutos acerca do tema, que a questão aborda, ou mesmo introduzir pequenos vídeos, aparecer a pontuação dos alunos no jogo, entre outros aspetos. Por último, em algumas das aulas que lecionamos estávamos muito centrados em nós, ou seja naquilo que dizíamos e fazíamos e por vezes acabávamos por não nos centramos tanto nos alunos. Assim, achamos que em futura prática docente, devemos estar mais centrados nos alunos.

Salientamos ainda, que no início das nossas aulas, os alunos estranharam a nossa forma de ensinar, ou seja perguntar primeiro e ensinar depois, ao invés de ensinar primeiro e perguntar depois para ver se os alunos aprenderam. Por conseguinte, muitos dos alunos pensavam que não estavam a aprender nada e até foram falar com a professora cooperante um pouco alarmados, pois estranhavam a forma de ensinar. Contudo, com o passar das aulas, os alunos foram-se habituando à nossa forma de ensinar e muitos deles começaram a reparar que estavam a aprender, mas que as respostas acerca dos conteúdos não lhe eram logo dadas e que eles tinham que pensar para chegar às mesmas. Salientamos, ainda, que nos apercebemos que alguns dos alunos só compreenderam a eficácia da nossa forma de dar a aulas, quando souberam os resultados que tinham obtido na ficha de avaliação sumativa.

Quanto à **avaliação dos alunos**, os resultados obtidos pelos alunos na ficha de avaliação sumativa foram, na nossa opinião, satisfatórios. Assim, ao compararmos os resultados da ficha de avaliação sumativa, com os resultados dos dois testes realizados no período anterior, constatamos que mais de 68% da turma melhoraram as suas notas. Além disso, 5 dos 8 bons alunos, referenciados no 6º ano, subiram as suas notas consideravelmente, tal como muitos outros alunos também subiram na turma em geral.

Logo e com base nas respostas dadas na entrevista pelos alunos do estudo de caso, pensamos que estes bons resultados se devam às estratégias planeadas e executadas em sala de aula, tais como: mencionar os objetivos de aprendizagem no início de cada aula, que serviu de fio condutor para os alunos saberem aquilo que era esperado deles em termos de aprendizagens; envolver os alunos na construção dos seus saberes através da construção de conceitos e sumários das aulas pelos alunos e através da realização de fichas de atividades, em conjunto entre professor-alunos; mandarmos trabalhos práticos de casa aos alunos para consolidação dos conhecimentos; construção de recursos educativos apelativos; implementação de atividades de caracter lúdico nas aulas; implementação de trabalhos desafiantes como por exemplo o trabalho de grupo acerca da União Europeia; sermos explícitos para com os alunos quanto aquilo que pretendíamos que eles fizessem ou aprendessem, entre outros aspetos.

No que se refere **aos alunos do estudo de caso**, dois dos alunos conseguiram subir as suas notas na ficha de avaliação sumativa, comparando com os resultados do último teste, realizado no primeiro período. Contudo, um aluno do estudo de caso não respondeu à última questão (que era a que valia mais na ficha de avaliação sumativa) e, por isso, foi prejudicado na classificação final. Além disso, o aluno com perfil de desempenho escolar

de nível elevado, embora tenha baixado o nível do seu desempenho escolar na ficha de avaliação formativa e ficado atrás do aluno de nível médio, na ficha de avaliação sumativa conseguiu inverter os resultados e tirou melhores resultados do que os outros dois alunos. Por conseguinte, tendo por base as respostas que os alunos deram nas entrevistas, constatamos que os alunos gostaram das nossas aulas e que acharam interessante serem envolvidos numa aprendizagem ativa e gostaram também das atividades de caracter lúdico implementadas nas aulas (principalmente a aula do jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa*). Quanto àquilo que os alunos do estudo de caso não gostaram nas aulas, estes não deram respostas consensuais, mas aquilo que foi apontado, como já referimos, foi o barulho nas aulas e era aborrecido dizermos os objetivos das aulas, no início das aulas.

Resumindo, achamos que as aulas lecionadas no geral correram bem, embora existam alguns aspetos atrás mencionados que devem de ser retificados em futura prática docente. Pensamos também que a atividade lúdica do jogo intitulado *À Descoberta da Europa* foi um sucesso, demonstrando assim a verdadeira importância da implementação de atividades lúdicas em sala de aula. Além disso, os trabalhos de grupo acerca da União Europeia ficaram muito interessantes. No entanto, foi pena um grupo não ter entregado o seu trabalho. Contudo, o tempo para a realização dos mesmos foi pouco. Pensamos, também, que o envolvimento dos alunos nas aulas, na construção dos seus saberes os motivou bastante e que os recursos educativos construídos estavam bastante apelativos para os alunos, motivando assim os alunos para as aprendizagens. Por último, o feedback dado pelos alunos do estudo de caso sobre as nossas aulas na entrevista foi positivo. Assim, os mesmos gostaram no geral das nossas aulas, dos recursos que construímos e também por os termos envolvidos na construção das aprendizagens.

Portanto, embora o feedback sobre as nossas aulas por parte dos alunos do estudo de caso tenha sido positivo e os resultados da avaliação dos alunos também. Salientamos que ainda existem alguns aspetos a melhorar e será nesses que futuramente nos vamos concentrar.

Por último, estabelecidos os pressupostos e apresentados os resultados da avaliação, a nossa resposta à questão de partida é sim. Logo, a implementação de uma aprendizagem ativa, com recurso a atividades lúdicas apoiadas nas TIC, contribui positivamente para a melhoria do desempenho escolar dos alunos. De maneira que justificamos a nossa resposta, com base nos resultados observados em sala de aula (motivação dos alunos, participação nas aulas, cumprimentos de tarefas propostas,

comportamentos observáveis), resultados da avaliação sumativa (realização da ficha sumativa) e resultados do estudo de caso (fichas diagnósticas formativas, sumativa e entrevistas).

Portanto, concluímos que quando é dada uma oportunidade aos alunos para participarem de uma forma ativa no processo de ensino-aprendizagem, os mesmos demonstram mais interesse e motivação para as aprendizagens. Logo, esse facto tornou-se bastante claro nas nossas aulas, quando pedíamos à turma um aluno voluntário para ir ao quadro escrever definições de conceitos ou o sumário das aulas, vários alunos se voluntariavam. Por conseguinte, enquanto os alunos realizavam as tarefas propostas demonstravam satisfação na execução das mesmas.

Além disso, considerando as duas atividades lúdicas implementadas na nossa investigação salientamos que as mesmas possibilitaram a obtenção de resultados satisfatórios. De maneira que por um lado, a implementação do jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa* canalizou a atenção e interesse dos alunos para a experiência educativa, ao mesmo tempo que motivava os alunos para a aprendizagem, de uma forma por vezes eufórica. Por outro lado, a realização dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia permitiu constatar através dos trabalhos apresentados (pintados a lápis de cor e com alguns desenhos de estrelas da UE, árvores com moedas, quadros recortados, entre outros aspetos) que os alunos tiveram prazer na elaboração dos mesmos. Por conseguinte, estes dois tipos de atividades lúdicas permitiram que os alunos aprendessem ao mesmo tempo que se divertiam.

No que se refere à utilização das TIC, na implementação das atividades lúdicas, as mesmas permitiram a exposição de conteúdos de uma forma muito apelativa, através da introdução de várias imagens, mapas e animações. Além disso, as TIC permitiram ainda consultar e pesquisar várias informações na internet, expor e manobrar com muita facilidade uma grande quantidade de conteúdos, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem. Logo, elas revelam-se como uma ferramenta de extrema importância para o exercício da prática docente.

Por último, as atividades implementadas ao longo das aulas, destacando-se a as atividades lúdicas apoiadas nas TIC, criaram condições para o desenvolvimento de competências e habilidades pessoais, sociais ou académicas (**ver quadro nº2**), tais como: a comunicação e a expressão, a socialização, o pensamento lógico, a criatividade, a aquisição de comportamentos, valores e atitudes, aprender a explorar o desconhecido,

aprender a colocar em pratica e a testar hipóteses, a compreender, a interpretar, a localizar, a possuir pensamento critico e autonomia, entre outras.

QUARTA PARTE - CONSIDERAÇÕES FINAIS

9. Considerações Finais

O presente relatório é o resultado de uma investigação que teve por base a planificação e lecionação de quatro aulas de 90 minutos e outras três aulas de 45 minutos sobre os temas da Europa e União Europeia, na disciplina de Geografia, à turma do 7ºB, na Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret, em Loures. Neste sentido, foi formulada uma questão de partida relativa à componente investigativa, sendo a mesma: A implementação de uma aprendizagem ativa, com recurso a atividades lúdicas apoiadas nas TIC, contribuem para a melhoria do desempenho escolar dos alunos? Salientamos ainda, que a primeira parte do relatório integra um enquadramento teórico sobre a prática letiva executada.

No que diz respeito à investigação realizada, em primeiro lugar, foram observadas três aulas da turma do 7ºB, lecionadas pela professora cooperante Dra. Iracema Andrade, que permitiram recolher informações sobre a turma, para a elaboração do conjunto de atividades necessárias à planificação. Além disso, a partir das fichas da direção de turma, do ano letivo 2014/2015 foram também recolhidos dados que permitiram realizar a caraterização da turma.

A turma do 7ºB é constituída por 25 alunos e caracteriza-se por ser uma turma de nível médio alto, possuindo a maioria dos alunos facilidades nas aprendizagens, segundo a opinião da professora cooperante Iracema Andrade. Por conseguinte, nas aulas observadas, verificamos que os alunos tinham uma boa participação e respondiam acertadamente a maioria das questões, colocadas pela professora cooperante. Outro aspeto a salientar é que a maioria dos encarregados de educação possui como habilitações literárias o ensino secundário, seguindo-se uma grande maioria de E.E. com habilitações literárias superiores. Logo, isto é um indicador, que a maioria dos pais são instruídos e podem prestar um bom apoio escolar aos seus filhos. Além disso, a turma não têm alunos de N.E.E, só há um aluno repetente e existem alguns bons alunos que já haviam sido referenciados no 6º ano. Contudo, cinco alunos beneficiam de SASE, seis dos encarregados de educação encontram-se em situação de desemprego, sendo desconhecida a situação profissional de cinco E.E.

Quanto às aulas lecionadas, optamos por diversas metodologias de diversos modelos pedagógicos (Behaviorismo; cognitivismo e perspetivas socioconstrutivistas) que integram várias estratégias, nomeadamente: estipular os objetivos de aprendizagem no início das aulas e levar os alunos ao cumprimento desses mesmos objetivos; estarmos

atentos aos comportamentos observáveis dos alunos; levar os alunos à descoberta dos conteúdos e das respostas às questões que lhes são colocadas; envolver os alunos na construção dos seus conhecimentos; levar os alunos a trabalharem autonomamente e em grupo (realização dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia); motivar os alunos através da implementação de atividades de caracter lúdico (implementação do jogo didático intitulado "À descoberta da Europa"); levar os alunos a trabalharem cooperativamente na construção do conhecimento, quer em grupos (através de jogos didáticos e trabalhos de grupo), quer em turma (na definição de conceitos e sumários das aulas).

Neste sentido, através das diversas metodologias e estratégias de diferentes modelos pedagógicos, pudemos utilizar um repertório variado de abordagens de forma a atingirmos os objetivos de aprendizagem e satisfazermos as necessidades dos alunos. Assim, defendemos, que «a verdadeira chave para um ensino eficaz é a capacidade de um professor utilizar um repertório variado de abordagens ao ensino que lhe permita satisfazer objetivos específicos de aprendizagem e as necessidades de alunos específicos» (Arends, 2008:307).

Além disso, através da implementação de diversas atividades tais como: pedirmos aos alunos para irem ao quadro escreverem conceitos e sumários das aulas; elaboração dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia; participação no jogo didático intitulado "À descoberta da Europa; elaboração de fichas diagnósticas e formativas; elaboração de exercícios; observação e comentário a vários slides projetados, visamos estimular o desenvolvimento de determinadas competências pessoais, sociais e académicas, tais como: a comunicação e expressão, a socialização, o pensamento, melhoramento de conduta e autoestima, a criatividade, a aquisição de comportamentos, valores e atitudes, aprender a explorar o desconhecido, apreender a fazer, entre outras competências. Neste sentido as finalidades das estratégias por nós implementadas, são as de ajudar «o aluno a compreender, a situar-se e a atuar» (Quinquer, 2004:2).

No que respeita à utilização de recursos educativos, foram vários os que utilizamos, como por exemplo vários slides de ficheiros power point, fichas diagnósticas, formativas e uma sumativa, exercícios do bolo do geografo, o manual, um jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa*, guiões de trabalho de grupo para a realização de trabalhos sobre a União Europeia, certificados de participação e vários tipos de grelhas de observação, para registarmos o desempenho, comportamentos e atitudes dos alunos.

Quanto à participação dos alunos nas aulas, salientamos que a grande maioria dos

alunos eram participativos. Logo, a pequena quantidade de alunos que não participavam por serem tímidos, ou por não estarem interessados em participar, eram por nós incentivados a participar nas aulas através de várias estratégias que implementamos. Na nossa opinião, os alunos portaram-se bem na generalidade, à exceção de alguns alunos que faziam barulho, tendo sido tomadas medidas no sentido de terminar com o mesmo.

No que diz respeito à avaliação dos alunos, os mesmos foram avaliados em três modalidades, sendo as mesmas avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. Assim, quanto a avaliação diagnóstica, a mesma teve o objetivo de recolher informações sobre aprendizagens realizadas e conteúdos a lecionar. Além disso, também foram exploradas as ideias prévias sobre conceitos e conteúdos através de diálogo orientado entre professor-alunos. No que respeita a avaliação formativa, a mesma incidiu na realização de várias fichas de avaliação formativa, observação da participação/cumprimento de tarefas propostas e registo das respetivas informações recolhidas, numa grelha de registo de observação elaborada para cada aula, consoante as experiências de aprendizagem planificadas. Por último, os alunos também foram avaliados na realização de vários T.P.C. (S) e em duas experiências de aprendizagem, sendo as mesmas um tralho de grupo sobre a União Europeia e respetiva apresentação e participação num jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa*. Quanto à avaliação sumativa, incidiu na realização de uma ficha na última aula.

No que respeita aos resultados da avaliação final dos alunos, salientamos que os mesmos foram satisfatórios. Dizemos isto pelos seguintes motivos, em primeiro lugar apenas 1 aluno num total de 25 alunos tirou negativa na ficha de avaliação sumativa. Em segundo lugar, mais de metade dos alunos da turma (15 alunos) tiraram notas com classificações de Bom e Muito Bom. Em terceiro lugar, 17 alunos (68% da turma) conseguiram subir as suas notas comparado com as classificações obtidas nos dois testes do período anterior. Por último, lecionamos os conteúdos da União Europeia em três aulas, que foi tempo insuficiente para as respetivas aprendizagens ocorrerem com sucesso. Logo, ao termos conseguido obter estes resultados pensamos que os mesmos foram positivos.

Por conseguinte, estes resultados refletem os dados apresentados na caracterização de turma, tais como: a turma ser considerada de nível medio alto; alguns alunos possuírem facilidade nas aprendizagens; existir na turma alguns alunos com bom desempenho escolar; o facto de 50% dos encarregados de educação possuírem habilitações literárias acima do 12º ano e 32% dos mesmos encarregados de educação possuírem o 12º ano,

permitindo assim que os E. E. prestem um bom apoio escolar aos seus filhos.

Além disso, os resultados da avaliação refletem as aulas por nós planificadas e executadas e respetivas estratégias e metodologias implementadas. Destacamos, assim, alguns dos aspetos que podem ter contribuído para o sucesso dos resultados, sendo os mesmos: o facto de a avaliação estar articulada com os objetivos estabelecidos no início de cada aula, permitindo que os alunos soubessem aquilo que era esperado deles em termos de aprendizagens; a exploração das ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar, de forma a criar uma ponte entre os conhecimentos pré-existentes e os novos conteúdos a aprender; o envolvimento dos alunos na construção das suas aprendizagens (ir ao quadro escrever definições de conceitos ou os sumários das aulas) fez com que os alunos se sentissem mais motivados para as experiências educativas e facilitou a consolidação das aprendizagens; a realização de diferentes tipos de fichas e exercícios (diagnosticas, formativas e exercícios do bloco do geografo) quer na aula, ou como trabalho prático de casa, permitiram que os alunos reconhecessem as suas dificuldades e ajudaram a consolidar as aprendizagens; a implementação de atividades de caracter lúdico como por exemplo o jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa* permitiu que os alunos aprendessem conteúdos, ao mesmo tempo que se divertiam; a realização de trabalhos de grupo acerca da União Europeia também ajudou a consolidar conteúdos sobre a UE, entre outros aspetos.

Salientamos, ainda, que os temas lecionados sobre a Europa e União Europeia podem também ter contribuído positivamente para os resultados de avaliação, dado as suas características. Assim, os mesmos centravam-se em conteúdos que abordam os elementos do mapa físico da Europa, os nomes de cidades e capitais da Europa, nomes dos espaços geográficos europeus, nomes dos países da União Europeia e saber os deveres dos cidadãos europeus. Logo, muitos destes conteúdos, desde que lecionados de uma forma criativa, cativam com alguma facilidade os alunos.

Para além de tudo o que já foi mencionado, foi também realizado nesta um estudo de caso com três alunos de perfis distintos respeitantes ao seu desempenho escolar (baixo, médio e elevado). Assim, com o estudo de caso pretendemos aprofundar e consolidar os resultados obtidos na nossa investigação. De maneira, que foi realizada uma entrevista no final de todas as aulas lecionadas e foram apuradas as seguintes conclusões: a aula que os alunos mais gostaram foi a do jogo didático intitulado *Á Descoberta da Europa*. Portanto, este tipo de atividade lúdica foi mencionada pelos alunos como um forma de aprender e se divertir ao mesmo tempo; também o envolvimento ativo dos alunos nas aprendizagens

foi mencionado como satisfatório. Neste sentido, os alunos gostaram de fazer parte na construção das suas próprias aprendizagens; dois dos três alunos mencionaram que gostaram da realização do trabalho de grupo acerca da União Europeia, permitindo este trabalho a socialização e trabalho cooperativo entre os alunos. Contudo, um dos alunos pertencia a um grupo que não entregou o trabalho e logo a sua resposta foi inconclusiva; os alunos também referiram que gostaram dos slides dos ficheiros power points, de maneira que tentamos tornar os slides das aulas apelativos, através da introdução de várias imagens, mapas e algumas animações, entre outros aspetos.

No que respeita à avaliação dos três alunos do estudo de caso, mesma incidiu na realização de uma ficha formativa (a meio das aulas lecionadas, abordando todos os conteúdos lecionados até aquele momento) e uma ficha sumativa (realizada no final das aulas). Quanto aos resultados da ficha de avaliação formativa, os mesmos revelaram que o aluno que obteve melhores resultados na ficha formativa foi o aluno com desempenho escolar de nível médio, seguindo-se o aluno com o perfil de nível elevado e por último a aluna com o perfil de nível baixo. Portanto, concluímos que o aluno de nível elevado quando realizou a ficha de avaliação formativa, ainda não tinha estudado os conteúdos lecionados. Por conseguinte, quando ocorreu a realização da ficha sumativa, o aluno com desempenho escolar de nível elevado, conseguiu obter melhores resultados do que os outros dois alunos. Logo, pensamos que o mesmo se preparou devidamente e atempadamente para a realização da ficha sumativa, recuperando assim o estudo em atraso. Isto ocorreu talvez, pelo facto do aluno ter atribuído maior valor à ficha de avaliação sumativa do que formativa.

Por último, pretendemos responder à nossa questão de partida formulada no início deste relatório, sendo a mesma: A implementação de uma aprendizagem ativa, com recurso a atividades lúdicas apoiadas nas TIC, contribuem para a melhoria do desempenho escolar dos alunos? A nossa resposta é sim, com base nos resultados observados em sala de aula (motivação dos alunos, participação nas aulas, cumprimentos de tarefas propostas, comportamentos observáveis), resultados da avaliação sumativa (realização da ficha sumativa) e resultados do estudo de caso (fichas formativa, sumativa e entrevista).

Portanto, concluímos que quando é dada uma oportunidade aos alunos para participarem de uma forma ativa no processo de ensino-aprendizagem, os mesmos demonstram mais interesse e motivação para as aprendizagens. Logo, esse facto tornou-se bastante claro nas nossas aulas, quando pedíamos à turma um aluno voluntário para ir

ao quadro escrever definições de conceitos ou o sumário das aulas, vários alunos se voluntariavam. Por conseguinte, enquanto os alunos realizavam as tarefas propostas demonstravam satisfação na execução das mesmas, o que por sua vez também nos dava uma certa satisfação a nós próprios por vermos os alunos interessados nas aprendizagens. Neste sentido, concluímos nesta investigação que os professores não devem de ter receio de compartilharem com os alunos um pouco do seu poder e papel, pois ao permitirem que os alunos participem na construção dos seus saberes e executem algumas tarefas como por exemplo, a de escrever o sumário da aula (tarefa habitualmente realizada pelo professor), estão simplesmente a facilitarem o processo de ensino-aprendizagem e logo, a execução do seu trabalho.

Quanto à implementação de atividades lúdicas nesta experiência educativa, destacam-se a realização do jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa* e a realização dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia. Ora, tal como já foi descrito no enquadramento da parte teórica, uma atividade lúdica designa-se por uma atividade que causa prazer, divertimento, interesse e motivação durante a sua realização, ao mesmo tempo que permite a realização de aprendizagens. Ora, logo à partida lendo-se toda esta designação daquilo que se considera por atividade lúdica, ficamos logo com uma ideia, do seu verdadeiro potencial e das consequências da sua aplicação em sala de aula. Assim, considerando as duas atividades lúdicas implementadas na nossa investigação salientamos que as mesmas possibilitaram a obtenção de resultados muito satisfatórios. De maneira que por um lado, a implementação do jogo didático intitulado *À Descoberta da Europa* canalizou a atenção e interesse dos alunos para a experiência educativa, ao mesmo tempo que motivava os alunos para a aprendizagem, de uma forma por vezes eufórica. Por outro lado, a realização dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia permitiu constatar através dos trabalhos apresentados (pintados a lápis de cor e com alguns desenhos de estrelas da UE, árvores com moedas, quadros recortados, entre outros aspetos) que os alunos se aplicaram e tiveram prazer na realização dos mesmos. Ora, estes dois tipos de atividades lúdicas implementadas, para além de terem permitido que os alunos se divertissem ao longo da realização das atividades, permitiram também que eles aprendessem ao mesmo tempo que se divertiam. Portanto é o caso para se dizer, segundo o velho ditado popular "juntou-se o útil ao agradável".

No que se refere à utilização das TIC, quer por nós ou pelos alunos nas duas atividades lúdicas implementadas, permitiu-nos ver de forma conscienciosa a sua verdadeira importância. Portanto, a sua aplicação no jogo didático intitulado *À*

Descoberta da Europa, permitiu a exposição de conteúdos nos slides de uma forma bastante apelativa, através da introdução de várias imagens, mapas e animações. Além disso, as TIC permitiram expor e manobrar com muita facilidade uma grande quantidade de conteúdos, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem e contribuíram para o desenvolvimento de competências de comunicação e expressão, socialização, trabalho cooperativo, de conduta, entre outras. No que respeita à elaboração dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia, as TIC permitiram que os alunos explorasse e realizassem pesquisas na internet, acerca de informações sobre a União Europeia. Logo, os alunos puderam ser eles próprios a irem à procura da informação, consultar a informação e desenvolver competências de pesquisa, autonomia, aprender a colocar hipóteses às questões colocadas nos trabalhos, entre outras competências).

Por último, salientamos que através desta experiência educativa constatamos o importante contributo fornecido pela educação geográfica para a formação de cidadãos autónomos, possuidores de pensamento crítico, interventivos e detentores de inúmeras competências e habilidades atrás descritas. Neste sentido, torna-se importante promover a educação geográfica como disciplina imprescindível para a educação dos cidadãos.

Para além disso, através da história da educação geográfica quer a nível mundial, quer em Portugal, podemos constatar que a formação ministrada e os objetivos da educação geográfica foram variando ao longo do tempo, consoante as várias correntes geográficas que foram surgindo. Ora, na atualidade ainda podemos verificar essas mudanças no ensino da Geografia, tendo o ensino da geografia passado à pouco tempo de um ensino centrado no desenvolvimento de competências para um ensino que atribuí mais valor aos conteúdos curriculares. Além disso, também a formação ministrada pelas escolas ainda continua muito agarrada ao antigo ensino "onde os alunos ouvem e os professores falam", tendo sempre os docentes a presente preocupação de cumprirem o programa à risca. Além disso, com a diminuição dos tempos letivos de aulas e a pressão exercida pelas escolas para o cumprimento do programa, torna-se complicado para os professores desprenderem-se do ensino mais tradicional e pensarem em implementar determinadas atividades. Por conseguinte, o ensino expositivista continua a ser aquele que domina, permitindo a lecionação de grandes quantidades de conteúdos em pouco tempo. Neste sentido, nas nossas aulas pretendemos assim contrariar este tipo de ensino mais tradicional, demostrando que embora os tempos letivos de aulas sejam mais curtos, ainda continua a existir a possibilidade de os professores pensarem na implementação de atividades interessantes e criativas, que motivem os alunos para as aprendizagens e que

facilitem o processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, toda esta experiência educativa relativa à prática profissional foi muito rica, no sentido de ter contribuído para o desenvolvimento de várias competências, mas também pelo fato de nos ter permitido ganhar alguma experiência em inúmeros aspetos da profissão de docente. Contudo, esta experiência educativa constitui apenas o início de um percurso ainda muito longo por percorrer e logo ainda existe muito por aprender e muitas competências a serem desenvolvidas, tendo em atenção «que apenas 10% dos alunos aprendem, qualquer que sejam as modalidades da pedagogia aplicada, mas para os restantes 90% as estratégias desenvolvidas têm um papel preponderante» (Mérenne-Shoumaker, 1999:136).

10. Referências Bibliográficas

Obras pedagógicas-didáticas

Arends, R. (2008). *Aprender a Ensinar*. (Sétima Edição). Madrid: McGraw-Hill.

González, X. (1998). *Didáctica de la Geografía*: *problemas sociales y conocimientodel medio*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Leite, T. (2010). *Planeamento e Concepção da Acção de Ensinar*. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Lopes, J. & Silva, H., (2009). *A Aprendizagem cooperativa na Sala de Aula* – Um guia prático para o Professor. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Lda.

Proença, C. (1992). *Didática da História.* Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, L. (1991). *Educação Hoje – Avaliação da Aprendizagem.* Lisboa: Texto Editora.

Schoumaker, M. B. (1999). *Didáctica da Geografia*. Porto: Edições ASA.

Obras gerais

Blij, H.J. & Muller, P. O. (2010). *Geography. Realms, Regions and Concepts.* 10ª ed. Nova Iorque: John Wiley & Sons, pp. 4-37

Sprinthall, N. & Sprinthall, N. (1993). *Psicologia Educacional*. (2.ª). Lisboa: McGraw-Hill.

Obras específicas

Capel, H. (1981). Filosofia y ciencia en la geografia contemporanea. Barcelona: Barcanova.

Fulbrook, M. (2009). *História da Europa Oxford: A Europa desde 1945*. Porto: Fio da Palavra.

Leite, C., & Rodrigues, M. (2001). *Jogos e Contos numa Educação para a Cidadania.* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Lima, J. (2008). O Jogo como Recurso Pedagógico no Contexto Educacional. Acedido Agosto 15, 2015, em http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/O%2520Jogo%2520como%2520recurso%2520pedag%25F3gico%2520fINAL.pdf

Ostergren, R. C., & John, G. Rice. (2004). *The Europeans: A Geography of People, Culture, and Environment*. New York, NY: Guilford Press.

Pérez-Bustamante, R., & Colsa, J. M. U. (2004). *História da União Europeia*. Coimbra: Coimbra Editora.

Soulier, G. (1997). *A Europa: História, Civilizações, Instituições*. Lisboa: Instituto Piaget.

Skinner, F. B. (1953). *Science and human behavior*. New York: Simon and Schuster, p. 437.

Capítulos de livros

Casado, M. (2006). Las nuevas tecnologías, un reto innovador para los profesores, In María Gaite e Lorenzo López, Cultura Geográfica y Educacion Ciudadana, (323 – 335). Espanha: Grupo de Didática de la Geografia (A.G. E). Acedido Julho 29, 2015, em http://www.researchgate.net/profile/Oscar_Garcia32/publication/273899442_Cultura_geogrfica_y_educacin_ciudadana/links/55100cfa0cf2ac2905afb6e9.pdf

Cavalcanti, A. & Viadana, A. (2010). Fundamentos históricos da geografi a: contribuições do pensamento fi losófi co na Grécia antiga. In Paulo Godoy, História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia, (11-34). Acedido Julho 7, 2015, em https://www.google.pt/#q=Hist%C3%B3ria+do+pensamento+geogr%C3%A1fico+e+epistemologia+em+geografia

Clemente, F. (2006). Recursos didácticos de geografía en el ámbito educativo. Las TICS, In María Gaite e Lorenzo López, Cultura Geográfica y Educacion Ciudadana, (393 – 408). Espanha: Grupo de Didática de la Geografia (A.G. E). Acedido Julho 29, 2015, em http://www.researchgate.net/profile/Oscar_Garcia32/publication/273899442_Cultura_geogrfica_y_educacin_ciudadana/links/55100cfa0cf2ac2905afb6e9.pdf

Cunha, L. (2004). Europa: Diversidade Paisagística e Fronteiras Naturais em Desenvolvimento. In M. Ribeiro, *Ideias de Europa: que fronteiras? (29-34).* Coimbra: Quarteto.

Gaite, M. (1996). Juegos y Técnicas de Simulacion, In Antonio Jimenéz e María Gate, Ensenar Geografia: De la teoria a la prática, (79-105). Madrid: Editorial Síntesis.

González, J. (2006). Las TIC como recurso didáctico para la geografía. Una experiencia de formación del profesorado en las «aulas tecnológicas» de extremadura, In María Gaite e Lorenzo López, Cultura Geográfica y Educacion Ciudadana, (287 – 299). Espanha: Grupo de Didática de la Geografia (A.G. E). Acedido Julho 29, 2015, em http://www.researchgate.net/profile/Oscar_Garcia32/publication/273899442_Cultura_geogrfica_y_educacin_ciudadana/links/55100cfa0cf2ac2905afb6e9.pdf

Kaelble, H. (2009). História Social. In M. Fulbrook, *História da Europa Oxford: A Europa desde 1945 (71-114).* Porto: Fio da Palavra.

Larres, K. (2009). Relações internacionais e de segurança na Europa. In M. Fulbrook, *História da Europa Oxford: A Europa desde 1945 (211-265)*. Porto: Fio da Palavra.

Melo, M. & Veiga, F. (2013). Aprendizagem: Perspetivas Socioconstrutivistas. In Feliciano Veiga, *Psicologia da Educação: Teoria, Investigação e Aplicação*, (263-296). Lisboa: Climepsi Editores.

Neto, D. & Alves, F. (2010). Alexander Von Humboldt: viajante naturalista e entusiasta da harmonia da natureza. In Paulo Godoy, História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia, (35-56). Acedido Julho 7, 2015, em https://www.google.pt/#q=Hist%C3%B3ria+do+pensamento+geogr%C3%A1fico+e+epistemologia+em+geografia

Nogueira, J. (2013). Aprendizagem: Modelos Comportamentais. In Feliciano Veiga, *Psicologia da Educação: Teoria, Investigação e Aplicação*, (177-217). Lisboa: Climepsi Editores.

Pereira, A. (2013). Motivação na Aprendizagem e no Ensino. In Feliciano Veiga, *Psicologia da Educação: Teoria, Investigação e Aplicação*, (445-494). Lisboa: Climepsi Editores.

Pinchemel, P. (1989). Fines y valores de la educación geográfica, In Graves, N. (ed.) *Nuevo método para la enseñanza de la geografia*, (7-21). Barcelona: Editorial Teide.

Sassoon, D. (2009). A Política In M. Fulbrook, *História da Europa Oxford: A Europa desde 1945 (31-70).* Porto: Fio da Palavra.

Tanaka, J. (2010). O espaço em Kant e suas contribuições na defi nição do conceito de região. In Paulo Godoy, História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia, (57-70). Acedido Julho 7, 2015, em https://www.google.pt/#q=Hist%C3%B3ria+do+pensamento+geogr%C3%A1fico+e+epistemologia+em+geografia

Taveira, M. (2013). Aprendizagem: Abordagens Cognitivistas. In Feliciano Veiga, *Psicologia da Educação: Teoria, Investigação e Aplicação*, (219-261). Lisboa: Climepsi Editores.

Ucha, L. & Zêzere, T. (2006). As novas tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino-Aprendizagem da Geografia na Sociedade do Conhecimento. Estudo de caso: A Escola Móvel, In María Gaite e Lorenzo López, Cultura Geográfica y Educacion Ciudadana, (257-273). Espanha: Grupo de Didática de la Geografia (A.G. E). Acedido Julho 29, 2015, em http://www.researchgate.net/profile/Oscar_Garcia32/publication/273899442_Cultura_geogrfica_y_educacin_ciudadana/links/55100cfa0cf2ac2905afb6e9.pdf

Artigos científicos

Alegria, M., F. (2002). As recentes alterações no currículo obrigatório de Geografia em Portugal (1989-2001). Inforgeo (73), 81-98.

Cachinho, H. (2000). Geografia escolar: orientação teórica e praxis didática. Educação Geográfica. *Inforgeo*, 15, 69-90.

CEG, Comissão da Educação Geográfica – Carta Internacional da Educação Geográfica, Lisboa, Associação dos Pro fessores de Geografia, 1992.

Claudino, S. (2015). Europe as a Social and Cultural Construct. Lisboa

Claudino, S. (2015). A Educação Geográfica em Portugal e os Desafios Educativos.

CLAUDINO, S. (s.d.) *A planificação e a Introdução do conflito no Ensino da Geografia*. Lisboa: Actas do VI Encontro Nacional de professores de Geografia… Associação de Professores de Geografia.

Nogueira, C. & Nogueira, M. (2002). A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. *Educação & Sociedade, ano XXIII*, nº 78, 15-36.

Quinquer, D. (2004). Estrategias metodológicas para enseñar y aprender ciencias sociales: interacción, cooperación y participación. *Íber. Didáctica de la Ciencias Sociales, Geografía e Historia*, 40, 7-22.

Reinfried, S., Schleicher, Y., Rempfler, A. (2007). Lucerne Declaration on Geographical Education for Sustainable Development. *Geographical Views on Education for Sustainable Development.* Proceedings of the Lucerne-Symposium, Switzerland. Acedido Agosto 22, 2015, em http://igu-cge.tamu.edu/LucerneDeclaration.pdf

Silva, L. U. & Ferreira, C. C. (2000). O cidadão geograficamente competente: competências da geografia no ensino básico. *Educação Geográfica*, Inforgeo, 15, 91-102.

União Geográfica Internacional/UGI (1992). Carta Internacional da Educação Geográfica. *Separata da Apogeo, Associação de Professores de Geografi*a.

Schee, J. (2014). Looking for an international strategy for geography education. *Revista J-Reading: Journal of research and didactics in geography*, nº1, 9.

Comunicações a congressos, jornadas, etc.

Breda, T. & Picanço, J. O uso de jogos no processo de ensino-aprendizagem na geografia escolar. *In Encontro de Geógrafos da America Latina, 14*, 1-19. Acedido Agosto 15, 2015, em http://carlosrabello.org/wp-content/uploads/2014/04/O-USO-DE-JOGOS-NO-PROCESSO-DE-ENSINO-GEOGRAFIA.pdf

Cachinho, H. (2004). Criar asas: Do sentido da geografia escolar na pós-modernidade. In *Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa.* Acedido Julho 27, 2015, em http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/_pdf/A2_14Out_Herculano%20Cachinho.pdf

Dambros, G., & Cassol, R. (2011). Aprendizagem Significativa em Geografia: Reflexões sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação no contexto escolar. In *SEPE XV Simposio de Ensino, Pesquisa e Extensão*. Acedido Julho 28, 2015, em http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/1243.pdf

González, X. & Claudino, S. (2004). Educação Geográfica e Cidadania no Século XXI.

Moreira, L. (2010). Da Descrição à Imagem: Portugal visto pelo Geografo Thomas Jefferys em 1762. In *Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia*. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Acedido Julho 7, 2015, em http://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/206.pdf

Leite, I. (2008). Construção europeia: um processo supranacional ou intergovernamental?. In *Congresso da Associação Portuguesa de Ciência Política.* Lisboa. Acedido Junho 18, 2015, em http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1337/1/Constru%C3%A7ao%20europeia-um%20processo%20supranacional%20ou%20intergovernamental.pdf

Roloff, E. (2010). A importância do lúdico em sala de aula. In X Semana de Letras. Acedido Agosto 14, 2015, em http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf

Santana, V., Cruz, H. & Santos, M. (2014). A importância de aprender brincando: uma proposta pedagógica no ensino de geografia. In *XV Encontro de geografia da UESC: Análise espacial, teórica e prática no saber geográfico.* Acedido Agosto 15, 2015, em

http://www.uesc.br/eventos/xvencontrogeografia/arquivos/artigo8-valdirrs.pdf

Souza, I. & Yokoo, S. (2013). Jogo lúdico no ensino de geografia. In *O Método Científico, EPCT VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica.* Acedido Agosto 15, 2015, em http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CET/GEOGRAFIA/IFSouzatrabalhocompleto.pdf

Documentos/informações extraídos de sítios da internet

Câmara, A. C. et al. Geografia. Orientações Curriculares, 3º Ciclo. Lisboa: Ministério da Educação. Acedido Julho 03, 2015, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_geog_orient_curriculares_3c.pdf

Caracterização da Escola Básica 2,3 Ciclos João Villaret: https://sites.google.com/site/aejoaovillaret/escolas/escola-basica-23-joao-villaret

Claudino, S. (2001). O ensino da Geografia em Portugal: tradições e desafios. GEOFORO: Foro Iberoamericano sobre Educación, Geografía e Sociedad. Acedido Julho 08, 2015, em http://geoforoiberoamericano.blogspot.pt/2009/06/o-ensino-da-geografia-em-portugal.html

Conselho Nacional de Educação (2012). *Estado da Educação 2012: Autonomia e Descentralização*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência. Acedido Julho 08, 2015, em http://www.cnedu.pt/pt/publicacoes/estudos-e-relatorios/estado-da-educacao/845-estado-da-educacao-2012

Enquadramento geográfico do Concelho de Loures: http://www.cm-loures.pt/

Enquadramento geográfico de Loures: http://www.ine.pt/

Freitas, E. & Rosana, S. (2007). A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de geografia. Acedido Agosto 15, 2015, em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/89-4.pdf

Lima, J. (2008). O Jogo como Recurso Pedagógico no Contexto Educacional. Acedido Agosto 15, 2015, em http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/O%2520Jogo%2520como%2520recurso%2520pedag%25F3gico%2520fINAL.pdf

Mapa conceptual das Teorias de Aprendizagem. Acedido Julho 19, 2015, em http://cmapspublic3.ihmc.us/rid=1190993559140_1528028994_2691/TEORIAS%20DEL%20APRENDIZAJE.cmap?rid=1190993559140_1528028994_2691&partName=htmljpeg

Maurício, J. (2009). Aprender Brincando: O Lúdico na Aprendizagem. Acedido Agosto 14, 2015, em http://www.profala.com/arteducesp140.htm

Ministério da Educação (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais. Lisboa: Ministério da Educação, p. 240. Acedido Julho 14, 2015, em http://www.esamarante.edu.pt/oferta/Curriculo_Nacional_3ciclo.pdf

Nunes, A. et al. (2013/2014). Documento das Metas Curriculares do 3.º Ciclo do Ensino Básico (7.º, 8.º e 9.º anos) Geografia. Acedido Julho 03, 2015, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas_curriculares_geog_eb.pdf

Reinfried, S., Schleicher, Y., Rempfler, A. (2007). Lucerne Declaration on Geographical Education for Sustainable Development. *Geographical Views on Education for Sustainable Development.* Proceedings of the Lucerne-Symposium, Switzerland. Acedido Julho 05, 2015, em http://igu-cge.tamu.edu/LucerneDeclaration.pdf

União Europeia (2006). À Descoberta da Europa!. Alemanha: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias. Acedido Agosto 21, 2015, em https://infoeuropa.eurocid.pt/files/database/000036001-000037000/000036462.pdf

Teses de Mestrado

Bergano S. (2002). Filosofias da Educação de Adultos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Portugal. Acedido Junho 24, 2015, em https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3560/1/Filosofias%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Adultos.pdf

Leitão, A. (2009). Análise de Necessidades de Formação Contínua dos Professores do 1º ciclo: Um contributo para o ensino da leitura, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Lisboa, Portugal. Acedido Junho 27, 2015, em http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2230

Matias, J. M. S. (2009). Identidade cultural europeia: idealismo, projecto ou realidade?. Dissertação de Mestrado, Faculdade de letras – Universidade de Coimbra, Portugal. Acedido Junho 17, 2015, em https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13357/1/Tese_mestrado_Joana%20Matias.pdf

Teses de Doutoramento

Alves, R. (2008). O Futuro da União Europeia: Organização Económica e Política no Contexto dos Desafios Pós-Euro. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Economia – Universidade do Porto, Portugal. Acedido Junho 14, 2015, em http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10799/2/Tese.pdf

Claudino, S. Portugal através dos manuais escolares de Geografia. Século XIX. As imagens intencionais. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

Dores, H. (2014). Uma *Missão* para o Império: Política missionária e o "novo imperialismo" (1885-1926). Dissertação de Doutoramento – Programa Interuniversitário de Doutoramento em História - Universidade de Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora, Portugal. Acedido Junho 14, 2015, em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15606/1/ulsd069560_td_Hugo_Dores.pdf

Xavier, A. (2010). A União Europeia e a Segurança Humana: um actor de gestão de crises em busca de uma cultura estratégica? Análise e considerações prospectivas. Dissertação de Doutoramento – Universidade de Coimbra, Portugal. Acedido Junho 14, 2015, em https://eg.sib.uc.pt/bitstream/10316/14516/3/A%20Uni%C3%A3o%20Europeia%20e%20a%20Seguran%C3%A7a%20Humana.pdf

Artigos completos extraídos de uma revista eletrónica

Araújo I. (2010). Tecnologias da Informação em Educação. *Será possível dissociar o conectivismo do contexto do ensino superior actualmente?*. vol. 2(2) , 104-118. Acedido Junho 23, 2015, em https://www.google.pt/#q=Ara%C3%BAjo+I.+%282010%29.+Tecnologias+da+Informa%C3%A7%C3%A3o+em+Educa%C3%A7%C3%A3o.+Ser%C3%A1+poss%C3%ADvel+dissociar+o+conectivismo+do+contexto+do+ensino+superior+actualment.

Baltazar, I. (2013). Os europeus na construção europeia: Esboço de uma cidadania europeia. *Lusíada.* História n.º 9, 253-274. Acedido Junho 17, 2015, em http://dspace.lis.ulusiada.pt/bitstream/11067/1125/1/LH_9-10_12.pdf

Claudino, S. (2000). O Ensino de Geografia em Portugal Uma Perspectiva. *Inforgeo*, nº15, 169-190. Acedido Julho 7, 2015, em http://www.apgeo.pt/files/section44/1227092059_Inforgeo_15_p183a204.pdf

Costa, F. & Rocha, M. (2010). Geografia: Conceitos e Paradigmas – Apontamentos Preliminares. *Rev. GEOMAE*, v.1n.2, 25 – 56. Acedido Julho 7, 2015, em http://pt.scribd.com/doc/208032955/Geografia-Conceitos-e-Paradigmas-Fabio-Costa-Marcio-Rocha#scribd

Faria, L. L. (1992). Unidade e diversidade: a cultura europeia e as línguas da Comunidade. *Análise Social*. Vol. XXVII, 985-994. Acedido Junho 17, 2015, em http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223055565O0dXM6zm1Le44AJ0.pdf

Fontaine, P. (2010). A Europa em 12 lições. Luxemburgo: União Europeia. Acedido Junho 18, 2015, em http://www.europedirect-bis.pt/ficheiros/noticias/ficheiros/1371467012a-europa-em-12-licoes.pdf

Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (2012). Boletim Mensal de Economia Portuguesa N.º 10. Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI). Acedido Junho 14, 2015, em http://www.gpeari.min-financas.pt/analise-economica/publicacoes/ficheiros-do-bmep/2012/outubro/destaques/Proposta-do-Orcamento-do-Estado-para-2013.pdf

Gaspar, S., & de Haro, F. A. (2011). Reflexões e paradoxos sobre a identidade e a mobilidade europeias. *Migrações*, n.º 8, 9-26. Acedido Junho 17, 2015, em http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_8/Migracoes_8web9a26.pdf

Mascarua, A. (1985). El Modelo Behaviorista de Objetivos En la Planeacion del Curriculo; Algunas Limitaciones para la Tarea Educativa. *Revista de la Educación Superior Número, nº* 53, vol. (14), 1-3. Acedido Junho 24, 2015, em http://publicaciones.anuies.mx/revista/53/2/1/es/el-modelo-behaviorista-de-objetivos-en-la-planeacion-del-curriculo.

Modesto, M. & Rubio, J. (2014). A Importância da Ludicidade na Construção do Conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, Volume 5, nº 1, 1 – 16. Acedido Agosto 14, 2015, em http://www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Monica.pdf

Portal oficial da União Europeia (2015). Como Funciona a União Europeia. Portal oficial da União Europeia (UE). Acedido Junho 18, 2015, em http://europa.eu/about-eu/countries/member-countries/croatia/index_pt.htm

Pocinho, R. & Gaspar, J. (2012). O uso das TIC e as alterações no espaço educativo. *Exedra*, nº6, 143 – 154. Acedido Julho 29, 2015, em http://www.exedrajournal.com/docs/N6/09-Edu.pdf

Ponte, J. (2000). Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? *Revista Iberoamericana de Educación*, nº 24, 63 – 90. Acedido Julho 30, 2015, em http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3993

Rocha, A. (2010). União Europeia: Uma "revolução cosmopolita silenciosa". *Debater a Europa, CIEDA e CIEJD*, nº2/3, 6-24. Acedido Junho 18, 2015, em http://europe-direct-aveiro.aeva.eu/debatereuropa/images/n2-3/europa%20cosmopolita.pdf

Ricarte, D. & Carvalho, A. (2011). As novas tecnologias da informação e comunicação na perspectiva do ensino de Geografia. *Scielo Books*, 259 – 274. Acedido Julho 29, 2015, em http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247-11.pdf

Rosana, C., Michelle, P. & Mirtes, J. (2010). A historidade do lúdico na abordagem histórico-cultural de Vigotski. *Revista Rascunhos Culturais*, v. 1, nº2, 225 – 238. Acedido Agosto 12, 2015, em https://www.google.pt/#q=Rosana%2C+C.%2C+Michelle%2C+P.+%26+Mirtes%2C+J.+%282010%29.+A+historidade+do+l%C3%BAdico+na+abordagem+hist%C3%B3rico-cultural+de+Vigotski

Souza, A. (2013). A proteção dos direitos fundamentais na União Europeia. *Debater a Europa, CIEDA e CIEJD*, nº9, 33-45. Acedido Junho 13, 2015, em http://europe-direct-aveiro.aeva.eu/debatereuropa/images/n9/asouza.pdf

Teixeira, N. S. (1998). A União Europeia como Actor Internacional: a Política Externa da União Europeia. Primavera 98, nº 85, 119-135. Acedido Junho 13, 2015, em http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/1528/1/NeD85_NunoSeverianoTeixeira.pdf

Manuais escolares

Domingos, C. et al. (2008). A Terra: Estudos e Representações – Meio Natural, 7.º ano, Geografia Temas 1 e 2. Lisboa: Plátano Editora

Gomes, A. et al. (2012). Fazer Geografia 3.0 - População e Povoamento. Geografia 8º Ano. Porto: Porto Editora.

Rodrigues, A. (2014). Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores

ANEXOS

Anexo nº1: Aulas observadas em Geografia

Observação da aula do dia 17 – 11 – 2014

Duração: 90 minutos (10:15h-11:45h)

Docente: Iracema Andrade

Sumário: O território nacional: localização e constituição. A divisão territorial de Portugal. Realização de ficha de avaliação diagnostica. Envio de mensagem para os E. E.

Os alunos entram na sala de aula às 10:24h, verifica-se na sala de aula alguma agitação por parte dos alunos, entretanto a professora começa a falar sobre o teste que os alunos vão começar a fazer e diz que os alunos vão fazer teste sobre toda a matéria lecionada.

A professora procede à minha apresentação á turma dizendo que a escola esta a desenvolver um trabalho com a universidade de Lisboa. A docente diz que é a lição nº18 e a professora dita o sumário: Realização de exercícios de localização absoluta e sua correção. Assim sendo a aula de hoje será a lição nº 19 e 20 e a professora diz aos alunos que estes vão escrever uma mensagem nas cadernetas para os encarregados de educação: De professora de Geografia/Diretora de Turma, Ex. ma Srª(º), informo que no âmbito de um trabalho em parceria com a universidade de Lisboa, um professor em contexto de estágio pedagógico irá lecionar algumas aulas de Geografia supervisionadas pela professora Titular da disciplina. A professora pede ainda aos alunos para colocar atenciosamente e depois a professora passa por todos os alunos para assinar as suas cadernetas.

A professora escreve no quadro: próxima aula: trazer lápis de cor e cola e pede para os alunos escreverem este recado no caderno. A professora diz que quem não trouxer lápis para a próxima semana não consegue fazer o exercício.

A professora projeta um slide que diz Portugal e Loures e pede para os alunos escreverem no caderno "Portugal", (pp. 46, 47 e 54/55), além disso diz aos alunos para estes abrirem na página 54. Uma aluna levanta-se espontaneamente para ir colocar um corretor no lixo sem pedir autorização e a professora reprende a aluna dizendo para ela se voltar a sentar e pedir novamente autorização. Entretanto a professora pergunta aos alunos onde fica localizado Portugal no continente da Europa e a professora explica ficamos no extremo do ocidente. A professora explica uma divisão do mapa de Portugal que vem na

pág. 54 que se refere à divisão distrital. Para além deste Portugal continental explica a professora que temos ainda um conjunto de ilhas, que é um arquipelago. Assim, temos um conjunto de ilha que compõem o arquipélago dos Açores e outro conjunto que compõe o arquipélago da Madeira. A professora faz menção a um globo que vem na pág. 54 onde vem representado os Arquipélagos.

A docente diz que embora não sejamos um país muito grande temos uma grande diversidade quer em termos físicos, quer em termos humanos. A professora diz que temos uma riqueza boa em termos económico e no turismo, somos um povo que temos uma identidade própria. Temos uma população mais francamente envelhecida do que em termos jovens. Temos uma grande variedade em termos de cultura em termos de nos vestirmos, de estar etc… Além disso somos ricos em termos da água e com uma importância também de alguns produtos em relação ao exterior: Temos ainda várias regiões com uma identidade própria. Temos uma relação muito forte com a tauromaquia (touradas) e também com a criação de cavalos lusitanos tal como um aluno mencionou.

A professora projeta um slide com várias mulheres vestidas com trajes de ranchos folclóricos. Um aluno fala sobre a sua ida a Nazaré e que algumas mulheres andavam vestidas assim, e a professora disse que essa é uma das regiões aonde as mulheres ainda mantem muito essa tradição. Somos de fato um país de tradições. A professora projeta mais um slide com vários produtos alimentares e diz que estão varias imagens de aspetos relacionados com a gastronomia. Diz ainda que somos un país que temos dos melhores vinhos e dá o exemplo do vinho do Porto e fala também sobre a sua antiguidade. Depois comenta algumas imagens de doces, tais como os pastéis de Nata. Um aluno fala sobre várias regiões que produzem muito bons vinhos e a professora reafirma que temos várias regiões que produzem vinho. Entretanto um aluno questiona porque é que esta uma laranja no slide e a professora fala sobre a produção de laranjas no Algarve.

Entretanto a professora projeta um slide com o mapa de Portugal com os Arquipélagos e pede para os alunos escreverem no caderno: Portugal = Portugal Continental mais Arquipélagos dos Açores e da Madeira e Portugal chama-se Portugal Insular. A professora diz aos alunos para estes se concentrarem em conhecer mais o seu território. A professora diz que Portugal aparecia dividido em províncias e agora aparece dividido em distritos e cada distrito em concelhos e os concelhos em freguesias.

A professora diz aos alunos para escreverem nos cadernos: Portugal é um país do continente europeu e que se localiza no seu extremo-ocidental. Portugal Continental é constituído por 18 distritos. Cada distrito esta divido em concelhos e cada concelho esta

dividido em freguesias. Uma aluna questiona a professora se Portugal é tão rico porque é que eles não aproveitam a riqueza para resolver os problemas da crise e a professora diz que Portugal é um país rico do ponto de vista físico e humano, ou seja, do ponto de vista cultural e histórico. Mas somos um país desenvolvido. A professora dita um apontamento: Os distritos de Portugal são… e pede aos alunos para eles passarem os nomes dos 18 distritos do slide (Aveiro, Braga, Bragança, Beja, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto; Santarém, Viana do castelo, Setúbal, Vila real, Viseu). A professora acrescenta ainda que a divisão administrativa do território é a que a professora deu. A professora projeta um slide com o mapa de Portugal com a divisão administrativa dos 18 distritos e fala sobre a localização dos 18 distritos. Uma aluna diz que à quem consegue se ver Ceuta de faro e a professora diz que se realmente existir uma boa visibilidade é possível se ver Ceuta. A professora dita mais um apontamento: o Arquipélago da Madeira (pág. 54) é composto por Ilha da madeira, Porto Santo, Selvagens e desertos.

A professora dita mais um apontamento: O Arquipélago dos Açores (pág. 54) é composto por três grupos de ilhas. Grupo Ocidental: Flores e Corvo; Grupo central é o grupo que tem o maior número de ilhas: O Faial, Pico; Graciosa; São. Jorge e Terceira; o Grupo Oriental… Uma aluna pergunta se a ilha de Santa maria é conhecida.. A professora questiona qual é a capital da Madeira: e os alunos não sabem responder, e a professora explica que os Arquipélagos dos Açores e da Madeira não tem capital, pois a capital dos mesmos é Lisboa. A professora fala sobre a página 55 onde se pode observar os Arquipélagos dos Açores e da Madeira. A professora projeta outro slide onde se pode observar o mapa de Portugal e o concelho de Loures e as suas freguesias. Para além disso, a professora fala sobre os vários concelhos de Loures. Um aluno questiona se as freguesias aumentaram de tamanho e a professora explica que algumas diminuíram o seu tamanho e algumas aumentaram devido a algumas junções de algumas freguesias.

A professora diz aos alunos para eles escreverem no caderno: Loures é um concelho que também pertence ao distrito de Lisboa e Loures até 2013 tinha 18 freguesias e depois desta data passou a ter 10 freguesias. A professora explica que ocorreu uma alteração em termos territoriais. A professora explica um slide com as freguesias de Loures e fala sobre a junção de algumas freguesias.

A professora pediu-me ajuda para distribuir o teste de diagnóstico que eu elaborei para conhecer melhor a turma. Entretanto a professora distribui um pequeno mapa e diz aos alunos para eles se despacharem a responder ao teste porque ainda tem que escrever

o sumário da aula. Entretanto alguns alunos levantam algumas perguntas sobre as questões do teste diagnóstico. A professora diz aos alunos para escreverem o sumário: O território nacional: localização e constituição. A divisão territorial de Portugal. Realização de ficha de avaliação diagnostica. Envio de mensagem para os E. E.

Observação da aula do dia 21 – 11 – 2014

Duração: 45 minutos (12:40h-13:25h)

Docente: Iracema Andrade

Sumário: Elaboração de mapas dos distritos de Portugal: Trabalho individual.
Realização de exercícios no caderno de atividades.

No que diz respeito a esta observação, eu e a professora chegamos alguns minutos atrasados à sala de aula e quando chegamos já os alunos estavam todos sentados dentro da sala de aula. A professora começa por explicar uma atividade no quadro aos alunos, sobre o distrito de Portugal. A professora diz que hoje vão precisar da pág. 54 do manual. Entretanto a professora chama alguns alunos à atenção para pararem quietos e de falar. Os alunos colocam várias dúvidas sobre o trabalho que vão realizar. A professora questiona quais os elementos que devem de constar no mapa da atividade. Os alunos dizem a escala, o título, a legenda.

A docente continua a explicação da atividade falando acerca da numeração dos distritos na folha e da atribuição de cores a cada distrito. Para além disso, a professora coloca várias possibilidades de execução do exercício no que diz respeito à correspondência entre a numeração dos distritos na legenda do mapa com os distritos pintados no mapa.

A professora questiona quem é que não trouxe os lápis de cor e faz um apontamento dos alunos que não trouxeram, pelo motivo de que os alunos já tinham sido avisados antecipadamente para trazerem os mesmos.

A professora diz que os alunos têm que saber para o teste os nomes dos distritos de Portugal, a sua localização e explica que os alunos estão a aprender a saber os nomes dos respetivos distritos e a sua localização. E estes trabalhos/atividades tem a ver também

aqui com o distrito e concelho de Loures.

A professora volta a explicar aos alunos a atividade que eles terão que fazer, pelo fato de os alunos estarem constantemente a levantar questões sobre o exercício. O exercício que os alunos têm que fazer, baseia-se nos alunos terem que pintar os distritos de um mapa de Portugal, que estes colaram no seu caderno. Para além disso, e estes tem que fazer a numeração dos distritos, ao lado do mapa e tem que atribuir cores aos distritos e à numeração.

A professora diz para os alunos trazerem o seu caderno diário para a próxima aula, para a docente ver o ponto de situação do caderno.

Enquanto os alunos realizam a atividade, a professora circula pela sala para supervisionar o trabalho e esclarecer dúvidas aos alunos.

A professora faz uma chamada de atenção aos alunos e diz para estes prestarem atenção a certos distritos como Braga, Viana do Castelo, etc.. que são distritos que causam alguma confusão aos alunos.

A professora questiona quais os distritos que ficam mais longe do distrito de Lisboa e também quais fazem fronteira com Lisboa. Os alunos dão respostas variadas.

A docente diz aos alunos que quem termina o exercício podem começar a realizar os exercícios da página 19 e 20 do manual.

Entretanto a professora pede-me para eu rubricar o livro de ponto. Em seguida a professora explica uma atividade que os alunos têm que realizar numa ficha no livro de atividades. Entretanto dei uma volta pela sala de aula para ver os trabalhos que os alunos estão a fazer e reparei que alguns alunos já tinham terminado a atividade que a professora mandou fazer e já estavam a realizar o trabalho que foi mandado para casa.

A docente diz aos alunos para se prepararem para escreverem o sumário e questiona os alunos sobre o que tiveram a fazer. A professora pede silêncio aos alunos para conseguir escrever o sumário. Questiona novamente aos alunos o que tiveram a fazer. O sumário é elaboração de mapas dos distritos de Portugal: Trabalho individual. Realização de exercícios no caderno de atividades.

Depois dos alunos terem escrito o sumário, os alunos começam a arrumar o seu estojo escolar para sairem.

Observação da aula do dia 28 – 11 – 2014

Duração: 45 minutos (12:40h-13:25h)

Docente: Iracema Andrade

Sumário: Continuação do estudo do território nacional: realização e correção de ficha de trabalho em grupo e individual: Reorganização territorial e organização territorial do concelho de Loures.

A professora começa por referir que na aula passada estiveram a fazer a ficha de avaliação sumativa e pede calma aos alunos para não andarem sempre a perguntar pelo teste que será entregue daqui a algum tempo. A docente diz aos alunos que vão escrever o sumário da aula passada. Foi a lição nº22 e nº23, o dia foi 24 e o sumário foi: revisões de conteúdos abordados: trabalho individual e de grupo. Realização de ficha de avaliação sumativa. Hoje é a lição 24 e estamos no dia 28 diz a professora e além disso o sumário é escrito no final.

A docente diz que vão continuar a falar sobre o território de Portugal. Diz também que Portugal é um país, que tem uma capital e que tem duas grandes áreas territoriais. Portugal continental e Portugal insular. A docente acrescenta ainda que ficou tomada nota no caderno dos alunos da formação de Portugal por distritos.

A professora projeta um slide com dois mapas de Portugal, um com os concelhos de Portugal e outro com os distritos. A professora diz aos alunos para tomarem um pouco mais de atenção a distrito de Lisboa. A professora faz uma comparação entre o mapa antigo dos concelhos e compara com o mapa atual da formação dos concelhos. Além disso comenta a formação do concelho de Loures. A professora questiona os alunos sobre a localização de Lousa que é uma freguesia do concelho de Loures e alguns alunos fazem confusão com lousã que fica localizada no Norte. A docente procede à localização das várias localizações das freguesias constituintes de Loures. A professora projeta 1 slide com uma imagem de loures e alguns alunos ficam agitados proferindo vários comentários sobre as localizações das suas casas. A professora projeta mais um slide com vários edifícios de loures como por exemplo a biblioteca de Loures.

A professora continua a sua explanação e diz que esta é a nova organização do concelho de Loures. A professora fala sobre a união de algumas freguesias e acrescenta

que a dimensão do concelho de Loures continua a ser a mesma. A professora diz que o concelho tem cerca de 177 km quadrados. A professora distribuiu uma ficha aos alunos sobre o concelho de Loures. A professora diz aos alunos que tudo aquilo que é realizado em aula conta para nota. Os alunos procedem á realização da ficha enquanto a professora supervisiona. Além disso, a professora pediu-me para eu observar alguns alunos a realizar a ficha. A professora pergunta se todos os alunos já responderam à questão 1.

A professora procede á correção da ficha e dia a uma aluno para responder á questão 1 (Questão 1- quais os elementos que faltam no mapa?) R: escala, orientação e legenda. Os únicos elementos que lá estavam eram a fonte e a legenda. A professora pede a uma aluna para ir ao quadro e pintar no mapa projetado o distrito aonde vive (Lisboa). A professora diz que têm na sala dois alunos que não nasceram em Portugal, que são a Luísa que nasceu em África e a Sónia que nasceu no Brasil. Na questão seguinte era para completar um quadro. Numa outra questão surge um quadro com os distritos com os distritos de Portugal e a professora pede a um aluno para ir marcar o distrito aonde pertence a capital de Portugal. O aluno marcou errado e a professora diz que ele não tem estado com atenção, porque marcou com a simbologia errada. O distrito mais a Sul de Portugal é Faro e depois pede para indicar o ponto de orientação que indica o Norte com uma seta. A professora troca uma aluna de lugar e coloca ao pé de mim por se estar a portar mal. Na seguinte questão fala sobre o que freguesias haviam até 2013 e depois que freguesias passaram a existir. A professora dá mais algum tempo aos alunos para responderem a outra questão (refere qual a principal diferença que se nota com esta nova alteração a partir de 2013). A aluna Maria responde que ouve uma diminuição de freguesias. Próxima questão: Quantas freguesias têm Loures, R: 18. Quais foram as freguesias que se agregaram? (Santo António dos Cavaleiros e Frielas, Moscavide, etc…). Na parte das que se agregaram vão colocar os nomes que foram indicados no slide (mapa 4 na ficha). Para finalizar, as conclusões a quês chegaram foi, o número de freguesias diminuiu em 8, Loures continua a ser a sede do concelho e com a mesma área territorial. A ficha é para vocês e o sumário: Continuação do estudo do território nacional: realização e correção de ficha de trabalho em grupo e individual: Reorganização territorial e organização territorial do concelho de Loures. Para a semana trazer o caderno e o livro.

Anexo nº 2: Planificações dirigidas ao 7ºB

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificação de 1º e 2º aula

Ano: 7º **Turma:** B **Tempo:** 90min **Aula(s) nº:** _____ **Data:** 01 – 12 – 2014	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Plano de 1º e 2º aula Observada** **Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
2. Identificar os limites naturais do continente europeu. 3. Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios. 4. Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico. 5. Localizar países e cidades.	• Europa: Do Atlântico aos Urais e do Ártico ao Mediterrâneo • Países e Capitais.	Limite natural Península Cordilheira montanhosa Microestado País Capital	• Apresentação do professor. Diálogo com os alunos sobre hobbies do professor por forma a estimular a relação interpessoal professor-alunos, motivando igualmente os alunos para as aprendizagens. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo professor-alunos. • *Brainstorming* sobre os conceitos: limite natural; península; cordilheira montanhosa através de diálogo orientado entre professor-alunos, seguido de registo das definições dos conceitos no caderno diário dos alunos. • Os alunos realizam uma ficha formativa individual, sobre os elementos do mapa físico da Europa, seguida de correção oral orientada pelo professor, com recurso a projeção de 1 slide e a pág. 60 do manual, do mapa físico da Europa e do registo das principais conclusões no caderno diário. • Selecionar e solicitar a um aluno a leitura do texto: "Limites convencionais" (manual escolar, pág. 60). O professor questiona o aluno sobre os limites naturais referidos no documento e a sua localização em relação ao território europeu, seguida de registo das principais conclusões no caderno diário. • Os alunos visualizam 1 slide elaborado e projetado pelo professor com o mapa físico da Europa, sobre algumas curiosidades europeias (em anexo) com exploração oral orientada do docente. • Explanação oral sobre informações acerca da Europa pelo docente, seguida de registo das principais conclusões no caderno diário dos alunos.	5 2 7 20 7 4 4 5	1 slide power point: Mapa físico da Europa Manual escolar (Pág. 60) 1 slide power point: Mapa físico da europa	**Diagnóstica:** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas propostas.	- Grelha de observação do professor.(*) - Ficha de avaliação formativa.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas

			• *Brainstorming* sobre os conceitos: microestado; país e capital através de diálogo orientado entre professor-alunos, seguido de registo das definições dos conceitos no caderno diário dos alunos. • Os alunos realizam duas fichas formativas individuais, sobre os países, capitais e microestados da Europa, seguida de correção oral orientada pelo professor, com recurso a projeção de 3 slides com o mapa político da Europa e às pp. 61 e mapa desdobrável do manual escolar. • Marcação de T. P. C. (Trabalho prático de casa): Realização de uma ficha de avaliação formativa entregue pelo professor (***), sobre os conteúdos lecionados nesta aula. • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma. (**)	30 3 3	3 slides power point: Mapa político da Europa.			

Sumário: Exploração do mapa físico e político da Europa. Conceito de limite natural, península, cordilheira montanhosa, microestado, país e capital. Principais elementos e limites físicos da Europa. Países e capitais da Europa.	**T. P. C.:** Marcação de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos. Ficha de avaliação formativa (***), sobre os conteúdos lecionados nesta aula. Objetivo da ficha é o de consolidação dos conhecimentos e preparação para um jogo didático a realizar na aula seguinte.
Observações: **(*)** É transversal à aula a utilização da grelha de observação do professor, bem como do livro de turma e o caderno diário do aluno. **(**)** O sumário é realizado no final da aula sendo o seu registo feito no livro de turma e no caderno diário do aluno. (***) Ficha adaptada de: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13. O objetivo desta ficha é consolidar os conhecimentos lecionados e preparar para um jogo didático a realizar na aula seguinte. Esta ficha é acompanhada de um documento com alguns monumentos da Europa.	**Interdisciplinaridade:** • Língua Portuguesa: leitura e interpretação de texto; expressão oral e escrita da Língua Portuguesa;
(*) Após a aula o professor estagiário elabora um documento de reflexão individual.	

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificação de 3º aula Observada

Ano: 7º **Turma:** B **Tempo:** 45min **Aula(s) nº: 3 (**corresponde ao nº 27 da lição sumariada em livro de ponto/cadernos diários) **Data:** 05 – 12 – 2014	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Plano de 3º aula Observada** **Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min.)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
6. Localizar países e cidades. 7. Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico.	• Países e Capitais da Europa	Microestado País Capital	• Procede-se à chamada oral dos alunos da turma. • Realização de revisão de conteúdos lecionados na aula anterior, através de diálogo orientado. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo professor-alunos. • *Brainstorming* sobre os conceitos: microestado; país e capital através de diálogo orientado entre professor-alunos, seguido de registo das definições dos conceitos no caderno diário dos alunos. • Os alunos realizam duas fichas formativas individuais entregues pelo professor, sobre os países, capitais e microestados da Europa, seguida de correção oral orientada pelo professor, com recurso a projeção de 3 slides com o mapa político da Europa e às pp. 61 e mapa desdobrável do manual escolar. • O professor procede à marcação de T. P. C. (Trabalho prático de casa): Realização individual de ficha de trabalho sobre os países e capitais da Europa (***). • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma. (**).	5 2 7 25 3 3	1 slide power point: Mapa físico da Europa 3 slides power point: Mapa político da Europa e o manual escolar (Pág. 61) 2 folhas A4 com as fichas formativas	**Diagnóstica:** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas propostas. - Realização de duas fichas sobre países, capitais e microestados da Europa	- Grelha de observação do professor.(*) - Fichas de avaliação formativa nº 2 (Países e capitais da europa) e nº3 (microestados da europa).	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas

Sumário: Exploração de mapa político da Europa. Conceito de microestado, país e capital. Países e capitais da Europa.	**T. P. C.:** • Marcação de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos. Os alunos devem completar a ficha entregue em aula sobre os países e capitais da Europa, com recurso à pág. 61 do manual escolar.
Observações: **(*)** É transversal à aula a utilização da grelha de observação do professor, bem como do livro de turma e o caderno diário do aluno. **(**)** O sumário é realizado no final da aula sendo o seu registo feito no livro de turma e no caderno diário do aluno. (***) O objetivo desta ficha é consolidar os conhecimentos lecionados e preparar para um jogo didático a realizar na aula seguinte. Esta ficha é acompanhada de um documento com alguns monumentos da Europa.	**Interdisciplinaridade:** • Língua Portuguesa: leitura e interpretação de texto; expressão oral e escrita da Língua Portuguesa;
(*) Após a aula o professor estagiário elabora um documento de reflexão individual.	

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificação de 4ºaula Observada

Ano: 7º **Turma:** B **Tempo:** 45min **Aula(s) nº: 4 (**corresponde ao nº 28 da lição sumariada em livro de ponto/cadernos diários.) **Data:** 12 – 12 – 2014	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Plano de 4ºaula Observada** **Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
1.Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 2.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos. 3.Localizar países e cidades da Europa. 4.Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico.	• Espaços geográficos. • Países e Capitais da Europa. • Principais elementos e limites físicos da Europa.	Espaço geográfico País Capital	• Realização de chamada oral dos alunos de turma. • Realização de revisão da aula anterior. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo orientado professor-alunos. • *Brainstorming* sobre o conceito: Espaço geográfico através de diálogo orientado entre professor-alunos e registo das conclusões principais no caderno diário dos alunos, seguida da identificação e localização dos espaços geográficos da Europa, com recurso à projeção de 1 slide. • Os alunos realizam um jogo didático orientado pelo professor: "A descoberta da europa" (***). • O professor procede à marcação de T. P. C. (Trabalho prático de casa): Realização individual de ficha de trabalho sobre os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e na presente aula (****). • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**).	3 4 2 5 25 3 3	1 slide power point: Mapa dos espaços geográficos europeus. Power point com vários slides: Jogo didático intitulado "À descoberta da Europa" Ficha formativa individual.	**Diagnóstica:** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas. - Preenchimento de uma ficha formativa ao longo do jogo didático. - Ficha formativa para trabalho prático de casa.	- Grelha de observação do professor. (*) - Ficha de avaliação formativa. - Ficha de avaliação formativa individual.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Sumário: Revisão da aula anterior: Países, capitais e microestados da Europa. Espaços geográficos da Europa e respetivo conceito. Ficha diagnóstica sobre todos os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e na presente aula. Jogo didático intitulado "À descoberta da Europa". Marcação de T. P. C.	**T. P. C.:** Marcação de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos. Os alunos vão realizar uma ficha entregue em aula sobre os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e na presente aula., com recurso às pp. 60, 61 e 62 do manual escolar.
Observações: **(*)** É transversal à aula a utilização da grelha de observação do professor, bem como do livro de turma e o caderno diário do aluno. **(**)** O sumário é realizado no final da aula sendo o seu registo feito no livro de turma e no caderno diário do aluno. (***) O jogo intitulado "À descoberta da Europa" tem como objetivo a consolidação dos saberes abordados nas aulas anteriores e na presente aula. No decorrer do jogo os alunos vão realizar uma ficha formativa de atividades individual, para registo da informação. No que respeita ao desenvolvimento da atividade: - O professor forma 6 grupos de trabalho com escolha de porta-voz. - O professor regista no quadro uma grelha para cada grupo, para assinar as respostas corretas. - Cada quadricula da grelha corresponde a um ponto, sendo vencedor o grupo que tiver > pontuação. - No final da realização do jogo o professor informa os alunos que no espaço da biblioteca, fica disponível em cd, o jogo realizado pode e deve ser consultado pelos alunos na realização do T. P. C. (****) O objetivo desta ficha é consolidar os conhecimentos lecionados e testar se os alunos compreenderam os conteúdos lecionados.	**Interdisciplinaridade:** • Língua Portuguesa: leitura e interpretação de texto; expressão oral e escrita da Língua Portuguesa; • Educação Visual;
(*) Após a aula o professor estagiário elabora um documento de reflexão individual.	

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão de 5 e 6º aula Observada

Ano: 7º **Turma:** B **Tempo:** 90min **Aula(s) nº: 5 e 6** (corresponde ao nº 30 e 31 da lição sumariada em livro de ponto/cadernos diários.) **Data:** 05 – 01 – 2015	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Plano de 5 e 6º aula Observada** **Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade Professor_____ : Drº . Sérgio Claudino (1)
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
5.Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 6.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos. 7.Localizar países e cidades da Europa. 8.Mencionar informações relevantes de âmbito cultural.	• Espaços geográficos. • Países e Capitais da Europa. • Principais elementos e limites físicos da Europa.	Espaço geográfico País Capital	• No ato de entrada dos alunos, o professor posiciona-se junto à porta de entrada da sala de aula, e clarifica a estes que devem ocupar os seus lugares de acordo com o estabelecido na aula anterior em trabalho de grupo, aquando da realização do jogo didático. (****) • Realização de chamada oral dos alunos de turma com o apoio do livro de turma. • Oralmente o professor recorda aos alunos que se inicia um novo período letivo (2º Período), deixando os votos de um bom ano de 2015 e da indispensabilidade de ser dada continuidade ao trabalho iniciado na aula anterior. • O professor procede à recolha de T. P. C. (Trabalho prático de casa) marcado na aula anterior aos alunos. • Verbalmente o professor procede à revisão das regras do jogo didático iniciado na aula anterior: "À descoberta da Europa", e da pontuação conseguida por cada grupo participativo, apoiada na grelha de registos de pontuação registada no quadro. • Continuação da realização do jogo didático iniciado na aula anterior, orientado entre professor-alunos: "A descoberta da europa" com clarificação de nova gestão de tempo para as respostas dadas.(***) • Um aluno faz o registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**).	5 3 5 3 71 3	Livro de turma Power point com vários slides: Jogo didático intitulado "À descoberta da Europa". - Ficha de avaliação formativa.	**Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas. - Preenchimento de uma ficha formativa ao longo do jogo intitulado "À descoberta da Europa".	- Grelha de observação do professor. (*) - Ficha de avaliação formativa individual.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Sumário: Entrega do trabalho de casa realizado. Continuação da realização do jogo didático: "À descoberta da Europa".	**T. P. C.:** Nesta aula não haverá marcação de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos.
Observações: **Observações:** (1) aula observada pelo professor. **(*)** É transversal à aula a utilização da grelha de observação do professor, bem como do livro de turma e o caderno diário do aluno. **(**)** O sumário é realizado no final da aula sendo o seu registo feito igualmente no livro de turma e no caderno diário do aluno. (***) O tempo que cada grupo de alunos tinha para responder a cada questão do jogo foi reformulado. Assim, cada grupo vai passar a dispor de 1 minuto, para responder a cada questão do jogo. (****) O professor previamente organiza o espaço de sala de aula de acordo com o utilizado na aula anterior aquando da realização do jogo didático.	**Interdisciplinaridade:** • Língua Portuguesa: leitura e interpretação de texto; expressão oral e escrita da Língua Portuguesa; • Educação Visual: A cor como elemento. • TIC: Jogo didático intitulado "Á Descoberta da Europa".
(*) Após a aula o professor estagiário elabora um documento de reflexão individual referente a esta aula.	

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificação de 7º e 8ºaula observada

Ano: 7º **Turma:** B **Tempo:** 90min **Aula(s) nº: 7 e 8 (**corresponde ao nº 32 e 33 da lição sumariada em livro de ponto/cadernos diários.) **Data:** 12 – 01 – 2015	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Plano de 7º e 8ºaula observada** **Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade

Objetivo(s) geral(is): Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
9. Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia. 10. Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 11. Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 12. Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.	• A União Europeia	União Europeia Europa Comunitária Estado Membro O euro	• Realização de chamada oral dos alunos e anotação das respetivas faltas no livro de turma. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo orientado professor-alunos. • O professor entrega aos alunos os dois T.P.C. corrigidos, das aulas de dia 5 e 12 de Dezembro e procede ao respetivo feedback dos mesmos. • *Brainstorming* sobre o conceito: União Europeia, através de diálogo orientado entre professor-alunos seguido do registo do conceito de União Europeia no quadro por um aluno selecionado e sob orientação do professor. • Os alunos realizam o exercício nº 1 e 2 da atividade nº7, da pág. 15, do Bloco do geógrafo sobre a União Europeia, através de exploração oral orientada pelo professor e com recurso à exploração de 1 slide projetado em simultâneo: "Estados-membros da União Europeia**"**. (***) • Exploração das ideias prévias das condições de adesão à União Europeia; Objetivos da União Europeia e medidas para a concretização dos objetivos da União Europeia, seguida da exploração oral, orientada pelo professor, da informação da pág. 65 do manual escolar. • Os alunos completam uma ficha formativa individual sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e direitos dos cidadãos europeus, seguida de correção oral orientada entre professor-alunos, com recurso à exploração de 7 slides.	3 3 10 5 20 18 18	Computador/ projetor Power point com 1 slide:Estados-membros da U. E. pág. 15, do Bloco do geógrafo. Manual, pág. 65. Ficha formativa individual sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à U. E. e direitos dos cidadãos europeus. Lápis de cor Power point com 7 slides: Aspetos práticos da adesão de Portugal à U. E. e direitos dos cidadãos europeus.	**<u>Diagnóstica:</u>** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **<u>Formativa:</u>** - Observação da participação/cumprimento de tarefas. -Atividade nº7, da pág. 15, do Bloco do geógrafo. -Realização de Ficha formativa individual	- Grelha de observação do professor. (*) - Questão nº1 e 2 da atividade nº7, da pág. 15, do **Blo**co do geógrafo. - Ficha formativa individual	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

			• O professor procede ao esclarecimento do trabalho de grupo a realizar pelos alunos até ao dia 16 de janeiro/2015, procedendo também à entrega de guiões de trabalho por grupos (****). • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**).	10 3	Seis guiões de trabalho de grupo sobre a U.E. Livro turma Quadro/ caneta e quadro			

Sumário:

A União Europeia: conceito; objetivos; alargamento; estados membros.
Marcação de Trabalho de grupo.

T. P. C.:

Marcação de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos: Os alunos vão realizar um trabalho em grupo, sobre um tema da União Europeia, selecionado pelo professor. Para a realização dos trabalhos, o docente entrega a cada grupo, um guião de trabalho.

Observações:

(*) É transversal à aula a utilização da grelha de observação do professor, bem como do livro de turma e o caderno diário do aluno.
(**) O sumário é realizado no final da aula sendo o seu registo feito no livro de turma e no caderno diário do aluno.
(***) O professor informa os alunos para não realizarem os pontos nº 3, 4 e 5 da atividade nº7, da pág. 15, do Bloco do geógrafo. sobre a União Europeia. Os alunos foram informados, uma semana antes pela professora de físico-química, para trazerem lápis de cor e o bloco do geografo para esta aula, dado que na última aula, a gestão do tempo não possibilitou esta recomendação.

(****) Na explicação da atividade acerca da União Europeia o professor com recurso à projeção de um slide, informa os alunos, que:

- Vão realizar um projeto de turma sobre a União Europeia e que é atribuído um tema sobre a União Europeia, a cada grupo (sendo a constituição dos grupos a já formada a quando da realização do jogo didático)

- O objetivo final desta atividade é a construção de um livro da União Europeia em tamanho de cartolina com várias cores.

- Para a realização do trabalho os grupos devem consultar o site do Portal Oficial da União Europeia, o site da Comissão Europeia e o manual escolar.

- Nos 6 diferentes guiões entregues aos grupos ficam clarificadas as instruções para a realização dos trabalhos, os materiais necessários à realização do trabalho, os elementos de avaliação dos trabalhos e informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015.

- O prazo de entrega do trabalho é na aula de dia 16 de Janeiro (45 minutos), onde o porta-voz de cada grupo vai proceder à apresentação dos trabalhos, contando com o tempo limite de 6 minutos para cada grupo.

Interdisciplinaridade:

- Língua Portuguesa: leitura e interpretação de texto; expressão oral e escrita da Língua Portuguesa;
- Educação Visual: Os símbolos como elemento de leitura de mapas; sua utilização correta.
- TIC: O uso das tecnologias de informação e comunicação no âmbito das pesquisas realizadas para a realização dos trabalhos de grupo e na exploração/projeção de slides em sala de aula.

(*) Após a aula o professor estagiário elabora um documento de reflexão individual.

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificação de 9ºaula observada

Ano: 7º **Turma:** B **Tempo:** 45min **Aula(s) nº: 9 (**corresponde ao nº 34 da lição sumariada em livro de ponto/cadernos diários.) **Data:** 16 – 01 – 2015	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Plano de 9ºaula observada** **Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
13. Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia. 14. Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 15. Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 16. Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.	• A União Europeia	União Europeia Europa Comunitária Estado Membro O euro Cidadania Europeia	• Realização de chamada oral dos alunos e anotação das respetivas faltas no livro de turma. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo orientado professor-alunos. • Oralmente o professor menciona indicações de orientação e método de estudo para consolidar/rever os conteúdos lecionados, procurando também contribuir para uma melhor preparação dos alunos para a realização da ficha de avaliação sumativa a concretizar na próxima aula., com o apoio da projeção de slide. • Apresentação dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia (***). • O professor procede à entrega dos certificados do jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", aos alunos. • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**).	3 1 7 30 1 3	Computador Projetor Power point com slide: Orientações de estudo para a ficha de avaliação sumativa. Trabalhos de grupo dos alunos Certificados de participação	**Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas.	- Grelha de observação do professor. (*)	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Sumário:

Orientações de estudo/ revisões.
Apresentação de trabalhos de grupo sobre a União Europeia.
Entrega de certificados de participação no jogo didático: " À descoberta da Europa".

T. P. C.:

Não haverá marcação de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos.

Observações: **(*)** É transversal à aula a utilização da grelha de observação do professor, bem como do livro de turma e o caderno diário do aluno. **(**)** O sumário é realizado no final da aula sendo o seu registo feito no livro de turma e no caderno diário do aluno. (***) Pretende-se que o porta-voz de cada grupo apresente os respetivos materiais de trabalho em tempo pré-estipulado de 5 minutos, tendo seguido os passos referidos no guião entregue em aula anterior.	**Interdisciplinaridade:** • Língua Portuguesa: leitura e interpretação de texto; expressão oral e escrita da Língua Portuguesa;
(*) Após a aula o professor estagiário elabora um documento de reflexão individual.	

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão de 10º e 11ºaula observada

Ano: 7º **Turma:** B **Tempo:** 90min **Aula(s) nº: 10 e 11 (**corresponde ao nº 35 e 36 da lição sumariada em livro de ponto/cadernos diários.) **Data:** 26 – 01 – 2015	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Plano de 10º e 11ºaula observada** **Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes; Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
1.Identificar os limites naturais do continente europeu. 2.Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios. 3.Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 4. Localizar países e cidades da Europa. 5.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos europeus. 6.Localizar os países da União Europeia. 7.Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 8.Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia.	• Europa: Do Atlântico aos Urais e do Ártico ao Mediterrâneo • Países e Cidades da Europa • Espaços geográfico s. • A União Europeia	Limite natural Península Cordilheira montanhosa País Microestado Capital Espaço geográfico União Europeia	• Realização de chamada oral dos alunos e anotação das respetivas faltas no livro de turma. • Será escrito o sumário da aula anterior. • O professor procede à entrega dos certificados do jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", aos alunos. • Revisão de conteúdos para realização de ficha de avaliação sumativa, através de diálogo orientado entre professor-alunos e com recurso à projeção de 31 slides que contém pequenos exercícios de pergunta-resposta rápida. • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**). • Os alunos realizam uma ficha de avaliação sumativa sobre os conteúdos lecionados nas aulas anteriores.	3 2 1 36 3 45	Computador/ projetor Certificados do jogo didático Power point com 31 slides: - Mapa Físico da Europa com os Limites naturais do Continente Europeu; - Mapa Físico da Europa com as Principais formas de relevo e os grandes rios da Europa; - Mapa Político da Europa com os Países e Capitais da Europa; - Mapa politico dos Espaços geográficos europeus; Ficha de avaliação sumativa.	**Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas. **Sumativa:** - Realização de Ficha de avaliação sumativa.	- Grelha de observação do professor. (*) - Ficha de avaliação sumativa.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

9.Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.								

Sumário:

- Revisão de conteúdos lecionados.
- Entrega de certificados de participação no jogo didático: " À descoberta da Europa".
- Realização da ficha de avaliação sumativa.

T. P. C.:

Não haverá marcação de T. P. C. (trabalho para casa) para os alunos.

Observações:

(*) É transversal à aula a utilização da grelha de observação do professor, bem como do livro de turma e o caderno diário do aluno.
(**) O sumário é realizado no final da aula sendo o seu registo feito no livro de turma e no caderno diário do aluno.

Interdisciplinaridade:

- Língua Portuguesa: leitura e interpretação de texto; expressão oral e escrita da Língua Portuguesa;

(*) Após a aula o professor estagiário elabora um documento de reflexão individual.

Anexo nº 3: Planificação a Médio Prazo

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão a Médio Prazo

Ano: 7º **Turma:** B **Data:** 01-12-2014 a 26-01-2015 **Aulas Previstas:** 4 aulas de 90m e 3 aulas de 45m	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
8. Identificar os limites naturais do continente europeu. 9. Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios. 10. Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico. 11. Localizar países e cidades.	• Europa: Do Atlântico aos Urais e do Ártico ao Mediterrâneo • Países e Capitais.	Limite natural Península Cordilheira montanhosa Microestado País Capital	• *Brainstorming* sobre os conceitos: limite natural; península; cordilheira montanhosa através de diálogo orientado entre professor-alunos, seguido de registo das definições dos conceitos no caderno diário dos alunos. • Os alunos realizam uma ficha formativa individual, sobre os elementos do mapa físico da Europa, seguida de correção oral orientada pelo professor, com recurso a projeção de 1 slide e a pág. 60 do manual, do mapa físico da Europa e do registo das principais conclusões no caderno diário. • Selecionar e solicitar a um aluno a leitura do texto: "Limites convencionais" (manual escolar, pág. 60). O professor questiona o aluno sobre os limites naturais referidos no documento e a sua localização em relação ao território europeu, seguida de registo das principais conclusões no caderno diário. • Os alunos visualizam 1 slide elaborado e projetado pelo professor com o mapa físico da Europa, sobre algumas curiosidades europeias (em anexo) com exploração oral orientada do docente. • Explanação oral sobre informações acerca da Europa pelo docente, seguida de registo das principais conclusões no caderno diário dos alunos. • *Brainstorming* sobre os conceitos: microestado; país e capital através de diálogo orientado entre professor-alunos, seguido de registo das definições dos conceitos no caderno diário dos alunos. • Os alunos realizam duas fichas formativas individuais, sobre os países, capitais e microestados da Europa, seguida de correção oral orientada pelo professor, com recurso a projeção de 3 slides com o mapa político da Europa e às pp. 61 e mapa desdobrável do manual escolar. • Marcação de T. P. C. (Trabalho prático de casa): Realização de uma ficha de avaliação formativa entregue pelo professor (***), sobre os conteúdos lecionados nesta aula.	Aula nº1	1 slide power point: Mapa físico da Europa Manual escolar (Pág. 60) 1 slide power point: Mapa físico da europa 3 slides power point: Mapa político da Europa.	**Diagnóstica:** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas propostas.	- Grelha de observação do professor.(*) - Ficha de avaliação formativa.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão a Médio Prazo

Ano: 7º **Turma:** B **Data:** 01-12-2014 a 26-01-2015 **Aulas Previstas:** 4 aulas de 90m e 3 aulas de 45m	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
12. Localizar países e cidades. 13. Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico.	• Países e Capitais da Europa	Microestado País Capital	• Procede-se à chamada oral dos alunos da turma. • Realização de revisão de conteúdos lecionados na aula anterior, através de diálogo orientado. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo professor-alunos. • *Brainstorming* sobre os conceitos: microestado; país e capital através de diálogo orientado entre professor-alunos, seguido de registo das definições dos conceitos no caderno diário dos alunos. • Os alunos realizam duas fichas formativas individuais entregues pelo professor, sobre os países, capitais e microestados da Europa, seguida de correção oral orientada pelo professor, com recurso a projeção de 3 slides com o mapa político da Europa e às pp. 61 e mapa desdobrável do manual escolar. • O professor procede à marcação de T. P. C. (Trabalho prático de casa): Realização individual de ficha de trabalho sobre os países e capitais da Europa (***). • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma. (**).	Aula nº2	1 slide power point: Mapa físico da Europa 3 slides power point: Mapa político da Europa e o manual escolar (Pág. 61) 2 folhas A4 com as fichas formativas	**Diagnóstica:** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas propostas. - Realização de duas fichas sobre países, capitais e microestados da Europa	- Grelha de observação do professor.(*) - Fichas de avaliação formativa nº 2 (Países e capitais da europa) e nº3 (microestados da europa).	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão a Médio Prazo

Ano: 7º **Turma:** B **Data:** 01-12-2014 a 26-01-2015 **Aulas Previstas:** 4 aulas de 90m e 3 aulas de 45m	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
1.Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 2.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos. 3.Localizar países e cidades da Europa. 4.Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural e económico.	• Espaços geográficos. • Países e Capitais da Europa. • Principais elementos e limites físicos da Europa.	Espaço geográfico País Capital	• Realização de chamada oral dos alunos de turma. • Realização de revisão da aula anterior. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo orientado professor-alunos. • *Brainstorming* sobre o conceito: Espaço geográfico através de diálogo orientado entre professor-alunos e registo das conclusões principais no caderno diário dos alunos, seguida da identificação e localização dos espaços geográficos da Europa, com recurso à projeção de 1 slide. • Os alunos realizam um jogo didático orientado pelo professor: "A descoberta da europa" (***). • O professor procede à marcação de T. P. C. (Trabalho prático de casa): Realização individual de ficha de trabalho sobre os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e na presente aula (****). • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**).	Aula nº3	1 slide power point: Mapa dos espaços geográficos europeus. Power point com vários slides: Jogo didático intitulado "À descoberta da Europa" Ficha formativa individual.	**<u>Diagnóstica:</u>** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **<u>Formativa:</u>** - Observação da participação/cumprimento de tarefas. - Preenchimento de uma ficha formativa ao longo do jogo didático. - Ficha formativa para trabalho prático de casa.	- Grelha de observação do professor. (*) - Ficha de avaliação formativa. - Ficha de avaliação formativa individual.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão a Médio Prazo

Ano: 7º **Turma:** B **Data:** 01-12-2014 a 26-01-2015 **Aulas Previstas:** 4 aulas de 90m e 3 aulas de 45m	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
5.Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 6.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos. 7.Localizar países e cidades da Europa. 8.Mencionar informações relevantes de âmbito cultural.	• Espaços geográficos. • Países e Capitais da Europa. • Principais elementos e limites físicos da Europa.	Espaço geográfico País Capital	• No ato de entrada dos alunos, o professor posiciona-se junto à porta de entrada da sala de aula, e clarifica a estes que devem ocupar os seus lugares de acordo com o estabelecido na aula anterior em trabalho de grupo, aquando da realização do jogo didático. (****) • Realização de chamada oral dos alunos de turma com o apoio do livro de turma. • Oralmente o professor recorda aos alunos que se inicia um novo período letivo (2º Período), deixando os votos de um bom ano de 2015 e da indispensabilidade de ser dada continuidade ao trabalho iniciado na aula anterior. • O professor procede à recolha de T. P. C. (Trabalho prático de casa) marcado na aula anterior aos alunos. • Verbalmente o professor procede à revisão das regras do jogo didático iniciado na aula anterior: "À descoberta da Europa", e da pontuação conseguida por cada grupo participativo, apoiada na grelha de registos de pontuação registada no quadro. • Continuação da realização do jogo didático iniciado na aula anterior, orientado entre professor-alunos: "A descoberta da europa" com clarificação de nova gestão de tempo para as respostas dadas.(***) • Um aluno faz o registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**).	Aula nº4	Livro de turma Power point com vários slides: Jogo didático intitulado "À descoberta da Europa". - Ficha de avaliação formativa.	**Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas. - Preenchimento de uma ficha formativa ao longo do jogo intitulado "À descoberta da Europa".	- Grelha de observação do professor. (*) - Ficha de avaliação formativa individual.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão a Médio Prazo

Ano: 7º **Turma:** B **Data:** 01-12-2014 a 26-01-2015 **Aulas Previstas:** 4 aulas de 90m e 3 aulas de 45m	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade

Objetivo(s) geral(is): Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
9. Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia. 10. Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 11. Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 12. Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.	• A União Europeia	União Europeia Europa Comunitária Estado Membro O euro	• Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo orientado professor-alunos. • O professor entrega aos alunos os dois T.P.C. corrigidos, das aulas de dia 5 e 12 de Dezembro e procede ao respetivo feedback dos mesmos. • *Brainstorming* sobre o conceito: União Europeia, através de diálogo orientado entre professor-alunos seguido do registo do conceito de União Europeia no quadro por um aluno selecionado e sob orientação do professor. • Os alunos realizam o exercício nº 1 e 2 da atividade nº7, da pág. 15, do Bloco do geógrafo sobre a União Europeia, através de exploração oral orientada pelo professor e com recurso à exploração de 1 slide projetado em simultâneo: "Estados-membros da União Europeia". (***) • Exploração das ideias prévias das condições de adesão à União Europeia; Objetivos da União Europeia e medidas para a concretização dos objetivos da União Europeia, seguida da exploração oral, orientada pelo professor, da informação da pág. 65 do manual escolar. • Os alunos completam uma ficha formativa individual sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e direitos dos cidadãos europeus, seguida de correção oral orientada entre professor-alunos, com recurso à exploração de 7 slides. • O professor procede ao esclarecimento do trabalho de grupo a realizar pelos alunos até ao dia 16 de janeiro/2015, procedendo também à entrega de guiões de trabalho por grupos (****).	Aula nº5	Power point com 1 slide:Estados-membros da U. E. pág. 15, do Bloco do geógrafo. Manual, pág. 65. Ficha formativa individual sobre os aspetos práticos da adesão de Portugal à U. E. e direitos dos cidadãos europeus. Lápis de cor Power point com 7 slides: Aspetos práticos da adesão de Portugal à U. E. e direitos dos cidadãos europeus. Seis guiões de trabalho de grupo sobre a U.E.	**Diagnóstica:** - Exploração de ideias prévias sobre conceitos e conteúdos a lecionar. **Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas. -Atividade nº7, da pág. 15, do Bloco do geógrafo. -Realização de Ficha formativa individual	- Grelha de observação do professor. (*) - Questão nº1 e 2 da atividade nº7, da pág. 15, do **Bloco** do geógrafo. - Ficha formativa individual	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificação a Médio Prazo

Ano: 7º **Turma:** B **Data:** 01-12-2014 a 26-01-2015 **Aulas Previstas:** 4 aulas de 90m e 3 aulas de 45m	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
13. Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia. 14. Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 15. Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 16. Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.	• A União Europeia	União Europeia Europa Comunitária Estado Membro O euro Cidadania Europeia	• Realização de chamada oral dos alunos e anotação das respetivas faltas no livro de turma. • Clarificar aos alunos os objetivos da aula, através do diálogo orientado professor-alunos. • Oralmente o professor menciona indicações de orientação e método de estudo para consolidar/rever os conteúdos lecionados, procurando também contribuir para uma melhor preparação dos alunos para a realização da ficha de avaliação sumativa a concretizar na próxima aula., com o apoio da projeção de slide. • Apresentação dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia (***). • O professor procede à entrega dos certificados do jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", aos alunos. • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**).	Aula nº6	Computador Projetor Power point com slide: Orientações de estudo para a ficha de avaliação sumativa. Trabalhos de grupo dos alunos Certificados de participação	**Formativa:** - Observação da participação/cumprimento de tarefas.	- Grelha de observação do professor. (*)	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Escola: Escola Básica 2º, 3º Ciclos João Villaret

Planificacão a Médio Prazo

Ano: 7º **Turma:** B **Data:** 01-12-2014 a 26-01-2015 **Aulas Previstas:** 4 aulas de 90m e 3 aulas de 45m	**Área curricular:** Geografia **Domínio:** A Terra: Estudos e Representações TER7 **Subdomínio:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	**Professor estagiário:** João Varandas **Professor Cooperante:** Iracema Andrade
Objetivo(s) geral(is): Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes; Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia.		

Descritores	Conteúdos programáticos	Conceitos	Experiências de aprendizagem / estratégias	Tempo (min)	Recursos	Avaliação		
						Modalidade	Instrumento (s)	Atitudinal
1.Identificar os limites naturais do continente europeu. 2.Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios. 3.Identificar os diferentes espaços geográficos europeus. 4. Localizar países e cidades da Europa. 5.Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos europeus. 6.Localizar os países da União Europeia. 7.Mencionar os principais objetivos da União Europeia. 8.Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia. 9.Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.	• Europa: Do Atlântico aos Urais e do Ártico ao Mediterrâneo • Países e Cidades da Europa • Espaços geográficos. • A União Europeia	Limite natural Península Cordilheira montanhosa País Microestado Capital Espaço geográfico União Europeia	• Realização de chamada oral dos alunos e anotação das respetivas faltas no livro de turma. • Será escrito o sumário da aula anterior. • O professor procede à entrega dos certificados do jogo didático intitulado "À Descoberta da Europa", aos alunos. • Revisão de conteúdos para realização de ficha de avaliação sumativa, através de diálogo orientado entre professor-alunos e com recurso à projeção de 31 slides que contém pequenos exercícios de pergunta-resposta rápida. • Um aluno faz o Registo do sumário da aula no quadro, sob orientação do professor e em colaboração com os seus colegas, sendo igualmente registado no caderno diário de cada aluno e no livro de turma (**). • Os alunos realizam uma ficha de avaliação sumativa sobre os conteúdos lecionados nas aulas anteriores.	Aula nº7	Computador/ projetor Certificados do jogo didático Power point com 31 slides: - Mapa Físico da Europa com os Limites naturais do Continente Europeu; - Mapa Físico da Europa com as Principais formas de relevo e os grandes rios da Europa; - Mapa Político da Europa com os Países e Capitais da Europa; - Mapa politico dos Espaços geográficos europeus; Ficha de avaliação sumativa.	**Formativa:** - Observação da participação/ cumprimento de tarefas. **Sumativa:** - Realização de Ficha de avaliação sumativa.	- Grelha de observação do professor. (*) - Ficha de avaliação sumativa.	- Observação da participação /cumprimento de tarefas propostas.

Anexo nº4: Descrição das aulas lecionadas em Geografia

Descrição das aulas nº 1 e 2, lecionadas pelo professor João Varandas e realizada pela sua colega Inês Santos

Turma: 7ºB
Data: Dia 1 de Dezembro de 2014
Tempo: 90 minutos
Horário e sala de aula: Das 10:15h às 11:45h, sala B 1.15
Sumário: Exploração do mapa físico da Europa. Conceito de limite natural, península e cordilheira montanhosa. Informações gerais acerca da Europa.
Lições nº: 25 e 26.

O professor João começa por se apresentar aos alunos e fala acerca do seu percurso académico, profissional e também de alguns hobbies. Em seguida faz a chamada dos alunos. Depois pede aos alunos para abrirem as lições nº 25 e 26. Entretanto o projetor deixa de funcionar, mas o professor João consegue resolver o problema. Em seguida pede aos alunos para escreverem os seus nomes numa folha A4 e, colocarem a folha, em cima da mesa. Entretanto alguns alunos falam e o professor manda-os calar.

Em seguida, o professor fala sobre as regras e depois apresenta os objetivos da aula. Após esta parte introdutória à aula, o docente Informa os alunos que vão proceder à exploração do mapa físico da Europa. Assim, começa questionando o que são os limites naturais. Os alunos dão algumas respostas, mas não respondem claramente à questão colocada pelo professor João. O professor questiona se um rio, uma montanha ou um oceano, podem constituir um limite natural. Alguns alunos respondem que sim. O professor continua explorando as ideias dos alunos acerca de mais alguns conceitos.

Após o professor João ter explorado as ideias prévias dos alunos acerca dos novos conceitos a aprender (limite natural, península e cordilheira montanhosa), o docente dita alguns apontamentos aos alunos. Os alunos demoram a escrever os apontamentos no seu caderno e vão pedindo para o professor repetir os mesmos. Em seguida distribui uma ficha de atividades individual aos alunos e concede-lhes algum tempo para estes realizarem a ficha (10:49). Os alunos ficam alarmados com a ficha porque dizem que não sabem fazer. O docente pede aos alunos para se acalmarem e escreverem aquilo que souberem. Entretanto o professor circula na sala de aula tirando algumas dúvidas aos alunos e supervisionando o trabalho dos mesmos. Os alunos queixam-se que sabem pouco e que é difícil. O professor volta novamente a pedir aos alunos para escreverem aquilo que eles sabem e diz para eles não se preocuparem por não conseguirem completar os nomes de muitos elementos da ficha. O professor procede á correção da ficha e os alunos

demonstram uma grande participação e a maior parte dos alunos responde acertadamente às questões colocadas pelo professor. Às 11:22 o professor dita apontamentos sobre exploração do mapa físico da Europa.

Em seguida o professor projeta um slide com algumas curiosidades da Europa e verifica-se que este slide despertou o interesse e a curiosidade de muitos alunos, que entretanto tentam responder às questões colocados pelo professor de uma forma ansiosa. O professor questiona os alunos sobre o que é um microestado e o aluno Dinis responde que é um estado mais pequeno. O professor questiona qual o ponto mais alto da Europa. O aluno Miguel responde que são os Montes Urais, a aluna Raquel responde que é uma cordilheira e a aluna Luísa responde que são os Alpes, a aluna Liliana responde que são os Pirenéus. O professor responde que o ponto mais alto na Europa é Monte Elbrus. Depois o docente questiona qual o ponto mais baixo da Europa. O aluno Miguel responde que é o mar negro, uma aluna diz que é a península Escandinávia e outra aluna refere que é a depressão do cáspio. O professor diz que é a depressão do Mar Cáspio. O docente questiona qual o maior rio da Europa. Um aluno diz que é o Rio Volga. O professor questiona qual o segundo maior rio da Europa. Um aluno diz que é o rio Danúbio. O professor questiona qual a maior ilha da Europa. Um aluno responde que é a Grã-Bretanha. A seguir o professor questiona qual o menor microestado. O aluno Joaquim diz que é o Vaticano.

O professor diz aos alunos que vão falar acerca dos países, capitais e microestados da Europa e fala sobre as caraterísticas da Europa. Em seguida dita apontamentos sobre informações gerais acerca da Europa. Entretanto quanto dita os apontamentos sobre a Europa, escreve no quadro as palavras que os alunos não sabem escrever. Por último, o professor pede à aluna Sara Carla para ir escrever o sumário no quadro enquanto os outros alunos ajudam na elaboração do mesmo.

Descrição da aula nº 3, lecionada pelo professor João Varandas e realizada pela sua colega Inês Santos

Turma: 7ºB
Data: Dia 5 de Dezembro de 2014
Tempo: 45 minutos
Horário e sala de aula: Das 12:40h às 13:25h, sala B 1.16
Sumário: Revisão da aula anterior: questões sobre os limites naturais da Europa. Exploração de mapa político da Europa. Países, cidades capitais e microestados. Conceito de país, cidade capital e microestado.
Lição nº: 27.

O professor entra na sala, assim que a professora que estava a dar aula, sai da sala. O professor prepara os materiais enquanto os alunos já estavam na sala. Alguns alunos andam levantados e o professor chama-os à atenção, dizendo que não se podem levantar sem pedir autorização. O professor faz a chamada dos alunos e abre a lição.

O professor questiona os alunos sobre os conteúdos que foram lecionados na aula anterior. A aluna Lúcia diz que estiveram a falar nas cordilheiras. O professor diz que estiveram a falar sobre os grandes relevos da Europa e questiona quais. O aluno Miguel menciona os Montes Urais, o aluno Octawian diz os Pirenéus, a aluna Luísa refere a Ilha da Gra-Bretanha e o professor diz à aluna que estão a falar sobre os grandes relevos da Europa e não sobre as ilhas. A aluna Maria refere a cordilheira dos balcãs.

Após o professor, falar acerca dos grandes relevos, refere que também falaram sobre os grandes rios e questiona quais. A aluna Inês responde o Rio Vouga. E o professor diz à aluna que o Rio Volga é o… e a aluna completa dizendo "o maior rio da Europa". Em seguida o professor questiona qual o segundo maior rio e um aluno responde que é o rio Danúbio. O professor pede aos alunos para referirem mais rios e volta a recordar aos alunos que estão a falar sobre os grandes rios da europa. O professor questiona a aluna Sónia e esta diz que não se lembra, o professor questiona a aluna Diana, mas ela também não se recorda. Depois questiona o aluno Tiago e este diz que não se lembra. Entretanto o aluno Miguel menciona o Rio Ural. A aluna Sónia responde o Rio Dinipre e o professor diz que esta correto e disse-lhe "muito bem", dando assim um reforço positivo à aluna. Imediatamente a seguir, diz que falta mencionar um rio e questiona um aluno, se ele se recorda do rio que falta. O aluno diz que não sabe e o professor pergunta ao aluno se ele não se lembra de nenhum rio que nasce nos Alpes e passa por França. O aluno responde o Rio Danúbio e o professor diz que não é esse rio que falta mencionar. O aluno Carlos

refere o Rio Reno e o professor diz que esta correto.

Em seguida o professor recorda os alunos que também falaram sobre as grandes ilhas da Europa e questiona a turma acerca das mesmas. O aluno Manuel responde a Grã-Bretanha e o aluno Miguel responde a Islândia e outro aluno referiu a Irlanda.

Depois, o professor refere que falaram também sobre as penínsulas da Europa e questiona os nomes das mesmas. A aluna Susana refere a península Itálica, a aluna Maria refere a Península Ibérica, a aluna Luísa refere a Península Escandinávia, a aluna Márcia menciona a península balcânica e o aluno João menciona a península da Jutlândia. O professor diz que estiveram a falar sobre limite natural e questiona o que é. O aluno Carlos diz que é algo que separa um território de outro. O professor pede aos alunos para darem exemplos. O aluno Joaquim diz que pode ser o mar, uma cordilheira, um oceano, uma península. O professor projeta um slide com os vários elementos do mapa físico e questiona o nome do elemento nº 1. A aluna Inês responde que é o Oceano Atlântico. O professor questiona o nome do elemento nº2 e a aluna Diana diz que é o oceano Glacial Ártico. O professor questiona o nome do elemento nº3 e aluna Sara responde que é o Mar Mediterrâneo. O professor questiona o nome do elemento nº 4 e aluna Cláudia responde que é o Mar negro, a aluna Cláudia responde que é o Mar Cáspio. O professor questiona o nome do elemento nº 5 e o aluno Filipe responde que é o Rio Ural. O professor questiona o nome do elemento nº 6 e um aluno responde Cordilheira do Cáucaso. O professor questiona o nome do elemento nº 7 e o aluno Pedro responde Montes Urais. O professor continua colocando questões aos alunos, sobre os nomes dos elementos do mapa físico da Europa.

Em seguida o docente questiona quais os limites naturais do continente europeu a Norte, Sul, Este, Sudeste e Oeste. Um aluno responde que o Oceano Atlântico localiza-se a Oeste da Europa. Outro aluno fala sobre os Montes Urais a nordeste e os alunos continuam dando várias respostas ao docente.

Depois, o professor apresenta os objetivos da Europa e explica o que se pretende. Entretanto, o professor pede ao aluno Rui para se virar para a frente. Em seguida, o professor pede a um aluno voluntário para ir escrever a definição de país, no quadro e ao mesmo tempo questiona os alunos sobre o que é um país e pede para os alunos colocarem a mão no ar para responderem. O aluno Carlos diz que é um território habitado por pessoas.

O professor ajuda o aluno a escrever a definição. Refere que o país é um território ocupado por uma população. Será que esta população tem liberdade? …e que tem

liberdade de decisão sobre o mesmo. O professor pede para os alunos escreverem um título no caderno. O professor pergunta o que é uma cidade capital? A aluna Inês Pereira diz que é uma cidade importante. O aluno Joaquim responde que é a Capital de um país. O professor questiona o que a distingue das outras? O aluno Miguel diz que são os órgãos. Em resumo, o professor diz que uma cidade capital é onde estão localizados os órgãos do poder político central. Além disso, chama a atenção dos alunos para irem escrevendo as definições dos conceitos que foram escritas no quadro pelos alunos.

Em seguida o docente questiona o que é um microestado? Uma aluna responde que é uma pequena porção de terra. O professor diz que um microestado é um estado com uma superfície muito pequena. Em seguida o professor chama a atenção da aluna Diana e do aluno Tiago.

Seguidamente o professor distribui uma ficha aos alunos e para os alunos acrescentarem uma questão à ficha: Localiza em cada país a sua cidade-capital, assinalando a mesma com um círculo. O professor explica melhor o que se pretende do exercício. O professor vai distribuindo outra ficha sobre os microestados. Em seguida, distribui uma ficha sobre os monumentos, que servirá para a próxima aula. O professor dá aos alunos alguns minutos para eles realizarem a ficha. O professor anuncia que vão proceder à correção da ficha. Fazem a correção e como não ouve tempo para terminar a mesma, o professor informa que vão levar as fichas para completar em casa.

Por fim, uma aluna vai ao quadro escrever o sumário e os restantes alunos escrevem no caderno diário. Sumário: Revisão da aula anterior: questões sobre os limites naturais da Europa. Exploração de mapa político da Europa. Países, cidades capitais, microestado. Conceito de país, cidade capital e microestado.

Descrição da aula nº 4, lecionada pelo professor João Varandas e realizada pela sua colega Inês Santos

Turma: 7ºB
Data: Dia 12 de Dezembro de 2014
Tempo: 45 minutos
Horário e sala de aula: Das 12:40h às 13:25h, sala B 1.16
Sumário: Revisão da aula anterior: Países, capitais e microestados da Europa. Espaços geográficos da Europa e respetivo conceito. Ficha diagnóstica sobre todos os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e na presente aula. Jogo didático intitulado "À descoberta da Europa". Marcação de T. P. C.
Lição nº: 28.

O professor entra na sala e prepara os materiais. Pede ao Miguel para recolher o TPC dos colegas. Em seguida, o docente faz a chamada e registou a falta dos alunos que não estavam presentes. O professor pergunta à turma o que falaram na aula passada. A Luísa diz que foi sobre países e capitais. Então o professor pergunta que países foram falados. O Carlos referiu-se à Holanda e outros alunos mencionaram outros países. O professor apresenta os objetivos da aula e informa os alunos sobre o jogo que vão realizar. Pergunta-lhes quem é que sabe explicar o que é um espaço geográfico europeu. A Carla diz que é um espaço ocupado na europa e o professor pede para a aluna indicar o nome que se pode atribuir a esse espaço. A aluna não respondeu e o professor disse que é uma grande divisão regional.

O professor pede à Carla para ir ao quadro e definir o conceito de espaço geográfico com a ajuda dos colegas e do professor. Pede aos alunos para escreverem no caderno o conceito de espaço geográfico.

O professor começa por questionar: Estas divisões são divididas com base no quê? A Luísa diz que separam países, com base num limite natural. O professor diz que são realizados com base em limites físicos, como o relevo e em aspetos… (espera que os alunos completem a frase). O aluno Rui diz que esses espaços geográficos podem não ser apenas da Europa. O professor concorda com o comentário do aluno. A pedido do professor a Carla continua a escrever que "o espaço geográfico é uma divisão da Europa realizada com base em aspetos físicos". Em seguida, o professor pergunta aos discentes: que me sabe dizer os outros aspetos para além dos físicos? Os alunos não respondem. O professor completa, mencionando os aspetos humanos.

Depois o docente pergunta: quem me sabe dizer o nome destas divisões? (apontando para o quadro no mapa europeu) O Miguel diz que é o sul da Europa. O

professor aponta para outra divisão e a Anaisa diz a Europa ocidental. Apontando para outra divisão pergunta a outra aluna, que refere a Europa do norte. O professor aponta para a última divisão e pede à Carlota para indicar o nome, mas ela não consegue responder. Dois alunos (situados nas mesas da frente no lado esquerdo da sala) dizem Europa oriental ou de leste (acrescenta o professor). A Carla continua a escrever no quadro: "A Europa é dividida em cinco espaços geográficos: europa do sul; europa do norte; europa central; europa ocidental e europa oriental ou de leste"

Enquanto os alunos passam as informações do quadro, o professor informa que vão dar início ao jogo. O professor explica os procedimentos do jogo e informa os alunos para não se preocuparem com o teste, porque têm uma ficha que vão preencher no jogo mais outra ficha para preencherem em casa, que lhes servirá para estudarem.

O professor pede ao Miguel e Luísa para ajudarem a distribuir as fichas do jogo e do tpc, enquanto o professor forma os 6 grupos e pede aos alunos para escolherem um porta-voz. Os alunos juntam as mesas. O professor vai chamando a atenção para a conversa e para a confusão que se estava a gerar, por vezes elevando bastante a voz. Pede para colocarem tudo dentro das mochilas e apenas terem em cima da mesa a ficha e uma caneta.

O professor vai desenhando no quadro as quadrículas correspondentes a cada grupo e os alunos conversam uns com os outros sentados nas mesas por grupos.

Descrição das aulas nº 7 e 8, lecionadas pelo professor João Varandas e realizada pela sua colega Inês Santos

Turma: 7ºB
Data: Dia 12 de Janeiro de 2015
Tempo: 90 minutos
Horário e sala de aula: Das 10:15h às 11:45h, sala B 1.15
Sumário: A União Europeia: conceito; objetivos; alargamento; estados membros. Marcação de Trabalho de grupo.
Lições nº: 32 e 33.

A professora Iracema dá alguns esclarecimentos sobre o teste de avaliação. O professor faz a chamada às 10:30h. O professor abre a lição, em seguida informa sobre os objetivos da aula e entrega os trabalhos de casa. Depois dá um feedback aos alunos sobre as maiores dificuldades e erros encontrados.

O professor tira algumas dúvidas de três alunos. Em seguida pede a dois alunos

para entregar o TPC do dia 12 de Dezembro. Refere que os alunos conseguiram identificar as formas de relevo, mas faltava fazer a delimitação no mapa. Também tiveram dificuldade na identificação dos rios. Alguns alunos levantam-se e vão ter com o professor para tirar dúvidas.

O Rui vai ao quadro e escreve a definição de União Europeia. O professor pergunta aos alunos que tipo de organização é a união europeia. Os alunos dizem que é uma organização política e económica. O professor pergunta quando foi criada a União Europeia. Um aluno diz que foi em 1957, pois foi ver ao manual. Depois pergunta por quantos países e os alunos vão dando palpites. O professor acaba por dizer o número de países. Pergunta com que nome foi criada a União Europeia. Maior parte dos alunos responde União Europeia. O professor dá uma ajuda, identificando a sigla CEE e pede aos alunos que digam o que significa. O professor informa os alunos que a UE sofreu vários alargamentos. Depois o professor pergunta quantos estados-membros tem a União Europeia. Algumas alunas colocam o dedo no ar para esclarecer dúvidas sobre o estava escrito no quadro. O professor pede aos alunos para abrir o bloco do geógrafo e explica a atividade. Uma aluna diz que foi a Alemanha, outra a Inglaterra, a Itália, o aluno (lá atrás) diz o Luxemburgo…

O professor pergunta quais foram os países que entraram em 1973 e o Carlos diz Reino Unido, Irlanda e Dinamarca. O professor pergunta quem entrou em 1981 e a Anaisa A Grécia, Portugal e Espanha. O professor pergunta quais os países que entraram em 1986. Uma aluna diz Portugal e Espanha. O docente pergunta os países que entraram em 1985 O Octawian diz Áustria, Finlândia e Suécia. O professor pergunta os países que entraram em 2004. O Carlos diz Estónia, Polónia, Letónia, a Lituânia, a Republica Checa, Eslováquia, a Sérvia, a Hungria. O professor diz que a Sérvia está mal. Carlos acrescenta a Eslovénia. O professor diz que faltam mais quatro países. Carlos acrescenta Malta. O professor diz que entraram os países nºs 26 e 27. Um aluno diz a Roménia e a Bulgária. O professor corrige os alunos. Por ultimo, o professor pergunta quem entrou em 2007. Uma aluna diz a Croácia.

O professor pergunta se podem entrar mais países para a União Europeia. O professor diz que são três condições. A Anaisa diz que devem aderir ao Euro. O professor pergunta se podem ter uma democracia instável. Os alunos dizem que não.

O professor pergunta quais os objetivos da UE. Um aluno, diz aprofundar a política externa. O professor pergunta o que a União Europeia pretende. O professor pergunta em relação à economia. O Carlos diz melhorar a economia. O professor diz

fortalecer a convergência económica. O professor remete para o manual.

O professor pergunta quais são os domínios de cooperação da União Europeia. A Anaisa diz o ambiente, a energia, outro aluno diz em situações de catástrofe. O professor pergunta mais medidas tomadas pela União europeia. Um aluno lá atras diz o mercado único, e acrescenta que existe livre circulação de pessoas, bens e serviços.

Em relação às políticas, o professor pergunta o que foi implementado? O professor acrescenta políticas comuns. O aluno lá atrás lê do manual e diz quais são as políticas comuns. O Carlos e o Rui entregam uma ficha que todos vão realizar. Em seguida, o professor explica os trabalhos de grupo. Os alunos queixam-se do trabalho e tiram dúvidas.

O grupo turma faz a ficha com orientação do professor. O professor vai mostrando os slides e pede aos alunos para irem escrevendo as respostas nas fichas. Entretanto, o professor informa os alunos que vão ter de comprar cartolinas amarelas ou azuis. A professora Iracema acrescenta que podem comprar na papelaria, mas tem de ser a cor mais parecida à União Europeia. A Anaísa vai respondendo, bem como outras alunas. Os alunos vão respondendo em coletivo. Os alunos respondem bem às questões 1,2,3,4, têm dúvidas na questão 5, respondem bem à questão 6.

Descrição da aula nº 9, lecionada pelo professor João Varandas e realizada pela sua colega Inês Santos

Turma: 7ºB
Data: Dia 16 de Janeiro de 2015
Tempo: 45 minutos
Horário e sala de aula: Das 12:40h às 13:25h, sala B 1.16
Sumário: Orientações de estudo/ revisões. Apresentação de trabalhos de grupo sobre a União Europeia. Entrega de certificados de participação no jogo didático: “ À descoberta da Europa”.
Lição nº: 34.

O professor prepara os materiais e, em seguida, faz a chamada dos alunos. Entretanto o professor diz o sumário da aula passada. O professor presta esclarecimentos sobre a aula passada e depois fornece indicações para o teste de avaliação. O professor faz algumas questões sobre os limites naturais do continente europeu. Primeiro pergunta quais os limites naturais localizados a oeste, a este e a sudeste do continente europeu. Em relação aos limites naturais a oeste e a este, alguns alunos como a Luísa, o Joaquim. A

Inês esclarece algumas dúvidas que tem e diz que não percebe nada do que o professor explicou. O professor faz um desenho no quadro sobre os limites europeus para explicar à Inês, dando exemplos de limites naturais.

O professor continua dando indicações para o teste de avaliação, dando esclarecimentos adicionais. A professora Iracema coloca no quadro um esquema com as páginas que englobam todos os conteúdos e como os alunos podem estudar.

A Lúcia faz a apresentação do seu trabalho sobre os países fundadores da União Europeia, lendo as informações da sua cartolina. A porta-voz do grupo nº 2 apresenta o trabalho sobre os alargamentos da União Europeia. Em seguida, o porta-voz do grupo nº 4, Frederico, apresenta o trabalho sobre os símbolos de identidade da União Europeia, explicando o significado dos símbolos. O porta-voz do grupo nº 5, Miguel, faz a apresentação do trabalho sobre as instituições da União Europeia. O professor vai chamando a atenção para que os alunos façam silêncio. O último grupo nº 6, Carlos, apresenta sobre a cidadania europeia.

Descrição das aulas nº 10 e 11, lecionadas pelo professor João Varandas e realizada pela sua colega Inês Santos

Turma: 7ºB
Data: Dia 26 de Janeiro de 2015
Tempo: 90 minutos
Horário e sala de aula: Das 10:15h às 11:45h, sala B 1.15
Sumário: Revisão de conteúdos lecionados. Entrega de certificados de participação no jogo didático: “ À descoberta da Europa”. Realização da ficha de avaliação sumativa.
Lições nº: 35 e 36.

Os alunos entram e o professor faz a chamada. A Luísa entra atrasada com comportamento impróprio e o professor chama-a à atenção. Alguns alunos fazem questões e o professor vai respondendo. O professor fala com os 3 alunos selecionados sobre a realização da entrevista no dia seguinte. O professor pede para abrirem as lições nº 37 e 38. Em seguida, o professor entrega os certificados de participação do jogo a um elemento do grupo, que entrega aos seus colegas.

O professor pede as cadernetas aos alunos que não fizeram o trabalho sobre a União europeia. O docente começa por fazer as revisões, começando por questionar os discentes sobre os limites naturais que se encontram no mapa projetado. Ao primeiro limite questionado os alunos respondem Montes Urais, Rio Ural e ao próximo limite

respondem Rio Vouga. Os alunos dizem Danúbio e outros Dniepre. O professor pergunta o nome de uma cordilheira assinalada no mapa. Vários alunos colocam o dedo no ar e o professor escolhe a Anaísa, que diz que cordilheira do Cáucaso. O professor pergunta qual o mar indicado no mapa e a Cátia é escolhida para responder e refere Mar Cáspio. À questão seguinte o Manuel responde Mar Negro. A Diana responde o Mar Adriático à próxima pergunta. Os outros alunos dizem que não é o esse mar, mas antes o Mar Mediterrânico, diz o Joaquim. Na pergunta seguinte a Márcia diz que é o Oceano Atlântico. À pergunta do professor sobre o Oceano assinalado no mapa, a Maria diz que é o Oceano Glacial Ártico. Na próxima questão a Susana refere que é a cordilheira do Cárpatos e o Tiago diz que não, é os Alpes. O professor congratula-o. O professor questiona sobre uma das cordilheiras e um aluno diz que é os Pireneus. À questão sobre o nome do país questionado o Daniel diz que é a Inglaterra. O professor clarifica o que é a Grã-Bretanha, a Inglaterra e o Reino Unido. Os alunos dizem que não perceberam e alguns alunos vão chamando o professor ao lugar.

O professor pergunta o nome de um país e de uma capital. Uma aluna responde Rússia e outro aluno diz que a capital é Moscovo. Os alunos fazem muito barulho e o professor faz um minuto de silêncio para ver se os alunos se calam. Ao próximo país e capital o Miguel responde Itália e Roma. A seguir o Luís responde Suécia e Estocolmo. A Cláudia responde Europa do Sul, à região nº 2 a Anaisa responde Europa Ocidental. Ao nº 3 a Inês responde Europa Central. Ao nº 5 um aluno responde Europa de Leste. A seguir o professor pergunta os países que pertencem à União Europeia. Uma aluna diz Portugal, a Filipa responde Polónia, outra aluna responde Finlândia. a Daniela responde Alemanha. A Cláudia responde Polónia. O professor pergunta quais os países fundadores. O Joaquim vai ao quadro e assinala 3 países fundadores da União Europeia. O Manuel vai ao quadro e assinala os outros 3 países. O Rui diz que o país 1 é a França, ao nº 4 uma aluna diz Bélgica, ao nº 5 o Miguel diz Bélgica e o professor diz que já foi dito e o Miguel responde Holanda.

O professor diz que está na hora de fazer o teste e dá algumas indicações aos alunos. Os alunos arrumam os materiais e o professor entrega as fichas de avaliação. Depois o professor explica as questões da ficha de avaliação muito resumidamente.

Anexo nº5: Slides das Aulas

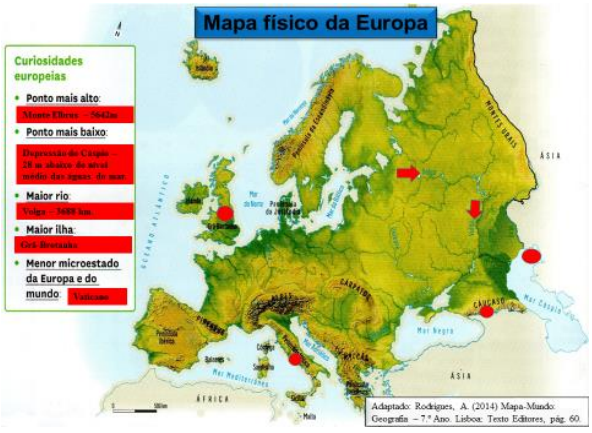
1ª e 2ª Aula (90min)

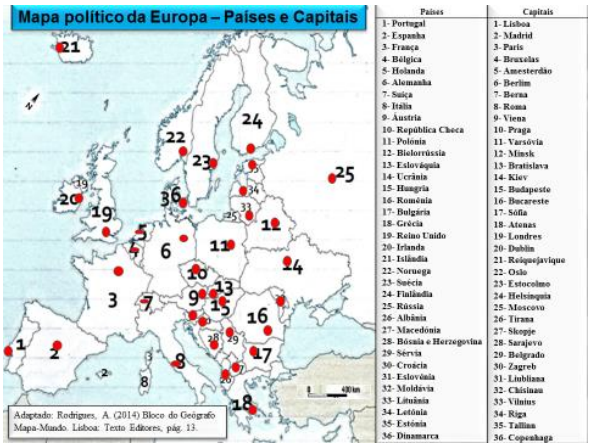
1

Objetivos da aula:

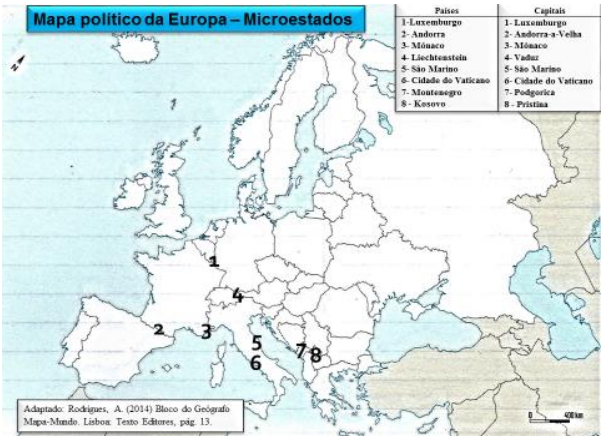
- Identificar os limites naturais do continente europeu.
- Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios do continente europeu.

2

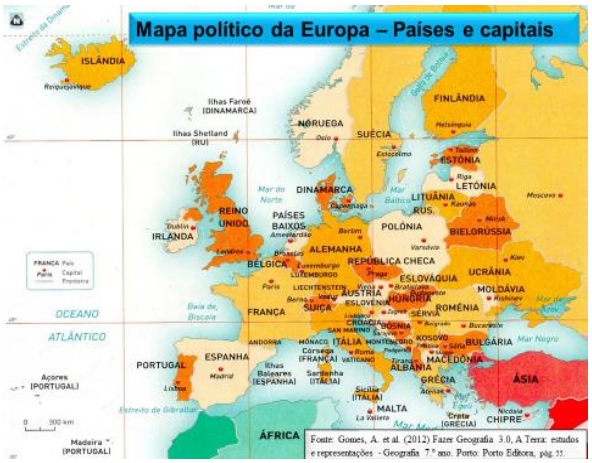




Países	Capitais
1- Portugal	1- Lisboa
2- Espanha	2- Madrid
3- França	3- Paris
4- Bélgica	4- Bruxelas
5- Holanda	5- Amesterdão
6- Alemanha	6- Berlim
7- Suíça	7- Berna
8- Itália	8- Roma
9- Austria	9- Viena
10- República Checa	10- Praga
11- Polónia	11- Varsóvia
12- Bielorrússia	12- Minsk
13- Eslováquia	13- Bratislava
14- Ucrânia	14- Kiev
15- Hungria	15- Budapeste
16- Roménia	16- Bucareste
17- Bulgária	17- Sófia
18- Grécia	18- Atenas
19- Reino Unido	19- Londres
20- Irlanda	20- Dublin
21- Islândia	21- Reiquejavique
22- Noruega	22- Oslo
23- Suécia	23- Estocolmo
24- Finlândia	24- Helsinquia
25- Rússia	25- Moscovo
26- Albânia	26- Tirana
27- Macedónia	27- Skoppje
28- Bósnia e Herzegovina	28- Sarajevo
29- Sérvia	29- Belgrado
30- Croácia	30- Zagreb
31- Eslovénia	31- Liubliana
32- Moldávia	32- Chisinau
33- Lituânia	33- Vilnius
34- Letónia	34- Riga
35- Estónia	35- Tallian
36- Dinamarca	36- Copenhaga



Países	Capitais
1-Luxemburgo	1- Luxemburgo
2- Andorra	2- Andorra-a-Velha
3- Mónaco	3- Mónaco
4- Liechtenstein	4- Vaduz
5- São Marino	5- São Marino
6- Cidade do Vaticano	6- Cidade do Vaticano
7- Montenegro	7- Podgorica
8 - Kosovo	8 - Pristina



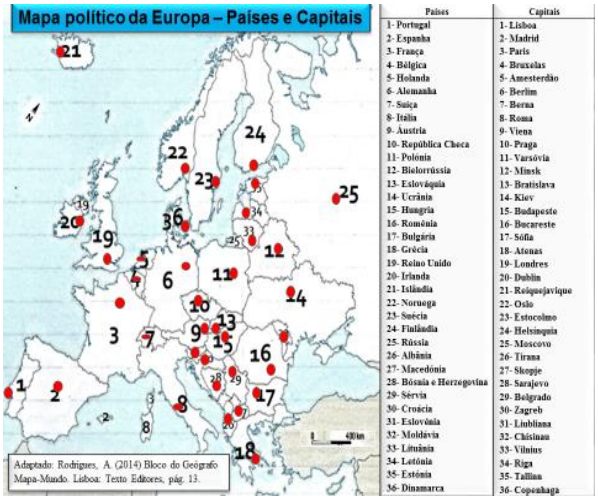
3ª Aula (45min)

1

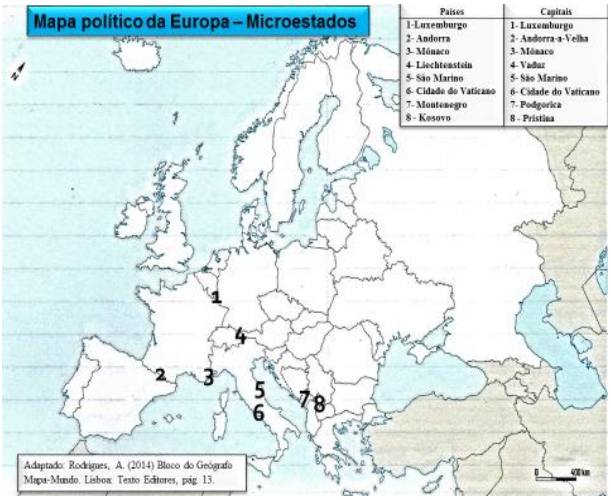
Objetivos da aula:

- Localizar países e cidades do continente europeu.

3



Países	Capitais
1- Portugal	1- Lisboa
2- Espanha	2- Madrid
3- França	3- Paris
4- Bélgica	4- Bruxelas
5- Holanda	5- Amesterdão
6- Alemanha	6- Berlim
7- Suíça	7- Berna
8- Itália	8- Roma
9- Áustria	9- Viena
10- República Checa	10- Praga
11- Polónia	11- Varsóvia
12- Bielorrússia	12- Minsk
13- Eslováquia	13- Bratislava
14- Ucrânia	14- Kiev
15- Hungria	15- Budapeste
16- Roménia	16- Bucareste
17- Bulgária	17- Sófia
18- Grécia	18- Atenas
19- Reino Unido	19- Londres
20- Irlanda	20- Dublin
21- Islândia	21- Reiquejavique
22- Noruega	22- Oslo
23- Suécia	23- Estocolmo
24- Finlândia	24- Helsinquia
25- Rússia	25- Moscovo
26- Albânia	26- Tirana
27- Macedónia	27- Skopje
28- Bósnia e Herzegovina	28- Sarajevo
29- Sérvia	29- Belgrado
30- Croácia	30- Zagreb
31- Eslovénia	31- Ljubliana
32- Moldávia	32- Chisinau
33- Lituânia	33- Vilnius
34- Letónia	34- Riga
35- Estónia	35- Tallinn
36- Dinamarca	36- Copenhaga



Países	Capitais
1-Luxemburgo	1- Luxemburgo
2- Andorra	2- Andorra-a-Velha
3- Mónaco	3- Mónaco
4- Liechtenstein	4- Vaduz
5- São Marino	5- São Marino
6- Cidade do Vaticano	6- Cidade do Vaticano
7- Montenegro	7- Podgorica
8 - Kosovo	8 - Pristina

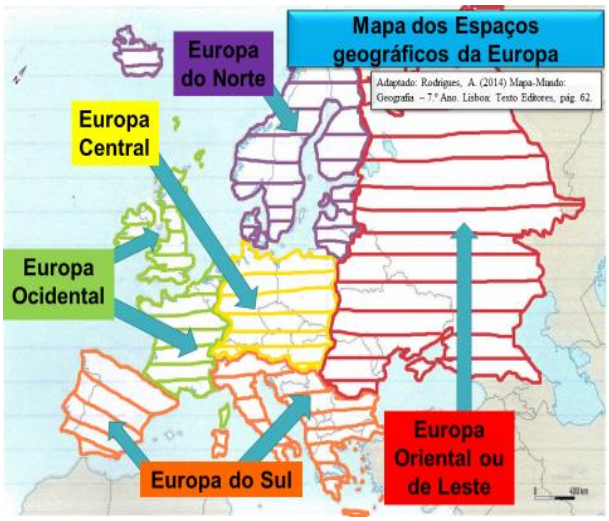
4ª Aula (45min)

1

Objetivos da aula:

- Identificar os espaços geográficos europeus e localizar países e cidades dentro dos mesmos.
- Realização de um jogo sobre a Europa.

2

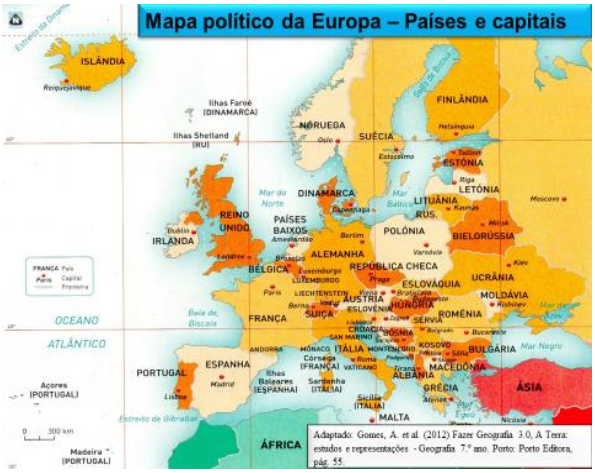


Registo de informações para fornecer Oralmente aos alunos, com registo no caderno diário:

Espaços geográficos são grandes divisões da Europa, realizadas com base em aspetos físicos e humanos.

Os países do continente europeu distribuem-se por 5 espaços geográficos: Europa do Sul; Europa Ocidental; Europa central; Europa do Norte e Europa Oriental ou de Leste.

4



7ª e 8ª Aula (90min)

1

Objetivos da aula:

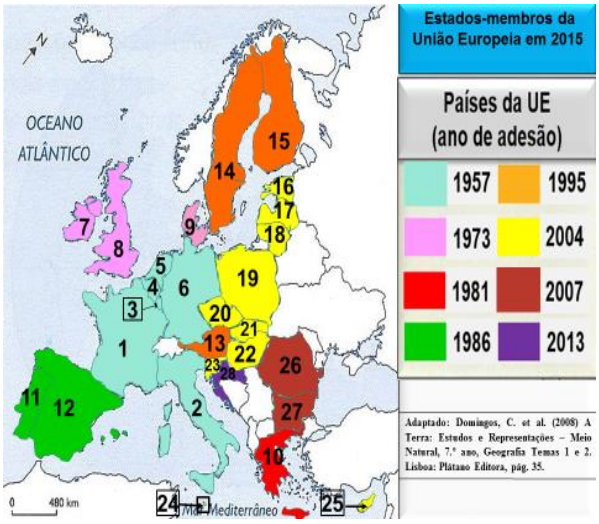
- Referir os sucessivos alargamentos da UE.
- Localizar os países da União Europeia.
- Mencionar os principais objetivos da UE.
- Discutir a participação individual e comunitária, na União Europeia.

2

Definição do conceito de União Europeia escrita no quadro por um aluno, com a colaboração dos colegas e sob orientação do professor:

- A União Europeia é uma organização política e económica de países europeus.
- Foi fundada em 1957 pelo tratado de Roma, por 6 países, com o nome de Comunidade Económica Europeia (CEE).
- Tendo sofrido sucessivos alargamentos, atualmente, a UE é constituída por 28 Estados-membros.

3




Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
1 - Utilização da moeda única o (euro) nos países aderentes.
€
7


Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
2 - Abolição de fronteiras entre os Estados-membros, permitindo a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais.
PASSPORT
8


Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
3-Possibilidade de votar e de ser eleito para os órgãos do poder local, em qualquer país da União Europeia, desde que resida nesse país.


Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
4 - Desenvolvimento socioeconómico do país, com o auxílio dos fundos comunitários.
€


Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
5 - Participação do nosso país, através dos seus representantes, nas instituições e órgãos da União Europeia.


6 - Possibilidade de recorrer ao Tribunal de Justiça Europeu.

Descobre quais são as frases que são verdadeiras e falsas

O tratado sobre o funcionamento da União Europeia concede, a todos os cidadãos, o direito:	V / F
de todas as pessoas que têm nacionalidade de um país da União Europeia são considerados **cidadãos da Comunidade Europeia**.	V
à **liberdade de circulação e residência** em alguns territórios da União Europeia;	F
de **voto e elegibilidade** nas eleições para o **Parlamento Europeu** e para as **autarquias**;	V
à **proteção diplomática e consular** de qualquer Estado-membro da União Europeia, apenas na Europa);	F
a **apresentar petições** ao Parlamento Americano e **queixas** ao Provedor de Justiça português;	F
de **contactar e receber uma resposta** de qualquer instituição Europeia numa das línguas oficiais da União Europeia;	V
de acesso aos documentos do Parlamento Francês, da Comissão Alemã e do Conselho português, mediante determinadas condições;	F
de **acesso ao Serviço Público da Comunidade**.	V

Lições n.º 32 e 33 Data:12/01/2015

Sumário:

- A União Europeia: conceito; objetivos; alargamento; estados membros.
- Marcação de Trabalho de grupo.

14

9ª Aula (45min)

1

Objetivos da aula:

- Indicações para o teste de avaliação
- Apresentação dos trabalhos de grupo sobre a União Europeia.

2

Indicações para o teste de avaliação:

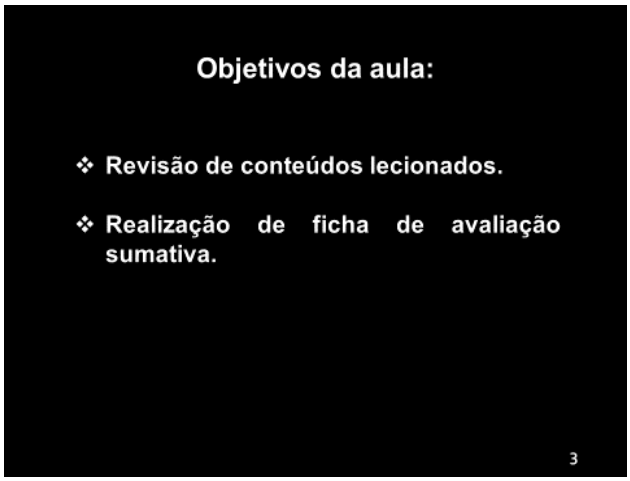
- Estudar os elementos físicos, do Mapa Físico da Europa, na página nº60, do manual escolar. O objetivo é saber identificar os limites naturais do continente europeu a Este, sudeste, Oeste, Norte e Sul.
- Estudar os países, cidades capitais e microestados da pág. 61
- Estudar os Espaços geográficos da pág. 62
- Estudar os países da União Europeia da pág. 64
- Estudar as condições de adesão à União Europeia, os objetivos da União Europeia e as medidas tomadas para a concretização dos objetivos, na pág. 65
- Estudar os direitos da cidadania europeia na pág. 66

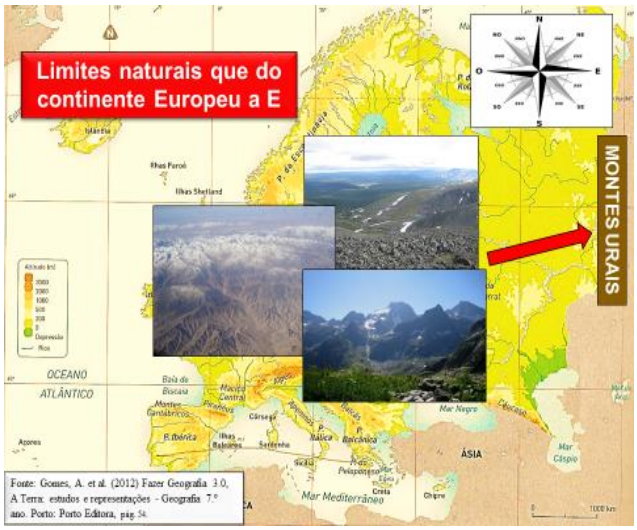
3

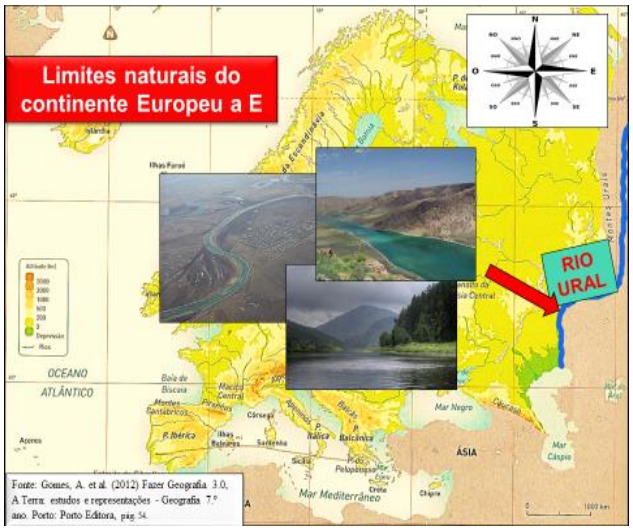
Aulas nº 10ª e 11ª (90min)

1

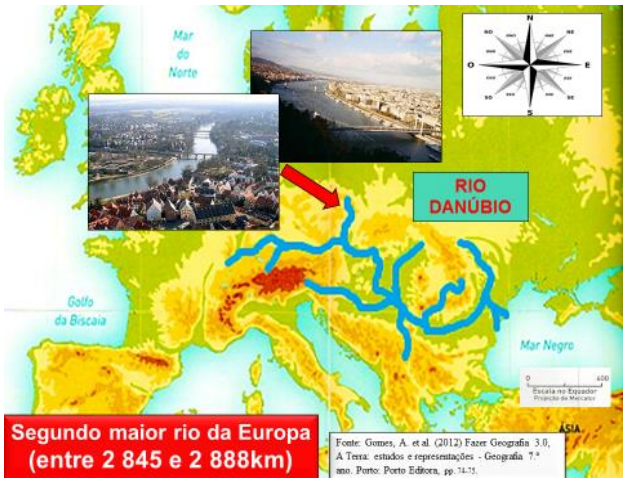

Quais os Objetivos da aula de hoje?
2


Objetivos da aula:
❖ Revisão de conteúdos lecionados.
❖ Realização de ficha de avaliação sumativa.
3

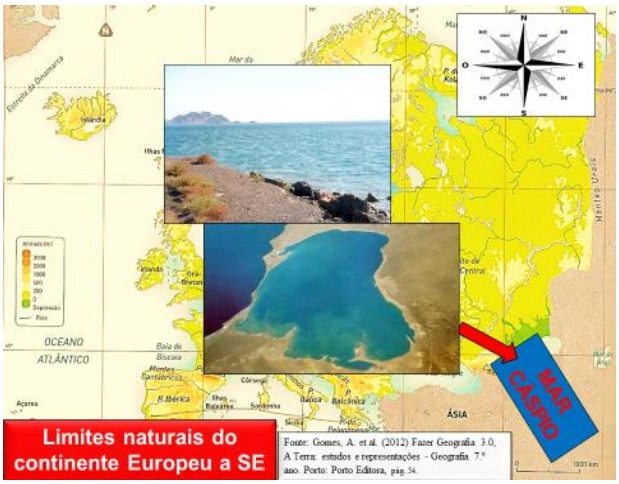

Limites naturais que do continente Europeu a E
MONTES URAIS
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
Mar Mediterrâneo
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.

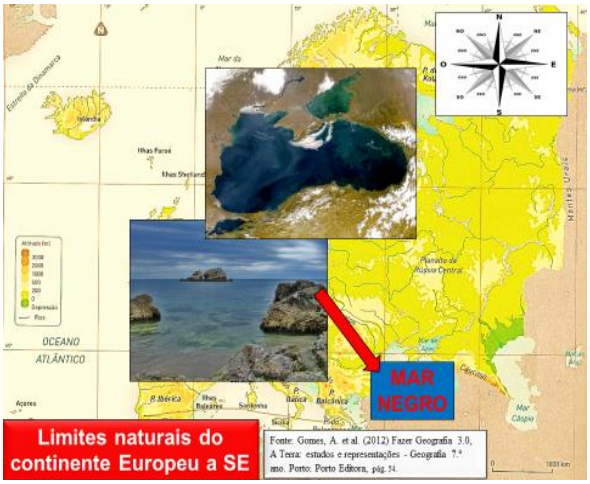

Limites naturais do continente Europeu a E
RIO URAL
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
Mar Mediterrâneo
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.


RIO VOLGA
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
Maior rio da Europa (3688km)
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.


Mar do Norte
RIO DANÚBIO
Golfo da Biscaia
Mar Negro
Segundo maior rio da Europa (entre 2 845 e 2 888km)
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pp. 74-75.

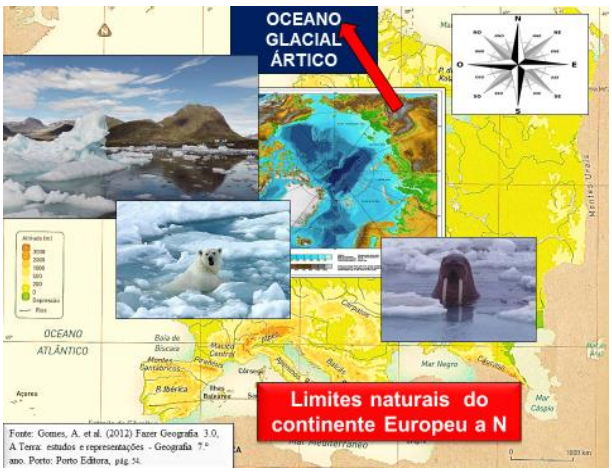

CÁUCASO
Limites naturais do continente Europeu a SE
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
ÁFRICA
Mar Mediterrâneo
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.

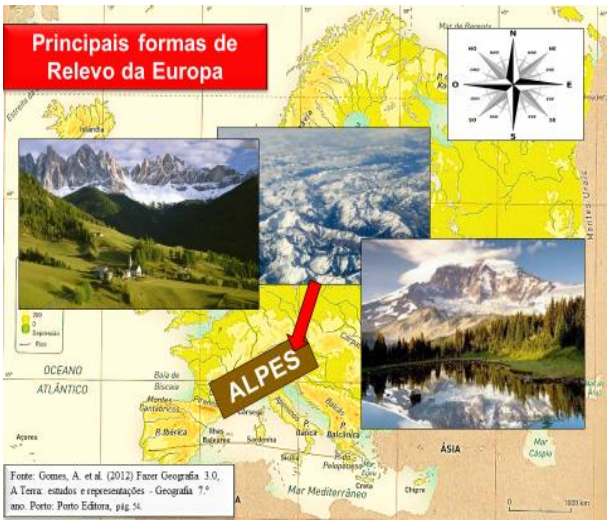

MAR CÁSPIO
Limites naturais do continente Europeu a SE
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.


MAR NEGRO
Limites naturais do continente Europeu a SE
OCEANO ATLÂNTICO
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.

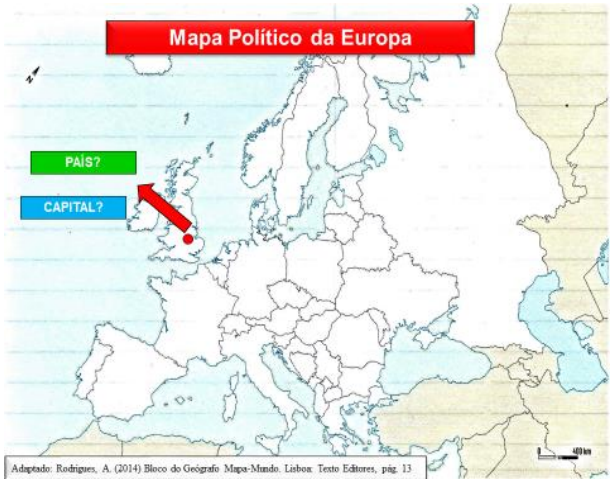

Limites naturais que do continente Europeu a S
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.
MAR MEDITERRÂNEO
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
ÁFRICA

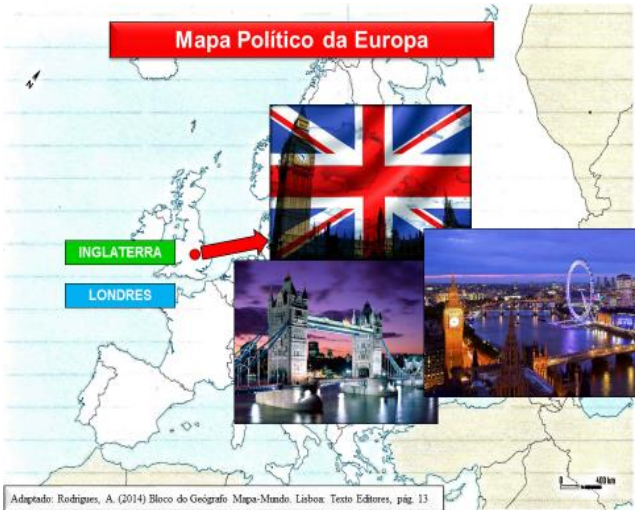

Limites naturais que do continente Europeu a O
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
ÁFRICA
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.

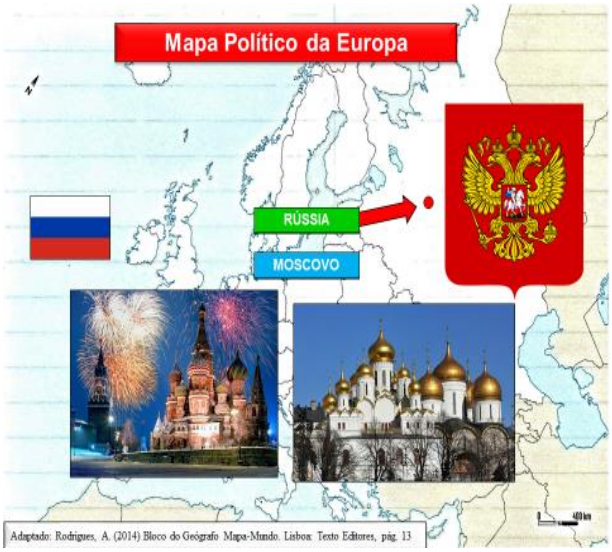

OCEANO GLACIAL ÁRTICO
OCEANO ATLÂNTICO
Limites naturais do continente Europeu a N
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.


Principais formas de Relevo da Europa
ALPES
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
Mar Mediterrâneo
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.

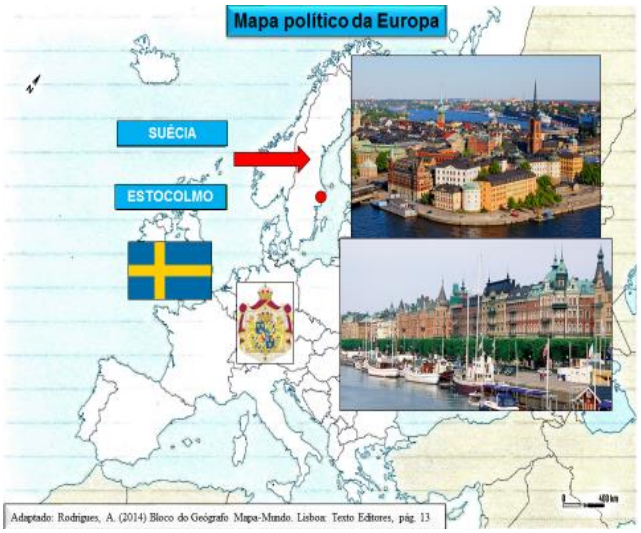

Principais formas de Relevo da Europa
PERENEUS
OCEANO ATLÂNTICO
ÁSIA
Mar Mediterrâneo
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 54.


Mapa Político da Europa
PAÍS?
CAPITAL?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13

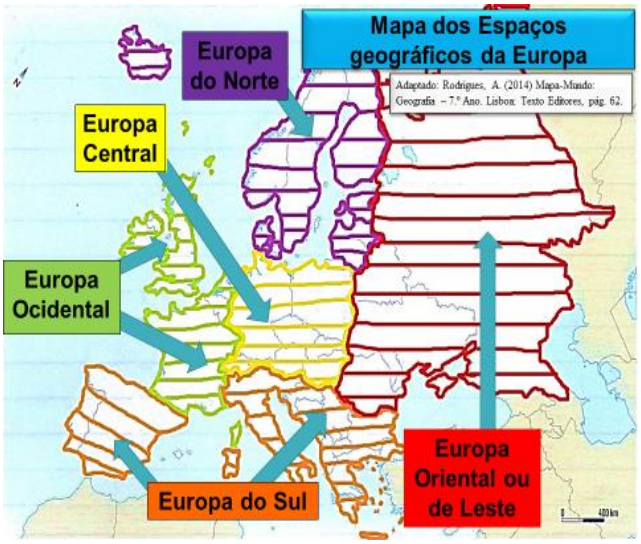

Mapa Político da Europa
INGLATERRA
LONDRES
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13

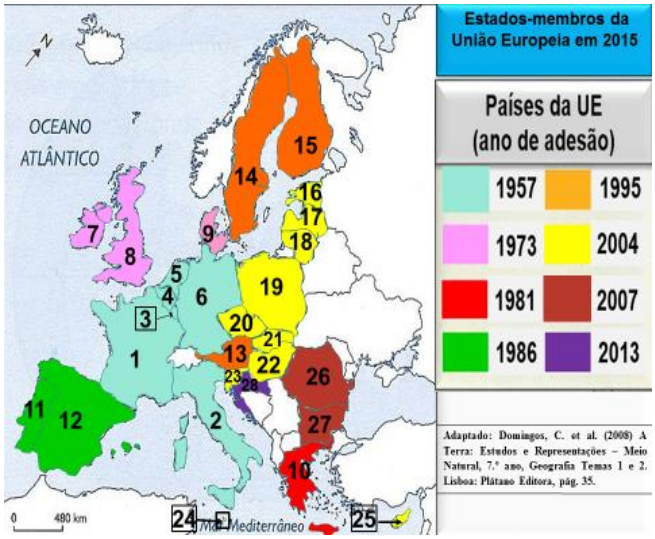

Mapa Político da Europa
RÚSSIA
MOSCOVO
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13

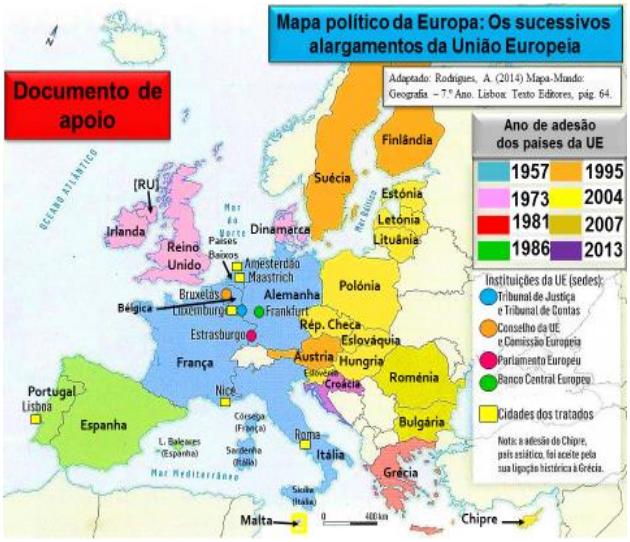

Mapa político da Europa
ITÁLIA
ROMA
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13


Mapa político da Europa
SUÉCIA
ESTOCOLMO
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13


Mapa político da Europa – Países e capitais
Documento de apoio
ISLÂNDIA
FINLÂNDIA
NORUEGA
SUÉCIA
ESTÓNIA
LETÓNIA
LITUÂNIA
DINAMARCA
REINO UNIDO
IRLANDA
PAÍSES BAIXOS
POLÓNIA
BIELORÚSSIA
ALEMANHA
BÉLGICA
REPÚBLICA CHECA
ESLOVÁQUIA
UCRÂNIA
MOLDÁVIA
AUSTRIA
HUNGRIA
ROMÉNIA
FRANÇA
SUÍÇA
SÉRVIA
CROÁCIA
BOSNIA
KOSOVO
BULGÁRIA
ITÁLIA
MONACO
ANDORRA
ESPANHA
PORTUGAL
ALBÂNIA
MACEDÓNIA
GRÉCIA
ÁSIA
MALTA
CHIPRE
ÁFRICA
OCEANO ATLÂNTICO
Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora, pág. 35.


Mapa dos Espaços geográficos da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 62.
Europa do Norte
Europa Central
Europa Ocidental
Europa do Sul
Europa Oriental ou de Leste


Estados-membros da União Europeia em 2015
Países da UE (ano de adesão)
1957
1995
1973
2004
1981
2007
1986
2013
OCEANO ATLÂNTICO
Mar Mediterrâneo
Adaptado: Domingos, C. et al. (2008) A Terra: Estudos e Representações – Meio Natural, 7.º ano, Geografia Temas 1 e 2. Lisboa: Plátano Editora, pág. 35.


Mapa político da Europa: Os sucessivos alargamentos da União Europeia
Documento de apoio
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 64.
Ano de adesão dos países da UE
1957
1995
1973
2004
1981
2007
1986
2013
Instituições da UE (sedes):
Tribunal de Justiça e Tribunal de Contas
Conselho da UE e Comissão Europeia
Parlamento Europeu
Banco Central Europeu
Cidades dos tratados
Nota: a adesão do Chipre, país asiático, foi aceite pela sua ligação histórica à Grécia.
Finlândia
Suécia
Estónia
Letónia
Lituânia
[RU]
Irlanda
Reino Unido
Dinamarca
Países Baixos
Amesterdão
Maastrich
Bruxelas
Bélgica
Luxemburgo
Alemanha
Frankfurt
Polónia
Rép. Checa
Estrasburgo
Eslováquia
Áustria
Hungria
França
Roménia
Croácia
Portugal
Lisboa
Nice
Espanha
Bulgária
Roma
Itália
Grécia
Malta
Chipre
Mar Mediterrâneo


Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia


Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
1 - Abolição de fronteiras entre os Estados-membros, permitindo a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais.
PASSPORT
26


Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
2-Possibilidade de votar e de ser eleito para os órgãos do poder local, em qualquer país da União Europeia, desde que resida nesse país.
27

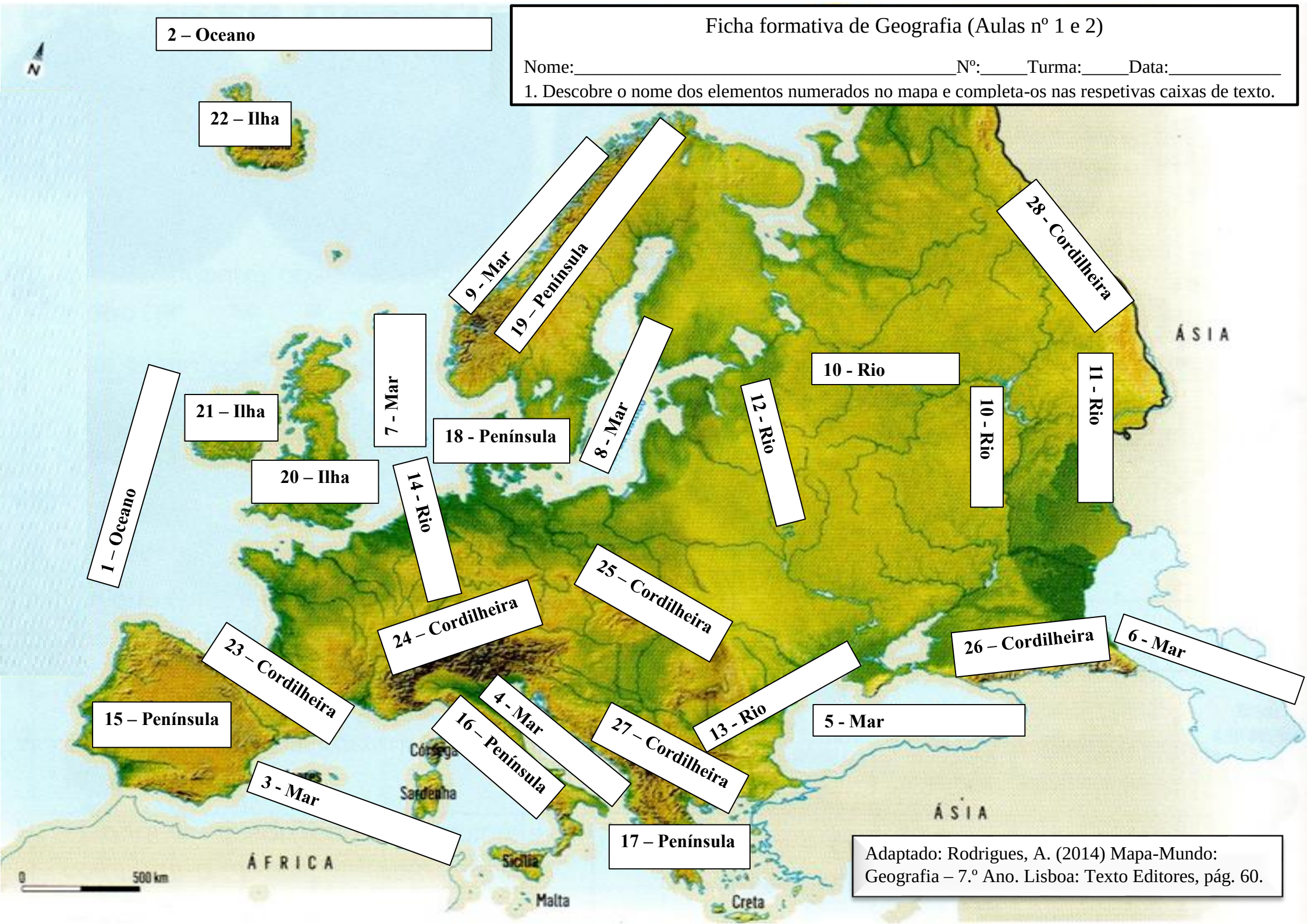

Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia
3 - Desenvolvimento socioeconómico do país, com o auxílio dos fundos comunitários.

Anexo Nº 6: Fichas Formativas e Diagnósticas

Ficha formativa de Geografia (Aulas nº 1 e 2)

Nome:_____Nº:_____Turma:_____Data:_____

1. Descobre o nome dos elementos numerados no mapa e completa-os nas respetivas caixas de texto.



Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.

Ficha formativa de geografia (Aula nº3)

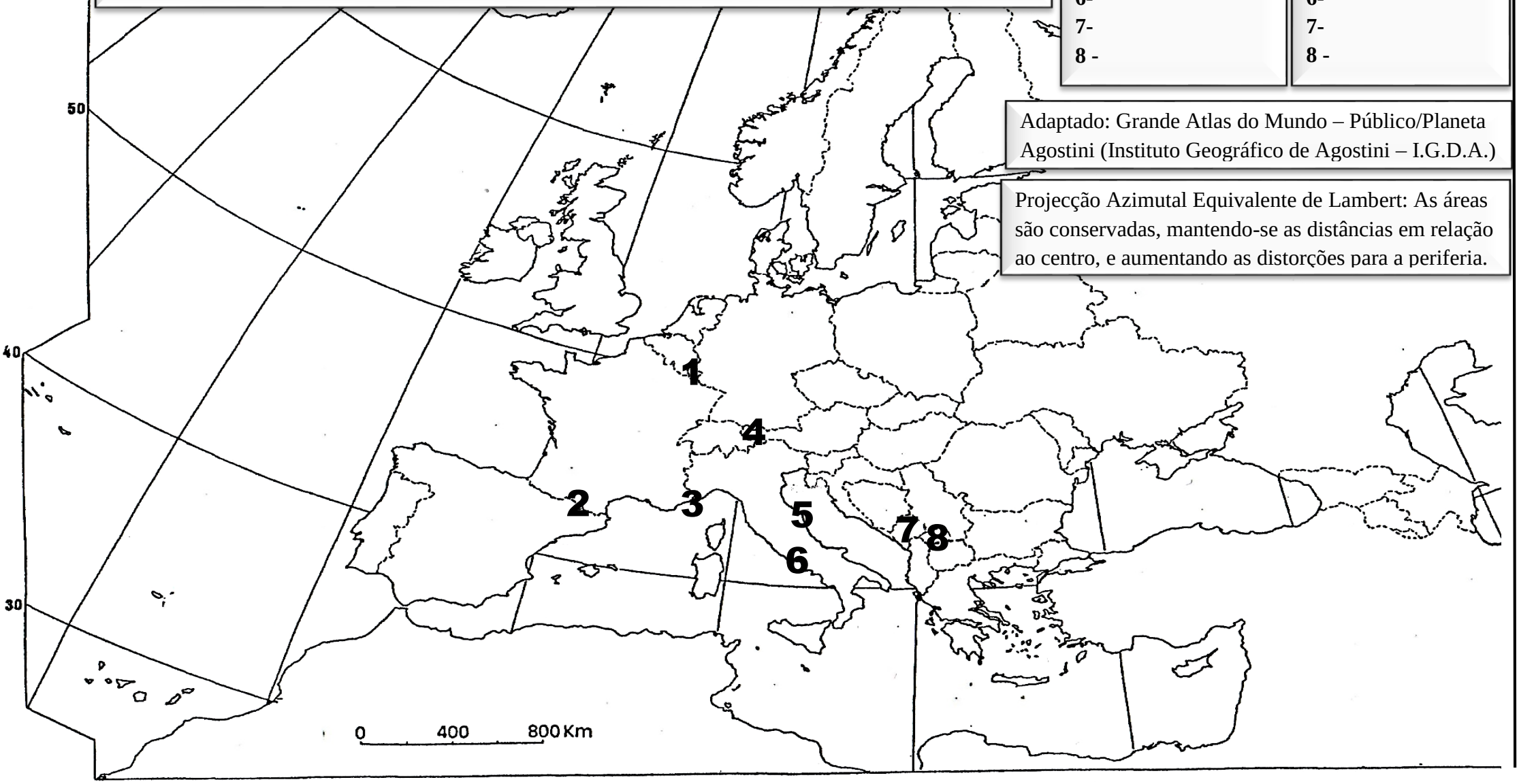
Nome:_____Nº:_____Turma:_____Data:_____

1. Completa a tabela à direita com o nome dos microestados e respetivas capitais à frente da numeração correspondente.

Países	Capitais
1-	1-
2-	2-
3-	3-
4-	4-
5-	5-
6-	6-
7-	7-
8 -	8 -

Adaptado: Grande Atlas do Mundo – Público/Planeta Agostini (Instituto Geográfico de Agostini – I.G.D.A.)

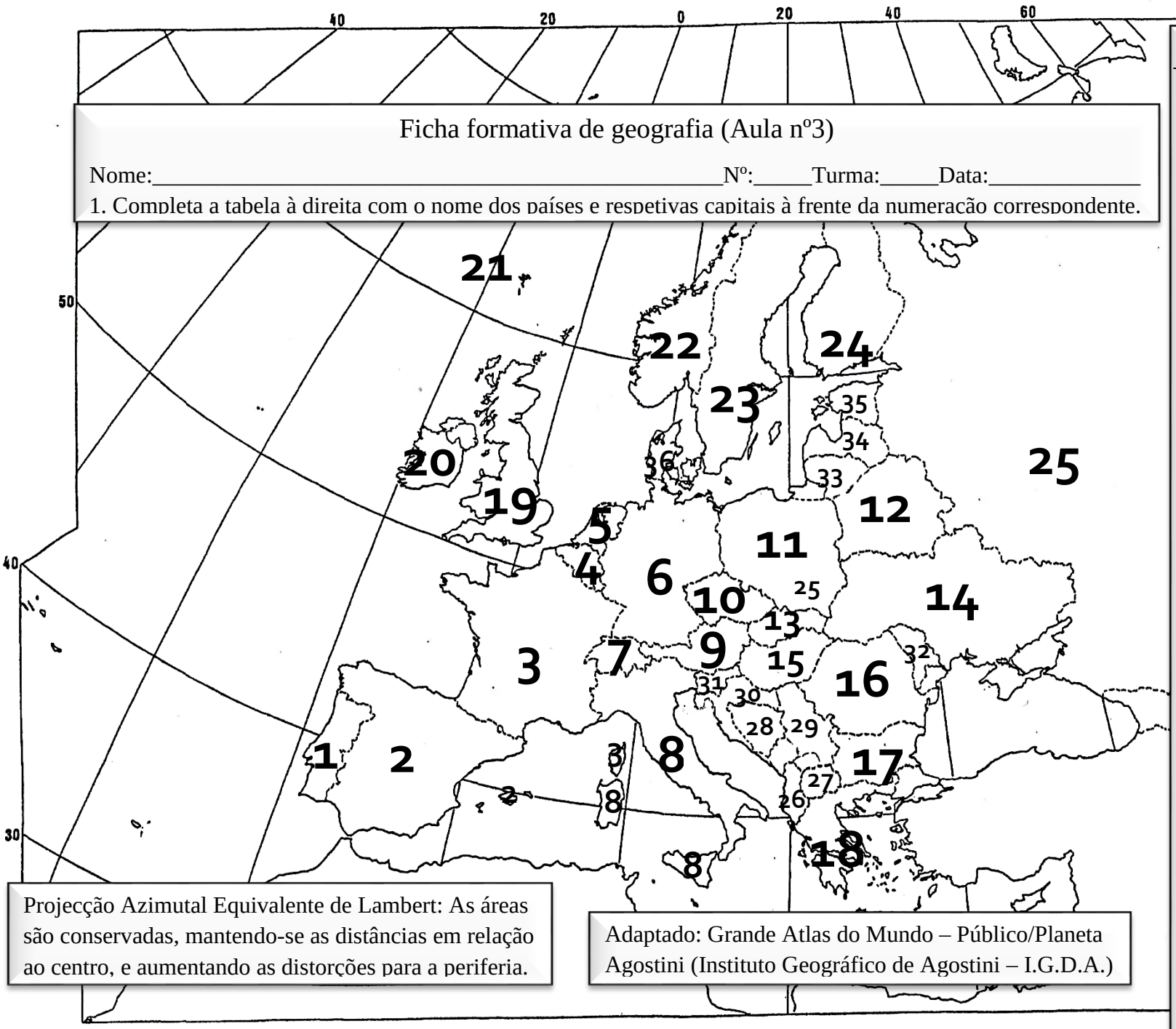
Projecção Azimutal Equivalente de Lambert: As áreas são conservadas, mantendo-se as distâncias em relação ao centro, e aumentando as distorções para a periferia.



Ficha formativa de geografia (Aula nº3)

Nome:_____Nº:_____Turma:_____Data:_____

1. Completa a tabela à direita com o nome dos países e respetivas capitais à frente da numeração correspondente.



Projecção Azimutal Equivalente de Lambert: As áreas são conservadas, mantendo-se as distâncias em relação ao centro, e aumentando as distorções para a periferia.

Adaptado: Grande Atlas do Mundo – Público/Planeta Agostini (Instituto Geográfico de Agostini – I.G.D.A.)

Projecção Azimutal Equivalente de Lambert : As áreas são conservadas, mantendo-se as

Fonte: *Grande Atlas do Mundo - Público/Planeta Agostini (Instituto Geográfico de Agostini - I.G.D.A.)*

Países	Capitais
1-	1-
2-	2-
3-	3-
4-	4-
5-	5-
6-	6-
7-	7-
8-	8-
9-	9-
10-	10-
11-	11-
12-	12-
13-	13-
14-	14-
15-	15-
16-	16-
17-	17-
18-	18-
19-	19-
20-	20-
21-	21-
22-	22-
23-	23-
24-	24-
25-	25-
26-	26-
27-	27-
28-	28-
29-	29-
30-	30-
31-	31-
32-	32-
33-	33-
34-	34-

Ficha formativa do jogo "À descoberta da Europa" (Aula nº4)

Nome:_____ Nº:____ Turma:_____ Data:_____

Nota: Cada questão respondida acertadamente vale 1 ponto.

Questões do Jogo: (o número das questões aparece nos slides do jogo)	**Respostas:**	**Acertamos/Erramos**	**A rever no manual escolar:**
1. Qual a cordilheira montanhosa que se localiza a sudoeste da França?			Pág. 60
2. Qual a cordilheira montanhosa que se localiza a Norte da península Itálica?			Pág. 60
3. Qual a cordilheira montanhosa que se localiza a nordeste do Mar Negro?			Pág. 60
4. Qual a cordilheira montanhosa localizada no norte da península balcânica?			Pág. 60
5. Qual a cordilheira montanhosa localizada entre o Mar Negro e o Mar Cáspio?			Pág. 60
6. Qual a cordilheira montanhosa que é percorrida pelo Rio Ural?			Pág. 60
7. Qual o nome do maior rio europeu, que desagua no Mar Cáspio?			Pág. 60
8. Qual o nome do segundo maior rio da Europa, que desagua no Mar Negro?			Pág. 60
9. Qual o nome do Rio que percorre a cordilheira montanhosa dos Montes Urais e que desagua no Mar Cáspio?			Pág. 60
10. Qual o nome do Rio que passa próximo à cordilheira montanhosa dos Cárpatos a norte e vai desaguar no Mar Negro?			Pág. 60
11. Qual o nome do rio que nasce nos Alpes e vai desaguar no Mar do norte?			Pág. 60
12. Qual o nome da península localizada mais a ocidente do continente Europeu?			Pág. 60
13. Qual o nome da península localizada a sul dos Alpes?			Pág. 60
14. Qual o nome da península banhada pelos Mares do Norte e Báltico?			Pág. 60
15. Qual o nome da península localizada entre o Mar Adriático e o Mar Negro?			Pág. 60
16. Qual o nome da península banhada pelos Mares da Noruega, Norte e Báltico?			Pág. 60
17. Qual o nome do mar localizado a sudoeste do continente europeu?			Pág. 60

18. Qual o nome do mar localizado a este da Península Itálica?			Pág. 60
19. Qual o nome do mar localizado entre a cordilheira do Cáucaso e a Península Balcânica?			Pág. 60
20. Qual o nome do mar localizado a este da Cordilheira do Cáucaso?			Pág. 60
21. Qual o nome do mar localizado a este da Grã-Bretanha e a oeste da Península da Jutlândia?			Pág. 60
22. Qual o nome do mar localizado a este da Península Escandinávia?			Pág. 60
23. Qual o nome do mar localizado a oeste da Península da Escandinávia?			Pág. 60
24. Qual o nome da ilha localizada a sudeste da Gronelândia?			Pág. 60
25. Qual o nome da ilha localizada a oeste da Grã-Bretanha?			Pág. 60
26. Qual o nome da ilha localizada a este da Irlanda?			Pág. 60
27. Qual o nome do país localizado a oeste da Espanha?			Pág. 61
28. Qual o nome do país localizado a este de Portugal?			Pág. 61
29. Qual o nome do país localizado a nordeste da Espanha?			Pág. 61
30. Qual o nome do país localizado a nordeste da França?			Pág. 61
31. Qual o nome do país localizado a este da Alemanha?			Pág. 61
32. Qual o nome do país localizado a este da Polónia?			Pág. 61
33. Qual o nome do país localizado a este da Ucrânia?			Pág. 61
34. Qual o nome do país localizado a sul da Bielorrússia?			Pág. 61
35. Qual o nome do país localizado a norte de França?			Pág. 61
36. Qual o nome do país localizado a sul da Bulgária?			Pág. 61
37. Qual o nome do país localizado a sudeste da França?			Pág. 61
38. Qual o nome do país localizado a sudeste da Gronelândia?			Pág. 61
39. Qual o nome do país localizado a oeste da Suécia?			Pág. 61
40. Qual o nome do país localizado a este da Noruega?			Pág. 61

41. Qual o nome do país localizado a este da Suécia?			Pág. 61
42. Qual a capital de Portugal?			Pág. 61
43. Qual a capital da Espanha?			Pág. 61
44. Qual a capital de França?			Pág. 61
45. Qual a capital da Alemanha?			Pág. 61
46. Qual a capital da Polónia?			Pág. 61
47. Qual a capital da Bielorrússia?			Pág. 61
48. Qual a capital da Rússia?			Pág. 61
49. Qual a capital da Ucrânia?			Pág. 61
50. Qual a capital do Reino Unido?			Pág. 61
51. Qual a capital da Grécia?			Pág. 61
52. Qual a capital de Itália?			Pág. 61
53. Qual a capital da Islândia?			Pág. 61
54. Qual a capital da Noruega?			Pág. 61
55. Qual a capital da Suécia?			Pág. 61
56. Qual a capital da Finlândia?			Pág. 61
57. Qual o nome do espaço geográfico localizado a sul da Europa Central?			Pág. 62
58. Qual o nome do espaço geográfico localizado a oeste da Europa Central?			Pág. 62
59. Qual o nome do espaço geográfico localizado a este da Europa Ocidental?			Pág. 62
60. Qual o nome do espaço geográfico localizado a norte da Europa Central?			Pág. 62
61. Qual o nome do espaço geográfico localizado a este da Europa Central?			Pág. 62
62. Qual o país onde se localiza o Coliseu de Roma?			A rever no jogo
63. Qual o país onde se localiza o Padrão dos Descobrimentos?			A rever no jogo
64. Qual o país onde se localiza a Torre de Pisa?			A rever no jogo
65. Qual o país onde se localiza o Arco do triunfo?			A rever no jogo
66. Qual o país onde se localiza a Coluna da Vitória?			A rever no jogo
67. Qual o país onde se localiza a Torre de belém?			A rever no jogo
68. Qual o país onde se localiza a Fontana di Trevi?			A rever no jogo
69. Qual o país onde se localiza a Porta de Brandeburgo?			A rever no jogo
70. Qual o país onde se localiza a Acrópole?			A rever no jogo

71. Qual o país onde se localiza o monumento Meridiano de Greenwich?			A rever no jogo
72. Qual o país onde se localiza a Torre Eiffel?			A rever no jogo

Número de questões respondidas corretamente:_____Pontuação total do grupo:_____Posição do grupo no jogo:_____Professor:_____

Ficha formativa de geografia[57] (Ficha para férias de Natal - Aula nº4)

Nome:_____ Nº:_____ Turma:_____ Data:_____
Avaliação:_____ Prof:_____

1.º Desenha no mapa abaixo **(figura nº1, mapa político da Europa)**, utilizando a simbologia da legenda:

- as principais formas de relevo do continente europeu. Em seguida, assinala com um círculo as formas de relevo, que constituem os limites naturais do continente europeu a este e a sudeste.
- os grandes rios e mares do continente europeu. A seguir, sublinha a vermelho, o rio que limita a Europa a este e os dois maiores rios europeus.

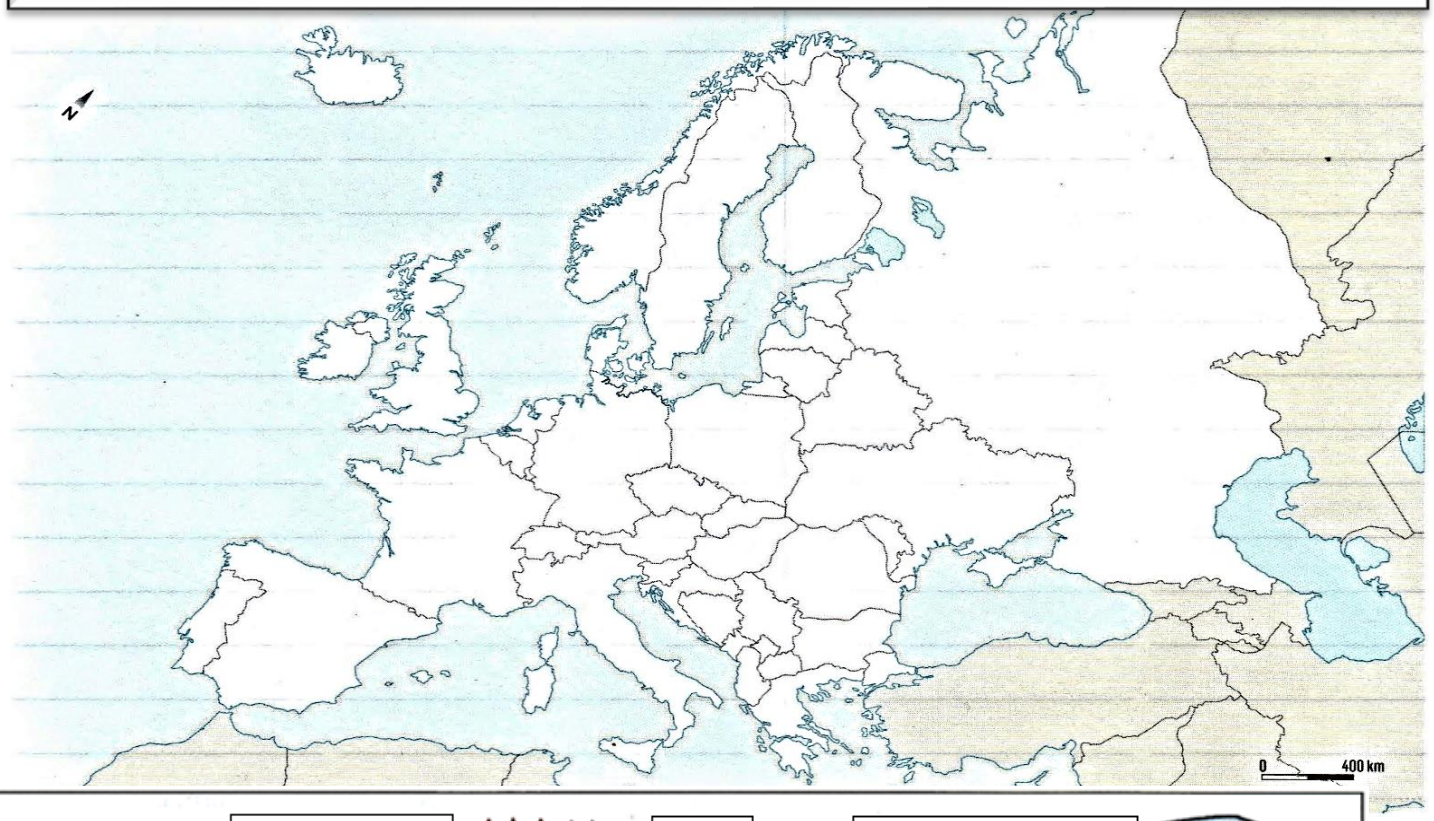
2.º Escreve no mapa abaixo **(figura nº1, mapa político da Europa)**, com as cores indicadas na legenda, os nomes dos oceanos, mares, rios, montanhas, penínsulas e ilhas.

3.º Numera os países no mapa abaixo **(figura nº1, mapa político da Europa)** e elabora uma lista na página seguinte, indicando o país e a capital correspondente.

4.ºLocaliza no mapa anterior (**Figura nº2 – Mapa Político da Europa)** as capitais de cada país, assinalando um círculo na respetiva localização da capital de cada país.

5.º Preenche os espaços geográficos de acordo com a legenda.

Figura nº1 – Mapa político da Europa. Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.



Símbolos:	**Montanhas**		**Rios**	**Oceanos e mares**	
Designações e cores:	**Montanhas (castanho)**	**ulas (cinzento)**	**eto)**	**Oceanos, mares e rios (azul)**	
Espaços geográficos:	**Europa do Norte**	**ropa Ocidental**			
	Europa Oriental (vermelho)	**Europa do Sul (laranja)**	**Europa Central (amarelo)**		

N.º dos Países:	Nome dos países:	Nome das capitais:

Ficha formativa de Geografia (Estudo de caso dos três alunos)

Nome:_____ **Nº:**____ **Turma:**____ **Data:**_____

1. Observa com atenção o mapa abaixo (**figura nº 1 – mapa físico da Europa**) e completa os nomes dos elementos, numerados no mapa, que se localizam abaixo do mapa.

Figura nº1 – Mapa físico da Europa. Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.

1 – Oceano	12 – Rio	23 – Cordilheira
2 – Oceano	13 – Rio	24 – Cordilheira
3 – Mar	14 – Rio	25 – Cordilheira
4 – Mar	15 – Peninsula	26 – Cordilheira
5 – Mar	16 – Peninsula	27 – Cordilheira
6 – Mar	17 – Peninsula	28 – Cordilheira
7 – Mar	18 – Peninsula	
8 – Mar	19 – Peninsula	
9 – Mar	20 – Ilha	
10 – Rio	21 – Ilha	
11 – Rio	22 – Ilha	

2. Localiza no mapa anterior (**Figura nº1 – Mapa físico da Europa**) os limites naturais do continente europeu, a norte, sul, oeste, este e sudeste, assinalando para isso, um círculo em volta da numeração correspondente.

3. Observa com atenção o mapa abaixo (**figura nº 2 – mapa político da Europa**) e completa as tabelas abaixo do mapa, com os nomes dos países e respetivas capitais, à frente da numeração correspondente. Para além disso, faz o mesmo para os microestados, assinalados no mapa por letras.

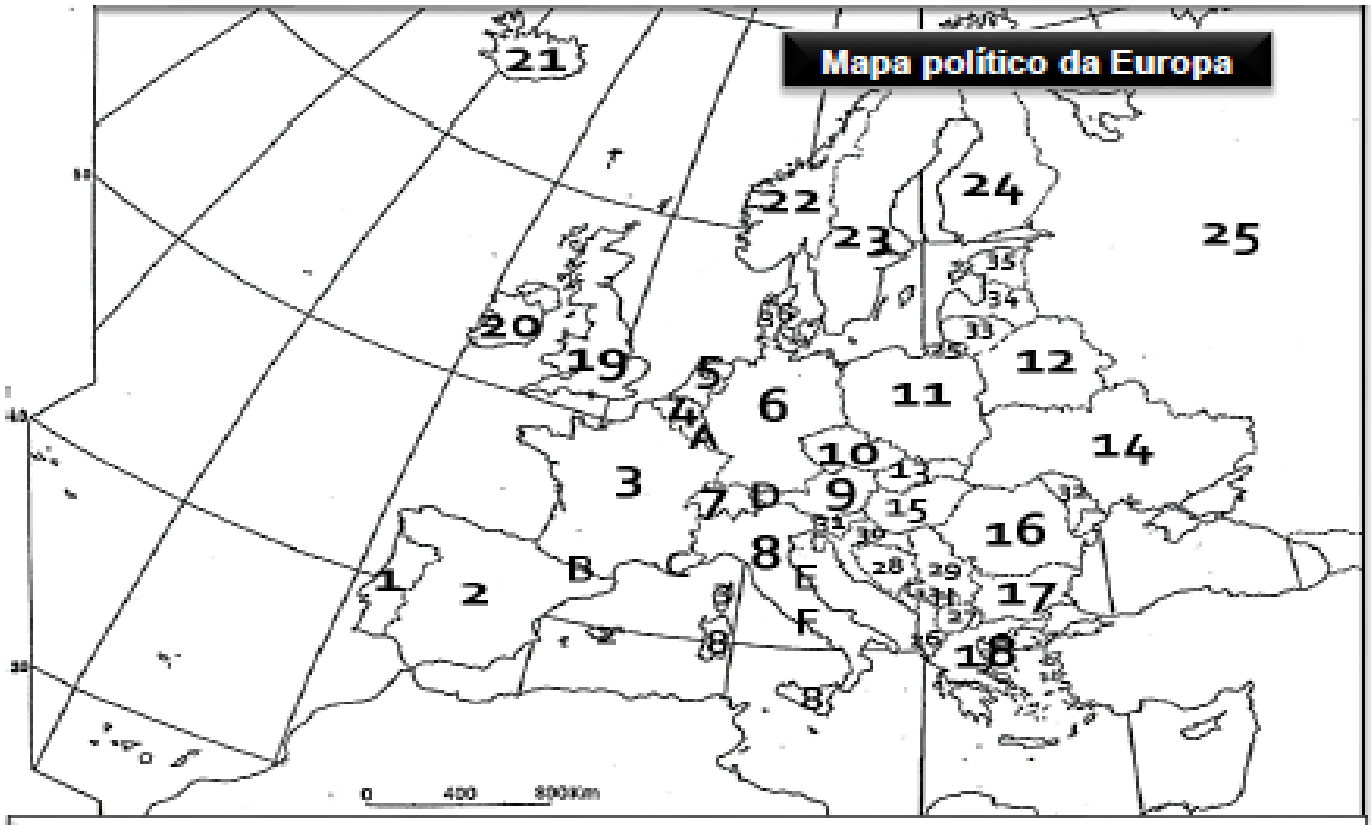


Figura nº2 – Mapa Político da Europa (Projecção Azimutal Equivalente de Lambert). Adaptado: Grande Atlas do Mundo – Público/Planeta Agostini (Instituto Geográfico de Agostini – I.G.D.A.)

Países	Capitais
1-	1-
2-	2-
3-	3-
4-	4-
5-	5-
6-	6-
7-	7-
8-	8-
9-	9-
10-	10-
11-	11-
12-	12-
13-	13-
14-	14-
15-	15-
16 –	16 -
17 –	17 –
18 –	18 –
19-	19-
20-	20-
21-	21-
22-	22-

Países	Capitais
23-	23-
24-	24-
25-	25-
26-	26-
27-	27-
28-	28-
29-	29-
30-	30-
31-	31-
32-	32-
33-	33-
34 -	34 -
35 –	35 –
36 –	36 –
A –	A –
B –	B –
C –	C –
D –	D –
E –	E –
F –	F –
G –	G –
H –	H –

4. Localiza no mapa anterior (**Figura n°2 – Mapa Político da Europa**) as capitais de cada país, assinalando um círculo na respetiva localização da capital de cada país.

5. Observa com atenção o mapa abaixo (figura n° 3 – mapa dos espaços geográficos da Europa) e completa a tabela localizada abaixo do mapa, com os nomes dos espaços geográficos, à frente da numeração correspondente.

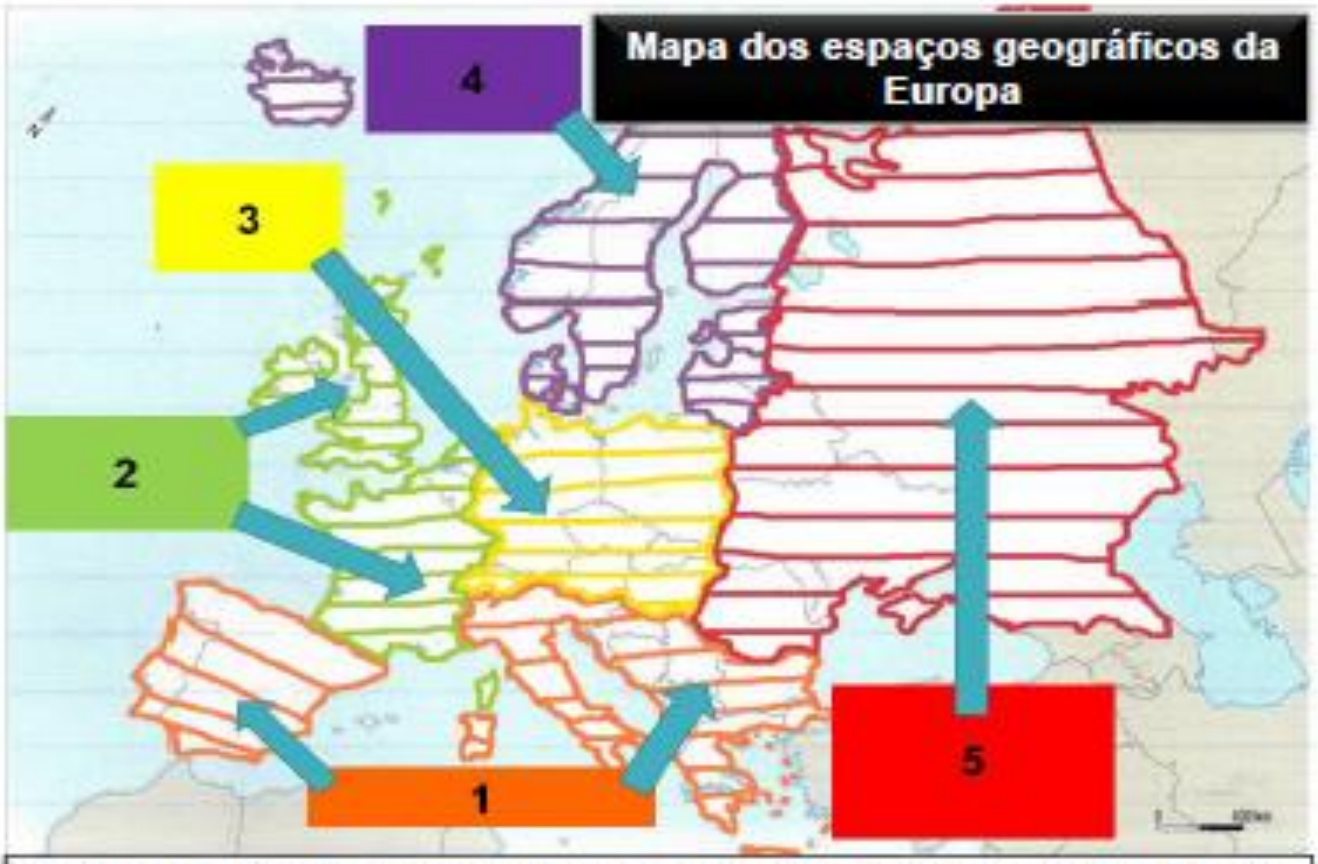


Figura n°3 – Mapa dos espaços geográficos da Europa. Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.° Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 62.

1- Europa do_____

2- Europa_____

3- Europa_____

4- Europa do_____

5- Europa_____ou de_____

6. Refere os nomes dos monumentos mais famosos dos países europeus e indica os países em que esses se localizam.

Ficha Diagnóstica individual de Geografia (Aulas nº7 e 8)

Nome:_____**Nº:**_____**Turma:**_____**Data:**_____

1. Descobre quais são os **aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia**. Para isso, completa o esquema seguinte, com as respetivas palavras-chave.

Aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia

1 - Utilização da moeda única o _____ nos países aderentes.

2 - Abolição de fronteiras entre os Estados-membros, permitindo a livre circulação de _____, _____, _____ e _____.

3 -Possibilidade de _____ e de ser _____ para os órgãos do poder local, em qualquer _____ da União Europeia, desde que _____ nesse país.

4 - Desenvolvimento socioeconómico do _____, com o auxílio dos _____ _____

5 - Participação do nosso país, através dos seus representantes, nas _____ _____

6 - Possibilidade de recorrer ao _____ de _____ Europeu.

Palavras-chave:

- Bens
- País
- Votar
- Justiça
- Resida
- Eleito
- Capitais
- Pessoas
- Euro
- Instituições e órgãos da União Europeia
- Fundos Comunitários
- Tribunal
- Serviços

2. Assinala as frases que são verdadeiras e falsas assinalando as mesmas com um (V) ou um (F), na respetiva coluna.

O tratado sobre o funcionamento da União Europeia concede, a todos os cidadãos, o direito:	**V / F**
de todas as pessoas que têm nacionalidade de um país da União Europeia são considerados **cidadãos da Comunidade Europeia**.	
à **liberdade de circulação e residência** em alguns territórios da União Europeia;	
de **voto e elegibilidade** nas eleições para o **Parlamento Europeu** e para as **autarquias**;	
à **proteção diplomática e consular** de qualquer Estado-membro da União Europeia, apenas na Europa;	
de **apresentar petições** ao Parlamento Americano e **queixas** ao Provedor de Justiça português;	
de **contactar e receber uma resposta** de qualquer instituição Europeia numa das línguas oficiais da UE;	
de acesso **aos documentos** do Parlamento Francês, da Comissão Alemã e do Conselho português, mediante determinadas condições;	
de **acesso ao Serviço Público da Comunidade**.	

Ficha diagnóstica (realizada aos alunos antes de começarmos a lecionar as nossas aulas)

Nome: _____ Nº:_____ Turma:_____ Data:_____

1 - Gostas da disciplina de Geografia? Assinala abaixo com uma cruz a tua opção:

☐ NÃO ☐ MUITO POUCO ☐ POUCO ☐ RAZOÁVEL ☐ MUITO

1.1. - Se respondeste não, diz porquê._____

_____

2 - Qual a tua disciplina favorita?_____

3 - O que é que gostas mais de fazer em Geografia?_____

_____

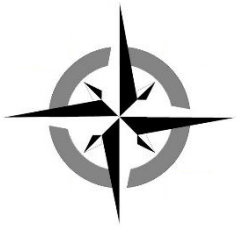
_____

4 - Quais as atividades que gostarias de vir a fazer na disciplina de geografia durante este ano letivo?_____

_____

_____

5 - O que é que gostarias mais de estudar em geografia neste ano



letivo?_____

_____

6 - Preenche os pontos cardeais e colaterais na seguinte rosa-dos-ventos.

7- Indica o nome de dois mares que banham o continente Europeu._____

_____

8 - Escreve os nomes de todos os continentes e oceanos existentes no nosso planeta.

_____
_____
_____
_____
_____

9. Observa a figura nº1 e nº2 - Mapa político do mundo (em anexo) e responde às questões colocadas em cada figura.

9.1. Localiza no mapa da figura 1, os continentes e oceanos que mencionaste na questão 8. Para isso escreve os seus nomes na respetiva localização.

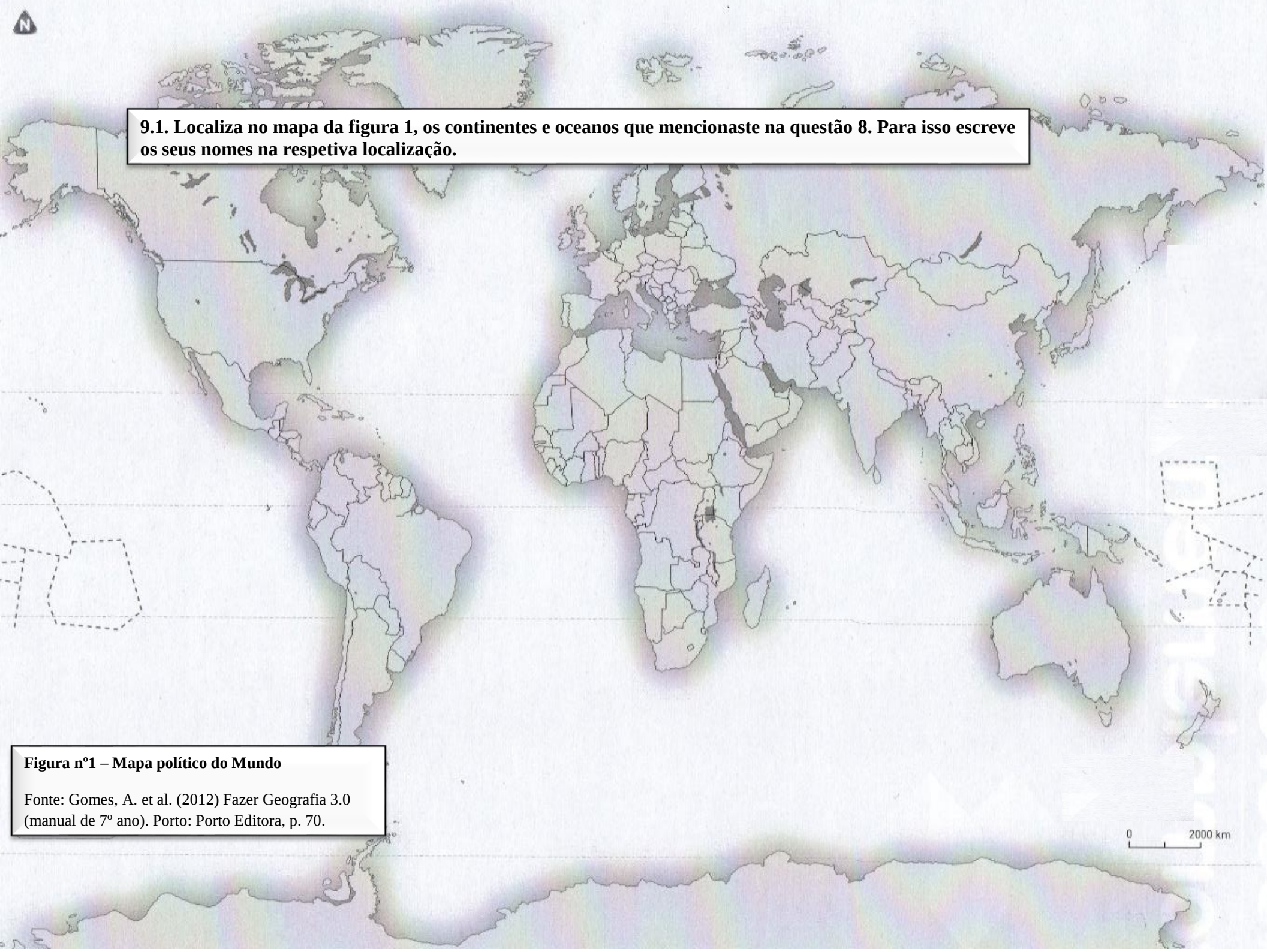


Figura nº1 – Mapa político do Mundo

Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0 (manual de 7º ano). Porto: Porto Editora, p. 70.

9.2- Nos continentes da figura 2, localiza por continente o nome de dois países e indica o nome das suas respetivas capitais à exceção do continente da Antártida.

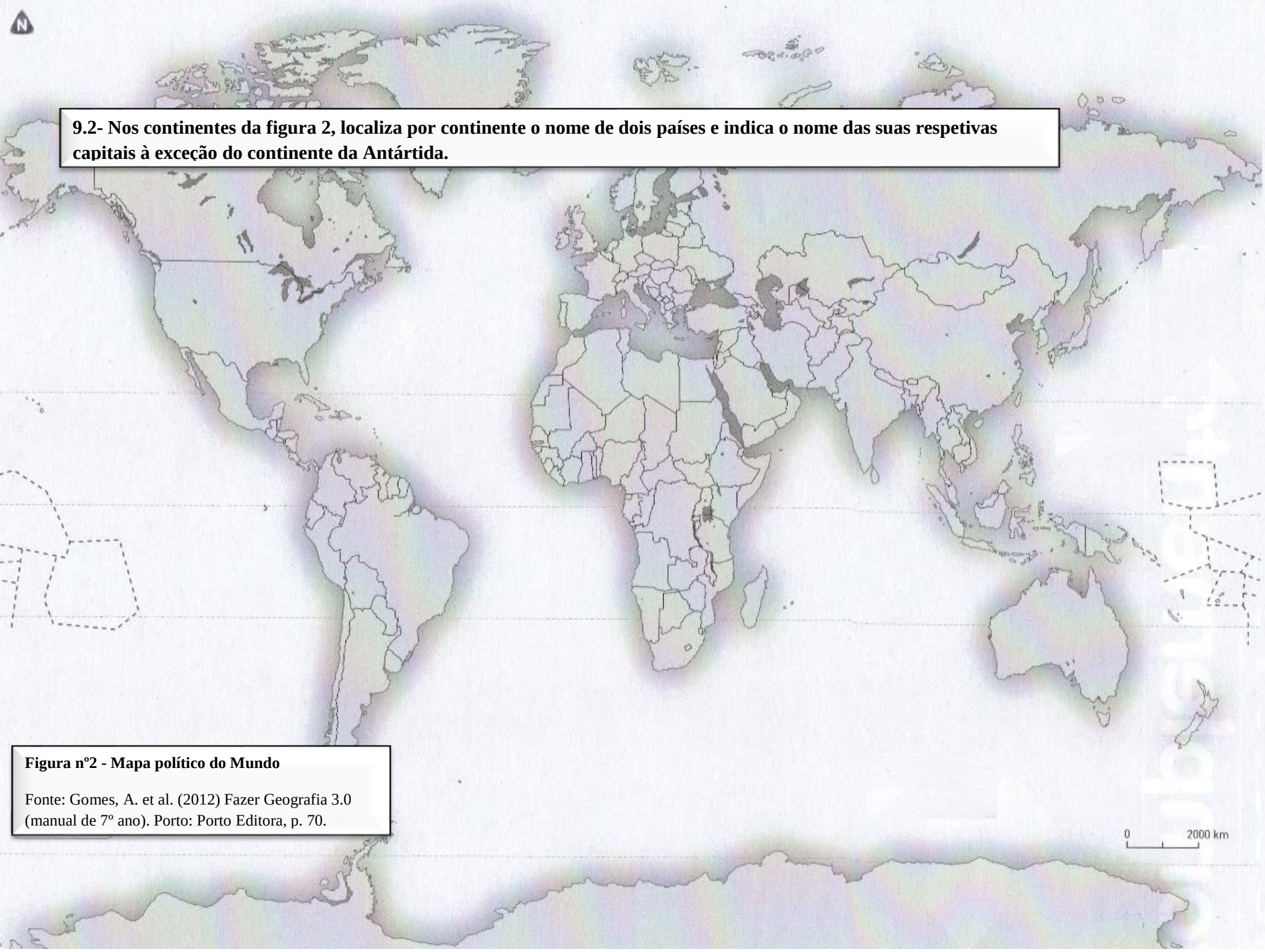


Figura nº2 - Mapa político do Mundo

Fonte: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0 (manual de 7º ano). Porto: Porto Editora, p. 70.

Anexo Nº 7: Documento com imagens de monumentos para entregar aos alunos nas aulas nº1 e nº2.

Documento de apoio de geografia:

Observa com atenção as imagens seguintes, relativas a alguns monumentos europeus. Estas farão parte do jogo a ser realizado na próxima aula.

País: Itália
Cidade: Roma
Monumento: Coliseu de Roma

País: Portugal
Cidade: Lisboa
Monumento: Padrão dos Descobrimentos

País: Itália
Cidade: Pisa
Monumento: Torre de Pisa

País: França
Cidade: Paris
Monumento: Arco do Triunfo

País: Portugal
Cidade: Lisboa
Monumento: Torre de Belém

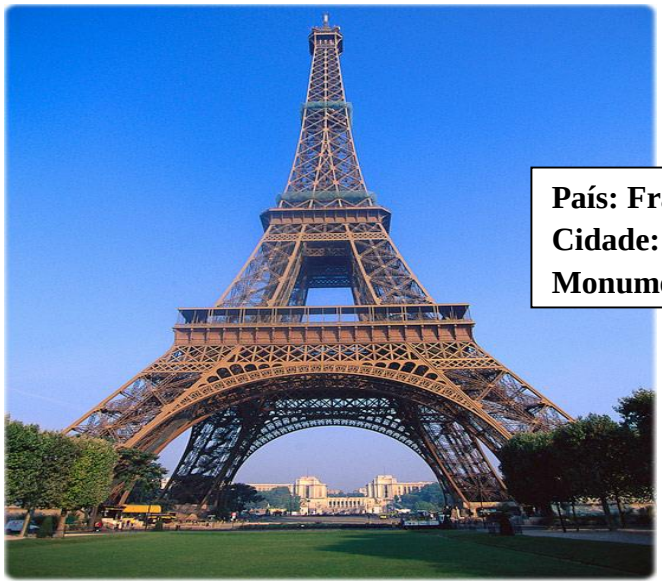
País: Alemanha
Cidade: Berlim
Monumento: Coluna da Vitória

País: Itália
Cidade: Roma
Monumento: Fontana di Trevi

País: Alemanha
Cidade: Berlim
Monumento: Porta de Brandeburgo

País: Grécia
Cidade: Antenas
Monumento: Acrópole

País: Inglaterra
Cidade: Londres
Monumento: Meridiano de Greenwich



País: França
Cidade: Paris
Monumento: Torre Eiffel

Anexo Nº 8: Capa do Jogo Didático Intitulado "À Descoberta da Europa"


Vamos explorar
a Europa?
Jogo "À descoberta da Europa"
Elaborado por: Professor João Varandas
Turma: 7º B


Vamos explorar
a Europa?
Jogo "À descoberta da Europa"
Elaborado por: Professor João Varandas
Turma: 7º B

Anexo Nº 9: Certificado do Jogo Didático Intitulado "À Descoberta da Europa"

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO JOGO "À DESCOBERTA DA EUROPA" NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Certifico, que o (a) aluno (a) _____

_____, participou no jogo intitulado "À descoberta da Europa" realizado no dia 12 de Dezembro de 2014 na aula de geografia, fazendo parte do grupo de jogadores nº _____, que totalizou_____ pontos no jogo, ficando em_____ lugar.

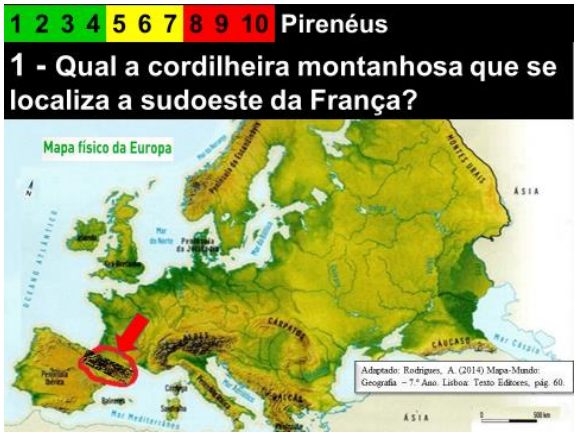
_____ Assinatura do aluno

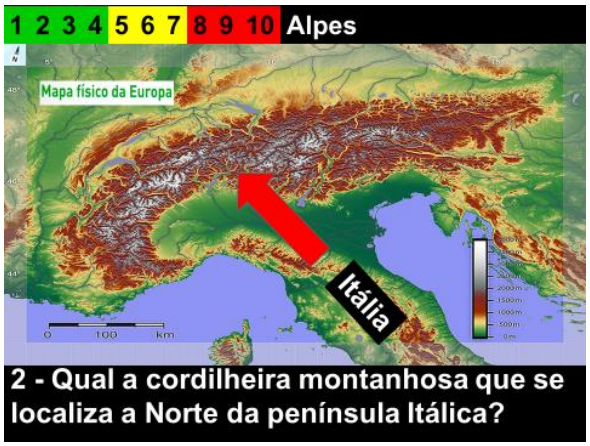
_____ Assinatura do professor

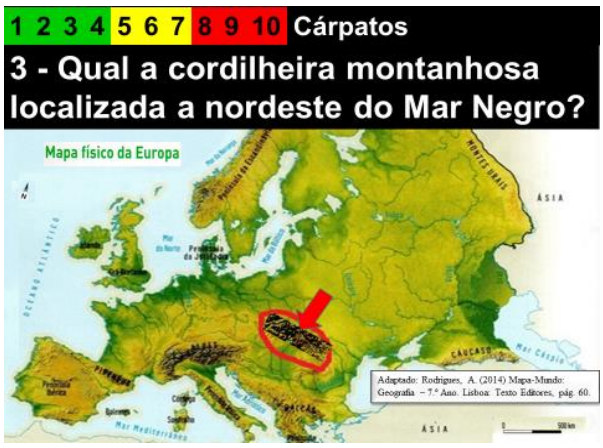
Loures, 12 de Dezembro de 2014

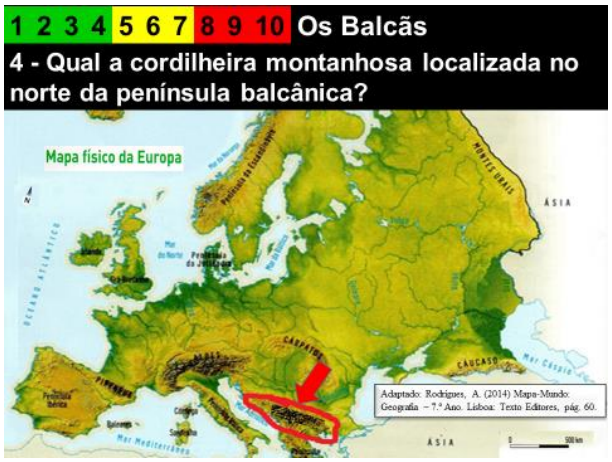
Anexo Nº 10: Jogo Didático Intitulado “À Descoberta da Europa”

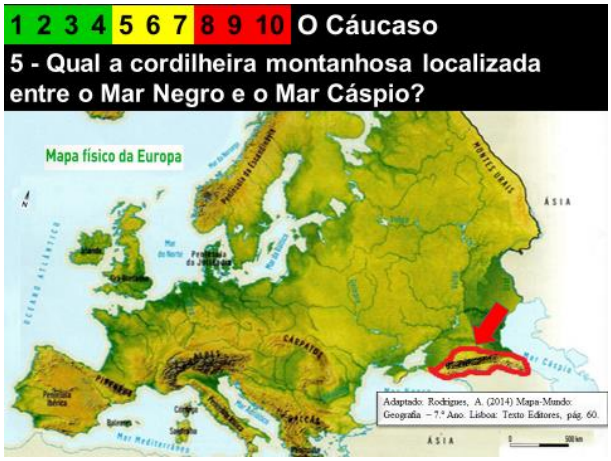

Vamos explorar
a Europa?
Jogo "À descoberta da Europa"
Elaborado por: Professor João Velandas
Turma 7.º B

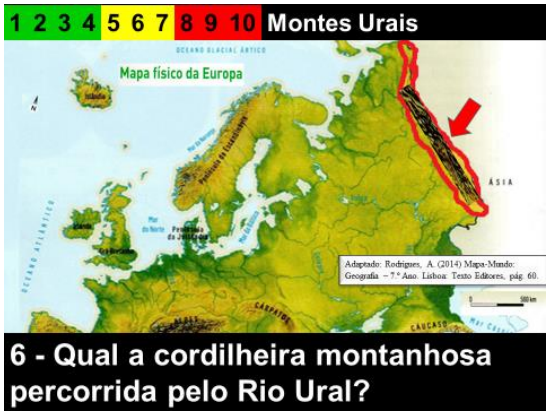

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Pirenéus
1 - Qual a cordilheira montanhosa que se localiza a sudoeste da França?
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Alpes
Mapa físico da Europa
Itália
2 - Qual a cordilheira montanhosa que se localiza a Norte da península Itálica?

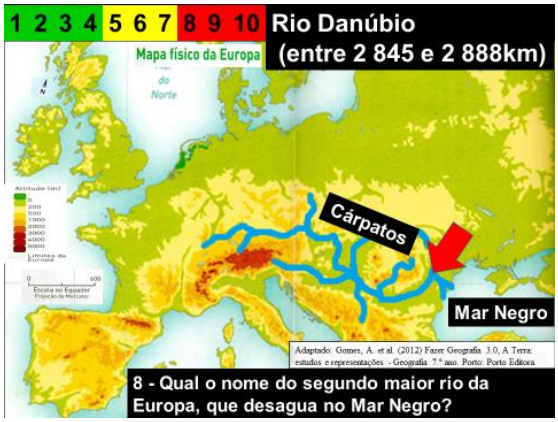

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Cárpatos
3 - Qual a cordilheira montanhosa localizada a nordeste do Mar Negro?
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Os Balcãs
4 - Qual a cordilheira montanhosa localizada no norte da península balcânica?
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O Cáucaso
5 - Qual a cordilheira montanhosa localizada entre o Mar Negro e o Mar Cáspio?
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.

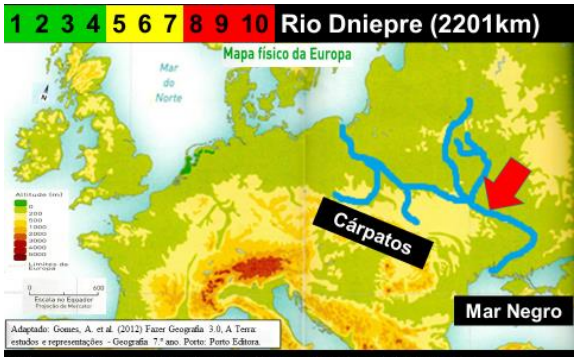


6 - Qual a cordilheira montanhosa percorrida pelo Rio Ural?

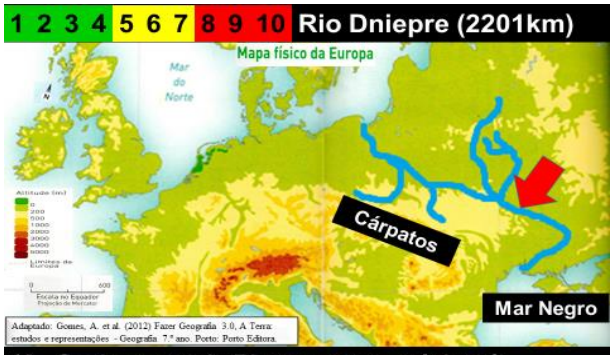


8 - Qual o nome do segundo maior rio da Europa, que desagua no Mar Negro?

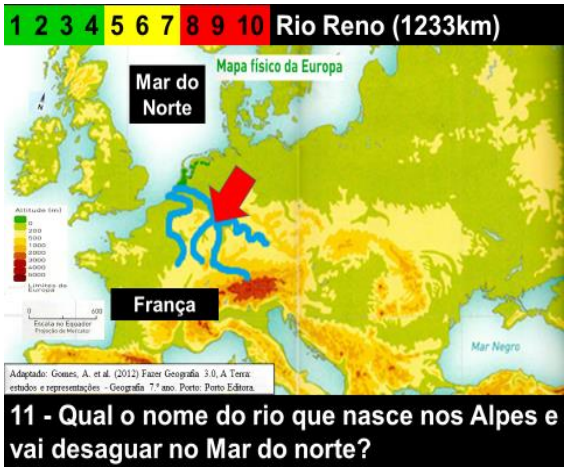
9 - Qual o nome do Rio que percorre a cordilheira montanhosa dos Montes Urais e que desagua no Mar Cáspio?

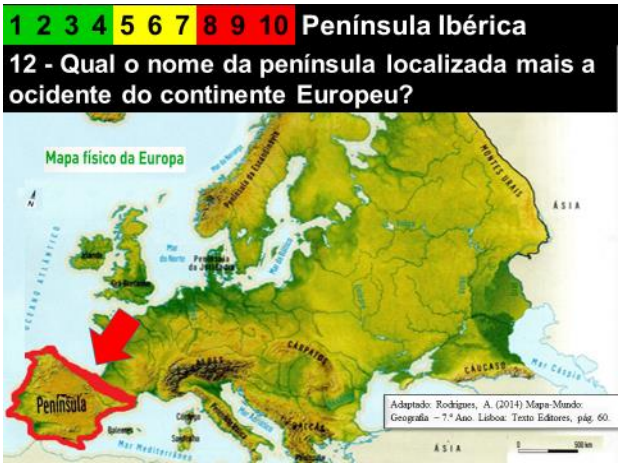


10 - Qual o nome do Rio que passa próximo à cordilheira montanhosa dos Cárpatos a norte e vai desaguar no Mar Negro?

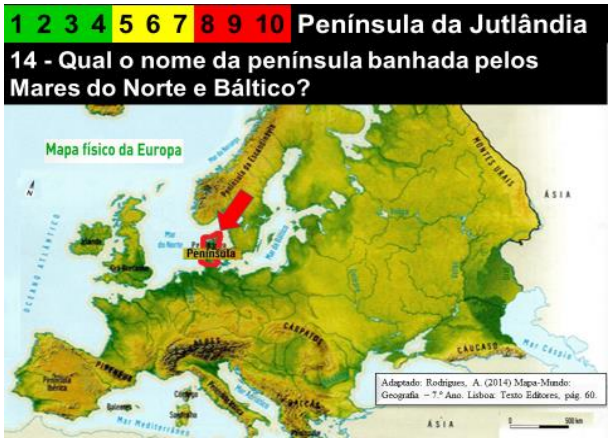


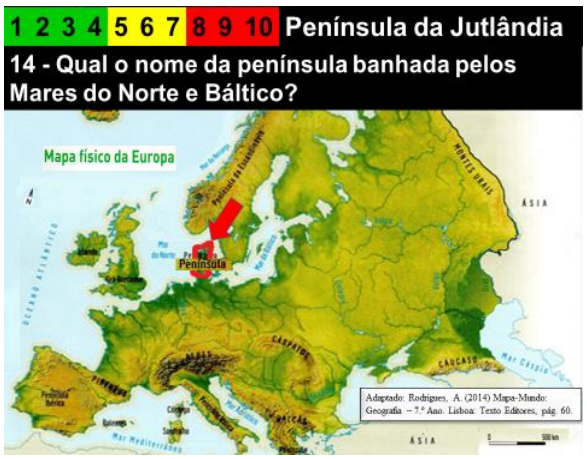
10 - Qual o nome do Rio que passa próximo à cordilheira montanhosa dos Cárpatos a norte e vai desaguar no Mar Negro?

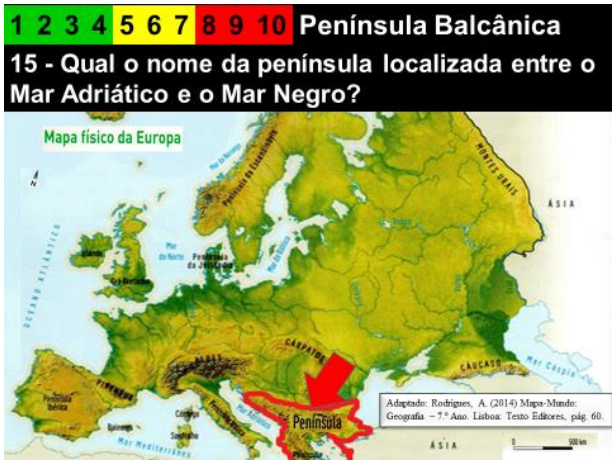

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Rio Reno (1233km)
Mapa físico da Europa
Mar do Norte
França
Mar Negro
Adaptado: Gomes, A. et al. (2012) Fazer Geografia 3.0, A Terra: estudos e representações - Geografia 7.º ano. Porto: Porto Editora.
11 - Qual o nome do rio que nasce nos Alpes e vai desaguar no Mar do norte?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Península Ibérica
12 - Qual o nome da península localizada mais a ocidente do continente Europeu?
Mapa físico da Europa
Península
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.

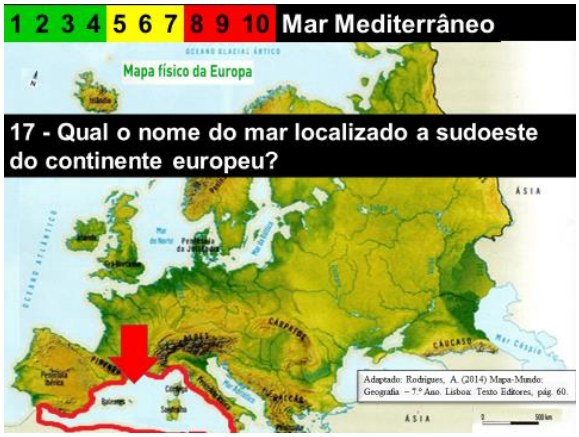

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Península Itálica
13 - Qual o nome da península localizada a sul dos Alpes?
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Península da Jutlândia
14 - Qual o nome da península banhada pelos Mares do Norte e Báltico?
Mapa físico da Europa
Península
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.

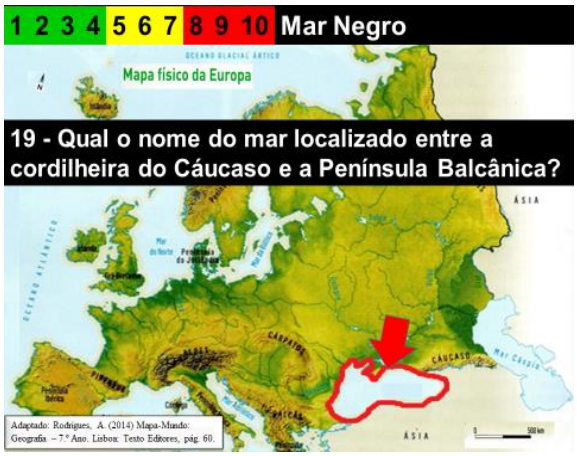

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Península da Jutlândia
14 - Qual o nome da península banhada pelos Mares do Norte e Báltico?
Mapa físico da Europa
Península
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Península Balcânica
15 - Qual o nome da península localizada entre o Mar Adriático e o Mar Negro?
Mapa físico da Europa
Península
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.

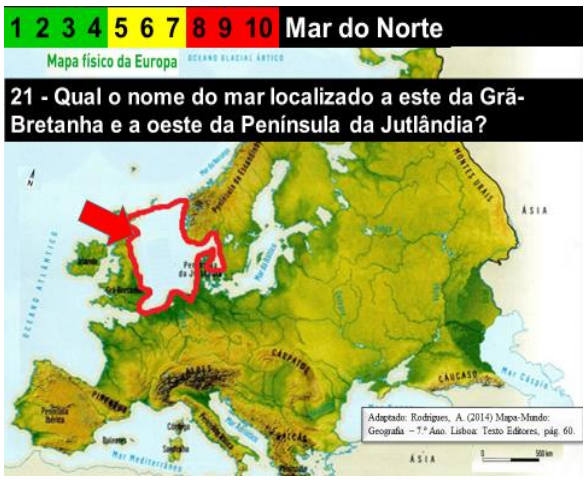

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Península Escandinávia
Mapa físico da Europa
Península
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.
16 - Qual o nome da península banhada pelos Mares da Noruega, Norte e Báltico?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mar Mediterrâneo
Mapa físico da Europa
17 - Qual o nome do mar localizado a sudoeste do continente europeu?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mar Adriático
Mapa físico da Europa
18 - Qual o nome do mar localizado a este da Península Itálica?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mar Negro
Mapa físico da Europa
19 - Qual o nome do mar localizado entre a cordilheira do Cáucaso e a Península Balcânica?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mar Cáspio
Mapa físico da Europa
20 - Qual o nome do mar localizado a este da Cordilheira do Cáucaso?
Mar Negro
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mar do Norte
Mapa físico da Europa
21 - Qual o nome do mar localizado a este da Grã-Bretanha e a oeste da Península da Jutlândia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mar do Báltico
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.
22 - Qual o nome do mar localizado a este da Península Escandinávia?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mar da Noruega
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.
23 - Qual o nome do mar localizado a oeste da Península da Escandinávia?

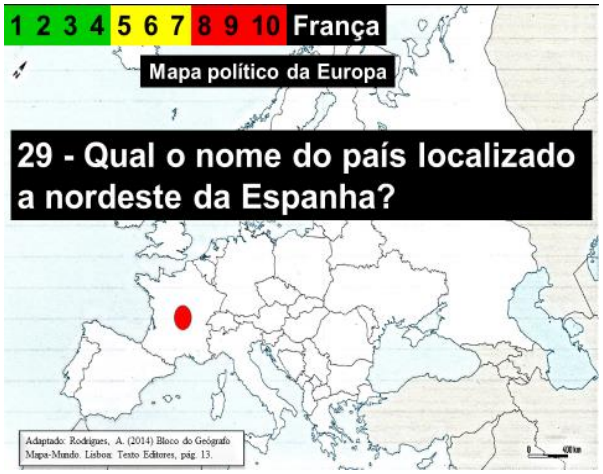

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Islândia
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.
24 - Qual o nome da ilha localizada a sudeste da Gronelândia?

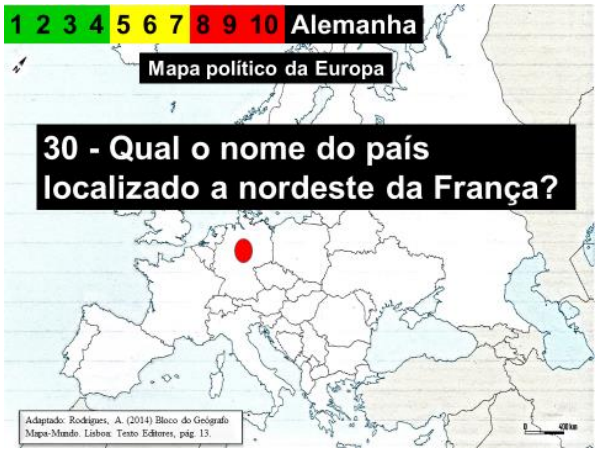

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Irlanda
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.
25 - Qual o nome da ilha localizada a oeste da Grã-Bretanha?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Grã-Bretanha
Mapa físico da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60.
26 - Qual o nome da ilha localizada a este da Irlanda?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Portugal
Mapa político da Europa
27 - Qual o nome do país localizado a oeste da Espanha?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Espanha
Mapa político da Europa
28 - Qual o nome do país localizado a este de Portugal?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 França
Mapa político da Europa
29 - Qual o nome do país localizado a nordeste da Espanha?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

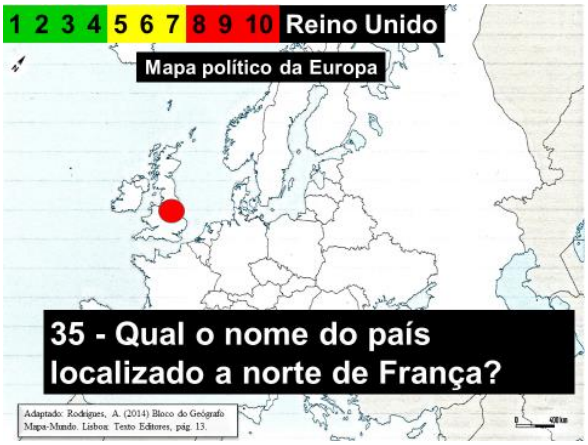

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Alemanha
Mapa político da Europa
30 - Qual o nome do país localizado a nordeste da França?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Polónia
Mapa político da Europa
31 - Qual o nome do país localizado a este da Alemanha?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

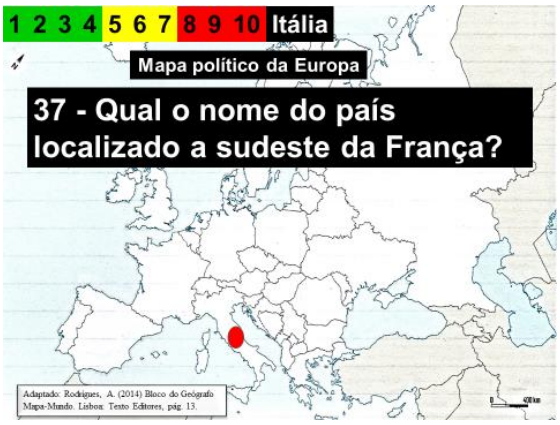

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Bielorrússia
Mapa político da Europa
32 - Qual o nome do país localizado a este da Polónia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Rússia
Mapa político da Europa
33 - Qual o nome do país localizado a este da Ucrânia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ucrânia
Mapa político da Europa
34 - Qual o nome do país localizado a sul da Bielorrússia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Reino Unido
Mapa político da Europa
35 - Qual o nome do país localizado a norte de França?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Grécia
Mapa político da Europa
36 - Qual o nome do país localizado a sul da Bulgária?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

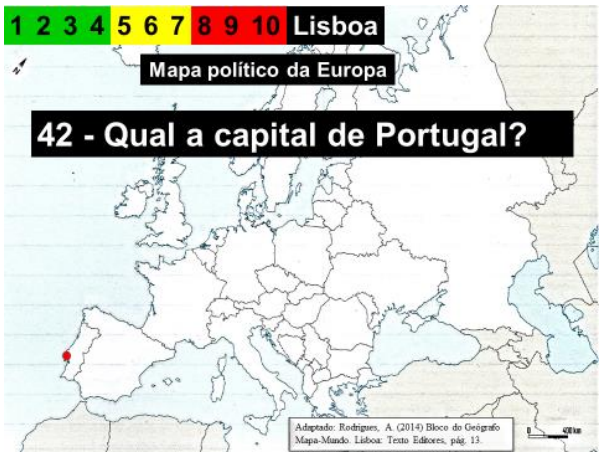

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Itália
Mapa político da Europa
37 - Qual o nome do país localizado a sudeste da França?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

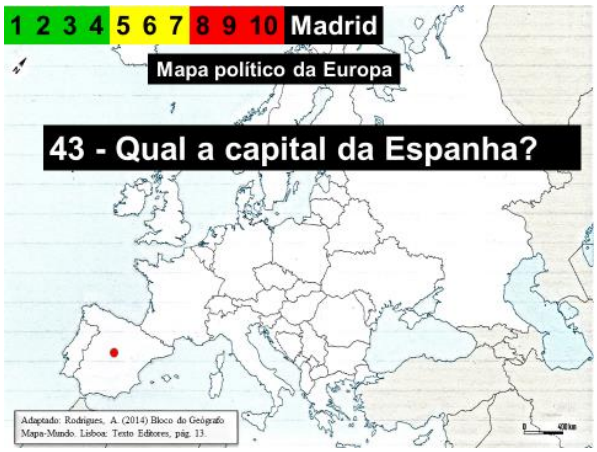

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Islândia
Mapa político da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.
38 - Qual o nome do país localizado a sudeste da Gronelândia?

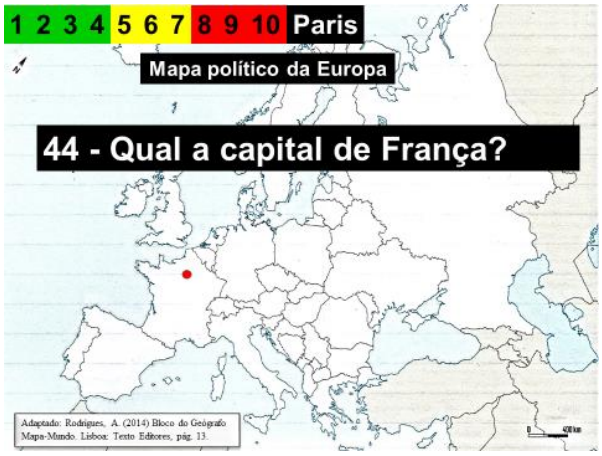

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Noruega
Mapa político da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.
39 - Qual o nome do país localizado a oeste da Suécia?

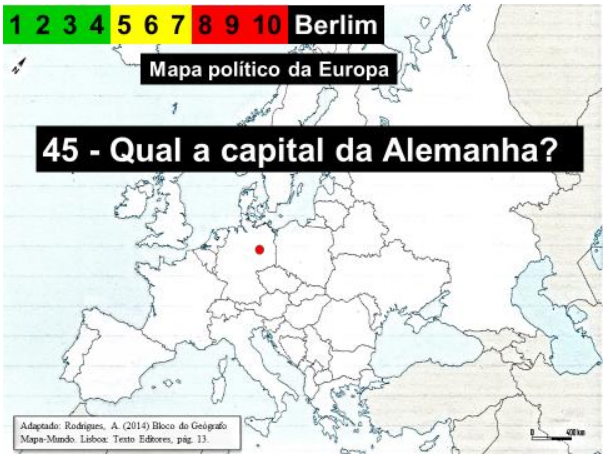

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Suécia
Mapa político da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.
40 - Qual o nome do país localizado a este da Noruega?

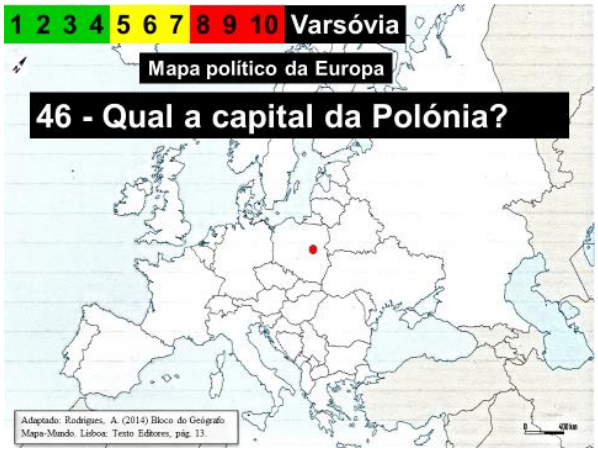

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Finlândia
Mapa político da Europa
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.
41 - Qual o nome do país localizado a este da Suécia?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Lisboa
Mapa político da Europa
42 - Qual a capital de Portugal?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Madrid
Mapa político da Europa
43 - Qual a capital da Espanha?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Paris
Mapa político da Europa
44 - Qual a capital de França?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

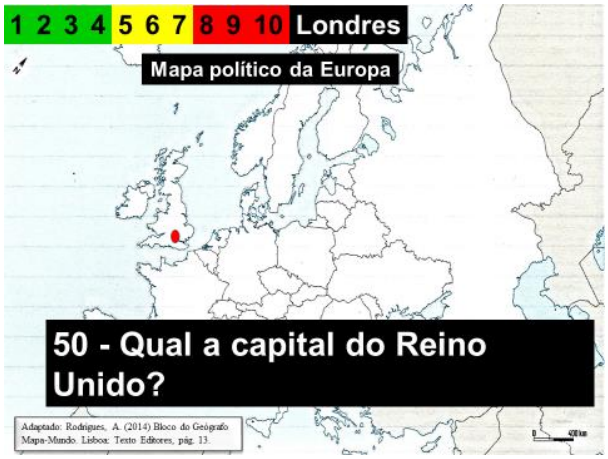

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Berlim
Mapa político da Europa
45 - Qual a capital da Alemanha?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Varsóvia
Mapa político da Europa
46 - Qual a capital da Polónia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

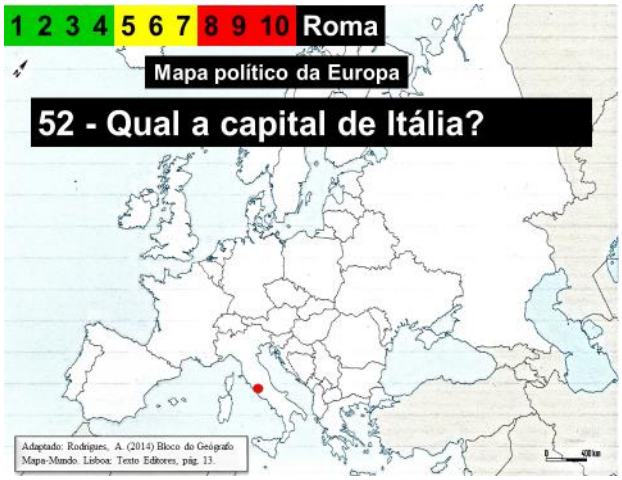

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Minsk
Mapa político da Europa
47 - Qual a capital da Bielorrússia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

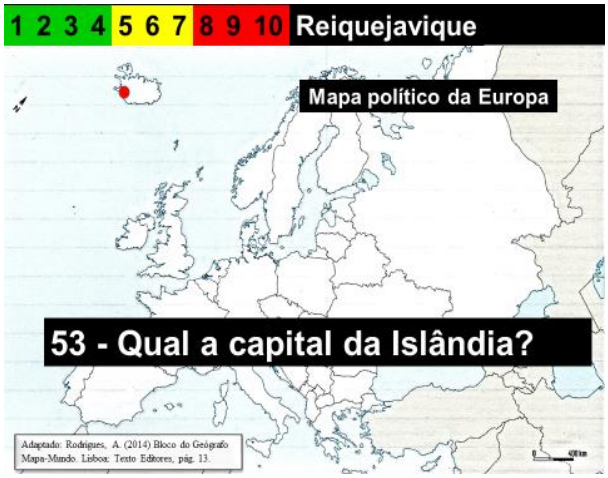

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Moscovo
Mapa político da Europa
48 - Qual a capital da Rússia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Kiev
Mapa político da Europa
49 - Qual a capital da Ucrânia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Londres
Mapa político da Europa
50 - Qual a capital do Reino Unido?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Atenas
Mapa político da Europa
51 - Qual a capital da Grécia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

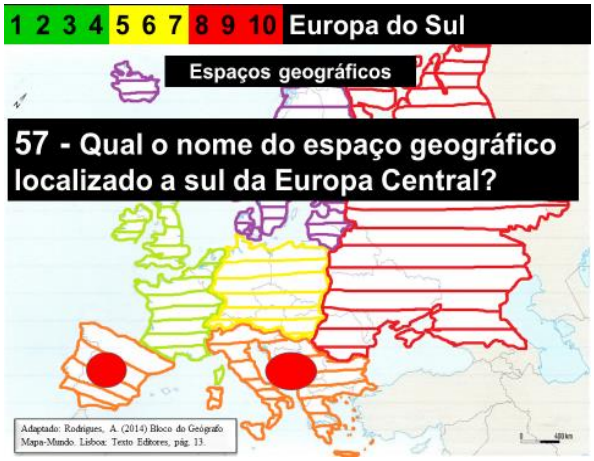

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Roma
Mapa político da Europa
52 - Qual a capital de Itália?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

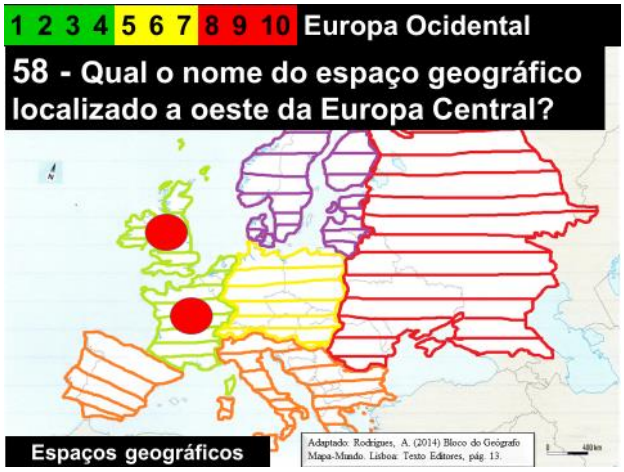

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Reiquejavique
Mapa político da Europa
53 - Qual a capital da Islândia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Oslo
Mapa político da Europa
54 - Qual a capital da Noruega?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Estocolmo
Mapa político da Europa
55 - Qual a capital da Suécia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

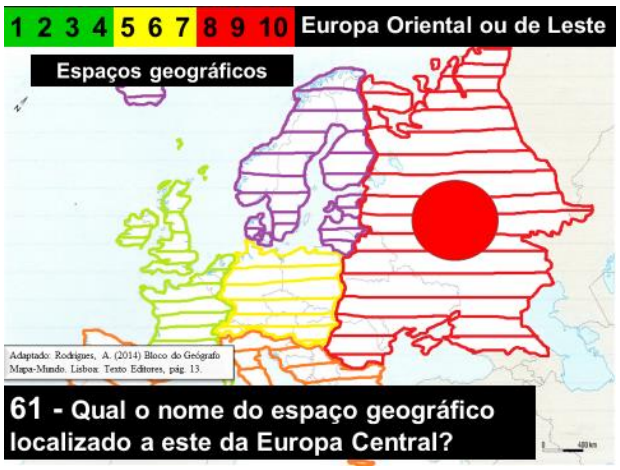

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Helsínquia
Mapa político da Europa
56 - Qual a capital da Finlândia?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Europa do Sul
Espaços geográficos
57 - Qual o nome do espaço geográfico localizado a sul da Europa Central?
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Europa Ocidental
58 - Qual o nome do espaço geográfico localizado a oeste da Europa Central?
Espaços geográficos
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Europa Central
59 - Qual o nome do espaço geográfico localizado a este da Europa Ocidental?
Espaços geográficos
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Europa do Norte
60 - Qual o nome do espaço geográfico localizado a norte da Europa Central?
Espaços geográficos
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

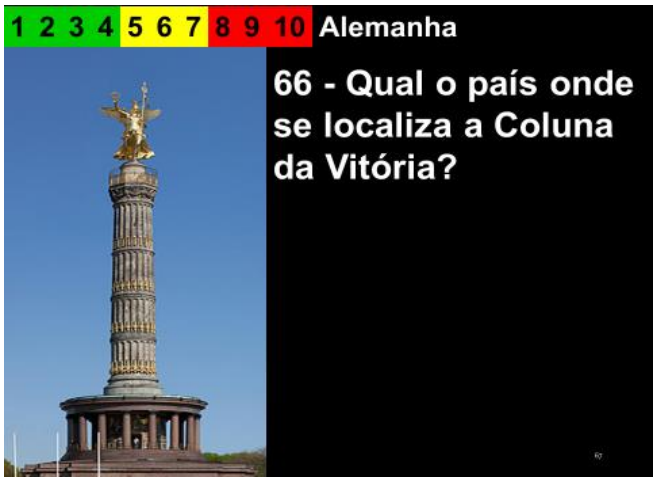

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Europa Oriental ou de Leste
Espaços geográficos
Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.
61 - Qual o nome do espaço geográfico localizado a este da Europa Central?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Itália
62 – Qual o país onde se localiza o Coliseu de Roma?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Portugal
63 - Qual o país onde se localiza o Padrão dos Descobrimentos?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Itália
64 - Qual o país onde se localiza a Torre de Pisa?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 França
65 - Qual o país onde se localiza o Arco do triunfo?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Alemanha
66 - Qual o país onde se localiza a Coluna da Vitória?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Portugal
67 - Qual o país onde se localiza a Torre de belém?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Itália
68 - Qual o país onde se localiza a Fontana di Trevi?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Alemanha
69 - Qual o país onde se localiza a Porta de Brandeburgo?

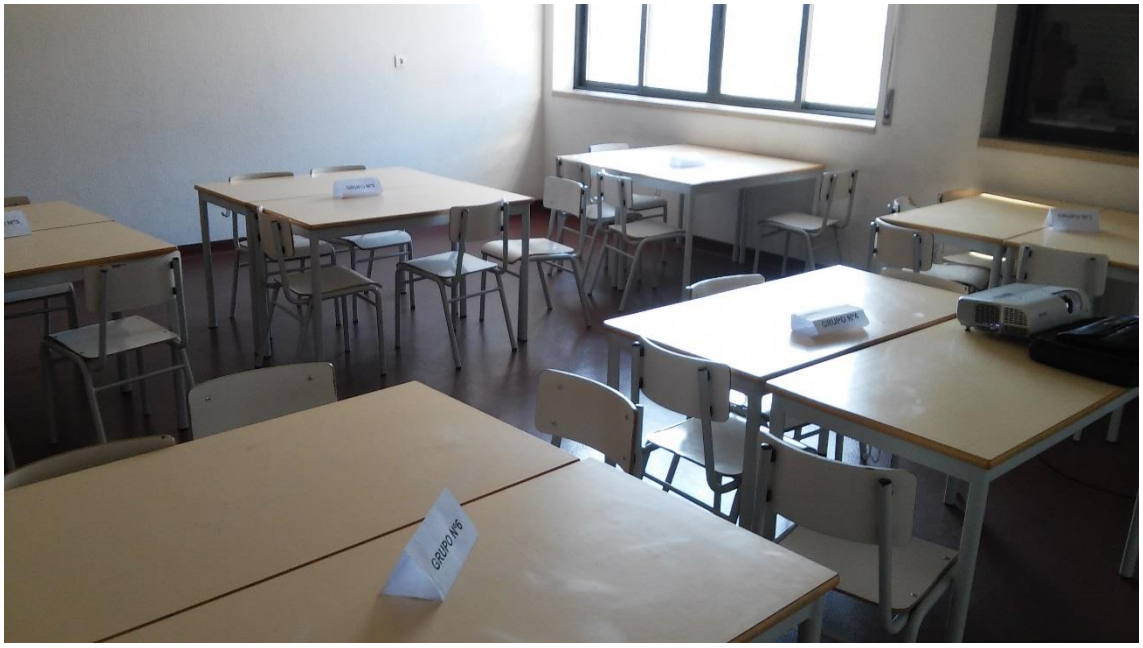

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Grécia
70 - Qual o país onde se localiza a Acrópole?


1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Inglaterra
71 - Qual o país onde se localiza o monumento Meridiano de Greenwich?

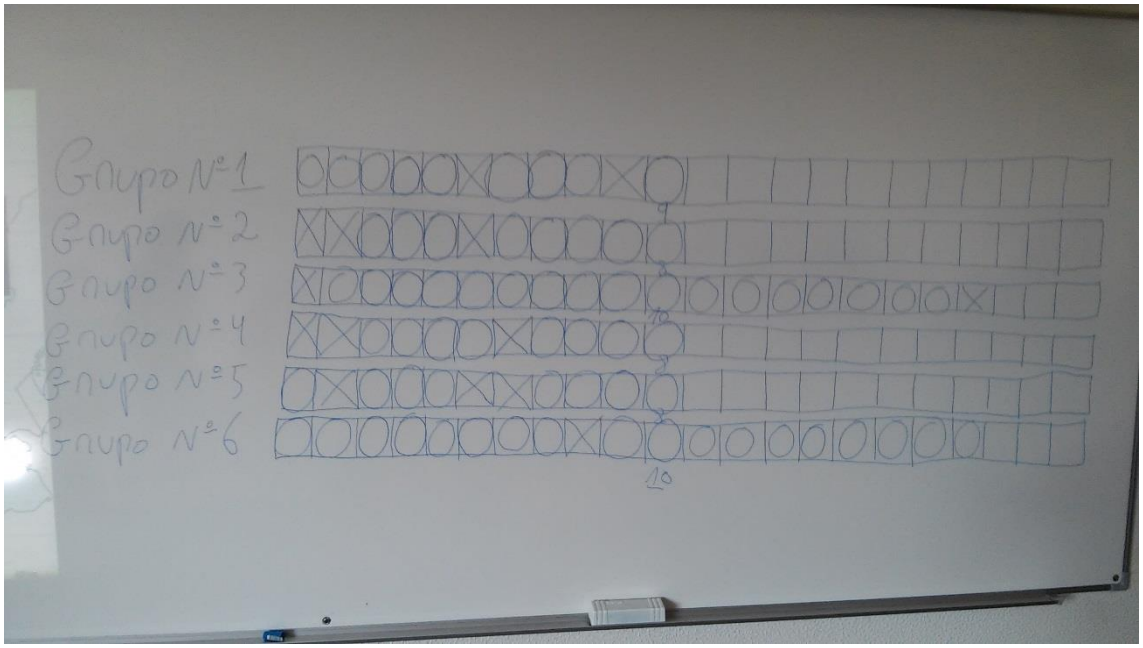

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 França
72 - Qual o país onde se localiza a Torre Eiffel?


FIM DO JOGO

Anexo nº11: Fotos da realização do jogo intitulado “À Descoberta da Europa”


GRUPO Nº5


Albânia
Qual o nome do país assinalado pelo círculo vermelho?


Grupo Nº1
Grupo Nº2
Grupo Nº3
Grupo Nº4
Grupo Nº5
Grupo Nº6

Anexo Nº 12: Guiões dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia

Disciplina de Geografia Janeiro 2015

Guião de trabalho do grupo nº1

- **Elementos do grupo:** Samanta nº3 ; Ana nº4 ; Mafalda nº5 ; Carla nº25
- **Tema a trabalhar:** A União Europeia.

Objetivos do trabalho:

- Explicar o que é a União Europeia (referir o ano da sua fundação; qual o motivo porque foi criada e quais foram os países fundadores).
- Referir os objetivos da União Europeia.

Questões de estudo:

1. O que é a União Europeia? (Devem referir quando teve início e qual o motivo porque foi criada)
2. Quais os principais objetivos da União Europeia?

Procedimentos para responderem às questões:

1º Passo: Aceder à internet e consultar o **Portal Oficial da União Europeia** no seguinte endereço: http://europa.eu/geninfo/atoz/pt/index_1_pt.htm

2º Passo: Depois de entrar no site, devem clicar em cima do separador que diz "Como funciona a UE" e deves explorar o texto que esta por baixo do título: Informações de base sobre a União

Europeia.

Avaliação do Trabalho:

- A avaliação deste trabalho incide na elaboração de:
  - um pequeno texto, que deve ter por base as respostas dadas às questões, colocadas
  - um mapa, intitulado "Mapa político da Europa: Países fundadores da União Europeia".
- Constitui também como elementos de avaliação: A qualidade e apresentação dos materiais solicitados no prazo de entrega; a apresentação oral feita pelo porta voz do grupo.

Informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015

- O texto final elaborado pelo grupo será apresentado pelo porta-voz do grupo no dia 16 de Janeiro de 2015 na sala de aula de Geografia. Os grupos que não apresentarem o trabalho na data estipulada, terão falta de material, sendo o trabalho avaliado em zero, e informado o respetivo Encarregado de Educação.

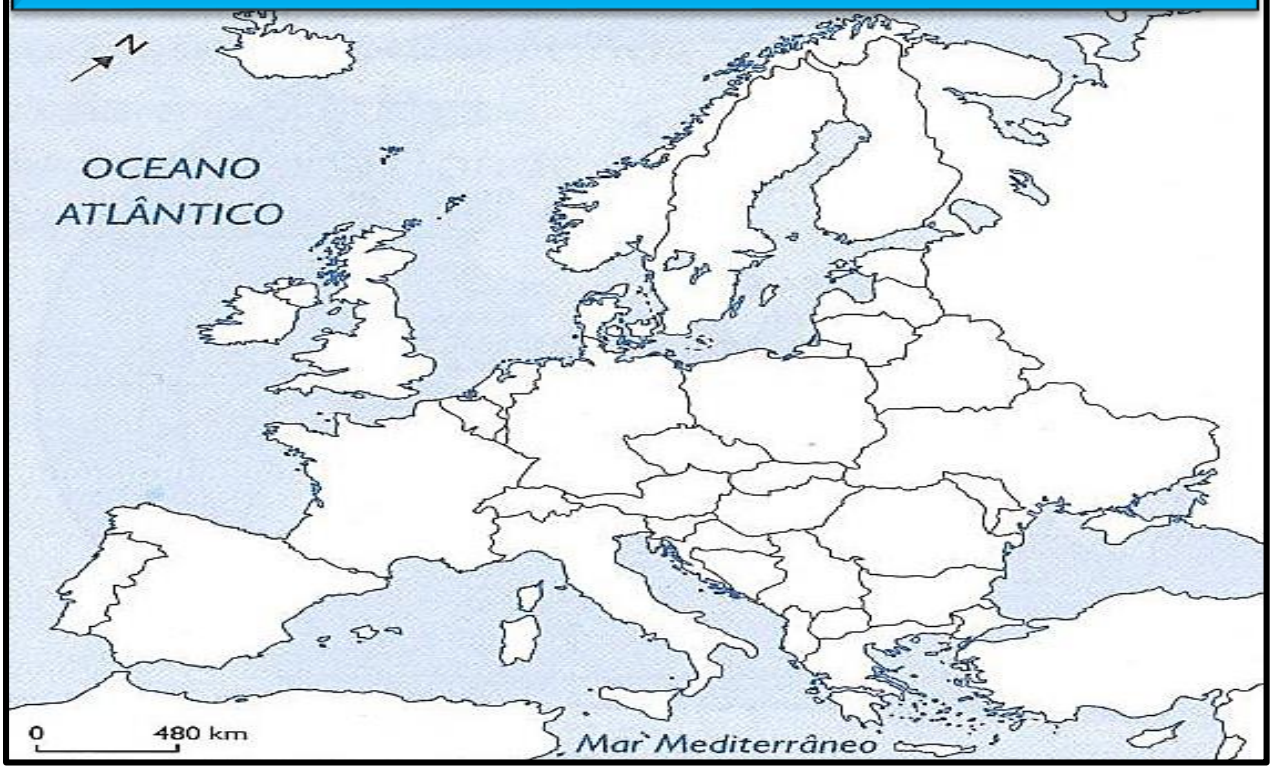
Informações para a redação do texto

- O texto do trabalho não pode ultrapassar uma página, deve ser redigido a computador com letra Times New Roman, tamanho 12 com espaçamento de Linha e Parágrafo 1,5. Deverá constar no cabeçalho da primeira página, a identificação de cada elemento do grupo, o número do grupo e o nome do tema do trabalho.

Instruções para a elaboração do Mapa: Países fundadores da União Europeia

- No mapa abaixo inserido e com o auxílio do manual escolar de Geografia, pág. 64, localizem os países fundadores da União Europeia, indicando o nome dos mesmos.
- O mapa, deve ser cartografado de acordo com a legenda, depois colado numa folha de cartolina A4. O mesmo deverá ser apresentado pelo porta voz do grupo na aula de Geografia do dia 16 de Janeiro de 2015.

Países fundadores da União Europeia (1957)



Países fundadores da União Europeia.

Adaptado: Domingos, C. et al. (2008) A Terra: Estudos e Representações – Meio Natural, 7.º ano, Geografia Temas 1 e 2. Lisboa: Plátano Editora, pág. 35.

Disciplina de Geografia Janeiro 2015

Guião de trabalho do grupo nº2

- **Elementos do grupo:** Raquel nº17; Susana Dias nº2; Manuel Oliveira nº11; Zé Maria nº10
- **Tema a trabalhar:** Os alargamentos da União Europeia.

Objetivos do trabalho:

- Mencionar quais os países que pertencem à União Europeia;
- Referir os sucessivos alargamentos dos países da União Europeia;

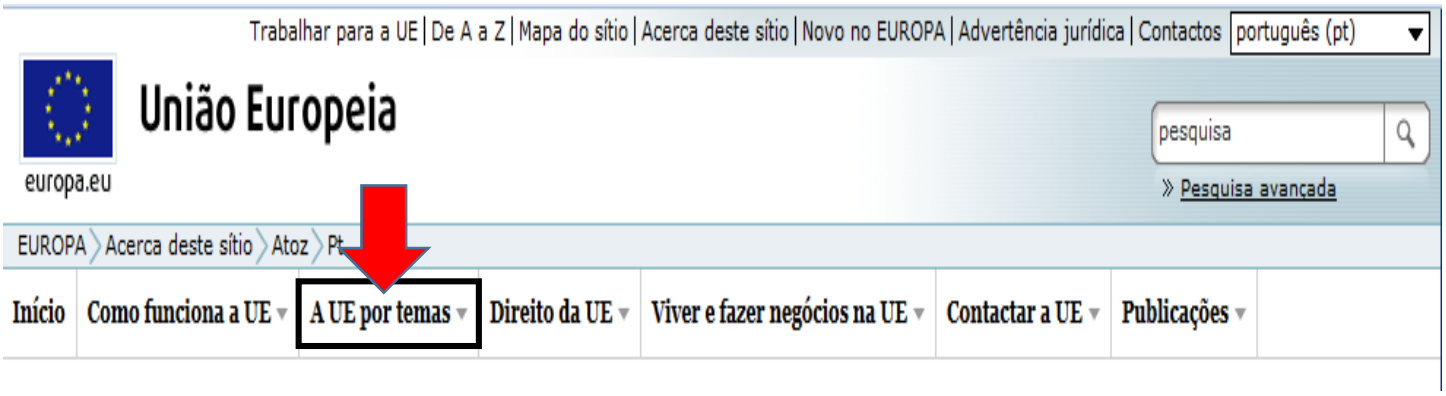
Questões de estudo:

3. Quais os países da União Europeia?
4. Quais as datas de adesão dos países da União Europeia?

Procedimentos para responderem às questões:

1º Passo: Aceder à internet e consultar o **Portal Oficial da União Europeia** no seguinte endereço: http://europa.eu/geninfo/atoz/pt/index_1_pt.htm

2º Passo: Depois de entrar no site, devem clicar em cima do separador que diz "A UE por temas". Em seguida, procura no lado esquerdo da janela o tema da "Alargamento" e clica em cima do



mesmo.

3º Passo: Para teres acesso a toda a informação acerca do tema "Alargamento", clica em cima da opção que diz "Ler todo o texto".

Avaliação do Trabalho:

- A avaliação deste trabalho incide na elaboração de:

- um pequeno texto, que deve ter por base as respostas dadas às questões, colocadas.
- um mapa, intitulado "O alargamento da UE".

- Constitui também como elementos de avaliação: A qualidade e apresentação dos materiais solicitados no prazo de entrega; a apresentação oral feita pelo porta voz do grupo.

Informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015

- O texto final elaborado pelo grupo será apresentado pelo porta-voz do grupo no dia 16 de Janeiro de 2015 na sala de aula de Geografia. Os grupos que não apresentarem o trabalho na data estipulada, terão falta de material, sendo o trabalho avaliado em zero, e informado o respetivo Encarregado de Educação.

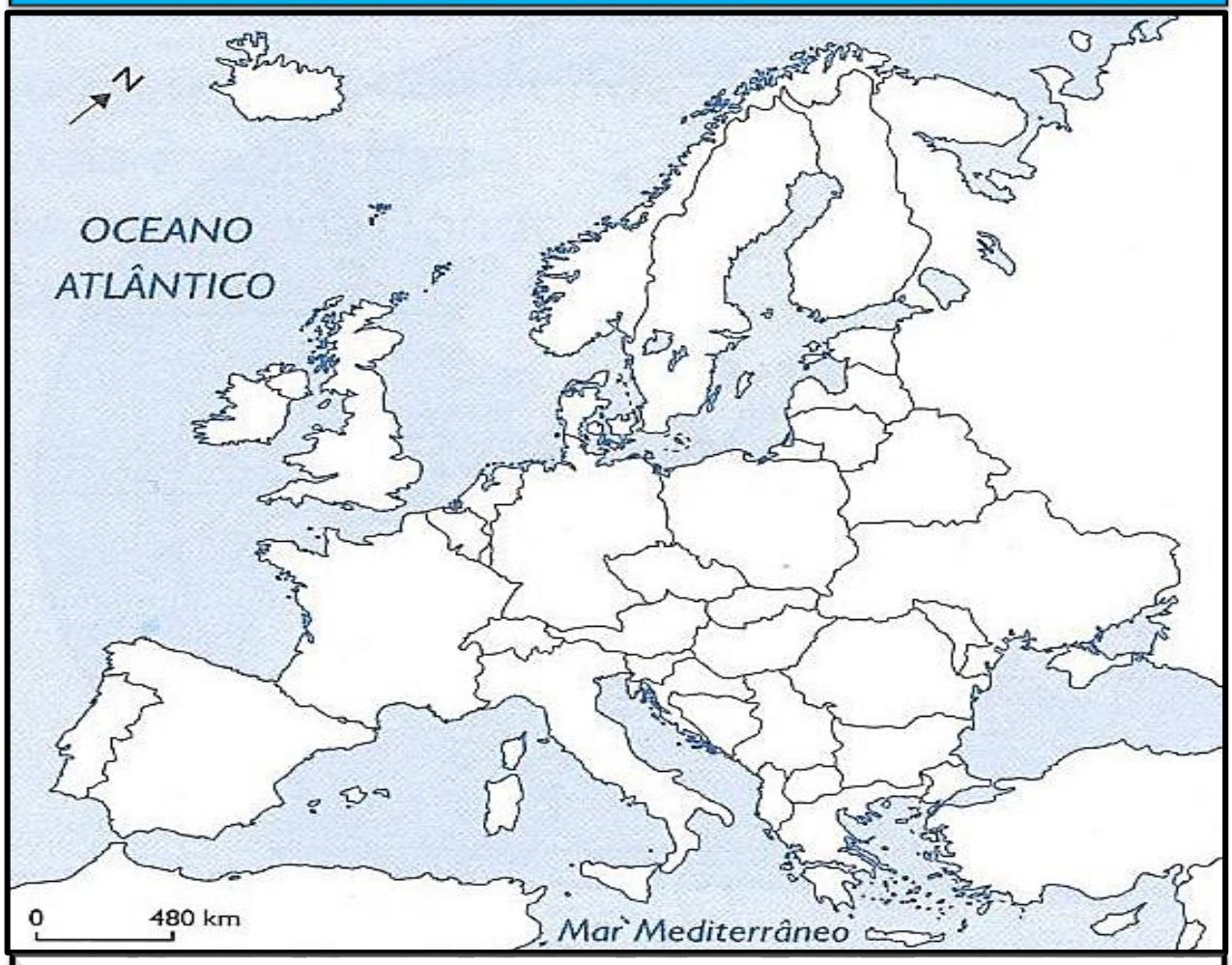
Informações para a redação do texto

- O texto do trabalho não pode ultrapassar uma página, deve ser redigido a computador com letra Times New Roman, tamanho 12 com espaçamento de Linha e Parágrafo 1,5. Deverá constar no cabeçalho da primeira página, a identificação de cada elemento do grupo, o número do grupo e o nome do tema do trabalho.

Instruções para a elaboração do Mapa: O alargamento da UE.

- No mapa abaixo inserido e com o auxílio do manual escolar de Geografia, pág. 64, localizem os países da União Europeia, indicando o nome dos mesmos.

O alargamento da UE



Adaptado: Domingos, C. et al. (2008) A Terra: Estudos e Representações – Meio Natural, 7.º ano, Geografia Temas 1 e 2. Lisboa: Plátano Editora, pág. 35.

Disciplina de Geografia Janeiro 2015

Guião de trabalho do grupo nº3

- **Elementos do grupo:** Luísa nº6; Maria nº8; Inês nº19; Márcia Sousa nº 23.
- **Tema a trabalhar:** O Euro: Países aderentes.

Objetivo do trabalho:

- Identificar quais os Estados-membros da União Europeia que adotaram a moeda única europeia.

Questões de estudo:

5. Quais os Estados-membros da União Europeia que têm o euro como moeda única?
6. Quais os Estados-membros da União Europeia que não têm o euro como moeda única?

Procedimentos para responderem às questões:

1º Passo: Aceder à internet e consultar o **Portal Oficial da União Europeia** no seguinte endereço: http://europa.eu/geninfo/atoz/pt/index_1_pt.htm

2º Passo: Depois de entrarem no site, devem clicar em cima do separador que diz "Como funciona a UE". Em seguida, procura no lado esquerdo da janela o tema "Os símbolos da UE" e clica em cima do mesmo.

3º Passo: Devem procurar na janela que abriram anteriormente, a opção que diz "O euro" e clicar em cima da mesma, para terem acesso aos países que aderiram ao euro.

Avaliação do Trabalho:

- A avaliação deste trabalho incide na elaboração de:

  - um pequeno texto, que deve ter por base as respostas dadas às questões, colocadas.

  - um mapa, intitulado "Estados-membros da UE que adotaram a moeda única europeia".

- Constitui também como elementos de avaliação: A qualidade e apresentação dos materiais solicitados no prazo de entrega; a apresentação oral feita pelo porta voz do grupo.

Informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015

- O texto final elaborado pelo grupo será apresentado pelo porta-voz do grupo no dia 16 de Janeiro de 2015 na sala de aula de Geografia. Os grupos que não apresentarem o trabalho na data estipulada, terão falta de material, sendo o trabalho avaliado em zero, e informado o respetivo Encarregado de Educação.

Informações para a redação do texto

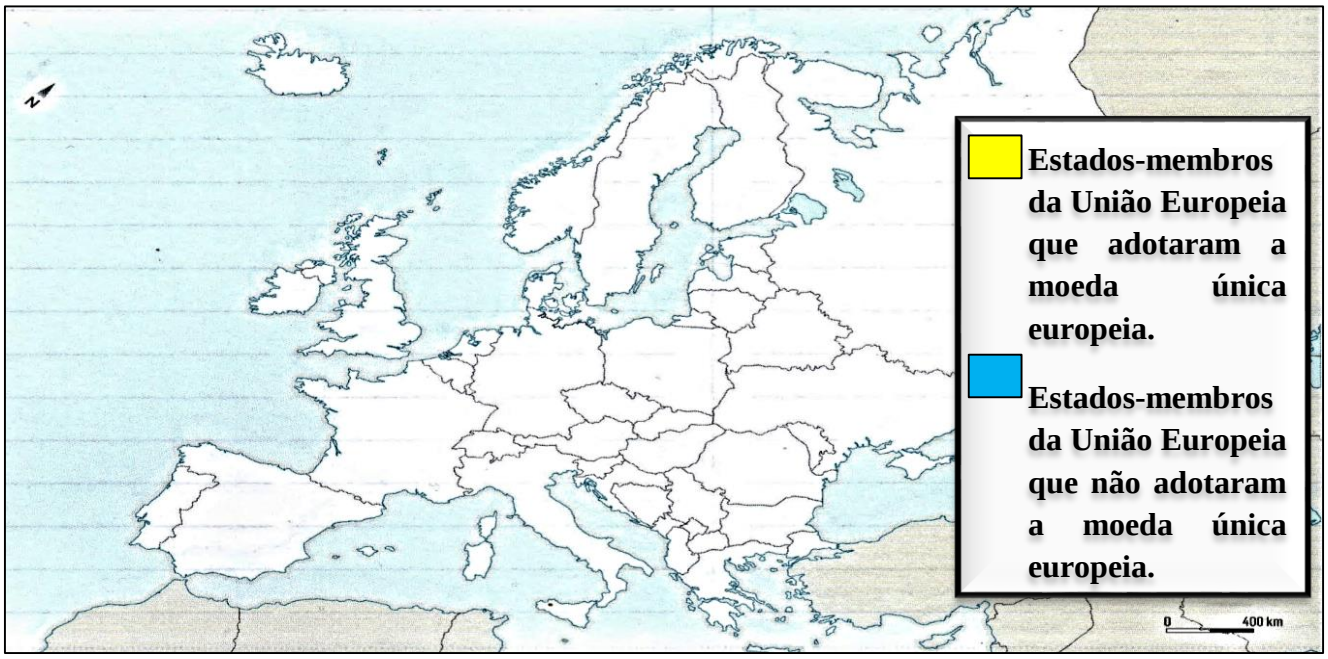
- O texto do trabalho não pode ultrapassar uma página, deve ser redigido a computador com letra Times New Roman, tamanho 12 com espaçamento de Linha e Parágrafo 1,5. Deverá constar no cabeçalho da primeira página, a identificação de cada elemento do grupo, o número do grupo e o nome do tema do trabalho.

Instruções para a elaboração do Mapa: Estados-membros da UE que adotaram a moeda única europeia.

- No mapa abaixo inserido e com o auxílio do manual escolar de Geografia, pág. 65, localizem os países da União Europeia que adotaram a moeda única europeia, indicando o nome dos mesmos.

  O mapa, deve ser cartografado de acordo com a legenda, depois colado numa folha de cartolina A4. O mesmo deverá ser apresentado pelo porta voz do grupo na aula de Geografia do dia 16 de Janeiro de 2015.

Estados-membros da UE que adotaram a moeda única europeia



Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

Disciplina de Geografia Janeiro 2015

Guião de trabalho do grupo nº4

- **Elementos do grupo:** Rui nº9; João nº 12; Carla nº 24; Inês nº20; Joaquim nº 27
- **Tema a trabalhar:** Símbolos de identidade da União Europeia.

Objetivo do trabalho:

- Identificar símbolos de identidade da União Europeia.

Questão de estudo:

7. Quais os símbolos de identidade da União Europeia?

Procedimentos para responderem às questões:

1º Passo: Aceder à internet e consultar o **Portal Oficial da União Europeia** no seguinte endereço: http://europa.eu/geninfo/atoz/pt/index_1_pt.htm

2º Passo: Depois de entrarem no site, devem clicar em cima do separador que diz "Como funciona a UE". Em seguida, procura no lado esquerdo da janela o tema "Os símbolos da UE" e clica em cima do mesmo.

Avaliação do Trabalho:

- A avaliação deste trabalho incide na elaboração de:

- um pequeno texto, que deve ter por base as respostas dadas às questões, colocadas.

- uma "bandeira da União Europeia"; uma "moeda do euro"; obtenção da pauta do hino da União Europeia através de uma pesquisa, onde deve ser mencionando o seu nome e quem foi o seu compositor.

- Constitui também como elementos de avaliação: A qualidade e apresentação dos materiais solicitados no prazo de entrega; a apresentação oral feita pelo porta voz do grupo.

Informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015

- O texto final elaborado pelo grupo será apresentado pelo porta-voz do grupo no dia 16 de Janeiro de 2015 na sala de aula de Geografia. Os grupos que não apresentarem o trabalho na data estipulada, terão falta de material, sendo o trabalho avaliado em zero, e informado o respetivo Encarregado de Educação.

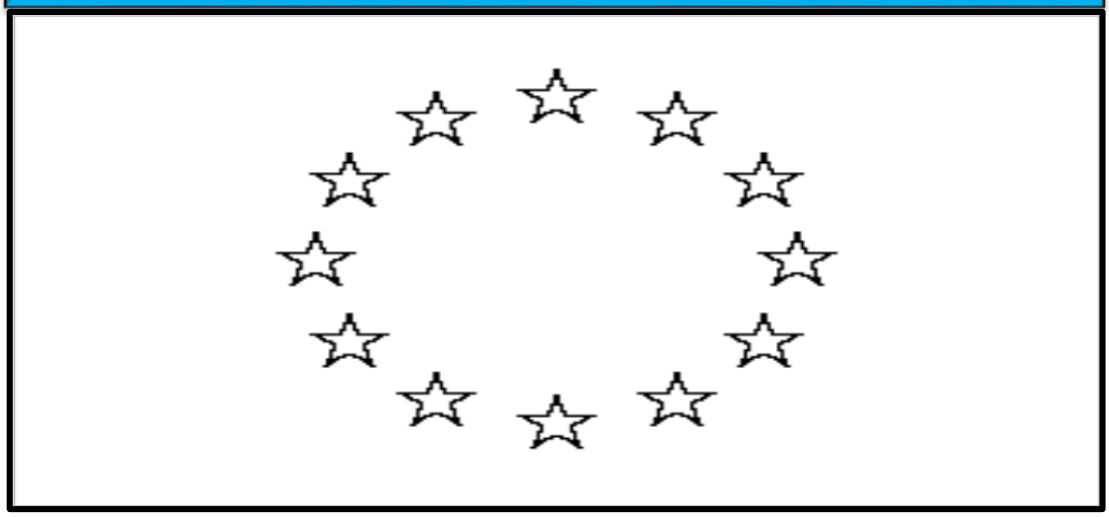
Informações para a redação do texto

- O texto do trabalho não pode ultrapassar uma página, deve ser redigido a computador com letra Times New Roman, tamanho 12 com espaçamento de Linha e Parágrafo 1,5. Deverá constar no cabeçalho da primeira página, a identificação de cada elemento do grupo, o número do grupo e o nome do tema do trabalho.

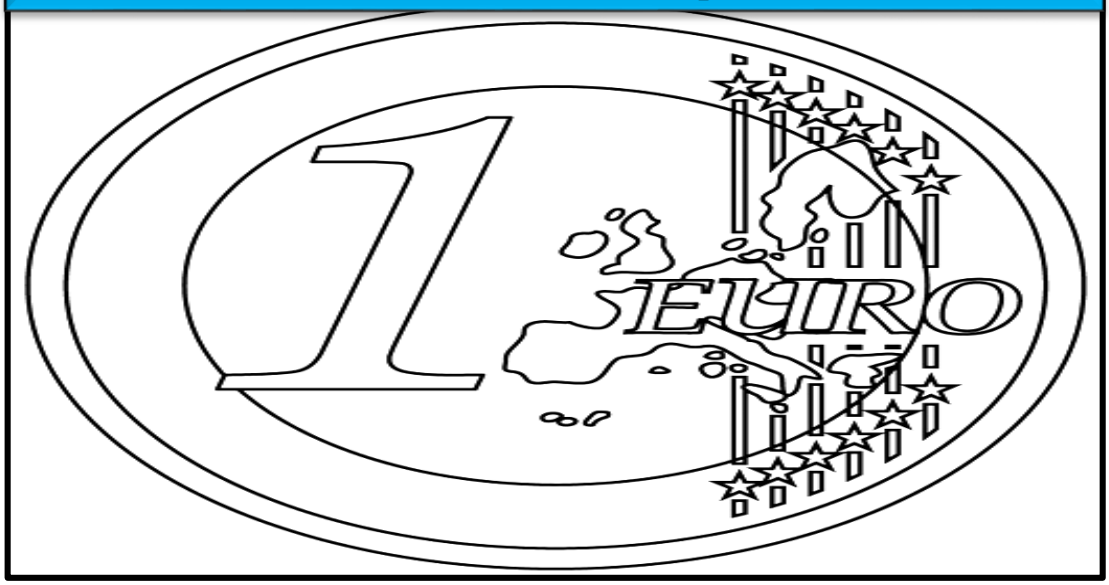
Instruções para a elaboração da bandeira, moeda e obtenção do hino: da União Europeia

- Pinta o fundo da bandeira de azul escuro e as estrelas a amarelo; Pinta a moeda
- A bandeira e a moeda, devem ser colados numa folha de cartolina A4. Os mesmos devem ser apresentados pelo porta voz do grupo na aula de Geografia do dia 16 de Janeiro de 2015.
- Através de uma pesquisa, tenta identificar o nome do hino da União Europeia, quem foi o seu compositor e obtém a pauta do hino.

Bandeira da União Europeia



O euro da União Europeia



Disciplina de Geografia Janeiro 2015

Guião de trabalho do grupo nº5

- **Elementos do grupo:** Diana nº1; Tiago nº 13; Miguel nº 22; Inês Garcia nº18.
- **Tema a trabalhar:** Portugal na União Europeia.

Objetivos do trabalho:

- Selecionar resumidamente os principais aspetos apresentados no *site*, do Portal Oficial da União Europeia, sobre a participação de Portugal na União Europeia.
- Explicar quais os principais aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia.

Questões de estudo:

8. Identificar os principais aspetos da participação de Portugal na União Europeia.
9. Quais os principais aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia?

Procedimentos para responderem às questões:

1º Passo: Aceder à internet e consultar o **Portal Oficial da União Europeia** no seguinte endereço: http://europa.eu/geninfo/atoz/pt/index_1_pt.htm

2º Passo: Depois de entrarem no site, devem clicar em cima do separador que diz "Como funciona a UE". Em seguida, procurar no lado esquerdo da janela o separador "Países" e clica em cima do mesmo.

3º Passo: Procurar na janela que abriram anteriormente o nome do país "Portugal" e clica em cima do mesmo. Em seguida, vai surgir uma opção que diz "Portugal na União Europeia", cliquem em cima da mesma.

4º Passo: Para responderem à questão dos aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia, devem consultar o manual escolar nas páginas 65 e 66 e a ficha formativa que foi entregue na aula de Geografia, no dia 12 de Janeiro.

Avaliação do Trabalho:

- A avaliação deste trabalho incide na elaboração de:

- um pequeno texto, que deve ter por base as respostas dadas às questões, colocadas.

- preenchimento de um quadro, onde devem identificar aspetos que podem ser comparados na situação anterior e posterior à integração de Portugal na União Europeia.

- Constitui também como elementos de avaliação: A qualidade e apresentação dos materiais solicitados no prazo de entrega; a apresentação oral feita pelo porta voz do grupo.

Informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015

- O texto final elaborado pelo grupo será apresentado pelo porta-voz do grupo no dia 16 de Janeiro de 2015 na sala de aula de Geografia. Os grupos que não apresentarem o trabalho na data estipulada, terão falta de material, sendo o trabalho avaliado em zero, e informado o respetivo Encarregado de Educação.

Informações para a redação do texto

- O texto do trabalho não pode ultrapassar uma página, deve ser redigido a computador com letra Times New Roman, tamanho 12 com espaçamento de Linha e Parágrafo 1,5. Deverá constar no cabeçalho da primeira página, a identificação de cada elemento do grupo, o número do grupo e o nome do tema do trabalho.

Instruções para o preenchimento do quadro: Portugal na União Europeia

- O quadro abaixo inserido deve ser preenchido com o auxílio do manual escolar, nas páginas 65 e 66, da ficha formativa que foi entregue na aula de Geografia, no dia 12 de Janeiro. Também podem pesquisar na internet.

	PORTUGAL NA UNIÃO EUROPEIA	
	Antes da integração na União europeia	**Depois da integração na União Europeia**
Moeda		O euro
Capital	Lisboa	
Bandeira		Bandeira Portuguesa; Bandeira Europeia
Circulação de pessoas para outros países	Obrigatório a apresentação de passaporte	
Recorrer à justiça		Possibilidade de recorrer ao tribunal de justiça europeu
Possibilidade de votar e de ser eleito para os órgãos do poder local	Apenas no local de residência em Portugal	
Onde é que eu podia estudar?		Noutros países da UE através de intercâmbios de mobilidade estudantil (por ex. o programa ERASMUS)
Desenvolvimento socioeconómico de Portugal	Somente capital do Estado Português	

Disciplina de Geografia Janeiro 2015

Guião de trabalho do grupo nº6

- **Elementos do grupo:** Carlos nº 21; Cláudia nº7; Sónia nº26; Susana Almeida nº 16
- **Tema a trabalhar:** A cidadania na União Europeia.

Objetivos do trabalho:

- Referir o nome do tratado e da carta, em que estão consagrados os direitos dos cidadãos europeus.
- Referir os direitos dos cidadãos europeus.

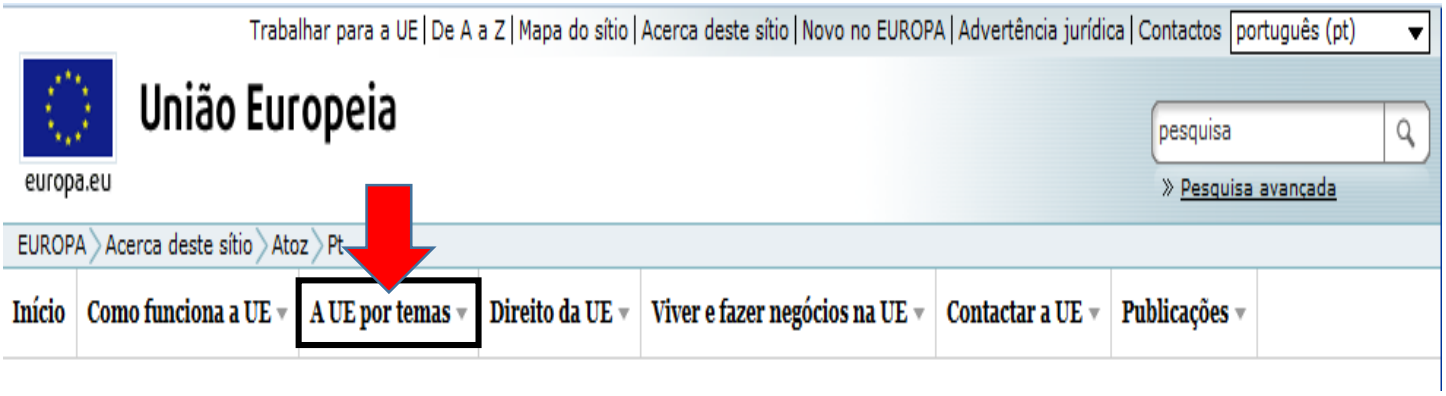
Questões de estudo:

1. Qual o nome do tratado e da carta, em que estão consagrados os direitos dos cidadãos europeus?
2. Quais são os direitos dos cidadãos europeus?

Procedimentos para responderem às questões:

1º Passo: Aceder à internet e consultar o **Portal Oficial da União Europeia** no seguinte endereço: http://europa.eu/geninfo/atoz/pt/index_1_pt.htm

2º Passo: Depois de entrar no site, devem clicar em cima do separador que diz "A UE por temas". Em seguida, procurem no lado esquerdo da janela o tema da "Cidadania europeia" e cliquem em cima do mesmo.



3º Passo: Para terem acesso a toda a informação do tema "Cidadania Europeia", cliquem em cima da opção que diz "Ler todo o texto".

Avaliação do Trabalho:

- A avaliação deste trabalho incide na elaboração de:

- um pequeno texto, que deve ter por base as respostas dadas às questões, colocadas.

- um mapa, intitulado: "Sede das Instituições da União Europeia".

- Constitui também como elementos de avaliação: A qualidade e apresentação dos materiais solicitados no prazo de entrega; a apresentação oral feita pelo porta voz do grupo.

Informações específicas sobre a aula de dia 16 de Janeiro de 2015

- O texto final elaborado pelo grupo será apresentado pelo porta-voz do grupo no dia 16 de Janeiro de 2015 na sala de aula de Geografia. Os grupos que não apresentarem o trabalho na data estipulada, terão falta de material, sendo o trabalho avaliado em zero, e informado o respetivo Encarregado de Educação.

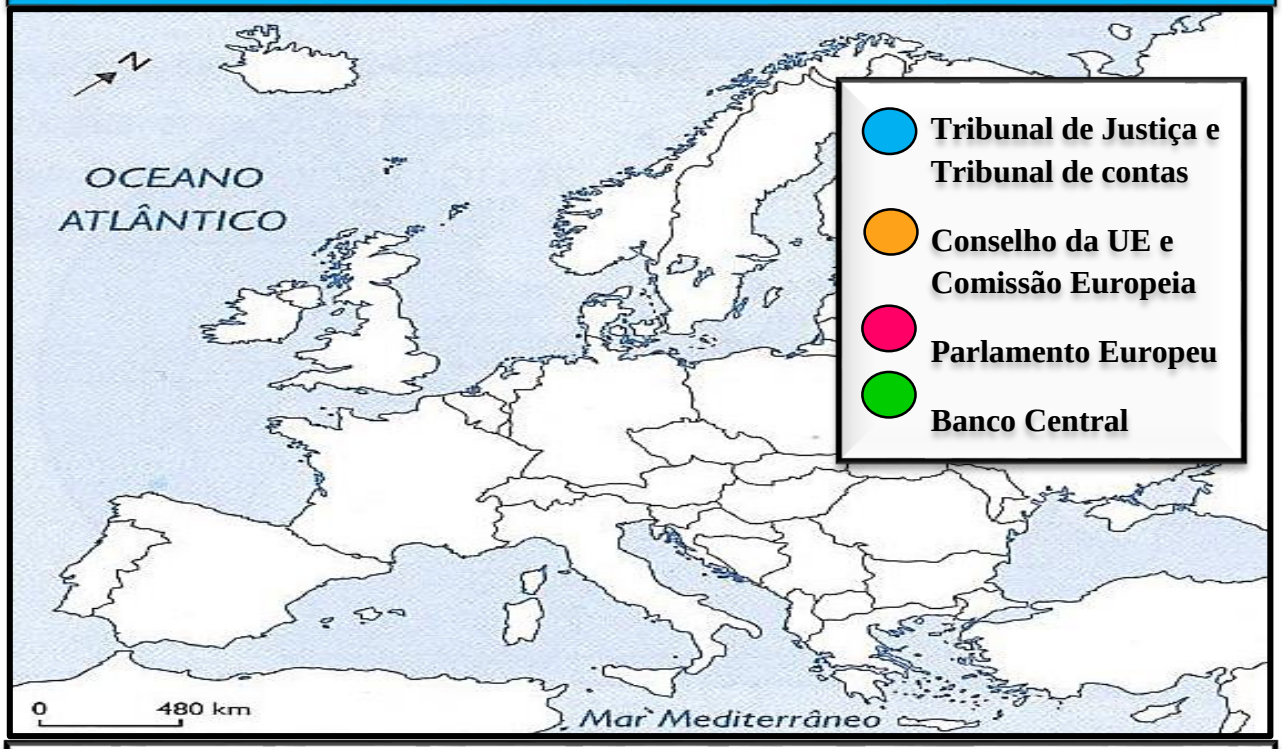
Informações para a redação do texto

- O texto do trabalho não pode ultrapassar uma página, deve ser redigido a computador com letra Times New Roman, tamanho 12 com espaçamento de Linha e Parágrafo 1,5. Deverá constar no cabeçalho da primeira página, a identificação de cada elemento do grupo, o número do grupo e o nome do tema do trabalho.

Instruções para a elaboração do Mapa: Sede das Instituições da União Europeia

- No mapa abaixo inserido e com o auxílio do manual escolar de Geografia, pág. 64, localizem as sedes das Instituições da União Europeia nos respetivos países indicando para isso o nome dos mesmos.
- O mapa, deve ser cartografado de acordo com a legenda, depois colado numa folha de cartolina A4. O mesmo deverá ser apresentado pelo porta voz do grupo na aula de Geografia do dia 16 de Janeiro de 2015.

Sede das Instituições da União Europeia



Adaptado: Domingos, C. et al. (2008) A Terra: Estudos e Representações – Meio Natural, 7.º ano, Geografia Temas 1 e 2. Lisboa: Plátano Editora, pág. 35.

Anexo Nº 13: trabalhos de grupo acerca da União Europeia

"MAPA POLÍTICO DA EUROPA:" PAÍSES FUNDADORES DA UNIÃO EUROPEIA

Paises fundadores da União Europeia (1957)

1-França

2-Belgica

3-Holanda

4-Luxemburgo

5-Alemanha

6-Itália

Paises fundadores da União Europeia.

A União Europeia surge em 1957,com o objetivo de pacificar a Europa após a 2ª guerra mundial. A cooperação económica entre os paises fundadores, Alemanha,Bélgica,França,Itália,Luxemburgo e Holanda ,criaram, laços de dependência económica e política e com ela a tão desejada pacificação da Europa.

Os objetivos da união europeia são:

->Promover a unidade política económica da Europa;

->Melhorar as condições de vida e de trabalho dos cidadãos europeus;

->Melhorar as condições de livre comércio entre países membros;

->Reduzir as desigualdades sociais e económicas entre as religiões;

->Fomentar o desenvolvimento económico dos países em fase de crescimento;

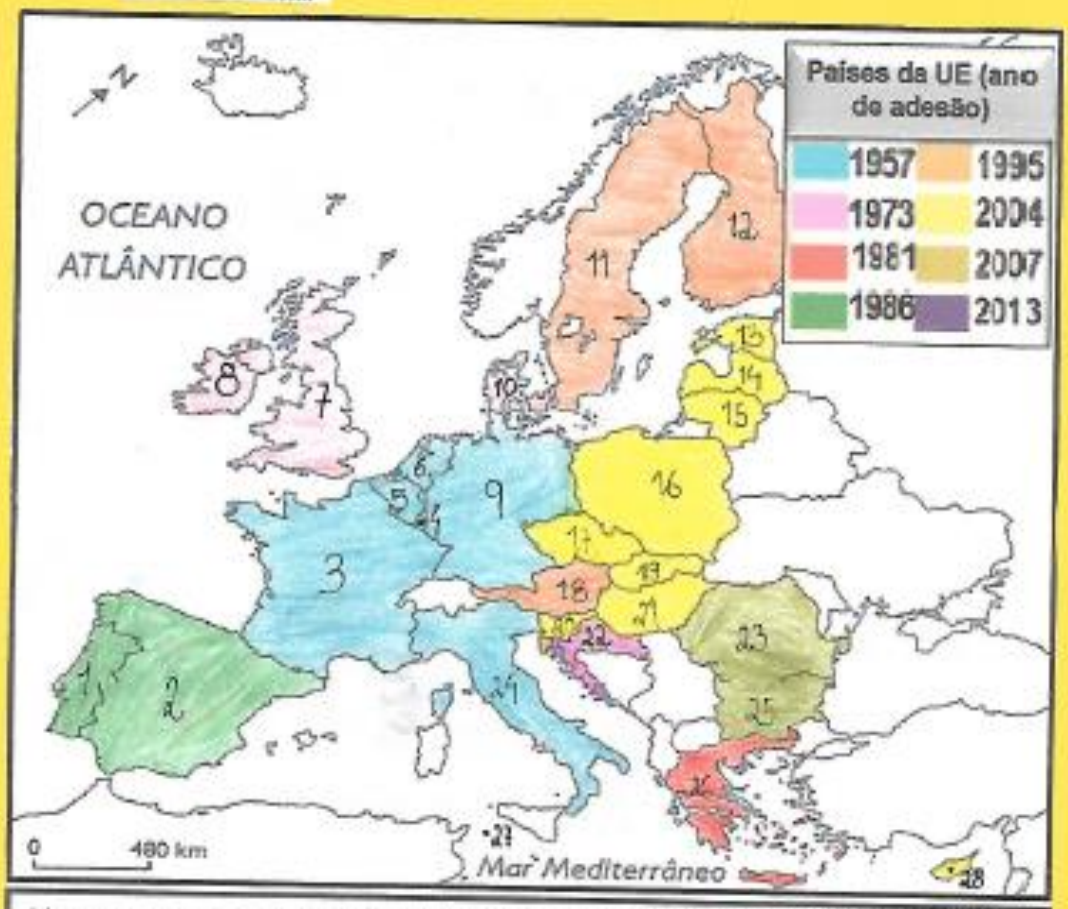
->Proporcionar um ambiente de paz;

->Promover o progresso económico social, no respeito pelo ambiente e pelos direitos humanos.

O alargamento da UE

Os sete membros fundadores da união europeia foram a França, Luxemburgo, Bélgica, Holanda, Alemanha, Malta e Itália em 1957.Os restantes países foram aderindo à UE e esses países são:

- 1973: Irlanda, Reino Unido e Dinamarca.
- 1981: Grécia.
- 1986: Portugal e Espanha.
- 1995: Áustria, Suécia e Finlândia.
- 2004: Eslovénia, Hungria, Eslováquia, República Checa, Chipre, Polónia, Lituânia, Letónia e Estónia.
- 2007: Roménia e Bulgária.
- 2013: Croácia.



Adaptado: Domingos, C. et al. (2008) A Terra: Estudos e Representações – Meio Natural, 7.º ano, Geografia Temas 1 e 2. Lisboa: Plátano Editora, pág. 35.

1.Porugal	8.Irlanda	15.Lituânia	22.Croácia
2.Espanha	9.Alemanha	16.Polónia	23.Roménia
3.França	10.Dinamarca	17.Rep.Checa	24.Itália
4.Luxemburgo	11.Suécia	18.Áustria	25.Bulgária
5.Bélgica	12.Finlândia	19.Eslováquia	26.Grécia
6.Holanda	13.Estónia	20.Eslovénia	27.Malta
7.Reino Unido	14.Letónia	21.Hungria	28.Chipre

Os alunos respondem corretamente à primeira questão de estudo. Contudo na segunda questão verificam-se alguns erros científicos. A União Europeia teve seis países fundadores e não 7. A Alemanha não foi um dos países fundadores, mas sim a República Federal da Alemanha. Além disso, Malta não foi um dos países fundadores da União Europeia, sendo que aderiu à União Europeia em 2004.

O trabalho foi classificado com Bom.

Grupo 4

Símbolos de identidade da União Europeia

Grupo 4º

Símbolos de identidade da União Europeia

Um dos principais símbolos da União Europeia é a sua bandeira, funciona também como um símbolo de unidade e identidade da Europa. A bandeira da UE é formada por 12 estrelas douradas organizadas em círculos sobre um fundo azul-escuro. Estas estrelas representam as ideias de solidariedade, unidade e harmonia entre os povos europeus. O número de estrela não simboliza o número de países da união europeia. O círculo onde as estrelas estão dispostas é um símbolo de unidade.

A bandeira da UE surgiu em 1955 através de uma organização que defende os direitos humanos, bem como a promoção da cultura europeia.

Em 1985 esta bandeira foi aceite por todos os dirigentes da UE, ficando assim como emblema oficial da UE. O dia da europa é comemorado a 9 de Maio, nessa data celebrasse a paz e a unidade europeia. Foi nesse dia, que em 1950 Robert Schuman Ministro dos Negócios Estrangeiros francês apresentou no seu discurso as ideias que estão na base da UE.

A melodia utilizada como hino europeu, é extraída da Nona Sinfonia de Beethoven, em 1823.

O lema da União Europeia é "Unida na diversidade", este lema tem como significado a maneira como o povo europeu se une e forma a União Europeia para trabalhar em conjunto pela paz e prosperidade não esquecendo a riqueza das várias culturas, tradições e línguas que caracterizam o nosso continente.

A moeda utilizada em 19 dos 28 países da UE é o Euro. Há uma grande vantagem na moeda única para as pessoas que viajam para o estrangeiro ou façam compras pela Internet.



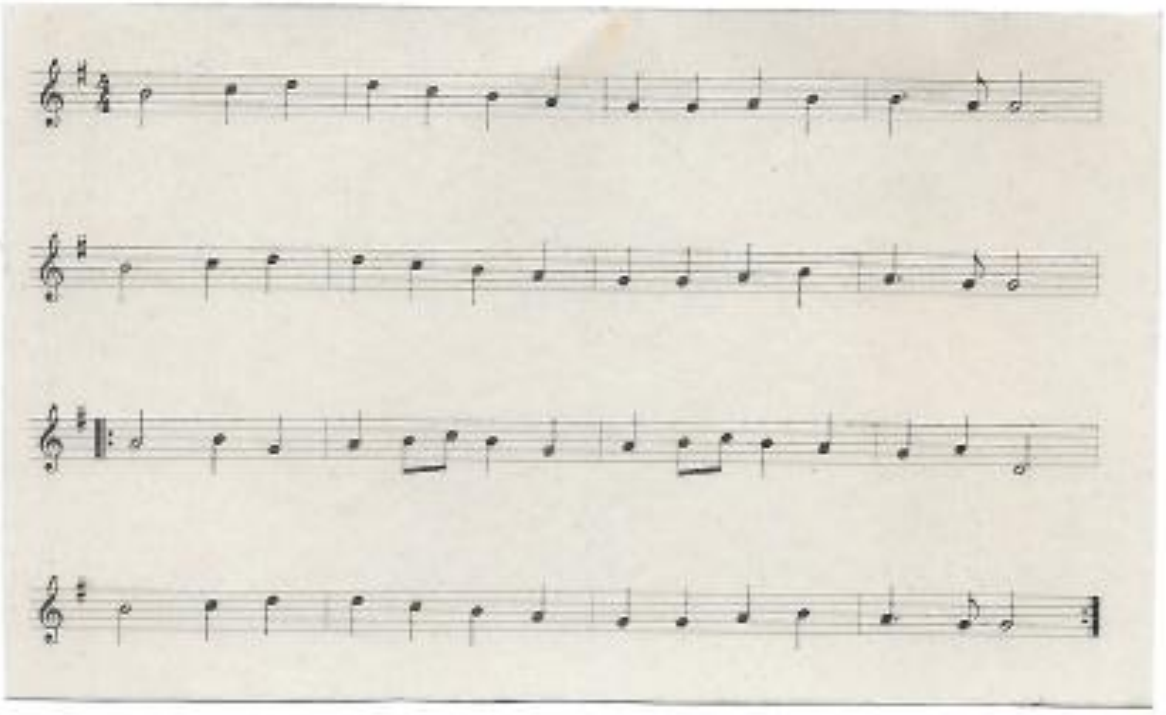
os alunos identificaram os vários símbolos de identidade da união Europeia. o trabalho está elaborado de uma forma criativa. Foi atribuida a classificação de Muito Bom ao trabalho.

Bandeira da União Europeia

O euro da União Europeia

Hino da União Europeia

(extrato da Nona Sinfonia de Beethoven)



Portugal na União Europeia

Portugal ra União Europeia

Portugal entrou para a União Eurcpeia em 1986,tem atualmente 21 deputados no parlamento Europeu. Os deputados participam regularmente nas reuniões do conselho da UE em função dos assuntos a discutir. O conselho da UE tem um presidente que não é permanente porque de 6 em 6 meses muda o representante da UE.

Os principais aspectos da participação de Portugal na UE são económicos,ambientais, de emprego e de educação,etc

Os principais aspectos práticos para Portugal aderir a UE são assegurar a defesa dos interesses e a precaução das políticas do país a nível da UE.

PORTUGAL NA UNIÃO EUROPEIA		
	Antes da integração na União europeia	**Depois da integração na União Europeia**
Moeda	Escudo	O euro
Capital	Lisboa	Lisboa
Bandeira	Bandeira portuguesa	Bandeira Portuguesa; Bandeira Europeia
Circulação de pessoas para outros países	Obrigatório a apresentação de passaporte	Bilhete de identidade
Recorrer à justiça	Supremo tribunal de justiça	Possibilidade de recorrer ao tribunal de justiça europeu
Possibilidade de votar e de ser eleito para os órgãos do poder local	Apenas no local de residência em Portugal	Eleições para o Parlamento Europeu
Onde é que eu podia estudar?	Só no país	Noutros países da UE através de intercâmbios de mobilidade estudantil (por ex. o programa ERASMUS)
Desenvolvimento socioeconómico de Portugal	Somente capital do Estado Português	Moeda unica

Os alunos não responderam à primeira questão de estudo. Na primeira questão perguntava-se quais os principais aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia e não os aspetos práticos para Portugal aderir.

No que diz respeito ao preenchimento do quadro, verificam-se algumas respostas erradas. Sendo que a possibilidade de votar e de ser eleito, para os orgãos do poder local, depois da integração de Portugal na UE, pode ser em qualquer país da União Europeia, desde que resida nesse país.

Além disso, no que respeita ao desenvolvimento socioeconómico de Portugal depois da integração na União Europeia, Portugal passou a poder contar com capital da União Europeia.

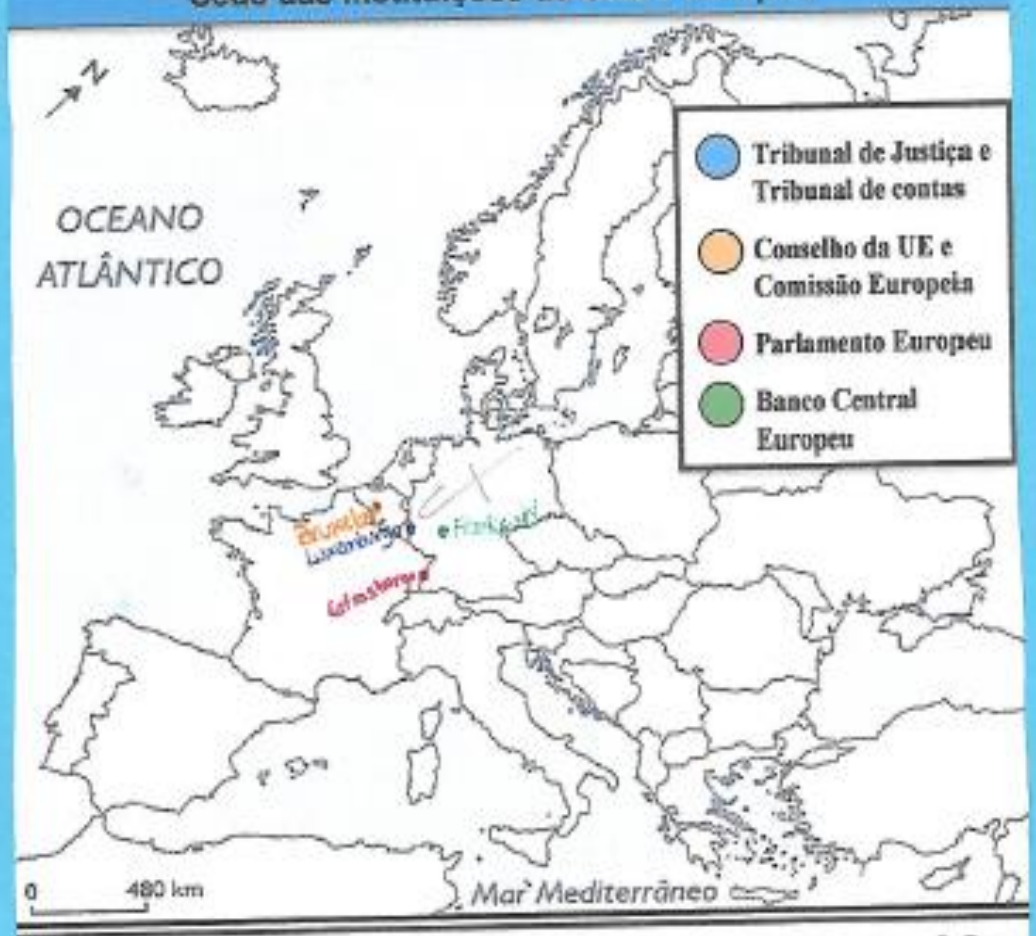
O trabalho foi classificado com suficiente.

A União Europeia

O nome do tratado em que estão consagrados os direitos dos cidadãos europeus é "Tratado de Lisboa" que foi feito em 2007 (sintetiza todos os tratados anteriores, reforçando os direitos de cidadania, a democracia e eficiência das instituições europeias). O nome da carta em que estão consagrados os direitos dos cidadãos europeus é " Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia" que foi feita em Nice, a 7/12/2000.

Os principais direitos do cidadão são: direito à liberdade de circulação e de residência na UE, sem descriminação; direito de eleger e ser eleito; direito de apresentar uma queixa ao provedor da justiça; direito de contactar as instituições e órgãos consultivos da UE na própria língua; direito a proteção da UE sem representação diplomática; direito de solicitar à comissão que proponha nova legislação.

Sede das Instituições da União Europeia



Adaptado: Domingos, C. et al. (2008) A Terra: Estudos e Representações – Meio Natural, 7.º ano, Geografia Temas 1 e 2. Lisboa: Plátano Editora, pág. 35.

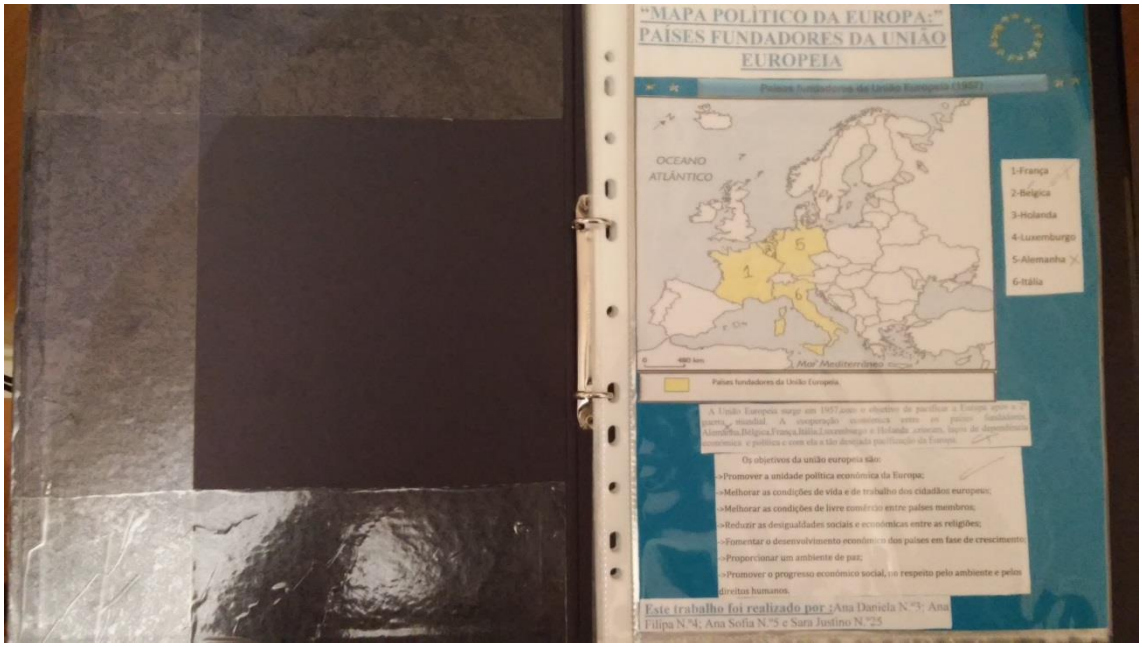
Os alunos responderam corretamente às duas questões de estudo colocadas. No que diz respeito à cartografia do mapa da sede das Instituições da União Europeia, faltou indicar os nomes dos países onde as sedes se localizam.

O trabalho foi classificado com Bom.

Anexo Nº 14: Capa do dossiê dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia


PASSPORT
50 EURO
50 EURO

Anexo Nº 15: Fotos do dossiê dos trabalhos de grupo acerca da União Europeia


"MAPA POLÍTICO DA EUROPA:"
PAÍSES FUNDADORES DA UNIÃO EUROPEIA
OCEANO ATLÂNTICO
Mar Mediterrâneo
1-França
2-Bélgica
3-Holanda
4-Luxemburgo
5-Alemanha
6-Itália
Países fundadores da União Europeia
Os objetivos da união europeia são:
->Promover a unidade política económica da Europa;
->Melhorar as condições de vida e de trabalho dos cidadãos europeus;
->Melhorar as condições de livre comércio entre países membros;
->Reduzir as desigualdades sociais e económicas entre as religiões;
->Fomentar o desenvolvimento económico dos países em fase de crescimento;
->Proporcionar um ambiente de paz;
->Promover o progresso económico social, no respeito pelo ambiente e pelos direitos humanos.
Este trabalho foi realizado por :Ana Daniela N.º3; Ana Filipa N.º4; Ana Sofia N.º5 e Sara Justino N.º25


A União Europeia
Professor: João Varandas
Trabalhos realizados pela turma 7

Anexo Nº 16: Ficha de Avaliação Sumativa

	Escola Básica 2,3 João Villaret **Ano letivo 2014-2015**	
	Ficha de Avaliação sumativa de Geografia- 7ºAno **Profº**_____	

Nome: _____Nº _____ Turma:_____ Data:_____/_____/_____

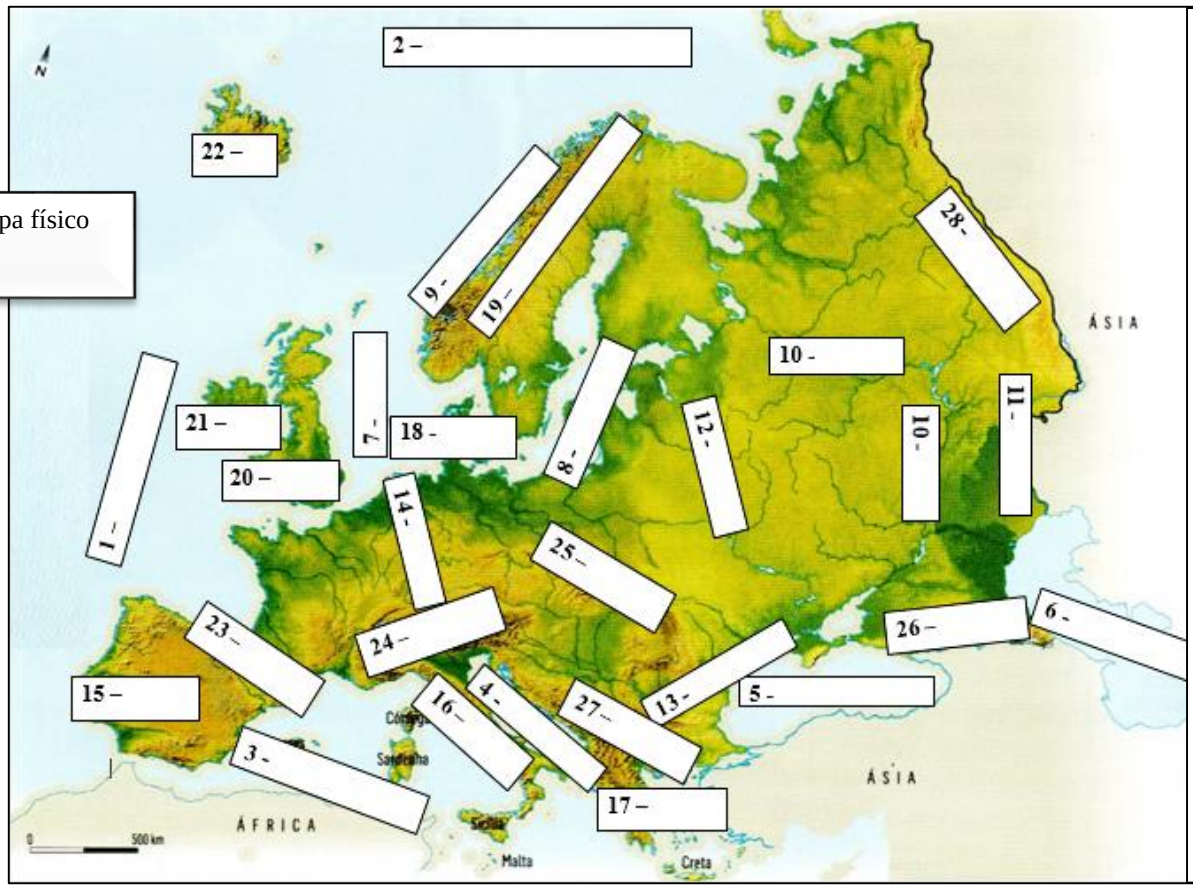
Classificação: _____ (_____%) Enc.de Educação: _____

1. Observa com atenção a figura nº 1.

1.1 - **<u>Localiza na figura 1 com o respetivo nome:</u>**

a) três cordilheiras montanhosas europeias.
b) três grandes rios da Europa.
c) três penínsulas da Europa.

Figura 1- Mapa físico da Europa

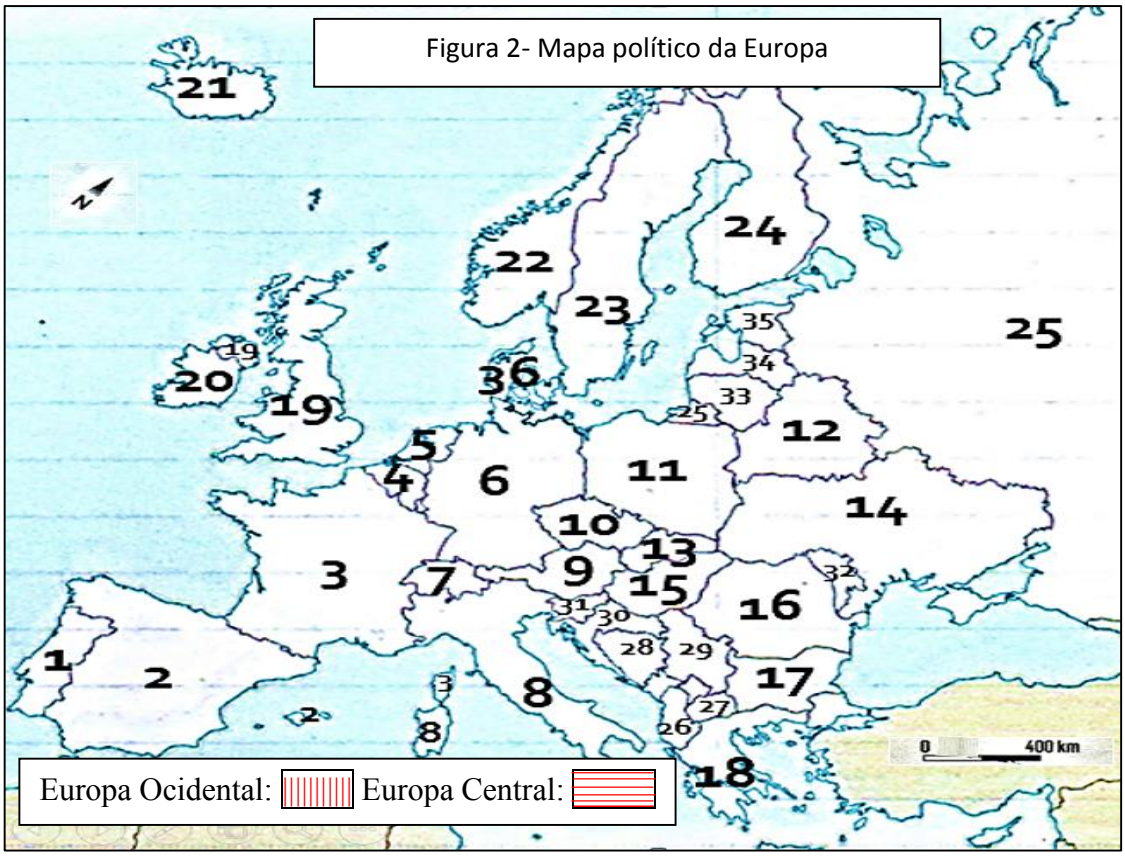


Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Mapa-Mundo: Geografia – 7.º Ano. Lisboa: Texto Editores, pág. 60

1.2- **Identifica** os limites naturais das regiões do continente europeu, **preenchendo** o seguinte quadro:

	Nome
Limites naturais do continente europeu:	• Europa do Norte:
	• Europa do Sul:
	• Leste da Europa:
	• Europa Ocidental:
	• Sudeste da Europa:

2. **Observa** com atenção a figura nº 2**.**



Adaptado: Rodrigues, A. (2014) Bloco do Geógrafo Mapa-Mundo. Lisboa: Texto Editores, pág. 13.

2.1- Com base na figura 2 **completa o quadro** seguinte:

País Europeu	**Capital**
3-	
6-	
18-	
22-	
25-	

3. **Assinala na figura 2, de acordo com a legenda,** os espaços geográficos da Europa:

a) Europa Ocidental;

b) Europa Central.

4. **Assinala com X** os cinco países que pertencem à União Europeia (UE):

a) França, Bélgica, Suíça, Rússia e Portugal;____
b) Espanha, Inglaterra, Noruega, Itália e Bulgária;____
c) Portugal, Espanha, França, Alemanha e Itália;____
d) Alemanha, Dinamarca, Moldávia, Ucrânia e Sérvia;____

5. *Um país para aderir à União Europeia tem de cumprir três condições.*
Completa as frases seguintes, referindo as condições para um país aderir à UE.

c) Ser uma _____estável;

d) Ter uma _____de mercado viável;

e) Adotar as regras, normas e _____ comuns da UE.

6. **Indica** os objetivos da União Europeia. Para isso, **deves ligar** as frases da Tabela A, às frases corretas na Tabela B, **colocando para isso a letra** que consideres correta no respetivo nº da tabela B.

Tabela A

A – Promover a unidade …

B – Melhorar as condições de …

C – Melhorar

as condições de livre comércio…

D – Reduzir as desigualdades…

E – Fomentar o desenvolvimento …

F – Proporcionar um ambiente de …

Tabela B

☐ **1 – … económico dos países em fase de crescimento;**
☐ **2 – … entre os países-membros;**
☐ **3 – … sociais e económicas entre as regiões;**
☐ **4 – … vida e de trabalho dos cidadãos europeus;**
☐ **5 – … política e económica da Europa;**
☐ **6 – … paz, harmonia e equilíbrio na Europa;**
☐ **7 – … paz, harmonia e equilíbrio na América;**
☐ **8 – … vida e de trabalho dos cidadãos portugueses;**

7. **Completa** as frases seguintes**, referindo** os aspetos práticos da adesão de Portugal à União Europeia.

1 - Utilização da moeda única o _____ nos países aderentes.

2 - Abolição de fronteiras entre os Estados-membros, permitindo a livre circulação de _____, bens, serviços e _____.

3 - Possibilidade de recorrer ao _____ de Justiça Europeu.

8. **Elabora um pequeno texto explicando o que significa para ti a UE**, colocando como título: " Para mim a UE significa…" e incluindo obrigatoriamente as seguintes palavras:
Estado membro ; Objetivos ; livre circulação ; fundadores ; alargamento

_____
_____
_____
_____

Anexo Nº 17: Documentos de autorização dos três alunos do estudo de caso

Loures, 15 de Dezembro de 2014

Assunto: Pedido de autorização

Ex mº(ª). Sr. º(ª),

No âmbito das aulas lecionadas pelo professor estagiário João Manuel de Sousa Varandas na disciplina de Geografia, no presente ano letivo, solicita-se a sua autorização para o que a sua educanda**, ……..,** possa responder a uma entrevista no âmbito do acompanhamento do desempenho escolar. Esta irá ser realizada na escola B. 2,3 João Villaret, no espaço da biblioteca escolar no dia 27/01/2015 às 14 horas e 25 minutos.

O professor estagiário compromete-se a garantir o anonimato das informações obtidas da aluna, não revelando quaisquer informações a terceiros.

Mais se informa que todos os documentos a utilizar (guião de entrevista) serão previamente supervisionados pela professora de Geografia da turma onde, no presente ano escolar se insere a sua educanda.

Para o efeito acima solicitado, selecione com um **X**, a sua opção:

☐ **Autorizo** a participação da minha educanda **……**, aluno nº_____ da turma B do 7ºB, nas atividades de acompanhamento do desempenho escolar na disciplina de Geografia, desenvolvidas pelo professor estagiário João Varandas.

O/A Encarregado/a de Educação, O prof. estagiário,

_____ _____

Data: _____/ _____ /_____ Data de receção: _____ / _____ /_____

☐ **Não Autorizo** a participação da minha educanda **……**, aluno nº_____ da turma B do 7ºB, nas atividades de acompanhamento do desempenho escolar na disciplina de Geografia, desenvolvidas pela professor estagiário João Varandas.

O/A Encarregado/a de Educação, O prof. estagiário,

_____ _____

Data: _____/ _____ /_____ Data de receção: _____ / _____ /_____

Eu, _____, Aluno nº_____ do 7º Ano, da turma B, participei numa entrevista no dia ____ /_____ / _____ na Escola Básica 2,3 João Villaret, no espaço da biblioteca escolar inseridos no âmbito do acompanhamento do desempenho escolar na disciplina de Geografia, desenvolvida pelo professor estagiário João Manuel de Sousa Varandas, e tendo tido para o efeito a autorização prévia do meu encarregado de educação no presente ano escolar.

O (A) aluno (a),

_____

Data: _____ / _____ / _____

Anexo Nº 18: Guiões das entrevistas com as respostas, realizadas aos três alunos do estudo de caso

Guião de entrevista realizado á aluna Maria (aluna com perfil de nível baixo)

1. Das aulas lecionadas, diz qual foi a aula que mais gostaste e porquê?

Gostei da aula do jogo. É uma forma diferente de aprender e é divertido.

2. O que é que gostaste mais de fazer ao longo de todas as aulas?

   Gostei de fazer as fichas, porque prefiro fazer fichas.

3. O que é que menos gostaste nas aulas que lecionei?

   Muitas pessoas estavam sempre a fazer barulho e estavam sempre perturbar, porque o setor não era da escola.

4. Achas que fui claro na explicação dos conteúdos e nas instruções para a realização dos exercícios? Justifica a tua resposta.

   Sim foi claro, porque explicou bem e porque percebi as coisas. A maneira de aprender foi boa e foi mais fácil de aprender e perceber os mapas.

5. Como sabes, nas minhas aulas levei os alunos a participarem em atividades, tais como irem ao quadro a definir conceitos, escreverem o sumário, distribuírem fichas de trabalho, etc… O que pensas sobre isso?

   Acho que foi uma boa ideia, porque é uma maneira de os alunos estarem atentos e de participarem nas aulas.

6. Em que atividades de aprendizagem sentiste mais dificuldade? Justifica a tua resposta.

   Nos conteúdos acerca da União Europeia. Porque não percebi muito bem. Gosto mais de escrever apontamentos e de ficar a par e nesta parte o setor não fez muitos apontamentos.

7. Gostaste de ter jogado o jogo "À Descoberta da Europa? Justifica a tua resposta.

   Sim. Porque foi divertido e é uma forma gira de aprender.

8. Gostaste do trabalho de grupo que realizaste acerca da Europa? Justifica a tua resposta.

Sim gostei, mas como não tive muito tempo para me reunir com as minhas colegas não conseguiu fazer o trabalho.

9. Gostaste dos slides em power point apresentados nas aulas que lecionei? Justifica a tua resposta.

Sim, porque explicam melhores as aulas e principalmente porque estávamos a falar de mapas, países e isso ajuda.

10. Achas que atingiste satisfatoriamente os objetivos de aprendizagem estipulados no início de cada aula? Porquê?

    Acho que sim. Percebi as coisas e a matéria.

11. Das aulas que eu lecionei, globalmente como as classificas: Negativas, pouco satisfatórias, satisfatórias, boas, muito boas.

    Muito boas.

Guião de entrevista realizado ao aluno Miguel (aluno com perfil de nível médio)

1. Das aulas lecionadas, diz qual foi a aula que mais gostaste e porquê?

   A da do Jogo, porque foi diferente. É uma coisa que não costumávamos fazer na aulas.

2. O que é que gostaste mais de fazer ao longo de todas as aulas?

   Ter jogado o jogo À Descoberta da Europa.

3. O que é que menos gostaste nas aulas que lecionei?

   A parte de dizer os objetivos da aula no início das aulas.

4. Achas que fui claro na explicação dos conteúdos e nas instruções para a realização dos exercícios? Justifica a tua resposta.

Sim, porque sou uma pessoa diferente, e expliquei bem os conteúdos.

5. Como sabes, nas minhas aulas levei os alunos a participarem em atividades, tais como irem ao quadro a definir conceitos, escreverem o sumário, distribuírem fichas de trabalho, etc… O que pensas sobre isso?

   Acho bem, que os alunos também tenham o seu papel na aula.

6. Em que atividades de aprendizagem sentiste mais dificuldade? Justifica a tua resposta.

   Nas capitais e países e na União Europa. Porque é um bocado difícil de entender ainda.

7. Gostaste de ter jogado o jogo "À Descoberta da Europa? Justifica a tua resposta.

   Gostei, por trabalhar em equipa e por ser uma espécie de competitividade entre as outras equipas.

8. Gostaste do trabalho de grupo que realizaste acerca da Europa? Justifica a tua resposta.

   Sim, porque todos contribuíram, todos ajudaram e o trabalho ficou bem feito.

9. Gostaste dos slides em power point apresentados nas aulas que lecionei? Justifica a tua resposta.

   Sim, gostei, estavam explícitos.

10. Achas que atingiste satisfatoriamente os objetivos de aprendizagem estipulados no início de cada aula?

Sim, porque na generalidade consegui aprender bem os conteúdos.

11. Das aulas que eu lecionei, globalmente como as classificas: Negativas, pouco satisfatórias, satisfatórias, boas, muito boas.

    Boas.

Guião de entrevista realizado ao aluno João (aluno com perfil de nível elevado)

1. Das aulas lecionadas, diz qual foi a aula que mais gostaste e porquê?

   Foi a aula do jogo, porque nos podíamos sentir mais à vontade e porque podíamos jogar e ao mesmo tempo aprender.

2. O que é que gostaste mais de fazer ao longo de todas as aulas?

   Descobrir coisas novas; aprender de uma forma diferente que a professora ensinava. Para ter mais formas de estudar.

3. O que é que menos gostaste nas aulas que lecionei?

   Não desgostei de nada.

4. Achas que fui claro na explicação dos conteúdos e nas instruções para a realização dos exercícios? Justifica a tua resposta.

   Sim, porque o setor metia powers points e sempre que os alunos tinham dúvidas o stor voltava a explicar.

5. Como sabes, nas minhas aulas levei os alunos a participarem em atividades, tais como irem ao quadro a definir conceitos, escreverem o sumário, distribuírem fichas de trabalho, etc… O que pensas sobre isso?

Acho que é bom, porque assim os alunos ficam com uma boa visão de como é o setor.

6. Em que atividades de aprendizagem sentiste mais dificuldade? Justifica a tua resposta.

   Na parte das capitais e países, porque tinha que localizar e muitas vezes enganava-me a por as capitais no sítio correto.

7. Gostaste de ter jogado o jogo "À Descoberta da Europa? Justifica a tua resposta.

Sim, porque podia-me divertir e não deixar de aprender da mesma maneira.

8. Gostaste do trabalho de grupo que realizaste acerca da Europa? Justifica a tua resposta.

Sim, porque podia estar com os amigos e discutir as opiniões.

9. Gostaste dos slides em power point apresentados nas aulas que lecionei? Justifica a tua resposta.

   Sim, porque porque normalmente gosto mais que os professores apresentem power points do que escrever no quadro.

10. Achas que atingiste satisfatoriamente os objetivos de aprendizagem estipulados no início de cada aula?

Acho que sim.

11. Das aulas que eu lecionei, globalmente como as classificas: Negativas, pouco satisfatórias, satisfatórias, boas, muito boas.

Muito boas.

Anexo Nº 19: Grelha de observação das apresentações dos trabalhos de grupo da aula nº9

	2º Período Aula nº: 9 Data:16/01/2015	7º Ano Turma: B Tempo: 90’	Grelha de registo de avaliação das apresentações dos trabalhos de grupo sobre a União Europeia	Professor estagiário: João Varandas Professora cooperante: Iracema Andrade

Critérios de Avaliação[i]

Grupos de Trabalho / Alunos			Temas de Trabalho:	Domínio cognitivo				Atitudes e valores		Classificação
				Cumprimento dos objetivos do trabalho	Rigor no uso dos conceitos geográficos	Clareza na exposição	Adequação do trabalho ao tema	Cumprimento das regras em sala de aula	Materiais	
Grupo nº1			A União Europeia	**MB**	**B**	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**
Grupo nº2			Os alargamentos da União Europeia	**B**	**B**	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**
Grupo nº3			O Euro: Países aderentes	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**
Grupo nº4			Símbolos de identidade da União Europeia	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**	**MB**

Grupo nº5			Portugal na União Europeia	S	MB	B	S	I	S	S
Grupo nº6			A Cidadania Europeia	B	MB	S	MB	MB	S	B

Legenda:

0 – Não executou o trabalho
I – Insuficiente
S – Suficiente
B – Bom
MB – Muito Bom
Não observado (Só se aplica aos parâmetros do domínio afetivo, no que respeita às atitudes e valores)

Anexo Nº 20: Grelha de avaliação dos trabalhos de grupo apresentados na aula nº 9

	2º Período 7º Ano Turma: B	Grelha de avaliação dos trabalhos de grupo	Professor estagiário: João Varandas Professora cooperante: Iracema Andrade	

Critérios de Avaliação

Grupos de Trabalho / Alunos			Temas de Trabalho:	Expressão Escrita						Atitudes e valores	Classificação Final
				Cumprimento dos objetivos do trabalho	Rigor na utilização dos conteúdos e dos conceitos	Adequação do trabalho ao tema	Qualidade do trabalho	Organização e apresentação do trabalho[ii]	Classificação	Cumprimento das tarefas nas datas propostas[iii]	
Grupo nº1			A União Europeia	MB	MB	MB	B	B	MB	MB	MB
Grupo nº2			Os alargamentos da União Europeia	B	MB	MB	S	S	B	MB	B
Grupo nº3			O Euro: Países aderentes	0	0	0	0	0	0	0	0
Grupo nº4			Símbolos de identidade da União Europeia	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB

Grupo nº5			Portugal na União Europeia	**S**	**MB**	**S**	**S**	**S**	**S**	**MB**	**S**
Grupo nº6			A Cidadania Europeia	**B**	**MB**	**MB**	**S**	**S**	**B**	**MB**	**B**

Legenda:

0 – Não executou o trabalho
I – Insuficiente
S – Suficiente
B – Bom
MB – Muito Bom
Não observado (Só se aplica aos parâmetros do domínio afetivo, no que respeita às atitudes e valores)

Anexo Nº 21: Grelha de correção da ficha de avaliação sumativa de Geografia

Grelha de correção da ficha de avaliação sumativa de Geografia

7º Ano
Turma:B
Professora cooperante: Iracema Andrade
Data de Realização: 26-01-2015
Professor estagiário: João Varandas

Questões / Alunos		Cotações									Total	Classificação final	
		1		2	3	4	5	6	7	8		Menção Quantitativa	Menção qualitativa (*)
		1.1.	1.2.	2.1.									
Nº	Nome	18%	11%	10%	10%	4%	9%	12%	6%	20%	100%		
		12	6	10	9,2	4	6	6	6	18	77,2	4	Bom
		18	8	10	6,5	4	9	6	6	17	84,5	4	Bom
		14	4	10	9	4	9	12	4	12	78	4	Bom
		12	1	10	6,5	4	9	12	6	18	78,5	4	Bom
		18	0	10	10	4	9	8	6	15	80	4	Bom
		14	3,5	10	0	0	3	8	6	16	60,5	3	Suficiente
		16	7	10	4,5	4	3	2	5	12	63,5	3	Suficiente
		18	2,5	10	0	4	0	6	4	10	54,5	3	Suficiente
		16	2,5	10	6,5	4	9	12	6	17	83	4	Bom
		16	9,5	10	7,5	4	6	8	6	19	86	4	Bom
		14	3	10	9	4	9	12	4	0	65	3	Suficiente

		16	8	10	8	4	9	8	6	15	84	4	Bom
		4	6	10	4,5	0	3	2	4	5	38,5	2	Insuficiente
		//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////////	//////////////////////	////////////////////////////
		//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////	//////////////////	//////////////////////	////////////////////////////
		12	11	10	6,5	4	0	6	6	7	62,5	3	Suficiente
		14	8,5	10	6,5	4	9	6	6	19	83	4	Bom
		10	8,5	9	8,5	4	9	10	5	17	81	4	Bom
		18	10	10	9	4	9	8	4	19	91	5	Muito Bom
		18	8	10	6,5	4	6	10	5	17	84,5	4	Bom
		14	11	10	9,5	4	9	8	6	19	90,5	5	Muito Bom
		18	5	10	2,5	4	0	8	5	0	52,5	3	Suficiente
		16	8,5	10	9	4	9	8	6	17	87,5	4	Bom
		16	6	10	4,5	4	3	4	4	0	51,5	3	Suficiente
		16	8	10	7	4	6	12	4	18	85	4	Bom
		14	7	10	6,5	4	0	6	6	8	61,5	3	Suficiente
		16	6	10	4,1	4	0	6	5	10	61,1	3	Suficiente

Anexo Nº 22: Grelha de observação do jogo intitulado “À descoberta da Europa” das aulas nº 4, 5 e 6

		2º Período Aulas nº: 5 e 6 Data:05/01/2015	7º Ano Turma: B Tempo: 90’	Grelha de observação do jogo intitulado “À Descoberta da Europa”		Professor estagiário: João Varandas Professora cooperante: Iracema Andrade Professor coordenador de IPP3: Drº Sérgio Claudino (*)				
		Critérios de Avaliação[iv]								
Grupos de Trabalho / **Alunos**		**Domínio cognitivo**				**Atitudes e valores**			**Classificação Final do Jogo**
		Realização da ficha Formativa individual[v]	Rigor no uso dos conceitos geográficos	Expressão Oral[vi]	Conhecimentos e capacidades demonstrados	Empenho/interesse[vii]	Cumprimento das regras em sala de aula	Cooperação com os colegas[viii]	
Grupo nº1		R	B	MB	B	MB	MB	MB	B
		R				MB	MB	MB	
		R				MB	MB	MB	
		R				MB	MB	MB	
Grupo nº2		R	B	MB	S	MB	MB	MB	B
		R				MB	MB	MB	
		R				MB	MB	MB	
		R				MB	MB	MB	
Grupo nº3		R	MB	MB	MB	I	I	S	MB
		R				MB	MB	MB	
		R				MB	MB	MB	
		R				MB	MB	MB	
Grupo nº4		R				S	S	S	
		R				B	B	B	

			R	B	MB	S	MB	MB	MB	B
			R				MB	MB	MB	
			R				S	S	S	
Grupo nº5			R	B	B	S	MB	MB	MB	B
			R				B	B	B	
			R				B	B	B	
			R				MB	MB	MB	
Grupo nº6			R	MB	S	MB	MB	MB	MB	MB
			R				MB	MB	MB	
			R				MB	MB	MB	
			R				MB	MB	MB	

(*) Aula observada pelo professor coordenador de IPP3.

Legenda:

R – Realizou
0 – Não executou o trabalho
I – Insuficiente
S – Suficiente
B – Bom
MB – Muito Bom
Não observado (Só se aplica aos parâmetros do domínio afetivo, no que respeita às atitudes e valores)
Porta-voz de grupo

Anexo Nº 23: Grelha de registo dos T.P.C.(S)

		1º e 2º Período 7º Ano Turma: B			Grelha de registo dos T. P. C. (S)			Professor estagiário: João Varandas Professora cooperante: Iracema Andrade						
Nº de Aluno	Nome dos alunos	T.P.C. de dia 05-12-2014[1]						T.P.C. de dia 12-12-2014[2]			T.P.C. de dia 12-01-2015[3]			Nº Total de T.P.C.
		Ficha Países e Capitais			Ficha Microestados									
		Realizou	Realizou parcialmente	Não realizou	Realizou	Realizou parcialmente	Não realizou	Realizou	Realizou parcialmente	Não realizou	Realizou	Realizou parcialmente	Não realizou	
		X					X		X		X			3
				X			X	X			X			2
				X			X	X			X			2
		X			X					X	X			2
			X		X				X		X			3
		X			X					X			X	1
				X			X			X	X			1
		X			X					X			X	1
		X			X					X	X			2
				X			X		X		X			2
		X			X			X			X			**3**
				X	X				X		X			3
			X				X	X			X			3

		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		X			X			X			X			3
				X			X			X	X			1
		X					X	X			X			3
		X			X			X					X	2
		X					X	X			X			3
		X			X			X			X			3
				X			X			X	X			1
		X			X			X					X	2
			X				X			X	X			2
		X			X			X			X			3
		X				X		X			X			3
				X			X			X	X			1

Legenda:

X	Realizou
	Não Realizou
---	Sem informação

[1] Foi marcado como trabalho prático de casa as fichas formativas individuais: Países e Capitais da Europa; Microestados da Europa.
[2] Foi marcado como trabalho prático de casa uma ficha formativa individual que abrange conteúdos sobre os elementos do mapa físico da Europa; Países e Capitais da Europa. Microestados da Europa.
[3] Foi marcado como trabalho prático de casa, a elaboração de trabalhos em grupo, sobre a União Europeia.
[4] Os T.P.C. (s) realizados parcialmente, são incluídos no número total de T.P.C. (s) realizados.

Anexo nº 24: Matriz de correção da ficha de avaliação sumativa de Geografia

OBJETO DE AVALIAÇÃO:

- A ficha de avaliação sumativa tem por referência o programa de Geografia em vigor, para o 3ºciclo da escolaridade obrigatória.

- Esta ficha de avaliação sumativa é um elemento de avaliação incluída na modalidade de avaliação sumativa e vai ao encontro das diferentes planificações (anual, médio prazo, curto prazo).

DURAÇÃO DA FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA: O tempo de execução é de 45 minutos.

CARATERIZAÇÃO DA PROVA:

A prova apresenta 1 grupo de itens, num total de 9 questões.

Neste grupo de questões avalia-se as aprendizagens do Domínio – A Terra: Estudos e Representações TER7.

A classificação da prova é expressa numa escala de 0-100%.

A distribuição das cotações é feita por 9 questões de acordo com os critérios gerais e específicos de classificação. A ficha de avaliação sumativa é constituída por itens de resposta fechada e por um item de resposta extensa.

ESTRUTURA DA FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA:

A estrutura da ficha de avaliação sumativa, sintetiza-se no seguinte quadro de valorização de domínio, subdomínio, objetivos gerais e cotações:

Domínio: A Terra: Estudos e Representações TER7			
Subdomínio: A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre			
OBJETIVOS GERAIS	**Questões**	**Ponderação da cotação segundo os critérios de avaliação**	**Cotação Total**
Conhecer especificidades físicas e humanas dos diferentes continentes (do continente europeu).	1.1	- Localiza uma cordilheira montanhosa europeia..... 2%	18%
		- Localiza duas cordilheiras montanhosas europeias.....4%	
		- Localiza três cordilheiras montanhosas europeias.....6%	
		- Localiza um grande rio da Europa.....2%	
		- Localiza dois grandes rios da Europa.....4%	
		- Localiza três grandes rios da Europa.....6%	
		- Localiza uma península da Europa.....2%	
		- Localiza uma península da Europa.....4%	
		- Localiza uma península da Europa.....6%	
	1.2	- Identifica os limites naturais da Europa do Norte.....2%	
		- Identifica os limites naturais da Europa do Sul 2%	

		- Identifica dois limites naturais do Leste da Europa 2%	11%
		- Identifica um limite natural do Leste da Europa 1%	
		- Identifica os limites naturais da Europa Ocidental.....2%	
		- Identifica os limites naturais do Sudeste da Europa.....3%	
		- Identifica dois limites naturais do Sudeste da Europa.....2%	
		- Identifica um limite natural do Sudeste da Europa.....1%	
		- Identifica dois limites e apenas lhe é pedido para identificar um limite, é descontado.....0,5%	
		- Identifica três limites e apenas lhe é pedido para identificar dois limites, é descontado..0,5%	
		- Identifica quatro limites e apenas lhe é pedido para identificar três limites, é descontado 0,5%	
		- Identifica três limites e apenas lhe é pedido para identificar um limite, é descontado.....1%	
		- Identifica quatro limites e apenas lhe é pedido para identificar um limite, a resposta é classificada com cotação zero.	
	2.1	- Identifica cinco países.....5%	10%
		- Identifica cinco capitais.....5%	
		- Identifica um país 1%	
		- Identifica uma capital.....1%	
		- Identifica um país e uma capital.....2%	
	3.	- Assinala o espaço Geográfico da Europa Ocidental e Central.....10%	10%
		- Assinala o espaço Geográfico da Europa Ocidental.....5%	
		- Assinala o espaço Geográfico da Europa Central.....5%	
		- Assinala apenas 75% da área de um espaço Geográfico.....3,7%	
		- Assinala apenas 50% da área de um espaço Geográfico.....2,5%	
		- Assinala apenas 25% da área de um espaço Geográfico.....1,25%	

		- O valor da cotação atribuído à resposta depende, da área do espaço geográfico, que for assinalada na figura.	
Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia.	4.	- Assinala com X a hipótese mais correta.....4%	4%
		- Assinala com X outras hipóteses que não sejam a mais correta.....0%	
	5.	- Completa as três frases.....9%	9%
		- Completa as duas frases.....6%	
		- Completa uma frase.....3%	
	6.	- Liga todas as frases da Tabela A à Tabela B corretamente.....12%	12%
		- Liga cinco frases da Tabela A à Tabela B corretamente.....10%	
		- Liga quatro frases da Tabela A à Tabela B corretamente.....8%	
		- Liga três frases da Tabela A à Tabela B corretamente.....6%	
		- Liga duas frases da Tabela A à Tabela B corretamente.....4%	
		- Liga uma frases da Tabela A à Tabela B corretamente.....2%	
	7.	- Completa três frases.....6%	6%
		- Completa duas frases 4%	
		- Completa uma frase 2%	
		- Preenche apenas um único espaço em branco.....1%	

	8.	- Elabora um texto coerente utilizando todas as palavras chave e fazendo uso de vocabulário geográfico correto 20%	20%
		- Elabora um texto coerente utilizando quatro palavras chave e fazendo uso de vocabulário geográfico correto 16%	
		- Elabora um texto coerente utilizando três palavras chave e fazendo uso de vocabulário geográfico correto 12%	
		- Elabora um texto coerente utilizando duas palavras chave e fazendo uso de vocabulário geográfico correto 8%	
		- Elabora um texto coerente utilizando uma palavra chave e fazendo uso de vocabulário geográfico correto 4%	
		- É descontado 2%, pelo uso incorreto da língua portuguesa e dos conceitos geográficos.	
		Total:	**100%**

CRITÉRIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO:

-Todas as questões são de resposta obrigatória.

- Todas as respostas devem estar devidamente identificadas.

-Todas as questões deverão ser respondidas na folha da ficha de avaliação sumativa.

-A ausência de resposta terá cotação zero.

- As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com cotação zero.

- Palavras ou comentários descontextualizados serão fator de eliminação da prova.

- Só serão aceites respostas escritas a esferográfica (preta ou azul), ficando excluída a utilização de corretor e lápis.

- A classificação a atribuir a cada resposta resulta da aplicação dos critérios gerais e dos critérios específicos de classificação apresentados para cada item e é expressa por um valor percentual.

- Um engano, sempre que se verifique, deverá ser riscado e corrigido de modo bem visível.

-As respostas têm de fazer uso correto do vocabulário específico da disciplina de Geografia.

Anexo Nº 25: Matriz de objetivos Conteúdos

Matriz de objetivos/conteúdos da Ficha de avaliação sumativa

Domínio: A Terra: Estudos e Representações TER
Subdomínio: A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre

		Cotação:			
Questões	**Objetivos / Conteúdos**	**Conhecimentos**			**Total (%)**
		Aquisição	**Compreensão**	**Utilização expressão/ Aplicação**	**100%**
1.1	Localizar cordilheiras, rios e penínsulas.	18%	-	-	18%
1.2	Identificar limites naturais no continente europeu.	11%	-	-	11%
2.1	Identificar países e capitais.	10%	-	-	10%
3	Assinalar no mapa os espaços geográficos.	10%	-	-	10%
4	Questão de escolha múltipla.	4%	-	-	4%
5	Completar lacunas.	9%	-	-	9%
6	Questão de associação-correspondência.	12%	-	-	12%
7	Completar lacunas.	6%	-	-	6%
8	Elaborar um texto sobre a União Europeia.	-	5%	15%	20%
Total:		**85%**		**15%**	**100%**

Anexo Nº 26: Grelhas de registo de observação das aulas

Grelha de registo de observação da aula de Geografia

7º ano Turma: B
1º Período Tempo: 90'
Varandas
Aulas nº: 1 e 2 Data: 01/12/2014
Andrade

Professor estagiário: João

Professora cooperante: Iracema

Critérios de Avaliação[ix]

Domínio cognitivo: Desenvolvimento de conhecimentos desenvolvimento de capacidades																	Domínio sócio-afetivo: atitudes e valores													
																	Parâmetros													
Aluno		Conhecimentos e capacidades demonstrados			Ficha Formativa individual[x]			Ficha Formativa individual[xi]			Ficha Formativa individual[xii]			Expressão Oral[xiii]			Assiduidade		Pontualidade		Comportamento (regras de sala de aula)			Empenho/interesse[xiv]			Participação Oral			Observações
Nº	Nome	Bom	Médio	Fraco	Realizou	Realizou	Não	Realizou	Realizou	Não realizou	Realizou	Realizou parcialm	Não	Boa	Média	Fraca	Esteve	Faltou	Foi pontual	Não foi	Cumpriu as regras	Cumpriu algumas	Cumpriu pouco	Revelou empenho	Revelou	Não revelou	Participo	Participo u só	Não participo	
			X		X					X			X	X			X		X		X			X			X			
			X		X					X			X	X			X		X		X			X				X		
		X			X					X			X		X		X		X		X			X			X			
		X			X					X			X		X		X		X		X			X			X			
			X		X					X			X		X		X		X		X					X		X		
		X			X					X			X		X		X		X		X			X			X			
			X		X					X			X		X		X		X		X			X				X		
			X		X					X			X		X		X		X		X			X			X			
			X		X					X			X		X		X		X		X			X				X		
		X			X					X			X		X		X		X		X			X				X		
		X			X					X			X	X			X		X		X			X			X			
		X			X					X			X		X		X		X		X			X				X		

			x		x					x			x		x		x		x		x			x			x			
			x		x					x			x		x		x		x		x			x			x			
			x		x					x			x	x			x		x		x			x				x		
		x			x					x			x	x			x		x		x			x			x			
		x			x					x			x	x			x		x		x			x			x			
			x		x					x			x	x			x		x		x			x			x			
		x			x					x			x	x			x		x		x			x				x		
			x		x					x			x		x		x		x		x			x			x			
		x			x					x			x	x			x		x		x			x			x			
		x			x					x			x	x	x		x		x		x			x			x			
			x		x					x			x		x		x		x		x			x				x		
			x		x					x			x		x		x		x		x			x				x		
			x		x					x			x		x		x		x		x			x			x			

Legenda:

X	Observado
	Não observado
---	Sem informação

Grelha de registo de observação da aula de Geografia

7º ano Turma: B
1º Período Tempo: 45'
Varandas
Aula nº: 3 Data: 05/12/2014
Andrade

Professor estagiário: João

Professora cooperante: Iracema

Critérios de Avaliação[xv]

Domínio cognitivo: Desenvolvimento de conhecimentos desenvolvimento de capacidades														Domínio sócio-afetivo: atitudes e valores													
														Parâmetros													
Aluno		Conhecimentos e capacidades demonstrados			Ficha Formativa individual[xvi]			Ficha Formativa individual[xvii]			Expressão Oral[xviii]			Assiduidade		Pontualidade		Comportamento (regras de sala de aula)			Empenho/interesse[xix]			Participação Oral			Observações
Nº	Nome	Bom	Médio	Fraco	Realizou	Realizou parcialmente	Não	Realizou	Realizou parcialmente	Não	Boa	Média	Fraca	Esteve presente	Faltou	Foi pontual	Não foi pontual	Cumpriu as regras	Cumpriu algumas	Cumpriu pouco	Revelou empenho	Revelou algum empenho	Não revelou	Participou com	Participou só	Não	
			X		X			X			X			X		X		X			X			X			
			X		X			X			X			X			X	X				X			X		
			X		X			X				X		X		X		X			X			X			
		X			X			X				X		X		X			X		X			X			
			X		X			X			X			X		X		X					X		X		
		X			X			X				X		X		X		X			X			X			
			X		X			X				X		X			X	X			X				X		
		X			X			X			X			X		X		X			X			X			
			X		X			X				X		X		X		X			X			X			
		X			X			X			X			X		X		X				X			X		
			X		X			X			X			X		X		X			X			X			
		X			X			X				X		X		X		X			X				X		
			X		X			X				X		X		X			X		X			X			
			X		X			X			X			X		X		X			X			X			
			X		X			X			X			X		X		X			X				X		

		x			x			x				x		x		x		x			x			x			
		x			x			x				x		x		x		x			x			x			
			x		x			x			x			x		x		x			x			x			
		x			x			x				x		x		x		x			x				x		
			x		x			x				x		x			x	x			x			x			
		x			x			x			x			x		x		x			x			x			
		x			x			x			x			x		x			x		x			x			
			x		x			x				x		x		x		x				x			x		
			x		x			x			x			x		x		x			x				x		
			x		x			x				x		x		x		x			x			x			

Legenda:

X	Observado
	Não observado
---	Sem informação

Grelha de registo de observação da aula de Geografia

7º ano Turma: B
1º Período Tempo: 45'
Varandas
Aula nº: 4 Data: 12/01/2015
Andrade

Professor estagiário: João

Professora cooperante: Iracema

Critérios de Avaliação[xx]

Domínio cognitivo: Desenvolvimento de conhecimentos desenvolvimento de capacidades											Domínio sócio-afetivo: atitudes e valores																
											Parâmetros																
Aluno		Conhecimentos e capacidades demonstrados			Ficha Formativa individual[xxi]			Expressão Oral[xxii]			Trabalho Prático de casa (T.P.C.) [xxiii]			Assiduidade		Pontualidade		Comportamento (regras de sala de aula)			Empenho/interesse[xxiv]			Participação Oral			Observações
Nº	Nome	Bom	Médio	Fraco	Realizou	Realizou parcialm	Não	Boa	Média	Fraca	Realizou	Realizou	Não	Esteve presente	Faltou	Foi pontual	Não foi pontual	Cumpriu as regras	Cumpriu algumas	Cumpriu pouco	Revelou empenho	Revelou algum empenho	Não revelou	Participou com	Participou só	Não	
		X			X			X			X			X		X		X			X			X			
			X		X			X			X			X		X		X			X				X		
		X			X				X		X		X				X	X			X			X			
		X			X				X		X			X			X	X			X			X			
			X		X			X			X			X		X				X	X				X		
			X		X				X		X			X		X		X			X			X			
			X		X				X		X			X		X		X			X				X		
			X		X				X				X		X	X		X			X			X			
			X		X			X					X	X		X		X				X		X			
			X		X				X				X	X		X		X							X		
		X			X				X		X			X		X		X			X				X		
			X		X			X			X			X		X		X			X			X			
		X			X				X				X	X			X	X					X		X		
			X		X				X		X			X		X		X			X			X			
			X		X				X		X			X		X			X		X			X			
			X		X			X			X			X		X		X			X				X		

		x			x			x			x			x		x		x			x			x			
		x			x			x			x				x	x		x				x		x			
		x			x			x					x		x	x		x			x			x			
		x			x			x			x			x		x		x			x				x		
			x		x				x		x			x		x		x			x			x			
		x			x			x			x			x		x				x	x			x			
		x			x			x	x		x			x			x	x			x			x			
			x		x				x		x			x		x		x					x		x		
			x		x			x					x	x		x		x			x				x		
		x			x				x		x			x			x	x			x			x			

Legenda:

x	Observado
	Não observado
---	Sem informação

Grelha de registo de observação da aula de Geografia

7º ano Turma: B
2º Período Tempo: 90'
Varandas
Aula nº: 5 e 6 Data: 05/01/2015
Andrade

Professor estagiário: João

Professora cooperante: Iracema

Critérios de Avaliação[xxv]

Domínio cognitivo: Desenvolvimento de conhecimentos desenvolvimento de capacidades														Domínio sócio-afetivo: atitudes e valores												
														Parâmetros												
Aluno		Conhecimentos e capacidades demonstrados			Ficha Formativa individual[xxvi]			Expressão Oral[xxvii]			Trabalho Prático de casa (T.P.C.)[xxviii]			Assiduidade		Pontualidade		Comportamento (regras de sala de aula)			Empenho/interesse[xxix]			Participação Oral			Observações
Nº	Nome	Bom	Médio	Fraco	Realizou	Realizou parcialm	Não	Boa	Média	Fraca	Realizou	Realizou	Não	Esteve presente	Faltou	Foi pontual	Não foi pontual	Cumpriu as regras	Cumpriu algumas	Cumpriu pouco	Revelou empenho	Revelou algum empenho	Não revelou	Participou com	Participou só	Não	
			X				X		X			X		X		X		X				X		X			
			X			X			X			X		X		X		X					X		X		
			X			X			X			X		X		X			X			X		X			
			X				X		X			X			X	X		X				X		X			
			X			X			X			X		X		X		X					X		X		
			X				X		X			X		X		X		X				X		X			
			X				X		X			X		X		X		X					X		X		
			X			X			X			X		X		X		X				X		X			
			X			X			X			X		X		X		X				X		X			
			X			X				X		X			X	X		X					X	X			
			X			X			X			X		X		X		X				X				X	
			X				X		X			X		X			X	X						X			
			X			X				X		X		X		X		X				X		X			
			X			X				X		X		X		X		X				X		X			
		X			X				X		X			X		X		X			X			X			

		x			x			x			x			x		x		x			x			x			
		x			x				x		x			x		x			x		x			x			
			x		x			x			x			x		x		x			x			x			
		x			x				x		x			x		x		x			x				x		
		x			x			x			x			x		x		x			x				x		
			x		x				x		x			x		x			x		x			x			
			x		x				x		x			x		x		x			x			x			
			x		x				x		x			x		x		x			x			x			
					x				x		x			x		x		x			x				x		
			x		x			x			x			x		x			x		x			x			

Legenda:

X	Observado
	Não observado
---	Sem informação

Grelha de registo de observação da aula de Geografia

7º ano Turma: B
2º Período Tempo: 90'
Varandas
Aulas nº: 7 e 8 Data: 12/01/2015
Andrade

Professor estagiário: João

Professora cooperante: Iracema

Critérios de Avaliação[xxx]

Domínio cognitivo: Desenvolvimento de conhecimentos desenvolvimento de capacidades														Domínio sócio-afetivo: atitudes e valores													
														Parâmetros													
Aluno		Conhecimentos e capacidades demonstrados			Atividade nº7, do bloco do geografo[xxxi]			Ficha Formativa individual[xxxii]			Expressão Oral[xxxiii]			Assiduidade		Pontualidade		Comportamento (regras de sala de aula)			Empenho/interesse[xxxiv]			Participação Oral			Observações
Nº	Nome	Bom	Médio	Fraco	Realizou	Realizou parcialm	Não	Realizou	Realizou parcialm	Não	Boa	Média	Fraca	Esteve presente	Faltou	Foi pontual	Não foi pontual	Cumpriu as regras	Cumpriu algumas	Cumpriu pouco	Revelou empenho	Revelou algum empenho	Não revelou	Participou com	Participou só	Não	
			X		X			X			X			X			X	X			X				X		
			X		X			X			X			X		X					X					X	
		X			X			X				X		X		X		X	X		X				X		
		X			X			X				X			X	X		X			X				X		
		X			X			X			X			X		X		X				X		X			
			X		X			X				X		X		X				X	X				X		
			X		X			X				X		X		X		X			X					X	
			X		X			X			X			X		X		X			X				X		
		X			X			X				X				X		X			X			X			
		X			X			X			X			X		X		X					X			X	
		X			X			X				X		X		X			X		X			X			
		X			X			X				X		X		X		X			X					X	
			X		X			X			X			X			X	X			X				X		
		X			X			X			X			X		X		X					X			X	
			X		X			X			X			X		X		X			X					X	
		X			X			X			X			X		X		X			X				X		

		x			x			x				x		x		x		x			x			x			
			x		x			x			x			x			x	x				x			x		
		x			x			x			x			x		x		x			x					x	
			x		x			x				x		x		x				x	x				x		
		x			x			x			x			x		x		x			x			x			
		x			x			x				x		x		x		x			x				x		
			x		x			x				x		x		x		x			x					x	
		x			x			x				x		x		x			x			x				x	
			x		x			x				x		x			x	x			x				x		

Legenda:

x	Observado
	Não observado
---	Sem informação

Grelha de registo de observação da aula de Geografia

7º ano Turma: B
2º Período Tempo: 45'
Varandas
Aula nº: 9 Data: 16/01/2015
Andrade

Professor estagiário: João

Professora cooperante: Iracema

Critérios de Avaliação[xxxv]

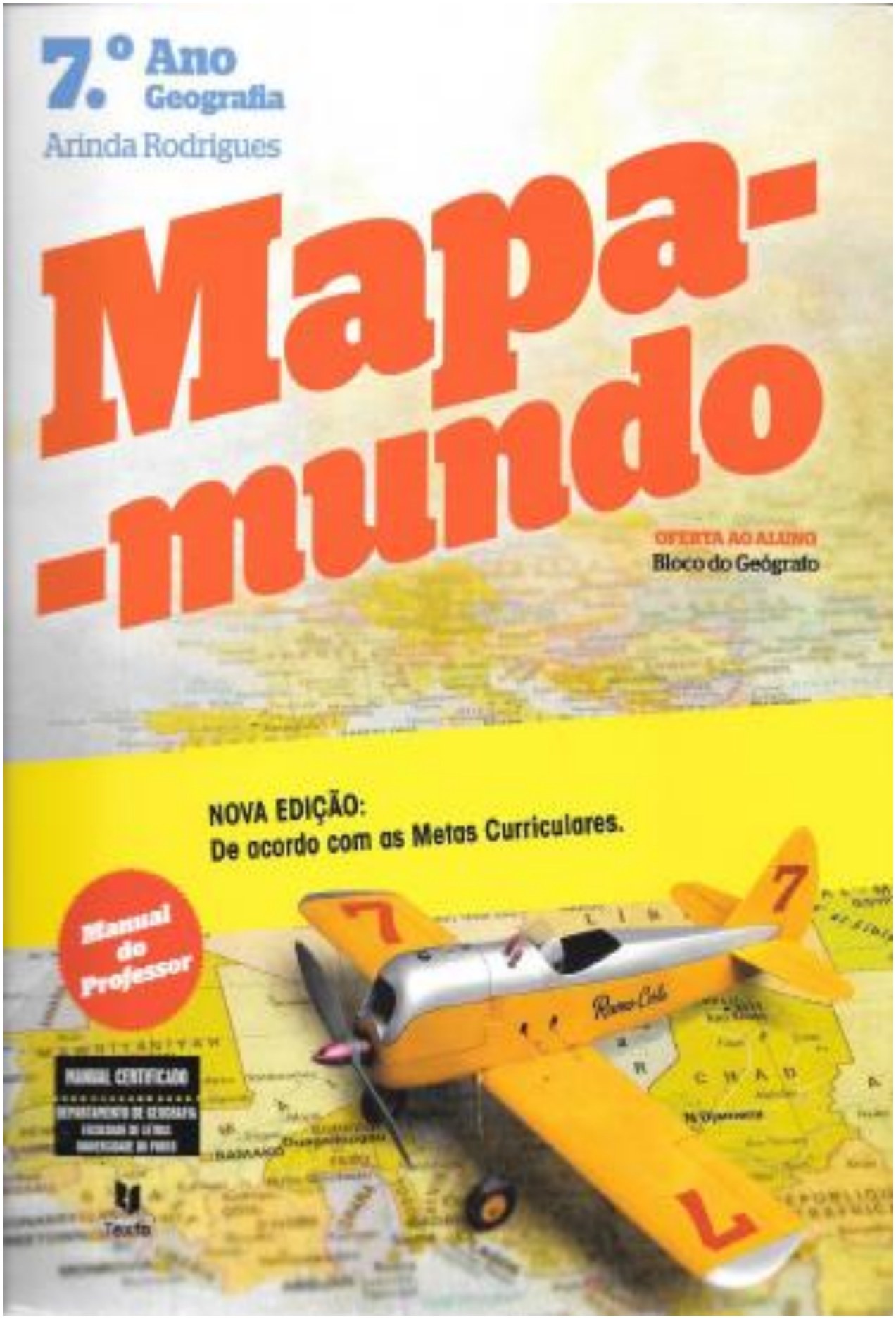
Domínio cognitivo: Desenvolvimento de conhecimentos desenvolvimento de capacidades											Domínio sócio-afetivo: atitudes e valores													
											Parâmetros													
Aluno		Conhecimentos e capacidades demonstrados			Expressão Oral[xxxvi]			Trabalho Prático de casa (T.P.C.) [xxxvii]			Assiduidade		Pontualidade		Comportamento (regras de sala de aula)			Empenho/interesse [xxxviii]			Participação Oral			Observações
Nº	Nome	Bom	Médio	Fraco	Boa	Média	Fraca	Realizou	Realizou parcialmente	Não realizou	Esteve presente	Faltou	Foi pontual	Não foi pontual	Cumpriu as regras	Cumpriu algumas	Cumpriu pouco	Revelou empenho/	Revelou algum empenho/	Não revelou	Participou com	Participou só	Não	
			x		x			x			x		x		x			x			x			
			x			x		x			x		x		x			x			x			
		x				x		x				x	x		x				x		x			
		x				x		x			x		x		x			x				x		
			x				x	x			x			x	x			x				x		
			x			x		x			x		x				x	x			x			
			x			x		x			x		x		x			x					x	
			x				x	x				x	x		x			x			x			
						x		x			x		x		x					x			x	
		x				x		x			x		x		x			x				x		
		x				x		x			x		x			x		x			x			
			x			x		x			x		x		x				x			x		
		x				x		x			x			x	x			x				x		
			x		x			x			x		x		x			x			x			
			x		x			x			x		x		x			x				x		

		x			x		x				x		x		x			x					x	
			x		x			x			x		x		x			x			x			
			x		x			x			x			x			x	x				x		
		x			x	x					x		x		x			x				x		
			x			x		x			x		x		x			x			x			
				x	x			x				x	x		x					x		x		
		x			x	x			x		x		x		x			x				x		
			x			x		x			x		x		x				x			x		
		x				x		x			x			x		x		x			x			
			x			x			x		x		x		x			x					x	

Legenda:

x	Observado
	Não observado
---	Sem informação

Anexo Nº 27: Páginas mobilizadas do manual escolar de apoio


7.º Ano
Geografia
Arinda Rodrigues
Mapa-mundo
OFERTA AO ALUNO
Bloco do Geógrafo
NOVA EDIÇÃO:
De acordo com as Metas Curriculares.
Manual do Professor
MANUAL CERTIFICADO
Texto

Europa

Do Atlântico aos Urais e do Ártico ao Mediterrâneo

Curiosidades europeias

- **Ponto mais alto**: Monte Elbrus – 5642 m.
- **Ponto mais baixo**: depressão do Cáspio – 28 m abaixo do nível médio das águas do mar.
- **Maior rio**: Volga – 3688 km.
- **Maior ilha**: Grã-Bretanha.
- **Menor microestado da Europa e do mundo**: Vaticano.

FIGURA 1 | A Europa física.

PROFESSOR

MC

- Identificar os limites do continente europeu.
- Localizar países e cidades.
- Localizar as principais formas de relevo e os grandes rios.
- Mencionar informações relevantes de âmbito demográfico, cultural, económico.

2.0 AULA DIGITAL

- Teste interativo aluno
Limites naturais da Europa

Propostas de solução:

1. O mar Negro, o Cáucaso e o mar Cáspio, a sudeste; o rio Ural e os montes Urais, a este.
2. A Europa é a território compreendido entre os seus limites: oeste e este (Atlântico e Urais); norte e sul (Ártico e Mediterrâneo).

Observa o mapa da FIG. 1 e lê o documento.

1. **Descobre** os limites naturais referidos no documento e **indica** a sua localização em relação ao território europeu.
2. **Explica** o título desta página.
3. **Desenha** um esboço do mapa da Europa e escreve sobre ele, nos lugares corretos e com cores diferentes, as iniciais:
   a. dos seus limites naturais (vermelho);
   b. das maiores penínsulas (verde);
   c. dos maiores mares (azul);
   d. das maiores ilhas (preto);
   e. dos maiores relevos (preto);
   f. dos maiores rios (azul).

Limites convencionais

Para quem olhe para um mapa, a Europa não passa de uma península da Eurásia. A definição de dois continentes é historicamente recente e assenta em fatores culturais de unidade europeia. Desde o século XIX, generalizou-se a aceitação dos limites naturais convencionados entre a Europa e a Ásia: os montes Urais, o rio Ural, as montanhas do Cáucaso, o mar Cáspio e o mar Negro.

Adaptado de João Ferrão: «A invenção da Europa como continente», *Janus*, 2005.

Países e capitais

A Europa sempre constituiu um ponto de fixação e cruzamento de povos. Assim, existe uma grande **diversidade linguística** (mais de 100 línguas ou dialetos), **religiosa** (cerca de 15 religiões) e cultural. Sobressaem três grandes **grupos etnolinguísticos: latinos, germânicos** e **eslavos**, a que se juntam numerosos imigrantes de origens geográficas, étnicas e culturais muito diversas.

Na Europa, vivem **mais de 700 milhões** de pessoas – cerca de **11% da população mundial**.

FIGURA 1 | A Europa política.

FIGURA 2 | Algumas cidades europeias.

PROFESSOR

AULA DIGITAL

Países e capitais da Europa
- Animação
- Jogo
- Teste interativo aluno

Sugestão:
Utilizar a Ficha de acompanhamento de aula n.º 6, do Caderno de Apoio ao Professor.

Propostas de solução:
1. A. Helsinquia B. Moscovo C. La Valletta D. Mónaco E. Vaticano F. Madrid G. Reykjavik. H. Londres I. Berlim.

Observa as FIGS. 1 e 2.

1. **Identifica** as cidades da **FIG. 2**, seguindo as pistas:
   A. Situa-se a cerca de 60° 33' N e entre 20° e 30° E.
   B. Situa-se a cerca de 56° N e 37° E.
   C. É a capital europeia situada mais a sul.
   D. Banhada pelo Mediterrâneo, a cerca de 44° N.
   E. Cidade que é também microestado.
   F. Na península ibérica, a cerca de 40° 30' N.
   G. Capital europeia situada mais a ocidente.
   H. Capital europeia com menor valor de longitude.
   I. Capital do país com mais países vizinhos (nove).
2. **Elabora** uma lista dos países e capitais da Europa.

Espaços geográficos

FIGURA 1 | Espaços geográficos da Europa.

Observa o mapa e as fotografias da FIG. 1.

1. **Indica**, para cada lugar das fotografias, o respetivo país.

Consulta o desdobrável

2. **Elabora** um quadro como o seguinte e **completa-o** com os países da viagem dos amigos.

País	Capital	Espaço geográfico
Galícia	.....	.....

(Nota: Acrescenta as linhas necessárias.)

Europa de lés a lés

Dois amigos ucranianos planearam uma viagem de moto que lhes permite:

1.º Visitar a Acrópole.
2.º Comer uma pizza no país onde foi inventada.
3.º Esquiar no país de Mozart.
4.º Ir ao extremo ocidental da Europa continental.
5.º Visitar a torre Eiffel.
6.º Visitar Greenwich.
7.º Observar um glaciar e um vulcão.
8.º Conhecer o país de Albert Nobel.
9.º Visitar o país vizinho do deles, a norte.
10.º Regressar à capital do seu país.

PROFESSOR

MC

• Localizar países e cidades de diferentes espaços geográficos.

Propostas de resolução

1. A: Islândia. B: Reino Unido. C: Grécia. D: Áustria. E: Ucrânia.

2. Ver o Caderno de Apoio ao Professor.

Consolida aprendizagens

G **Elabora e completa um mapa da Europa:** Bloco do Geógrafo, **atividade 6.**

A **Estuda e aprende:** Caderno de Atividades, **ficha 10.**

A União Europeia

Dia da Europa: 9 de maio

Em 9 de maio de 1950, Robert Schuman, Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, proferiu um importante discurso em que apresentou propostas que são consideradas como o embrião da União Europeia. Por isso, o Dia da Europa é comemorado nessa data.

FIGURA 1 | A União Europeia, em 2010.

PROFESSOR

NC

- Localizar os países da UE.
- Mencionar os principais objetivos da UE.
- Referir os sucessivos alargamentos da UE.

AULA DIGITAL

União Europeia
- Animação
- Link
- Texto interativo alunos

- Vídeos
As notas e as moedas do Euro
A aparência do Euro
- Texto interativo professor
Países e capitais da União Europeia

Consulta o desdobrável

Propostas de solução:
1. Itália, Luxemburgo, Holanda, França e Portugal.
2. Ver o Caderno de Apoio ao Professor.

Observa a FIG. 1 e lê o documento.

1. **Identifica**, no mapa, os países das cidades dos Tratados da União Europeia.
2. **Elabora** um quadro como o seguinte e **completa-o**, com todos os países da União Europeia, pela ordem de adesão.

País	Capital	Data de adesão à UE	Es o geográfico

(Nota: Acrescenta as linhas necessárias.)

As cidades dos tratados da União Europeia

1957 – **Tratado de Roma**: institui a Comunidade Económica Europeia.

1986 – **Ato Único Europeu, Luxemburgo**: prevê a concretização, até 1992, da livre circulação de pessoas, bens e capitais.

1992 – **Tratado de Maastricht**: alarga o âmbito dos objetivos e políticas comuns e altera o nome da comunidade para União Europeia (UE).

1997 – **Tratado do Amesterdão**: aumenta a coesão interna e reforça a posição da UE no mundo.

2001 – **Tratado de Nice**: prepara as instituições para o alargamento de 2004.

2007 – **Tratado de Lisboa**: sintetiza todos os tratados anteriores, reforçando os direitos de cidadania, a democracia e eficiência das instituições europeias.

SISTEMATIZA CONHECIMENTOS

Em **1957**, com a assinatura do **Tratado de Roma**, que entrou em vigor no ano seguinte, foi fundada a **Comunidade Económica Europeia** (CEE).

Em 1992, pelo **Tratado de Maastricht**, a CEE passou a designar-se **União Europeia**, pois o âmbito dos seus objetivos deixou de ser apenas económico e passou a abranger outros aspetos, como o ambiente, o emprego, a educação, etc.

Para poder **aderir à União Europeia**, um país terá de cumprir **três condições**:

- ser uma **democracia estável**;
- ter uma **economia de mercado viável**;
- adotar as **regras, normas e políticas comuns da UE**.

Atualmente, os **objetivos da União Europeia** podem sintetizar-se em três:

- **promover o progresso económico e social**, no respeito pelo ambiente e pelos direitos humanos;
- **fortalecer a convergência da economia dos Estados-membros e a cidadania europeia**, segundo o princípio da solidariedade;
- **aprofundar a política externa e de segurança comum**.

Para concretizar os objetivos da União Europeia

Mercado único, através da **livre circulação** de:

- **Pessoas**
- **Bens**
- **Serviços**
- **Capitais**

Facilitado pela moeda única – o euro

O euro foi adotado como moeda oficial em doze dos países da UE em **1 de janeiro de 1999**, mas as notas e as moedas em euros só começaram a circular no início de **2002**.
Desde aí muitos países já adotaram o euro e outros continuam a preparar as suas economias para poderem adotar a moeda única.
Há países como a Inglaterra, a Dinamarca e a Suécia, que preferem continuar a utilizar a sua moeda.

Implementação de **políticas comuns** em todos os Estados-membros:

- Política **Agrícola** Comum
- Política Comum de **Transportes**
- Política Comum do **Ambiente**
- Política Comum da **Energia**
- Política Comum de **Desenvolvimento Regional**
- ...

Cooperação em diversos domínios, como:

- **A economia**
- **A investigação** científica e tecnológica
- **A educação e a cultura**
- As **situações de catástrofe** natural, ambiental ou outra
- ...

Cidadania europeia

Todos os que têm nacionalidade de um país da União Europeia são também cidadãos da Comunidade.

O Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia concede, a todos os cidadãos, o **direito**:

- à **liberdade de circulação e residência** em todo o território da União Europeia;
- de **voto e elegibilidade** nas eleições para o **Parlamento Europeu** e para as **autarquias** (**doc. 1**);
- à **proteção diplomática e consular** de qualquer Estado-membro da União Europeia, num país terceiro (fora da UE);
- a **apresentar petições** ao Parlamento Europeu e **queixas** ao Provedor de Justiça Europeu;
- de **contactar e receber uma resposta** de qualquer instituição Europeia numa das línguas oficiais da União Europeia;
- de **acesso aos documentos** do Parlamento Europeu, da Comissão Europeia e do Conselho, mediante determinadas condições;
- de **acesso ao Serviço Público da Comunidade**.

Doc. 1

Vereador português na câmara de Paris

As eleições municipais em França resultaram, para já, na escolha de um português, Hermano Ruivo, como vereador do 14.º bairro de Paris, que será também conselheiro da câmara da capital francesa.

Hermano Ruivo, afirmou que a próxima meta é poder vir a ser escolhido, pela presidente da câmara, como vereador executivo, um cargo nunca antes alcançado por um português.

Adaptado de *Diário de Notícias*, 31/03/2014.

Os **símbolos da União Europeia** expressam e promovem o espírito de cidadania comunitária.

Bandeira

Círculo de doze estrelas douradas (doze – número da perfeição) representa a solidariedade, a unidade e a harmonia entre os povos da Europa.

Hino à alegria

O hino à Alegria da nona sinfonia de Beethoven, que expressa os ideais de Paz, Liberdade e Solidariedade, que a Europa e as suas instituições querem alcançar.

Dia da Europa

Euro

Lema: unidos na diversidade

Os europeus estão unidos, sendo as diferentes culturas, tradições e línguas algo de positivo e enriquecedor.

Consolida aprendizagens

Responde às questões:

1. **Indica**, o tratado e o ano de fundação da UE.
2. **Debate**, na turma, a seguinte questão:
   «Aos direitos da cidadania europeia correspondem os deveres de respeitar e participar.»

Elabora e completa um mapa da UE: Bloco do Geógrafo, **atividade 7**

Estuda e aprende: Caderno de Atividades, **ficha 11**.